

II Seminário Internacional e  
VIII Seminário Estadual de  
**Educação**

**Anais de Resumos do  
II Seminário Internacional e  
VIII Seminário Estadual de  
Educação**

**Volume 05. Número 01.  
2017**



**DOCÊNCIA EM EVIDÊNCIA:  
DESAFIOS DO  
CONTEMPORÂNEO**



Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

**uergs**

**Unidade  
Cruz Alta**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

**ANAIS DE RESUMOS DO II SEMINÁRIO**  
**INTERNACIONAL E VIII SEMINÁRIO ESTADUAL DE**  
**EDUCAÇÃO**

**DOCÊNCIA EM EVIDÊNCIA – DESAFIOS DO**  
**CONTEMPORÂNEO**

Volume 05 Número 01

05 a 09 de junho de 2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

**ANAIS DE RESUMOS DO II SEMINÁRIO  
INTERNACIONAL E VIII SEMINÁRIO ESTADUAL DE  
EDUCAÇÃO**

**DOCÊNCIA EM EVIDÊNCIA – DESAFIOS DO  
CONTEMPORÂNEO**



ISSN: 2318-6194

v. 05, n. 01	Junho de 2017	Uergs/Cruz Alta
--------------	---------------	-----------------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

#### Dados de Catalogação na Publicação

S471a Seminário Estadual de Educação (5 : 2017 : Cruz Alta).

Anais de resumos /II Seminário Internacional de Educação e VIII Seminário Estadual de Educação: Docência em evidência: desafios do contemporâneo. 5 a 9 de junho de 2017 / organizado pela Pró-Reitoria de Extensão Uergs. – Cruz Alta: Uergs, 2017.

441 p.

ISSN: 2318-6194

1. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Extensão. 2. Pedagogia. 3. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Eventos. I. Pró-Reitoria de Extensão – Uergs. II. Título.

CDU 37 (816. 5) Uergs

\* O conteúdo dos resumos apresentados é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**GESTÃO 2014/2018**

**REITORA**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Arisa Araújo da Luz

**VICE-REITORA**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliane Maria Kolchinski

**PRÓ-REITORA DE ENSINO**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gabriela Silva Dias

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

Prof. Dr. Clódís de Oliveira Andrades Filho

**PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO**

Prof. Me. Ernane Pfüller

**PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO**

Prof. Me. João Carlos Júnior

**COORDENADORA INSTITUCIONAL DO PIBID**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra Monteiro Lemos

**FAPERGS**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Clara Ramos Nery

**COORDENADORA DO EVENTO**

Prof<sup>ª</sup>. Me. Maria da Graça Prediger Da Pieve

## **EXPEDIENTE**

### **Comissão Científica da Seleção do Conteúdo**

Prof<sup>ª</sup>. Me. Maria da Graça Prediger Da Pieve  
Prof. Me. Fabrício Soares  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dioni Maria dos Santos Paz  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clara Ramos Nery  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Martha Marlene Wanker Hoppe  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Armgard Lutz  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Jussara Navarini  
Prof<sup>ª</sup>. Me. Helenara Machado de Souza  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tatiana Luiza Rech  
Prof. Me. Odilon Antonio Stramare  
Prof<sup>ª</sup>. Esp. Liliane Cardoso da Silva

### **Comissão Técnica de Organização do Evento**

Bruna Katielli Rodrigues Florencio (Bolsista PROBEX/Uergs).  
Luiza Gislene Barbosa Maciel  
Márcio Lopes Dalla Nora  
Melissa Rodrigues da Silveira de Paula  
Simone Morais Leal  
Simone Meinen da Cruz  
Tânia Berenice Alves  
Ingrid Alves  
Myke Morais de Oliveira

### **Organizadores da Publicação deste volume**

Prof<sup>ª</sup>. Me. Maria da Graça PredigerDaPieve  
Prof. Me. Fabrício Soares  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dioni Maria dos Santos Paz  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clara Ramos Nery

# REALIZAÇÃO

Curso de Graduação em Pedagogia

Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* Gestão em Educação:

Supervisão e Orientação

## APOIO

**Realização:**



**Apoio:**



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
**TOOS**  
PELO RIO GRANDE  
Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia

9º CRE

SME/Cruz Alta

CASA DO ADVOGADO

## PATROCÍNIO

**Patrocínio:**



**Gruhn**  
FOTOGRAFIAS  
(55) 3322 - 3798 / 9112 8032  
Cruz Alta - RS

**Erico Verissimo**  
Centro de Eventos  
(55) 3322 - 3798 / 9112 8032  
Cruz Alta - RS

**Deltasul**  
Uma Rede de Lojas Dedicada a Você

**Patrocínio/Apoio:**



**Agrofel**  
GRÃOS E INSUMOS

**Nossa Senhora de Fátima**  
FARMACIA  
(55) 3324.1988  
Cruz Alta - RS  
8436.4908  
fatimafarmacia@hotmail.com  
Rua Alfredo Poper, 318 - Eq. Pa. Pastacho - Cruz Alta

**Vencal**  
Calçados

**LG Mudanças**  
Rua Pelotas 215 - Cruz Alta/RS  
Telefones: (55) 3322-0559  
99198-5260 ou 99963-3977

**Patrocínio/Apoio:**



**Mondial**

**Três Flores**  
natural  
DECORAÇÕES  
RUA LUIZ JOSÉ DE OLIVEIRA, 291 - CENTRO  
Cruz Alta - RS  
55-3322.3772  
55-984522782

**Tulipa**  
DECORAÇÕES  
Rua Mainz e Bamba, 936 - Centro - CEP 9605-120  
Pedreira 2 e Escola Menes Drey - Cruz Alta - RS  
Fone: (51)3324.1857, (51)9986.5278 e (51)9149.4989

**Miko's**  
Loja de Roupas

**Ouróptica**  
Associação de Cabos e Soldados da Brigada Militar de Cruz Alta

**Patrocínio/Apoio:**



**CCGI**

**Livraria Centenária**  
Rua Venâncio Aires, 1685 - Cruz Alta/RS

**Fecopel**  
A sua livraria  
www.fecopel.com.br  
Rua Venâncio Aires, 1489 - Cruz Alta/RS

**CHA PRENDA**  
Café em Sempre!  
CHA PRENDA DO BRASIL IND. E COM. LTDA  
www.chaprenda.com.br  
Rua Bento Gonçalves, 484 - Nova Candelária/RS

## PATROCÍNIO

Agrofel (Cruz Alta)  
Cia das Pizzas (Cruz Alta)  
CCGL (Cruz Alta)  
Fecopel (Cruz Alta)  
Floricultura Arte Flores (Cruz Alta)  
Floricultura Nossa Senhora de Fátima (Cruz Alta)  
Floricultura Tsukita (Cruz Alta)  
Floricultura Tulipa (Cruz Alta)  
Joalheria Batista (Cruz Alta)  
Kangoo Space (Cruz Alta)  
LG Mudanças (Cruz Alta)  
Loja Miko's (Cruz Alta)  
Loja Zuppy (Cruz Alta)  
Lojas Deltasul (Cruz Alta)  
Mondial Fertilizantes (Cruz Alta)  
Óptica Grau (Cruz Alta)  
Ouróptica (Cruz Alta)  
Papeleria Centenária (Cruz Alta)  
Restaurante e pizzaria Chef Bacco (Cruz Alta)  
Restaurante Máximos (Cruz Alta)  
Sponchiado (Cruz Alta)  
Simbiose (Cruz Alta)  
Vencal calçados (Cruz Alta)

Damcis Comércio e Representações (Boa Vista do Incra)  
ES Variedades (Boa Vista do Incra)  
Loja Marcon (Boa Vista do Incra)  
Magui Presentes (Boa Vista do Incra)  
Manu Modas (Boa Vista do Incra)  
Nato Motos e Pneus (Boa Vista do Incra)  
Lúcia Helena Teckio Pereira (Boa Vista do Incra)  
Luciano Elicker (Boa Vista do Incra)  
Valderi Medeiros Pereira (Boa Vista do Incra)  
Yasser Hasan (Boa Vista do Incra)

Loja Zuppy (Panambi)  
Lojão do povo (Panambi)  
Martin Zachow – Escritório Master (Panambi)  
Rosa Chicleti (Panambi)  
Vida Farmácias (Panambi)

Representante Orquídea (Soledade)

Chá Prenda (Nova Candelária)

Agradecemos, também, a todos os alunos e professores que contribuíram com a arrecadação de patrocínios.

## AGRADECIMENTOS

A Comissão Organizadora agradece aos acadêmicos do Curso de Graduação em Pedagogia, do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* Gestão em Educação: Supervisão e Orientação, à bolsista do evento e aos bolsistas do Pibid pelas contribuições na realização do evento que integrou experiências de ensino, pesquisa e extensão. Da mesma forma, agradece aos palestrantes, ministrantes de minicursos e comunicadores de trabalhos apresentados.

À PROEX – Pró-Reitoria de Extensão da UERGS, pela aprovação e fomento ao Projeto de Extensão, através da concessão de uma bolsa de extensão.

À Secretaria Municipal de Educação de Cruz Alta e à 9ª Coordenadoria Regional de Educação, pela parceria na realização do evento.

À CAPES, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid, que visa ao aperfeiçoamento e à valorização da formação de professores para a Educação Básica.

À EASA – Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas, pelo apoio e contribuições.

À FAPERGS, pelo apoio financeiro ao evento.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>23</b>
<b>DESAFIOS DO CONTEMPORÂNEO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES</b> .....	<b>26</b>
<i>MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE</i> .....	26
<b>PALESTRAS</b> .....	<b>30</b>
<b>DOCÊNCIA EM EVIDÊNCIA: DESAFIOS DA ERA DIGITAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES</b> .....	<b>31</b>
<i>MARIA ALTINA DA SILVA RAMOS</i> . ....	31
<b>A LIQUEFAÇÃO DA DOCÊNCIA (CONTEMPORANEIDADE E CURRÍCULO)</b> .....	<b>33</b>
<u><i>ALFREDO VEIGA-NETO</i></u> . ....	33
<b>DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA</b> .....	<b>35</b>
<u><i>JOÃO RICARDO MELO FIGUEIREDO</i></u> . ....	35
<b>PIAGET: DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, APRENDIZAGEM E ENSINO</b> .....	<b>37</b>
<u><i>FERNANDO BECKER</i></u> . ....	37
<b>MINICURSOS</b> .....	<b>38</b>
<b>A PRÁTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> .....	<b>39</b>
<u><i>ANDRÉ GUARACI DE OLIVEIRA GOULARTT</i></u> . ....	39
<b>A MAGIA DE LER E CONTAR HISTÓRIAS</b> .....	<b>40</b>
<u><i>ELENIR DAL FORNO; CÁTIA SOLANGE ROSA DOS SANTOS HERMANN</i></u> .....	40
<b>TERAPIAS ASSISTIDAS COMO PRÁTICA INTERDISCIPLINAR E INOVATIVA NA SAÚDE E EDUCAÇÃO</b> . ....	<b>41</b>
<u><i>CANDIDA ELISA MANFIO; LIA DIAS DA COSTA; MARCIA CRISTINA GOUVEA GOMES; ROBERTO MARION SCHOTT</i></u> . ....	41
<b>EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE</b> .....	<b>43</b>
<u><i>TELOCKEN, SUELEN GEÍSE; NATHÁLIA RIGUI TRINDADE</i></u> .....	43

<b>MÚSICA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES.....</b>	<b>45</b>
<i>ELIANE APARECIDA DA SILVA FERREIRA.</i> .....	45
<b>O BULLYING COMO FATOR DE INTERFERÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA.....</b>	<b>47</b>
<i>VALDEREZA DE FÁTIMA DORNELLES MALZONI; ELIDIANE FOGLIATTO MOREIRA; SILVANE INES PIECZKOWSKI; JULIANA DE OLIVEIRA PEREIRA; MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE.</i> .....	47
<b>EDUCAÇÃO, REPÚBLICA E DIREITOS HUMANOS .....</b>	<b>49</b>
<i>VANESSA STEIGLEDER NEUBAUER; DENISE TATIANE GIRARDON DOS SANTOS; ÂNGELA SIMONE PIRES KEITEL; RAFAEL VIEIRA DE MELLO LOPES.</i> .....	49
<b>CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE APRENDIZAGEM DIGITAL PARA A INCLUSÃO .....</b>	<b>51</b>
<i>ANA PAULA DA SILVA ZORZI MARIANI.</i> .....	51
<b>ALFABETIZAR LETRANDO: CONSTRUINDO CAMINHOS... .....</b>	<b>53</b>
<i>ANA MARIA LEMOS ROLIM; RAQUEL DE SOUZA BORTOLI.</i> .....	53
<b>CESTO DE TESOUROS COMO INSTRUMENTOS DE APRENDIZAGENS NOS BERÇÁRIOS. ....</b>	<b>55</b>
<i>LORENI BEATRIZ ARNOLD WILDNER; JESILAINÉ DE JESUS VARGAS; LILIA CAVALHEIRO PINTO TEICHMANN; LORIANE MARIA CASALINI SULZBACH; MAIRA CRISTIANE WEBER ROSÁRIO.</i> .....	55
<b>EDUCAÇÃO E DISCURSO, ESTUDOS FOUCAULTIANOS. ....</b>	<b>57</b>
<i>MARIA CLARA RAMOS NERY.</i> .....	57
<b>A LUDICIDADE INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: APRENDER BRINCANDO COM JOGOS PEDAGÓGICOS.....</b>	<b>58</b>
<i>CASSEANE ANDREATA DA SILVA; MARÍLIA DE CAMPOS.</i> .....	58
<b>BRINCARTE: CONSTRUINDO BRINQUEDOS RECICLADOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>59</b>
<i>RODRIGO AMARANTE; JUCÉLIA FERREIRA; JULIANA DE OLIVEIRA PEREIRA.</i> .....	59
<b>TEMPO E ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E REFLEXÕES .....</b>	<b>60</b>
<i>DÉBORA DORNELES DOS SANTOS; LEILA MARLISE CAVINATO KARLINSKI.</i> .....	60

<b>VIVÊNCIAS EM TURMAS DE BERÇÁRIO I E BERÇÁRIO II NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>62</b>
<i><u>DILENE RIGODANZO BRANDLI</u>; LUCIANA PASQUALI; ROSÂNGELA SILVANA KOPEZINSKI SCHIMANOSKI; SANDRA CRISTINA FERNANDES; VIVIANE PAZ BRITTES PANKE. ....</i>	
<b>REINVENTANDO A BRINCADEIRA: CRIANÇA FELIZ... FELIZ A BRINCAR .....</b>	<b>64</b>
<i><u>ALINE APARECIDA OLIVEIRA COPETTI</u>; CLEONICE KUGNESKI GONÇALVES; LORENI BEATRIZ ARNOLD WILDNER. ....</i>	
<b>A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA.....</b>	<b>66</b>
<i><u>ALINE WELLER PERLIN</u>; SILVANA DE CARVALHO COSTA; MARLI CRISTINA PIPPI; MARLEI DA COSTA SOARES. ....</i>	
<b>QUEREMOS MAIS É BRINCAR: NA ESSÊNCIA DA PALAVRA E EM SEU SENTIDO IRRESTRITO .....</b>	<b>68</b>
<i><u>GLAUCIA ROBERTA CORADINE CARRÉ</u>; MERACI CLAUDIELI DE MIRANDA MORAIS. ....</i>	
<b>A ESCUTA SENSÍVEL NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>70</b>
<i><u>MÔNICA CRISTIANE MAROS HEINEN</u>; JEANE PEREIRA AGUIAR; MARLENE PRZYLINSKI; DEBORA DORNELES SANTOS; LEILA KARLINSKI. ....</i>	
<b>CULINÁRIA: UMA MANEIRA GOSTOSA DE APRENDER.....</b>	<b>72</b>
<i><u>ANA CLARA DIAS FERREIRA SILVA</u>; JULIANA DE OLIVEIRA PEREIRA; PATRÍCIA GUERREIRO. ....</i>	
<b>GEOMETRIA DINÂMICA COM O GEOGEBRA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>73</b>
<i><u>HELENARA M. DE SOUZA</u>; NÁDIA ROBERTA QUAINI BRESOLIN. ....</i>	
<b>O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL .....</b>	<b>75</b>
<i><u>JOÃO RICARDO MELO FIGUEIREDO</u>. ....</i>	
<b>REESTRUTURAÇÃO DO MÉTODO DE ENSINO COLOCANDO O ALUNO COMO AGENTE PARTICIPATIVO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM. ....</b>	<b>76</b>
<i><u>JÉSSICA ALESSANDRA GOULART PADILHA</u>. ....</i>	
<b>ABNT (NBR 6023, NBR 10520 E NBR 14724) .....</b>	<b>78</b>
<i><u>ZENEIDA MELLO DA SILVA BRITTO</u>. ....</i>	

<b>CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DE TABELAS E GRÁFICOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>80</b>
<i><u>HELENARA M. DE SOUZA; NÁDIA ROBERTA QUAINI BRESOLIN.</u></i> .....	80
<b>SUPERDOTADOS, ESSES BRILHANTES DESCONHECIDOS. ....</b>	<b>82</b>
<i><u>EUNICE GOULART PADILHA.</u></i> .....	82
<b>LUDICIDADE: EDUCAR É ENSINAR E APRENDER PARA UM APRENDIZADO MELHOR. ....</b>	<b>84</b>
<i><u>FÁTIMA JAKELINE DAS CHAGAS SEVERO; MARIA JULIA DAS CHAGAS SEVERO.</u></i> .....	84
<b>O LÚDICO E O ENSINO DE CIÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>
<i><u>CRISTINA DA SILVA PERAZZOLO; NERCI DE SOUZA RITTER; NILVA SOARES PEREIRA; SILVIA MARA DA SILVA.</u></i> .....	85
<b>PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: ESPAÇO PARA AUTORIA NA CONSTRUÇÃO DE SABERES NO ENSINO MÉDIO. ....</b>	<b>87</b>
<i><u>SOLANGE KOLTERMANN; NAIRANA SCWINZEKEL.</u></i> .....	87
<b>RESSIGNIFICAR SABERES ATRAVÉS DA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE. ....</b>	<b>89</b>
<i><u>SOLANGE KOLTERMANN; NAIRANA SCWINZEKEL.</u></i> .....	89
<b>PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES .....</b>	<b>91</b>
<i><u>ZENEIDA MELLO DA SILVA BRITTO.</u></i> .....	91
<b>NEUROPSICOPEDAGOGIA: UM CÉREBRO NA ESCOLA!.....</b>	<b>93</b>
<i><u>ELIANA PIMENTEL SCORTEGAGNA.</u></i> .....	93
<b>AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR SENSÍVEL DO PROFESSOR.....</b>	<b>95</b>
<i><u>BRUNA BARBOZA TRASEL.</u></i> .....	95
<b>A MAGIA DOS CONTOS DE FADA – TÉCNICAS E RECURSOS .....</b>	<b>96</b>
<i><u>MONIQUE MEDEIROS DE SOUZA; CARLA CORAZZA.</u></i> .....	96
<b>EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO BALCÃO DO CONSUMIDOR.....</b>	<b>97</b>
<i><u>FELIPE LUIZ DA ROSA; RAQUEL BUZATTI SOUTO; ALEXSANDRA GATO RODRIGUES.</u></i> .....	97
<b>CURRÍCULO LATTES: CRIAÇÃO VIRTUAL E SISTEMATIZAÇÃO DOCUMENTAL .....</b>	<b>99</b>
<i><u>RICARDO EUGENIO DILL.</u></i> .....	99

<b>TEATRO EDUCAÇÃO.....</b>	<b>101</b>
<i>JULIANA CAMPOY MIRANDA DE SOUZA; GEZIEL DA SILVA DE SOUZA. ....</i>	
<b>O EXERCÍCIO DA DIFERENÇA NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>103</b>
<i>RODRIGO AMARANTE; JUCÉLIA R. FERREIRA; TATIANA L. RECH. ....</i>	
<b>JUSTIÇA CURRICULAR E A PRODUÇÃO DE PROJETOS SOBRE CONTEÚDOS ATITUDINAIS .....</b>	<b>104</b>
<i>ARMGARD LUTZ. ....</i>	
<b>RESUMO EXPANDIDO .....</b>	<b>108</b>
<b>CONVIVÊNCIA ESCOLAR, ÉTICA E MORAL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>109</b>
<i>TATIANE LOPES, MARTHA M. WANKLER HOPPE. ....</i>	
<b>EDUCAÇÃO OU ADESTRAMENTO?.....</b>	<b>119</b>
<i>RODRIGO AMARANTE, MARIA CLARA RAMOS NERY. ....</i>	
<b>A ESTIMULAÇÃO MOTORA NO CONTEXTO DO BERÇÁRIO .....</b>	<b>126</b>
<i>DEISE BORKS, VIVIANE MACIEL MACHADO MAURENTE. ....</i>	
<b>A MEDIAÇÃO NO ENSINO JURÍDICO: EDUCAR PARA COIBIR A CULTURA DO LITÍGIO .....</b>	<b>135</b>
<i>BIANCA CASSIANA FERREIRA LORENZI; ALEXSANDRA GATO RODRIGUES. ....</i>	
<b>A DIMENSÃO DO CONHECIMENTO COMPROMETIDA COM O CUIDADO COM O TODO DA VIDA .....</b>	<b>144</b>
<i>BRUNA LAÍS DA VEIGA KAZMIRCZUK; DENISE TATIANE GIRARDON DOS SANTOS; VERONICE MASTELLA; VANESSA STEIGLEDER NEUBAUER. ....</i>	
<b>EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PIBID PROBLEMATIZANDO A TEMÁTICA LIXO .....</b>	<b>151</b>
<i>GABRIELA MÜLLER FIDENCIO; ANA PAULA STOLBERG SIQUEIRA; VITÓRIA ISABEL BASTOS DOS SANTOS; CAROLINE SEVERO; EDELA LUTZ; ANNA MARIA DEOBALD; FABIANA LASTA BECK PIRES. ....</i>	
<b>EDUCAÇÃO, SAÚDE MENTAL E AUTISMO: AS EXPERIÊNCIAS NA FILOSOFIA DO FAZER JUNTOS.....</b>	<b>157</b>
<i>CHRISTINE REVEREY DO PRADO; ELOÁ TERESINHA BAGETTI; LÚCIA OTONELLI CRESCENTE; QUEILANE SOUZA NASCIMENTO COPETTI; MERY LILIAN EICKHOFF; PRISCILLA LUCENA VIANNA DIAS .....</i>	

<b>A FORMAÇÃO CONTINUADA EM CONTEXTO: A POSSÍVEL PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>163</b>
<i>BRUNA BARBOZA TRASEL; CELSO JOSÉ MARTINAZZO. ....</i>	<i>163</i>
<b>A CULTURA E O CURRÍCULO NA ESCOLA E INFÂNCIA CONTEMPORÂNEAS.....</b>	<b>170</b>
<i>DEISE RAQUEL CORTES PINHEIRO; NOELI VALENTINA WESCHENFELDER. ....</i>	<i>170</i>
<b>REFLEXÕES DO PROFESSOR CONTEMPORÂNEO ACERCA DO ENSINO DA MATEMÁTICA .....</b>	<b>180</b>
<i>FRANCIELE NOVACZYK KILPINSKI BORRÉ; SUELEN SUCKEL CELESTINO. ....</i>	<i>180</i>
<b>EQUOTERAPIA NA SURDOCEGUEIRA: INCLUSÃO SOCIAL .....</b>	<b>189</b>
<i>AIMÊ CUNHA ARRUDA; VANEZA CAUDURO PERANZONI; CARINE SILVA; KAUANY FERREIRA; CANDIDA ELISA MANFIO. ....</i>	<i>189</i>
<b>NAS ASAS DO PASSARINHO – RELATO DE UM PROJETO DESENVOLVIDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>194</b>
<i>SUELEN SUCKEL CELESTINO; LIDIANI FRANCIELI CAVINATO DALL’OSTO. ....</i>	<i>194</i>
<b>ACESSIBILIDADE NOS PRESÍDIOS: UM DIREITO DAS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.....</b>	<b>203</b>
<i>CARINE NASCIMENTO SILVA; AIMÊ CUNHA ARRUDA; VANEZA CAUDURO PERANZONI. ....</i>	<i>203</i>
<b>SÍNDROME DE BURNOUT: DISCUTINDO A DOENÇA EM PROFESSORES.....</b>	<b>208</b>
<i>GIMÉLI GUERRA DE GUERRA; RAQUEL FURIAN; KARINE DE OLIVEIRA LUNARDI. ....</i>	<i>208</i>
<b>A DIMENSÃO HUMANA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: SER PROFESSOR NA ATUALIDADE .....</b>	<b>215</b>
<i>KARINE DE OLIVEIRA LUNARDI; GIMÉLI GUERRA DE GUERRA. ....</i>	<i>215</i>
<b>FORMAÇÃO CONTINUADA COLABORATIVA: POSSIBILIDADE EFETIVA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PELOS PROFESSORES. ....</b>	<b>226</b>
<i>CARLA RIETHMÜLLER HAAS BARCELLOS; DEISE IARA MENSCH; MARIANE DENISE MARTINS.....</i>	<i>226</i>
<b>“PROJETANDO PESQUISA NA CIÊNCIA” E A REVISÃO DE CONTEÚDOS NO ENSINO DOS ANOS FINAIS .....</b>	<b>235</b>
<i>DENISE DOS SANTOS MIRON; CLÁUDIA FUCHS OLIVEIRA. ....</i>	<i>235</i>

<b>A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA ESCOLA E A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE.....</b>	<b>241</b>
<i>LORECI TERESINHA SCHERER; ROSINA SCHALM CID; CAMILA DA SILVA BLOCKER; IEDA ZIMMERMANN. ....</i>	
	<i>241</i>
<b>LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS</b>	
<b>– AMBIENTE PEDAGÓGICO ESCOLAR NECESSÁRIO .....</b>	<b>250</b>
<i>ARLETE INÊS ADAMS; MARGARETE EUNICE PROCHNOW TEIXEIRA. ....</i>	
	<i>250</i>
<b>A DOCÊNCIA SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>256</b>
<i>CLEIDE ESTELA DOS SANTOS ALFING; EVA TERESINHA DE OLIVEIRA BOFF. ....</i>	
	<i>256</i>
<b>A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO E DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS NA LUTA PELOS DIREITOS NO BRASIL .....</b>	<b>260</b>
<i>ANNA CAROLINA GESCHWIND JOB; CARLOS ALBERTO HERRMANN PEDROTTI JUNIOR; ALINE ANTUNES GOMES. ....</i>	
	<i>260</i>
<b>A PLATAFORMA VIRTUAL E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: REFLEXOS NA EDUCAÇÃO E NA CIDADANIA.....</b>	<b>269</b>
<i>VANESSA THOMAS BECKER; ALINE ANTUNES GOMES. ....</i>	
	<i>269</i>
<b>INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR – ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE DO BRASIL .....</b>	<b>275</b>
<i>ROSEMARY SILVA DA VEIGA; ARISA ARAÚJO DA LUZ. ....</i>	
	<i>275</i>
<b>PROJETO VALORES DA VIDA: RESGATANDO PRINCÍPIOS ÉTICOS E MORAIS EM NOSSA SOCIEDADE .....</b>	<b>285</b>
<i>SHAIANE BARCELLOS; MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE. ....</i>	
	<i>285</i>
<b>RESUMO SIMPLES.....</b>	<b>291</b>
<b>O PIBID NA ESCOLA GABRIEL ÁLVARO DE MIRANDA – “CONSTRUINDO VALORES ATRAVÉS DE HISTÓRIAS: UM CONTO DE FADAS INCLUSIVO” .....</b>	<b>292</b>
<i>MARÍLIA DE CAMPOS SERQUIVITIO; ANDRESSA SILVA DA CUNHA; MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE. ....</i>	
	<i>292</i>
<b>PRÁTICA DOCENTE COMO IMPULSIONADORA DA LIBERDADE.....</b>	<b>294</b>
<i>BIBIANA DA ROZA CAPORAL; ROSE ELISETE DA SILVA TERRA; ANA PAULA ALF LIMA FERREIRA; CLAUDIA MARIA PRUDÊNCIO DE MERA.....</i>	
	<i>294</i>
<b>AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: DESAFIO AO SUPERVISOR ESCOLAR.....</b>	<b>296</b>
<i>LILIANE CARDOSO DA SILVA; TATIANA LUIZA RECH. ....</i>	
	<i>296</i>

<b>EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA .....</b>	<b>298</b>
<i>JUSSELANE GOMES; ROSE MERI DOS SANTOS; TAÍSE ADRIANA</i>	
<i>RODRIGUES DO NASCIMENTO. ....</i>	<i>298</i>
<b>A PEDAGOGIA DE LÓRIS MALAGUZZI: INSPIRAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>300</b>
<i>RODRIGO AMARANTE; MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE. ....</i>	
<i>300</i>	<i>300</i>
<b>LINGUAGEM E EXPRESSÃO DE FRIDA KAHLO NA SALA DE AULA.....</b>	<b>302</b>
<i>RODRIGO AMARANTE; JUCÉLIA RODRIGUES FERREIRA; DIONI PAZ. ....</i>	
<i>302</i>	<i>302</i>
<b>CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE FRAÇÃO COM O AUXÍLIO DE MATERIAIS CONCRETOS: UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>304</b>
<i>CAROLINE DA LUZ MOREIRA; FABRÍCIO SOARES; HELENARA</i>	
<i>MACHADO DE SOUZA. ....</i>	<i>304</i>
<b>A METODOLOGIA DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>306</b>
<i>PATRÍCIA DO AMARAL GUERREIRO; JULIANA DE OLIVEIRA</i>	
<i>PEREIRA; HELENARA MACHADO DE SOUZA. ....</i>	<i>306</i>
<b>FORMAÇÃO COLABORATIVA SOBRE O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS.....</b>	<b>308</b>
<i>VANESSA MASTELLA LENA. ....</i>	
<i>308</i>	<i>308</i>
<b>A VALORIZAÇÃO DO BRINCAR ATRAVÉS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA INTERNACIONAL .....</b>	<b>310</b>
<i>ALINE WELLER PERLIN; MARLENE PRZYLINSKI; LUÍS CÉSAR</i>	
<i>MINOZZO. ....</i>	<i>310</i>
<b>INVESTIGAÇÃO ACERCA DA DIDÁTICA UTILIZADA POR DOCENTES JUNTO A ALUNOS COM TEA .....</b>	<b>312</b>
<i>ROSE ELISETE DA SILVA TERRA; BIBIANA DA ROZA CAPORAL;</i>	
<i>CARLA ROSÂNGELA BINSFELD. ....</i>	<i>312</i>
<b>PEDAGOGIA MONTESSORIANA: “POTE DA CALMA”.....</b>	<b>314</b>
<i>JOCIELE TEREZINHA CORAZZA; GRACIELI MOURA; TAÍS BARBOSA</i>	
<i>DE CHAGAS; MARIA DA GRAÇA DA PIEVE. ....</i>	<i>314</i>
<b>PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>316</b>
<i>FRANCIELE DORNELES FILIPPIN; CRISTIANA ROSA GOBO PIZZONI;</i>	
<i>SIMONE LINDNER FUHRMANN; ADRIANA BONIATTI. ....</i>	<i>316</i>

<b>PAPO-CABEÇA COM ADOLESCENTES NA OPERAÇÃO TOCANTINS 2017: NÚCLEO DO PROJETO RONDON DA UNICRUZ.....</b>	<b>318</b>
<i><u>GAMBINI, GUILHERME MATHEUS DA FONTOURA; KUHN, CAMILA; SILVA, CARINE NASCIMENTO DA; QUARESMA, CAROLINA TONIAZZO; MENEZES, LUANA POSSAMAI.</u></i> .....	
	318
<b>DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS: ESTUDO DA CULTURA AFROBRASILEIRA .....</b>	<b>320</b>
<i><u>DALVA CARGNELUTTI GOI; DENISE COPPETTI; LUCIMARA MACCI MARTINS; CARLA LEONICE RECH MATHIONI; LINO LUIS DA ROSA KEGLER.</u></i> .....	
	320
<b>TODAS AS BRUXAS SÃO MÁIS? .....</b>	<b>322</b>
<i><u>PRISCILA DE VARGAS DA SILVA MARTINS; ISAMARA DE ALMEIDA VERCELINO; DANIELE HAMM SPARRENBERGER; RENATE BLASS DA SILVA; NEIVA DE FÁTIMA DE OLIVEIRA TEIXEIRA.</u></i> .....	
	322
<b>LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - AJA/PEDAGOGIA.....</b>	<b>324</b>
<i><u>DAIANE SANTANA DE OLIVEIRA; MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE.</u></i> .....	
	324
<b>A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NA LUDICIDADE INFANTIL NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>326</b>
<i><u>MONIQUE MEDEIROS DE SOUZA; CARLA CORAZZA; JUSSARA NAVARINI.</u></i> .....	
	326
<b>A ARTE DE ADRIANA VAREJÃO: VIVÊNCIAS DE ACADÊMICOS DA UERGS .....</b>	<b>328</b>
<i><u>JUCÉLIA RODRIGUES FERREIRA; RODRIGO AMARANTE; TATIANA LUIZARECH.</u></i> .....	
	328
<b>MÚSICA COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....</b>	<b>330</b>
<i><u>MARILENE CERETTA; DEISE BERTON; CARLA LEONICE RECK MATHIONI; ANGELA TATIANA MAI.</u></i> .....	
	330
<b>BRINQUEDOS NÃO ESTRUTURADOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....</b>	<b>332</b>
<i><u>SILVIA MARIA PRZYLINSKI; MARISTELA MAURER MÜHLBEIER; LINÉIA KROMBERG DENES; MARLIZE CRISTINA HECK UHDE.</u></i> .....	
	332
<b>EDUCADOR INFANTIL: O MEDIADOR DO BRINCAR.....</b>	<b>334</b>
<i><u>SILVIA MARIA PRZYLINSKI; MARISTELA MAURER MÜHLBEIER; LINÉIA KROMBERG DENES; MARLIZE CRISTINA HECK UHDE.</u></i> .....	
	334

<b>EDUCAÇÃO INFANTIL: UM AMBIENTE DESAFIADOR .....</b>	<b>336</b>
<i>ELEANE APARECIDA DE SOUZA CALLEGARO; SÔNIA RAQUEL PADILHA PRESTES MOKAN; CIBELE REGINA NUNES BONFADA PEREIRA; ROKSANE DA CRUZ GONÇALVES SANTOS. ....</i>	
<b>ARQUITETURA COMO POSSIBILIDADE EDUCADORA .....</b>	<b>338</b>
<i>GABRIEL DA SILVA WILDNER; BRUNA CALABRIA DINIZ; TAINARA KUYVEN; TARCISIO DORN DE OLIVEIRA. ....</i>	
<b>EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA: UM DESAFIO NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>340</b>
<i>GABRIEL DA SILVA WILDNER; BRUNA CALABRIA DINIZ; TAINARA KUYVEN; TARCISIO DORN DE OLIVEIRA. ....</i>	
<b>A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES .....</b>	<b>342</b>
<i>RUTH PATZ HEIN; JAMILE VIEIRA GOI. ....</i>	
<b>ARTE NA ESCOLA: OS ARTISTAS DO MUNDO.....</b>	<b>344</b>
<i>MICHELE SOARES ORTIZ DE ALMEIDA; VALDEREZA MALZONI; TATIANA LUIZA RECH. ....</i>	
<b>PROJETOS INTERDISCIPLINARES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E O PAPEL DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA .....</b>	<b>346</b>
<i>CARLA RIETHMÜLLER HAAS BARCELLOS; DEISE IARA MENSCH; PAULO ROBERTO FREITAS BARCELLOS. ....</i>	
<b>METODOLOGIAS ATIVAS: UM DESAFIO PARA AS ÁREAS DE CIÊNCIAS APLICADAS E ENGENHARIAS .....</b>	<b>349</b>
<i>ALIFER ANDREI VEBER BEIER; DIEGO MENEGUSSO PIRES; RENATA RODRIGUES DE ALMEIDA; RITA DE CÁSSIA BRONZONI MIRANDA; TARCISIO DORN DE OLIVEIRA. ....</i>	
<b>SINGULARIDADES NO PLANEJAMENTO ESCOLAR DO EJA – OBSERVAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MARIA BANDARRA WESTPHALEN.....</b>	<b>351</b>
<i>CASSEANE ANDREATTA DA SILVA; ANDRESSA SILVA DA CUNHA; MARILIA DE CAMPOS SERQUIVITIO; RODRIGO MOURA DOS SANTOS; ODILON A. STRAMARE. ....</i>	
<b>ESTUDO DE HISTÓRIA COM ENFOQUE EM UMA HEROÍNA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA .....</b>	<b>353</b>
<i>CARLA SIMONE HAMM SPARRENBERGER. ....</i>	

<b>FORMAÇÃO CONTINUADA DO NEEJA ÉRICO VERÍSSIMO: ARTICULAÇÃO ENTRE SABERES E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS.....</b>	<b>355</b>
<i>JANE TERESINHA BARBOSA; MARIA APARECIDA DE ABREU PRADO; NERCI DE SOUZA RITTER; CÉLIA ROSANE PEDROLLO VAZ; ODETE TERESA SUTILI CAPELESSO; IRACEMA DE LURDES BORGES DA SILVA. ....</i>	
<b>A APRENDIZAGEM E A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS.....</b>	<b>357</b>
<i>FABIANA BOFF GRENZEL. ....</i>	
<b>RELATO DE EXPERIÊNCIA: DINAMIZANDO A SEGURANÇA DO TRABALHO EM OBRAS A PARTIR DE MAQUETES.....</b>	<b>359</b>
<i>FERNANDA BURIOL LONDERO; JOSIANE DE OLIVEIRA PILLAR HINNING. ....</i>	
<b>O NOSSO ÓLEO VIROU SABÃO .....</b>	<b>361</b>
<i>CRISTIANE BERTOLDO; CIBELE T. DA SILVA ROSA; MARLENE KRUTI. ....</i>	
<b>SIMULADÃO ABRINDO CAMINHOS PARA O ENEM.....</b>	<b>363</b>
<i>RENATA MATILDE ZANCHI FERRAZ. ....</i>	
<b>O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA DESCOBERTA DE LIDERANÇAS EM SALA DE AULA.....</b>	<b>365</b>
<i>RITA DE CÁSSIA MALHEIROS DE OIVEIRA; SILVIA ZAMBERLAN COSTA BEBER. ....</i>	
<b>A ESCOLA INCENTIVANDO A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL .....</b>	<b>367</b>
<i>ANA PAULA STOLBERG SIQUEIRA; JUSSARA NAVARINI. ....</i>	
<b>SACOLA DA LEITURA .....</b>	<b>369</b>
<i>ANA CLAUDIA RAMOS SANTOS; JULIANA NASCIMENTO DE LIMA; ROSA LIA; CORACINI DE SOUZA; ROSALINA ELIZETE DOS SANTOS PIRES. ....</i>	
<b>OPERAÇÃO TOCANTINS: CONHECENDO A MARIAZINHA DA PENHA – OFICINA.....</b>	<b>371</b>
<i>CAMILA KUHN; CARINE NASCIMENTO SILVA; GUILHERME MATHEUS GAMBINI; LUANA POSSAMAI MENEZES .....</i>	

<b>O USO DE MATERIAL CONCRETO NA CONSTRUÇÃO/COMPREENSÃO DO CONCEITO DE FRAÇÃO EM UM 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>373</b>
<i>ELISABETE SILVA DA SILVA; HELENARA MACHADO DE SOUZA. ....</i>	<i>373</i>
<b>AS CONTRIBUIÇÕES DO JOGO BOOLE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO LÓGICO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>375</b>
<i>MARIELE DE OLIVEIRA; HELENARA MACHADO DE SOUZA. ....</i>	<i>375</i>
<b>ESPAÇO ESCOLAR X ESPAÇO DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>377</b>
<i>CLEIDE ESTELA DOS SANTOS ALFING; FABIANA MATTER; EVA TERESINHA DE OLIVEIRA BOFF. ....</i>	<i>377</i>
<b>DEFICIÊNCIA INTELECTUAL – ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....</b>	<b>379</b>
<i>PATRÍCIA REGINA HAMMARSTRON DOS SANTOS TEIXEIRA. ....</i>	<i>379</i>
<b>EU SOU ASSIM: EXPERIÊNCIAS CORPORAIS DE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA .....</b>	<b>381</b>
<i>LUCIANA BARBOSA; DENISE RAQUEL ROHR. ....</i>	<i>381</i>
<b>O MAL-ESTAR DOCENTE COMO SINTOMA CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>383</b>
<i>FRANCIELE MIRIAN DA ROCHA; EDINARA PIMENTEL;   SABRINA PEREIRA VELOSO LEAL; RAÍSSA SCHADECK. ....</i>	<i>383</i>
<b>HORTA NA ESCOLA. SEMEANDO E CRESCENDO JUNTOS.....</b>	<b>385</b>
<i>JEANE P. AGUIAR; LILIA C. P. TEICHMANN; MARLENE PRZYLINSKI; MAIRA CRISTIANE W. ROSÁRIO; MARILEI DA COSTA SOARES. ....</i>	<i>385</i>
<b>FOME POR LER .....</b>	<b>387</b>
<i>TAUANA OLIVEIRA CORRÊA; TATIANA LUIZA RECH. ....</i>	<i>387</i>
<b>AÇÕES SUSTENTÁVEIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HORTA ESCOLAR E PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS .....</b>	<b>389</b>
<i>MAGALI GOMES; VÂNIA LUCIA BERTON. ....</i>	<i>389</i>
<b>REDAÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA (DES) COMPLICADA E FORMAS DE DIVULGAÇÃO .....</b>	<b>391</b>
<i>RICARDO EUGENIO DILL; DIONI MARIA DOS SANTOS PAZ. ....</i>	<i>391</i>

<b>BIBLIOTECA ESCOLAR: UM ESPAÇO DINÂMICO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO .....</b>	<b>393</b>
<i><u>LAÍS BRAGA COSTA.</u> .....</i>	<i>393</i>
<b>O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DA FORMAÇÃO CONTINUADA .....</b>	<b>395</b>
<i>LIDIANI FRANCIELI CAVINATO DALL'OSTO. ....</i>	<i>395</i>
<b>PESQUISA QUE SURGE DO INTERESSE DAS CRIANÇAS .....</b>	<b>397</b>
<i>LIDIANI FRANCIELI CAVINATO DALL'OSTO. ....</i>	<i>397</i>
<b>A VALORIZAÇÃO DO MEIO AMBIENTE ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL .....</b>	<b>399</b>
<i><u>RAQUEL MADEIRA SOARES; HENRIQUE PIMENTEL BEUTLER;</u> <u>DIEGO PASCOAL GOLLE.</u> .....</i>	<i>399</i>
<b>O DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM A SER ESTIMULADA: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO “DONA MAROCA, A MINHOCA RECLAMONA” .....</b>	<b>400</b>
<i><u>EDINARA PIMENTEL; FRANCIELE MIRIAN DA ROCHA.</u>.....</i>	<i>400</i>
<b>AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE HENRI WALLON .....</b>	<b>402</b>
<i>BRUNA KATIELLI RODRIGUES FLORENCIO; CAROLINE DA LUZ MOREIRA; PAOLA BUENO PEREIRA; AMANDA VERIATO JOAQUIM; MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE. ....</i>	<i>402</i>
<b>A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO .....</b>	<b>404</b>
<i><u>TATIANA DIEL PIRES; RAQUEL BUZATTI, SOUTO.</u> .....</i>	<i>404</i>
<b>VIVÊNCIA: UM DIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>406</b>
<i><u>CARLA FABIANA CARDOSO DA SILVA; FRANCIÉLI TELLES DE ANDRADE; MARIA DA GRAÇA PREDIGER DA PIEVE.</u> .....</i>	<i>406</i>
<b>A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS, TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA/RS .....</b>	<b>408</b>
<i><u>ANA LUIZA BARBOSA MACIEL; TATIANA LUIZA RECH; HELENARA MACHADO DE SOUZA.</u> .....</i>	<i>408</i>
<b>GRUPO DE TEATRO DA UERGS SÃO LUIZ GONZAGA: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS PELOS BOLSISTAS .....</b>	<b>410</b>
<i><u>ELISABETE DE FÁTIMA SILVEIRA DA ROSA; ANDRISA KEMEL ZANELLA; VIVIANE MACIEL MACHADO MAURENTE.</u> .....</i>	<i>410</i>

<b>A INFLUÊNCIA DOS JOGOS INTERATIVOS NO COTIDIANO DE UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA .....</b>	<b>412</b>
<i><u>ANDRÉA ANDRIOLA VALIM.</u></i> .....	412
<b>MESA-REDONDA.....</b>	<b>414</b>
<b>A POTÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA POLÍTICA, ÉTICA E ESTÉTICA .....</b>	<b>415</b>
<i><u>PRISCILA DE MELO BASÍLIO.</u></i> .....	415
<b>EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE .....</b>	<b>416</b>
<i><u>JULIANE MARSCHALL MORGENSTERN.</u></i> .....	416
<b>PROJETO PILOTO EDUCAÇÃO COEMPREENDEDOR@ .....</b>	<b>418</b>
<i>CLAUDIO FARIAS; EUNICE PÓLONIA; IVONE MARIA MARQUES PALMA; SILVANA CORBELLINI; GLÁDIS FALAVIGNA.</i> .....	418
<b>PROGRAMAÇÃO.....</b>	<b>420</b>

## APRESENTAÇÃO

O II Seminário Internacional e VIII Seminário Estadual de Educação: Docência em Evidência – Desafios do Contemporâneo, constituiu-se em um curso de formação de professores e objetivou refletir sobre os desafios contemporâneos da formação e da profissionalização docente e a centralidade que assumem enquanto elementos insubstituíveis do processo educativo escolar.

A oferta do seminário de educação constituiu-se em uma das principais atividades do calendário de eventos da área de Educação promovido pelo Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade em Cruz Alta. As edições do Seminário Internacional e Estadual de Educação já estão consolidadas no Município de Cruz Alta e região. As credenciais que tornam o evento conhecido e procurado pelos profissionais da área da educação são, sem sombra de dúvida, as seguintes: o evento é gratuito; as parcerias realizadas com a Secretaria de Educação e Coordenadoria Regional de Educação são essenciais e trazem contrapartidas; o evento oferece a oportunidade da comunidade acadêmica e docente socializar seus conhecimentos e constituir-se como protagonista de suas práticas, através da oferta de minicursos, como ministrantes; oferece espaço para comunicações orais e pôster, para socialização de experiências e pesquisas realizadas; discute temas contemporâneos referentes à profissão docente; produz os Anais do Evento; constitui-se em oportunidade riquíssima de produção e difusão do conhecimento; promove a autoria e protagonismo docente; possibilita a reflexão sobre os desafios contemporâneos da profissão docente.

Com relação à **promoção de eventos** ligados ao curso e abertos à comunidade, a oferta do Seminário de Educação encontra-se em sua oitava edição. Historicizando, em 2004, ofertou o “I Seminário Estadual: Uma política de Inclusão Social”; no ano de 2005, ofereceu o “II Seminário Estadual de Educação:

Teorizando a Ação Docente: experiências do ensinar e do aprender”; em 2006, ofertou o “III Seminário Estadual de Educação: O Educador de Jovens e Adultos em Formação: Saberes e Perspectivas”. O IV Seminário aconteceu apenas em 2013 e teve como temática “A Docência na contemporaneidade: Colegialidade, saberes e fazeres”. No ano de 2014, foi ofertado o “V Seminário Estadual de Educação: Docência e Alteridade”; em 2015, novamente ofertado, o Seminário Estadual teve como temática “Qualidade na Educação”; no ano de 2016, foi ofertado o I Seminário Internacional de Educação e VII Seminário Estadual de Educação, com a temática “Autoria Docente”. O público que participa dos eventos são discentes do curso de Pedagogia da própria Universidade e de outras Instituições de Ensino Superior, professores da Rede Pública e Privada e demais pessoas interessadas da comunidade local e regional. O número de participantes é expressivo, em torno de 550 participantes. Neste ano, o II Seminário Internacional e VIII Seminário Estadual de Educação teve a participação de aproximadamente 750 professores, acadêmicos e comunidade da região; foram 597 ouvintes e 104 ministrantes de palestras e minicursos que foram oferecidos durante a semana. Salienta-se que a videoconferência de abertura foi ministrada por professora da Universidade do Minho/ Portugal e versava sobre “Docência em evidência: desafios da era digital na formação de professores”. Ao todo aconteceram 41 minicursos e 4 palestras, além da mesa-redonda sobre “desafios contemporâneos” e apresentação de 88 trabalhos de pesquisa, extensão e ensino, nas modalidades pôster e comunicação oral.

Dessa forma, esse caderno de resumos caracteriza as memórias dessas atividades realizadas durante a semana do evento e, além da publicação impressa, pode ser encontrado no próprio site do evento, disponível em <http://www.exatasnaweb.com.br/seminario/>.

Em nome da comissão organizadora do evento, agradeço a todos (já citados anteriormente) que tornaram mais um seminário

de educação possível atingindo, assim, seus objetivos de formação e desenvolvimento de acadêmicos e professores, consolidando ainda mais a Universidade como instituição formadora de professores no município e região. Por fim, a Universidade espera que no próximo ano as discussões continuem em torno de temáticas emergentes do cenário educacional, contando sempre com a participação expressiva de acadêmicos e professores, contribuindo, assim, para uma educação promotora de aprendizagens, inclusiva e de qualidade.

Os resumos contidos nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores.

Prof<sup>ª</sup>. Me. Maria da Graça Prediger Da Pieve  
Coordenadora do II Seminário Internacional e VIII Seminário  
Estadual de Educação, em nome da Comissão Organizadora.  
Cruz Alta/RS, agosto de 2017.

## DESAFIOS DO CONTEMPORÂNEO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Maria da Graça Prediger Da Pieve<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professora e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Uergs; Coordenadora de Área do Pibid; Coordenadora do Evento.

E-mail: maria-pieve@uergs.edu.br

A temática da ação de extensão “II Seminário Internacional e VIII Seminário Estadual de Educação – Docência em evidência: Desafios do contemporâneo” tem como principal objetivo refletir sobre os desafios contemporâneos da formação e da profissionalização e a centralidade que assumem os docentes enquanto elementos insubstituíveis do processo educativo escolar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada de professores (MEC, 2015), em seu artigo 2º, apresenta que, no exercício da docência, a ação do professor da educação básica envolve muitas dimensões, linguagens e didáticas.

No exercício da docência, a ação do profissional do magistério da educação básica é permeada por dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas por meio de sólida formação, envolvendo o domínio e manejo de conteúdos e metodologias, diversas linguagens, tecnologias e inovações, contribuindo para ampliar a visão e a atuação desse profissional (MEC, 2015, p. 3).

O texto acima, apesar de apresentar de forma sucinta o que envolve o fazer docente, proporciona, em sua análise, uma visão da complexidade que o envolve. As mudanças na sociedade contemporânea são sociais, políticas, culturais e científicas e afetam transformando o “homem” e as “instituições”, levando a um novo de pensar, comunicar, fazer e se organizar. Segundo Gadotti

(1993), são tempos pós-modernos marcados pelo desenvolvimento da tecnologia de informação e comunicação.

Na área da educação, ocorrem muitas mudanças ocasionadas pelas transformações na sociedade. A função social da escola exige que se transforme para atender e formar esse novo homem contemporâneo. As tecnologias invadiram as escolas; é preciso formar cidadãos críticos; ensinar saberes para o mundo do trabalho; atender aos processos educativos de desenvolvimento científico e de formação humana; a escola pública e laica torna-se inclusiva, garantindo, outrossim, uma aprendizagem de qualidade. Juntamente, novas demandas se impõem à escola e aos professores: é preciso educar as crianças desde os quatro meses, na educação infantil. Os pais, que vivem neste mundo complexo e tecnificado, já não mais têm tempo e conferem à escola esta função. É preciso educar para a diversidade. É preciso novas pedagogias.

Assim, é emergente a construção de novas pedagogias que garantam estas novas formações. É neste momento, muito bem colocado por Nóvoa (2009), que os professores reaparecem como elementos insubstituíveis, não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias. Em suas palavras:

Assistimos, nos últimos anos, a um regresso dos professores à ribalta educativa, depois de quase quarenta anos de relativa invisibilidade. A sua importância nunca esteve em causa, mas os olhares viraram-se para outros problemas: nos anos 70, foi o tempo da racionalização do ensino, da pedagogia por objectivos, do esforço para prever, planificar, controlar; depois, nos anos 80, vieram as grandes reformas educativas, centradas na estrutura dos sistemas escolares e, muito particularmente, na engenharia do currículo; nos anos 90, dedicou-se uma atenção especial às organizações escolares, ao seu funcionamento, administração e gestão. Já perto

do final do século XX, importantes estudos internacionais, comparados, alertaram para o problema das aprendizagens (NÓVOA, 2009, p. 12).

Assistimos então, segundo Nóvoa (2009, p. 5) ao regresso dos professores ao centro dos debates educacionais e políticos. Em suas palavras:

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias.

Este é o ponto central das ideias de Nóvoa e de outros autores: a formação de professores para este novo tempo e para esta nova função social da escola. Imbernón (2010) alerta que a educação dos seres humanos, mais especificamente a instituição educativa e a profissão docente, desenvolve-se em um contexto marcado por mudanças vertiginosas no conhecimento científico, nas estruturas materiais, institucionais e sociais, nos meios de comunicação, na tecnologia, dentre tantas outras mudanças, e que tudo isso afeta a instituição educativa impondo novas funções e nova cultura profissional ao professor. Para Imbernón (Ibidem, p. 14), essa nova era exige novas competências profissionais: “[...] motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade” sendo fundamental formar o professor na mudança e para a mudança, por meio do desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo e abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada (p. 19).

Vêm ao encontro as ideias de Donald Schön (2000) sobre a formação de professores. Entende a profissão enquanto um saber-fazer sólido, teórico, prático, inteligente e criativo, que lhe permita

agir em contextos instáveis e complexos. Schön (2000, p. 41) propõe uma prática reflexiva baseada na reflexão na ação e, para, além disso, numa reflexão sobre a ação.

Os desafios presentes na sociedade contemporânea trazem para o papel do professor e, conseqüentemente, para a sua formação novas dimensões, funções e responsabilidades, colocando-o em constante formação, movimento e evidência. Os professores reaparecem como protagonistas essenciais para a formação deste novo homem da sociedade do século XXI. Cabe a eles que acompanhem estas mudanças, que mudem concepções, práticas e pedagogias, que auxiliem as instituições em suas mudanças estruturais, pedagógicas e administrativas. Que abram as portas de suas salas de aula para as inovações. E, para isso, é necessário formação constante, permanente. É isso que este evento se propõe: discussões, inovações e desafios.

## **PALESTRAS**

## DOCÊNCIA EM EVIDÊNCIA: DESAFIOS DA ERA DIGITAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Maria Altina da Silva RAMOS<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professora e Investigadora no Instituto de Educação – Universidade do Minho-Braga-Portugal.  
E-mails: altina@ie.uminho.pt.

A atual era digital, caracterizada pela evolução científica e tecnológica, sua rápida difusão e a cada vez mais acessível aquisição de artefatos tecnológicos, com as indiscutíveis vantagens que daí advêm, coloca muitos desafios à Educação e, em particular, à escola e aos professores. É, pois, nosso dever, enquanto investigadores e formadores de professores, repensar o papel da escola e do professor nos dias de hoje e encontrar, se não soluções, pelo menos respostas aos referidos desafios. Nesta palestra, começo por mencionar algumas das características do mundo contemporâneo, relacionando-as com o conceito de inovação desde a antiguidade clássica até aos nossos dias. A seguir, centro-me na inovação em educação abordando temas como aprendizagem ao longo da vida, aprendizagem em qualquer contexto, tempo e espaço; sociedade em rede (Castells), inteligência coletiva (Lévy), conetivismo (Siemens), ubiquidade (Santaella) e modernidade líquida (Bauman). Depois, e porque o professor é um elemento-chave nos processos de inovação educativa, discuto os desafios da formação de professores, em geral, e em particular para uso de meios digitais na prática pedagógica. Neste contexto, relaciono o pensamento de António Nóvoa, que salienta na formação docente a importância da articulação teoria-prática, da reflexão crítica sobre as práticas e do colocar a formação dentro da profissão, com o modelo TPACK que sugere que a formação de professores para uso de meios digitais na prática pedagógica deve situar-se na intersecção de três tipos de conhecimento – dos conteúdos curriculares, dos métodos pedagógicos e do conhecimento tecnológico. Por fim, deixo uma reflexão acerca do papel do

professor na escola do futuro baseada na apresentação de dois casos, em Portugal, de espaços educativos inovadores, denominados salas de aula do futuro, ambientes educativos inovadores ou laboratórios e aprendizagem que são espaços criados para favorecer e incentivar a utilização de meios digitais e metodologias de ensino-aprendizagem ativas e participativas, centradas no aluno, tendo o professor um papel fulcral: o de criar os contextos de aprendizagem e de orientar os alunos no sentido da construção do seu próprio conhecimento.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Era Digital. Inovação. Escola do Futuro. Metodologias Ativas.

## A LIQUEFAÇÃO DA DOCÊNCIA (CONTEMPORANEIDADE E CURRÍCULO)

*Alfredo VEIGA-NETO<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Doutor em Educação. Professor Titular do Departamento de Ensino e Currículo e Professor Convidado Permanente do PPG-Educação, da Fac. de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.  
E-mail: alfredoveiganeto@gmail.com.

A partir da potente metáfora inventada por Zygmunt Bauman — que nos descreve a Contemporaneidade como uma Modernidade Líquida —, qualquer discussão sobre a docência deve ser feita tendo em vista os novos cenários sociais da Contemporaneidade e os novos personagens que hoje se movimentam em tais cenários. Problematizar a educação ou propor alternativas futuras para ela, sem levar em conta a acelerada e globalmente disseminada liquefação do mundo, acaba funcionando como apenas um furo na água líquida, cujos efeitos são localizados e efêmeros. A partir desse entendimento, propõe-se que as discussões e problematizações sobre a docência podem ser desenvolvidas em muitas frentes, dentre as quais se destacam:

1. Neoliberalismo e trabalho — as novas configurações no mundo do trabalho, com destaque para a desprofissionalização docente: a flexibilização, a resiliência, o binômio descarte/comutação, a precarização, etc.
2. Subjetividade e formação — as novas subjetividades e a formação docente frente às novas configurações sociais e culturais na Modernidade Líquida: o “pensar de outros modos” para poder “fazer de outros modos”.
3. Práticas — a invenção de novas práticas docentes e discentes em salas de aula: o binômio celebração X exorcização das novas tecnologias informacionais e os limites do seu uso na educação; o pontilhismo pedagógico.
4. Colapso temporal — como efeito primário da presentificação: o crescente deslocamento da tradição para a tradução.

Independentemente do nível de escolarização em questão, cada uma dessas frentes constitui-se, por si só, um grande desafio para nossas ações. A situação fica ainda mais complicada quando se leva em consideração que tais frentes se complementam e até se reforçam mutuamente. E, como se tudo isso não bastasse, há de se considerar que, num mundo líquido, não apenas tudo pode mudar a cada momento como, também, a própria mudança é líquida, do que resulta uma alta dose de imprevisibilidade.

## DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

*João Ricardo Melo FIGUEIREDO<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Diretor Geral do Instituto Benjamin Constant (IBC), no Rio de Janeiro.  
E-mail: joaoricardofigueiredo@ibc.gov.br

Durante a história da humanidade, várias foram as formas de se compreender o indivíduo com deficiência da visão. Passamos desde uma percepção mística, associando a falta da visão com a possibilidade de uma visão para o sobrenatural, passando por um período biológico, oriundo das revoluções humanísticas e chegando até a uma compreensão científica deste homem com deficiência da visão. Desta forma, o Brasil instituiu, em 1854, um atendimento pioneiro na América Latina para as pessoas cegas, através da experiência de um jovem cego que foi estudar na Europa e trouxe o modelo de Paris para o Rio de Janeiro. Com diversas modificações, evoluções com o passar dos tempos, o Instituto Benjamin Constant é hoje um Centro de Referência na área da deficiência visual, ligado diretamente ao Ministério da Educação. Seus trabalhos garantem que as pessoas cegas e com baixa visão possam ter espaços garantidos em todo o Território Nacional, garantindo sua inclusão.

A deficiência visual caracteriza-se pela incapacidade de ver ou de ver bem, podendo limitar ou impedir o acesso direto a diversos fazeres do dia a dia, como: orientação e mobilidade independente, habilidades manuais, aquisição de conceitos e a palavra escrita. Por meio de estratégias, familiares e profissionais da educação podem aprender a diminuir o impacto da falta ou pouca visão na vida do ser em desenvolvimento, permitindo que crianças e jovens tenham desenvolvimentos sadios. A partir dos estudos e técnicas desenvolvidos no Instituto Benjamin Constant, as Redes de Educação, estaduais e municipais, têm a oportunidade de atenderem melhor aos com deficiência visual, permitindo, de

fato, que eles sejam incluídos. Desta forma, a inclusão passa de um planejamento teórico para uma realidade possível. As relações estabelecidas entre os diferentes entes que atendem ao aluno com deficiência da visão fortalecem este processo, fazendo com que, por fim, o processo inclusivo deixe de ser um ato de matrícula escolar, mas uma realidade educacional em nosso país.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Educação Especial. Deficiência Visual.

## PIAGET: DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, APRENDIZAGEM E ENSINO

*Fernando BECKER<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professor titular. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação. UFRGS. Graduado em Filosofia Licenciatura. Faculdades Anchieta.  
E-mail: fbeckerufrgs@gmail.com

Uma boa teoria de aprendizagem fundamenta-se em uma boa teoria do desenvolvimento cognitivo ou moral. Uma teoria de aprendizagem que acredita que o desenvolvimento cognitivo é produto de muitas aprendizagens não merece que percamos nosso tempo com ela. O desenvolvimento, cognitivo ou moral, é produto da ação do sujeito humano, do nascimento aos 120 anos de idade. Só se aprende o que se faz. Fazer físico ou material, simbólico, conceitual, teórico, metacognitivo... mas, sempre fazer. Assim como não se aprende a nadar a não ser nadando; a andar de bicicleta a não ser andando de bicicleta, não se aprende a conhecer ou pensar a não ser agindo: da ação sensório-motora até os modelos científicos mais sofisticados. Por que a escola não leva a sério isso e não tira as consequências devidas para sua prática pedagógica, didática e de gestão?

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Cognitivo. Aprendizagem. Escola.

## **MINICURSOS**

## A PRÁTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

André Guaraci de Oliveira GOULARTT<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professor da Rede Pública.

A atividade física tornou-se referência no contexto da sociedade, uma vez que, através do exercício físico, conseguimos manter o corpo saudável. Na escola, embora com objetivos um pouco diferentes, a educação física torna-se importante por desempenhar um papel essencial no desenvolvimento psicomotor do educando, trabalhando muitas vezes não só o corpo, mas também o lado cognitivo e o afetivo. Este minicurso visa propor ideias novas aos professores quanto à prática da educação física escolar, através de um estudo do que é proposto na Base Curricular Nacional. A partir dessa base, verificaremos como poderemos trabalhar na escola, seja através de jogos e brincadeiras nas séries iniciais, ou como esporte de uma forma mais criativa e lúdica, nos anos finais do ensino fundamental. O minicurso também visa à troca de conhecimentos por meio das experiências vividas pelos professores participantes.

**Palavras-chave:** Atividades Físicas. Educação Física Escolar. Professores. Base Curricular Nacional.

## A MAGIA DE LER E CONTAR HISTÓRIAS

*Elenir DAL FORNO<sup>1</sup>; Cátia Solange Rosa dos Santos HERMANN<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Pedagoga com Especialização em orientação e supervisão escolar. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Pedagoga com Especialização em orientação e supervisão escolar.

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

E-mails: elenirdalforno@hotmail.com; santoscatia51@yahoo.com.br.

A proposta da oficina é resultado do trabalho de conclusão da especialização em Gestão: Orientação e Supervisão escolar. O projeto tem como objetivo resgatar a arte de contar histórias na escola, incentivando os educadores ao hábito da leitura diante dos alunos e, assim, promovendo a cultura da curiosidade pelos livros. A proposta justifica-se diante da realidade brasileira que ainda apresenta altos índices de baixo nível de letramento. A metodologia experienciada na pesquisa foi de contação de histórias de forma participativa e lúdica em direção contrária ao conceito de participação dos alunos em atividades passivas e em silenciamento. Através de pesquisas bibliográficas e participativas, realizou-se o estudo sobre a importância da oralidade despertada e desenvolvida através da literatura infantil nas séries iniciais. Tendo como suporte autores como Ricardo Azevedo, Nelly Coelho, Maria da G. Bordini, conclui-se que há um longo caminho para que o projeto de promoção da oralidade dos alunos, associado à literatura, seja cultivado também como espaço democrático na escola.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Criança. História. Imaginação. Professor.

## TERAPIAS ASSISTIDAS COMO PRÁTICA INTERDISCIPLINAR E INOVATIVA NA SAÚDE E EDUCAÇÃO

*Candida Elisa MANFIO<sup>1</sup>; Lia Dias da COSTA<sup>2</sup>; Marcia Cristina Gouveia  
GOMES<sup>3</sup>; Roberto Marion SCHOTT<sup>4</sup>*

<sup>1,2</sup>Professores da UNICRUZ. CCSA – Centro de Ciências da Saúde e Agrárias; <sup>3</sup>Psicopedagoga  
NAEP – UNICRUZ. <sup>4</sup>Subtenente Equitador do Centro.

E-mails: cmafo@unicruz.edu.br; lcosta@unicruz.edu.br; mrodrigues@unicruz.edu.br;  
robertoschott@bol.com.br.

O Centro de Equoterapia – CEEASA/UNICRUZ é uma parceria entre a Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas – EASA – e a Universidade de Cruz Alta. É um projeto de extensão que visa atender a comunidade com deficiências diversas. A EASA colabora com a estrutura física, disponibilidade de animais e recursos humanos e a universidade com o conhecimento acadêmico, voluntários em busca de capacitação e aperfeiçoamento. O principal objetivo do centro é oferecer esta terapia à comunidade com deficiências diversas de forma gratuita. As Terapias Assistidas são métodos utilizados na saúde e na educação. Desenvolvem o biopsicossocial do praticante, em uma abordagem multiprofissional e interdisciplinar. A Terapia usa os animais (cavalos e cães) como agentes e promotores de ganhos físicos, psíquicos e sociais da saúde, contribuindo para o aprimoramento da força muscular, do relaxamento, da conscientização do próprio corpo e do desenvolvimento do equilíbrio e da coordenação essenciais à bipedestação do ser humano e de todas as vantagens sociais que a terapia proporciona. A interação do praticante com os animais, incluindo os cuidados preliminares, os primeiros contatos de aproximação, os princípios da arte equestre e o manuseio final, promovem o desenvolvimento de novas formas de socialização, de autoconfiança e de autonomia, da melhoria da autoestima e da autoimagem. A ação cinética e

dinâmica causada pelo cavalo e a relativa contrarreção feita nos três eixos espaciais, pelo praticante, se evidenciam com a necessidade de movimentos antecipatórios de orientação e adaptação que envolvem o sistema nervoso em nível neuromotor, neuropsicológico e em nível das funções corticais superiores. O cavalo, ao movimentar-se, provoca o deslocamento tridimensional e rotacional do centro de gravidade do praticante, com cadência, ritmo e trajetória similares ao movimento pélvico observado na deambulação humana, estimulando o mecanismo dos reflexos posturais e a noção de posição dos vários segmentos corporais no espaço. Há resultados positivos no tratamento dos praticantes, uma vez que estas terapias proporcionam uma variedade de estímulos: visuais, auditivos, olfativos, táteis, cinestésicos, interação social, melhora da autoestima e autoimagem.

**Palavras-chave:** Terapia Assistida. Equoterapia. Prática Interdisciplinar. Saúde. Educação.

## EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

*TELOCKEN, Suelen Geíse<sup>1</sup>; Nathália Rigui Trindade<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Mestranda em administração – UFSM; <sup>2</sup>Mestranda em administração – UFSM.

E-mails: stelocken@gmail.com; nathaliariguitrindade@gmail.com

A Educação, em todas as suas formas, pode moldar o mundo de amanhã, instrumentalizando indivíduos e sociedades com as habilidades, perspectivas, conhecimento e valores para se viver e trabalhar de maneira sustentável. A Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) é uma visão da educação que busca equilibrar o bem-estar humano e econômico com as tradições culturais e o respeito aos recursos naturais do planeta. A EDS utiliza métodos educacionais transdisciplinares para desenvolver uma ética para a educação permanente; promove o respeito às necessidades humanas compatíveis com o uso sustentável dos recursos naturais e com as necessidades do planeta; e nutre o senso de solidariedade global. A educação para sustentabilidade (EpS) objetiva o desenvolvimento da consciência crítica da sociedade, que deve estar comprometida com uma abordagem ambiental que inter-relacione os aspectos sociais, ecológicos, econômicos, políticos, culturais, científicos, tecnológicos e éticos. Acredita-se que o educador e a escola têm que garantir o protagonismo dos estudantes, criando espaços para que o acertar e o errar sejam apenas uma parte de sua experiência, guiando-os no desenvolvimento de uma postura crítica por meio da reavaliação das informações disponíveis, bem como de seus próprios valores e comportamentos. Para tal, é necessário uma maior conscientização do educador em prol da EpS, que é o objetivo desta oficina. Para tal, utilizar-se-á de metodologias construtivistas para organização da oficina. Destarte, espera-se por meio da oficina conscientizar e desenvolver os participantes em prol da EpS, a fim de repensar e revisar a educação desde a creche até a universidade para incluir mais princípios, habilidades, perspectivas e valores relacionados à sustentabilidade em cada

uma das três esferas – social, ambiental e econômica – o que é importante para as sociedades atuais e futuras. Contribuir para avanços na direção de sociedades mais sustentáveis e consumidores informados pode auxiliar comunidades e governos a adotar medidas para a sustentabilidade e caminhar em direção a sociedades mais sustentáveis.

**Palavras-chave:** Conscientização. Educadores. Sustentabilidade.

## MÚSICA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES

*Eliane Aparecida da Silva FERREIRA<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, orientadora educacional e pedagoga.  
Desenvolve projetos de música na escola desde o ano de 2004.  
E-mail: elianeap@bol.com.br.

A pesquisa trata de alternativas de se trabalhar com música na escola de maneira interdisciplinar. É um projeto desenvolvido em uma escola pública estadual na cidade de Cruz Alta, RS, e tem como objetivo valorizar o uso da música como ferramenta pedagógica interdisciplinar e desenvolver a inteligência musical nos estudantes. Neste sentido, a metodologia de trabalho é de uma pesquisa-ação, em que a pesquisadora se envolve na pesquisa e os participantes são agentes ativos da investigação desenvolvendo atividades musicais dos mais variados tipos. Alguns exemplos de atividades são: escuta sensível dos sons de uma canção, confecção de instrumentos musicais com sucata, tocar músicas com instrumentos respeitando ritmo e melodia, cantigas de roda, fazer música com o corpo, criar letras de músicas dentro de uma melodia, cantar cantigas folclóricas, ilustrar as canções, alfabetizar a partir de palavras das letras das músicas, dramatização de canções e danças.

O referencial teórico está firmado em autores como Gardner, Freire, Campbell, Campbell e Dinckinson. Os resultados vão além da alegria e envolvimento das crianças em todas as atividades. Estimula-se o desenvolvimento da musicalidade e exploração da inteligência musical, a construção da noção de notas musicais, ritmo e melodia de uma música e a percepção da alfabetização e do letramento da maioria das crianças durante o desenvolvimento do projeto. Chega-se à conclusão de que a música traz inúmeras possibilidades de construção de novos conhecimentos na escola e na vida, já que dificilmente se

encontrará uma criança que afirme não ter vivenciado nenhum tipo de experiência musical ou ao menos ouvido uma canção. A música envolve o ser humano e traz à criança alternativas de desenvolver-se integralmente de maneira alegre e divertida.

**Palavras-chave:** Música. Interdisciplinar. Escola. Ferramenta Pedagógica.

## O BULLYING COMO FATOR DE INTERFERÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA

*Valderezza de Fátima Dornelles MALZONI<sup>1</sup>; Elidiane Fogliatto MOREIRA<sup>2</sup>; Silvane Ines PIECZKOWSKI<sup>3</sup>; Juliana de Oliveira PEREIRA<sup>4</sup>; Maria da Graça Prediger DA PIEVE<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia e Bolsista do Pibid/Uergs/Cruz Alta; <sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia e Bolsista do Pibid/Uergs/Cruz Alta; <sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia e Bolsista do Pibid/Uergs/Cruz Alta; <sup>4</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia e Bolsista do Pibid/Uergs/Cruz Alta; <sup>5</sup>Docente Orientador.

E-mails: valderezamalzoni@gmail.com; lidifogliatto@gmail.com; silvanessandra@gmail.com; ju\_pereira30@hotmail.com; maria-pieve@uergs.edu.br.

A presente oficina “O bullying como fator de interferência no processo de ensino-aprendizagem na escola” abordará como o bullying está afetando o processo ensino-aprendizagem dos alunos dentro e fora da escola. Será realizada uma discussão com o objetivo de prevenção e identificação deste fenômeno dentro e fora da sala de aula. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica em livros, artigos e experiências dentro de sala de aula. Para fundamentação deste trabalho foram realizados estudos e pesquisas dos autores da área como Corral (2012), Fante (2005), Sposito (1998), Saravali (2005) e artigos científicos pesquisados em sites recomendados. A oficina ocorrerá através de dinâmicas de grupo referente ao tema e tem por objetivo principal sensibilizar os docentes e discentes sobre a prevenção e extinção desse fenômeno tão presente no ambiente escolar, que vai desde a violência psicológica até a violência física. A partir de experiências vivenciadas, pode-se concluir que o bullying em sala de aula interfere na dimensão psicossocial e cognitiva dos alunos. De maneira simples, pode ser controlado através de atividades, jogos e brincadeiras em sala de aula como forma de intervir, prevenir e construir valores de convivência cooperativos. Dessa forma, os conflitos podem ser resolvidos de forma construtiva, para que o ambiente seja propício ao processo de aprender e ensinar com harmonia, qualidade e solidariedade.

Conseqüentemente, espera-se que as motivações para continuidade de investigação da temática e erradicação desse fenômeno possam proporcionar um ambiente livre de quaisquer tipos de preconceitos seja por parte dos educadores ou dos alunos.

**Palavras-chave:** Bullying. Violência. Ensino-aprendizagem.

**Agradecimentos e fontes de financiamento:** Este trabalho está vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid.

## EDUCAÇÃO, REPÚBLICA E DIREITOS HUMANOS

*Vanessa Steigleder NEUBAUER<sup>1</sup>; Denise Tatiane GIRARDON DOS SANTOS<sup>2</sup>; Ângela Simone Pires KEITEL<sup>3</sup>; Rafael Vieira de Mello LOPES<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Doutora em Filosofia, Mestre em Educação nas Ciências, Docente na UNICRUZ; <sup>2</sup>Doutoranda e Mestra em Direito. Especialista em Educação Ambiental. Bacharel em Direito. Licencianda em Filosofia. Docente no Curso de Direito e de Ciências Aeronáuticas e do Núcleo Comum da UNICRUZ e do Curso de Direito das Faculdades Integradas Machado de Assis; <sup>3</sup>Mestra em Direito. Graduação em Ciências Jurídicas. Professora titular UNICRUZ; <sup>4</sup>Mestre em Educação nas Ciências em Direito. Especialista em Direito Civil e Processual Civil e Graduado em Ciências Sociais Aplicadas. Professor dos Cursos de Direito e Ciências da Computação da UNICRUZ.  
E-mails: borbova@gmail.com; dtgsjno@hotmail.com; angelakeitel@unicruz.edu.br; ralopes@unicruz.edu.br.

O objetivo geral do Minicurso é explanar sobre as principais teorias que envolvem a Educação, a República e os Direitos Humanos, com uma abordagem prática e contextualizada ao cenário brasileiro. Assim, seu propósito é de resgatar a compreensão do que consiste o exercício da cidadania para além do saber formal, acolhendo dimensões do fazer a modo de instigar os participantes a refletirem sobre o que concerne o real exercício da cidadania. Ao se considerar que a educação é um fator de alteração social, na medida em que proporciona aos indivíduos capacidade de criticizar e pensar o mundo à sua volta, de maneira ética, e buscar a resolução das problemáticas existentes, tem-se que a perspectiva republicana é a mais adequada para viabilizar a maior participação possível da sociedade nas decisões do Estado. Estas devem atender ao interesse geral e primar por garantir a observância e a materialização, de forma eficiente e eficaz, dos direitos humanos e fundamentais. A cidadania, portanto, depende do exercício prático e constante da política, como forma de distribuição e ordenação do poder no Estado. A Metodologia adotada será a exposição dialógica e participativa, recorrendo à Cinematografia, que resgata os conceitos e dados que evidenciem a necessidade de estudar as temáticas propostas. Também serão realizadas atividades práticas, com dinâmicas de grupo para exploração do tema, o que se

estrutura em uma produção intelectual do que foi compreendido, em forma de um relato de experiência.

**Palavras-chave:** Educação. República. Direitos Humanos. Política. Poder. Estado.

## CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE APRENDIZAGEM DIGITAL PARA A INCLUSÃO

Ana Paula da Silva Zorzi MARIANI<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Assessora de Educação Especial e Educomunicação na 9ª CRE, Ma. em Educação pela Universidade de Passo Fundo, Professora Especialista em Educação Especial pela UFSM. E-mails: zorzi75@hotmail.com; ana-zorzi@seduc.rs.gov.br.

Os Objetos de Aprendizagem (OAs) são elementos que permitem ao professor unir ferramentas pedagógicas e digitais na construção de sua metodologia. Tais recursos lúdicos acompanham a inovação tecnológica e transformam a aula num momento prazeroso e de amplo aprendizado. O crescente investimento do governo federal visando à acessibilidade tecnológica, principalmente na distribuição de audiolivros em formato MECDAISY, DVDs clássicos da literatura infantil interpretados em LIBRAS, lousas digitais, netbooks e a instalação de internet nas escolas da rede pública, junto ao significativo aumento de alunos incluídos, matriculados em salas do ensino comum, direciona-nos à necessidade de expandir e qualificar a prática pedagógica oferecida. Nesse sentido, o caráter interativo e reutilizável dos OAs faz-se relevante para promover a acessibilidade da linguagem e do conteúdo na construção do conhecimento pelo aluno incluído. Para tanto, a realização da *Oficina de Construção de Objetos de Aprendizagem Digital Para a Inclusão* tem como objetivo principal demonstrar ao educador os recursos que possibilitam a construção de OAs. A oficina será ministrada por meio de um tutorial, sendo os programas Power Point e iSpring Free escolhidos por serem conhecidos e acessíveis, além de possibilitarem o funcionamento do OA no modo *off line*, após sua conclusão. Os recursos materiais a serem utilizados são compostos por computadores ou notebooks que possuam o programa Power Point instalado (um para cada participante ou, no máximo, uma dupla), um projetor, programa iSpring Free e internet com *wi-fi*. Finalmente, pretende-se que a

oficina elaborada para profissionais da área da educação possibilite a construção de OAs para atender às necessidades dos alunos incluídos, os quais se beneficiarão cognitivamente de seu uso e interação.

**Palavras-chave:** Tecnologia. Educação. Inclusão. Acessibilidade.

## ALFABETIZAR LETRANDO: CONSTRUINDO CAMINHOS...

*Ana Maria Lemos ROLIM<sup>1</sup>; Raquel de Souza BORTOLI<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Professora Estadual. Assessora Pedagógica dos Anos Iniciais na 36ª Coordenadoria Regional de Educação. Especialista em Pedagogia Gestora pela Faculdade de Joinville. <sup>2</sup>Professora Estadual. Assessora Pedagógica dos Anos Iniciais na 36ª Coordenadoria Regional de Educação. Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O presente minicurso propõe reflexões sobre quais os caminhos e descaminhos construídos pelos professores alfabetizadores ao exercerem a docência em turmas do Ciclo de Alfabetização. Aborda uma breve contextualização sobre a docência na alfabetização, incluindo o perfil da criança contemporânea. É referenciado nas autoras Magda Soares, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que contribuem para o esclarecimento dos significados de alfabetizar e letrar e a indissociabilidade dessas duas ações educativas. A partir desses conceitos, é instigada a construção de caminhos para a alfabetização plena, enfatizando a valorização de práticas do universo infantil, do qual faz parte a ludicidade com jogos e brincadeiras e a leitura deleite como recurso pedagógico para formação de leitores. Propõe relacionar o desenvolvimento da consciência fonológica com a aquisição do sistema alfabético de escrita, destacando a importância de contemplar, no planejamento, situações lúdicas de aprendizagem que abordam a reflexão explícita de palavras, destacando as partes orais e escritas de maneira que a criança reconstrua as propriedades da escrita alfabética para se tornar alfabetizada. Menciona a integração da alfabetização e letramento no ambiente alfabetizador a partir da compreensão e valorização da cultura escrita, da apropriação do sistema de escrita, práticas de leitura e produção escrita. A análise destes elementos constituintes do processo de alfabetização busca também promover uma reflexão em torno dos instrumentos pedagógicos abolidos das escolas brasileiras:

memorização, caligrafia, cópia e ditado. A abordagem desses instrumentos nos instiga a pensar na reinserção ou não deles nas práticas de alfabetização, bem como interagir com as concepções de alfabetização que foram sendo construídas e vivenciadas pelos professores alfabetizadores que ora privilegiavam um método ou interpretavam equivocadamente teorias, aplicando-as como se fossem métodos de ensino, tal como ocorreu com o construtivismo. Em vista disso, há possíveis caminhos que podem ser reconstruídos a partir do entendimento de que alfabetizar letrando pode ser o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa de escolarização, assegurando a alfabetização plena de todas as crianças.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Sistema de Escrita Alfabética. Prática Pedagógica.

## CESTO DE TESOUROS COMO INSTRUMENTOS DE APRENDIZAGENS NOS BERÇÁRIOS

*Loreni Beatriz Arnold WILDNER<sup>1</sup>; Jesilaine de Jesus VARGAS<sup>2</sup>; Lilia Cavalheiro Pinto TEICHMANN<sup>3</sup>; Loriane Maria Casalini SULZBACH<sup>4</sup>; Maira Cristiane Weber ROSÁRIO<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Pós-graduada em Educação infantil UFSM, Professora de Educação Infantil da Escola Municipal Infantil Solange Ana Copetti, integrante da Rede Pública Municipal de Ijuí. <sup>2</sup>Professora de Educação Infantil da Escola Municipal Infantil Solange Ana Copetti, integrante da Rede Pública Municipal de Ijuí. <sup>3</sup>Professora de Educação Infantil da Escola Municipal Infantil Solange Ana Copetti, integrante da Rede Pública Municipal de Ijuí. <sup>4</sup>Graduação em Matemática Licenciatura Plena UNIJUÍ, Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento pela Universidade de São Paulo, Professora de Educação Infantil da Escola Municipal Infantil Solange Ana Copetti, integrante da Rede Pública Municipal de Ijuí. <sup>5</sup>Pós-graduada em Psicopedagogia Castelo Branco. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ijuí.

E-mails: loreni.arnold@yahoo.com.br; jesilaine\_vargas@yahoo.com.br; iliateichmann@hotmail.com; lorianemcs@gmail.com; mcwrosario@yahoo.com.br.

Este estudo procurou investigar e discutir a importância da vivência com o cesto de tesouros na aprendizagem e desenvolvimento dos bebês em idade entre quatro meses e um ano, em uma turma de berçário I à luz da teoria de Goldschmied & Jackson (2006) e do manual “Brinquedos Brincadeiras e Materiais Para Bebês”, módulo II. As autoras afirmam que “o cesto de tesouros bem abastecido, oferecido por um adulto atento, pode proporcionar experiências que são interessantes e absorventes, capacitando o bebê a buscar uma aprendizagem vital para a qual ele está pronto e ansioso” (GOLDSCHMIED & JACKSON, 2006, p. 115). Deste modo, justifica-se a escolha desta temática porque, desde o ventre materno, o bebê brinca com o seu corpo. Após o nascimento, a brincadeira evolui para o corpo do adulto que cuida dele e, à medida que cresce, passa a ter coordenação para se sentar, segurar e agitar coisas e objetos e surgem novas possibilidades. Entre quatro e seis meses de idade, muitos bebês começam a frequentar a Educação Infantil, onde a abordagem pedagógica do cesto de tesouros baseado na exploração e na curiosidade dos

pequenos é indicada. Para isso, trago como problema de pesquisa: “Existe aprendizagem e desenvolvimento nas crianças do berçário a partir de vivências com o cesto de tesouros proposto por Goldschmied & Jackson?” Como objetivos da pesquisa investigam-se as possíveis contribuições que o contato visual, o contato físico e permissão desta prática podem trazer para o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo dos bebês. Concluímos que o cesto de tesouros com objetos não estruturados, frutas, verduras e temperos proporciona vivências com diversos objetos e materiais, oportunizando diferentes sensações de tato, olfato e paladar, promovendo o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo dos bebês. Também ressaltamos que um ambiente seguro e rico em desafios, a partir das necessidades dos bebês, onde o educador se mantém no campo visual e auditivo da criança, mas não interrompe, nem intervém nas experiências dela, favorece a produção de conhecimento, pois este passa a ser feito de uma forma que tenha sentido para o bebê, porque ele é curioso para descobrir o mundo; basta dar as condições para isso.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Criança. Infância. Cesto de Tesouros.

## EDUCAÇÃO E DISCURSO, ESTUDOS FOUCAULTIANOS

*Maria Clara Ramos NERY<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.  
E-mail: maria-nery@uergs.edu.br

O minicurso Educação e Discurso objetiva gerar reflexões acerca da prática discursiva manifesta por professores em geral e alunos de Graduação em Pedagogia, que parecem pautar-se por metanarrativas que não traduzem mais os problemas educacionais existentes na contemporaneidade. Estamos diante de novos sujeitos alunos e professores contidos num contexto de diversidades e tecnologias que atravessam drasticamente a sala de aula. O enfoque essencial estará neste minicurso embasado nas concepções foucaultianas de análise de discurso, bem como nos Estudos Culturais para a área da Educação. A metodologia adotada envolve uma abordagem expositiva dialogada, com base em questões problematizadoras e escuta dos membros presentes no grupo, dando a todos a oportunidade de livre manifestação para gerar-se debate profícuo com relação à temática do minicurso. Adotar-se-á o texto: **O Adeus às Metanarrativas na Educação**, de Tomaz Tadeu da Silva, como fonte geradora de discussões previamente fornecida aos participantes do minicurso. Esperamos, assim, contribuir para fomentar reflexões acerca das práticas discursivas manifestas no campo educacional brasileiro.

**Palavras-chave:** Educação. Discurso. Estudos Foucaultianos.

## A LUDICIDADE INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: APRENDER BRINCANDO COM JOGOS PEDAGÓGICOS

*Casseane Andreatta da SILVA<sup>1</sup>; Marília de CAMPOS<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Fisioterapeuta e Acadêmica do Curso de Pedagogia. UERGS/Cruz Alta; <sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia. UERGS/Cruz Alta.

O lúdico faz parte da vida da criança, desempenhando papel fundamental para seu desenvolvimento neuropsicomotor. A criatividade no ato de brincar desenha caminhos pelo qual haverá o amadurecimento e a consolidação de seu desenvolvimento e aprendizagem. Sabemos que os jogos pedagógicos, quando utilizados como forma de estímulo na construção do processo ensino-aprendizagem do educando, propiciam situações desafiadoras, impondo limites e regras. Através desta oficina, baseada na teoria de Vygotsky, propomos uma metodologia teórico-prática, para professores e acadêmicos, que visa à construção e utilização de jogos pedagógicos como ferramenta didática, para Anos Iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental, buscando, desta forma, despertar novas perspectivas na relação professor/aluno e aluno/aluno.

**Palavras-chave:** Ludicidade. Criança. Jogos Pedagógicos.

## BRINCARTE: CONSTRUINDO BRINQUEDOS RECICLADOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

*Rodrigo AMARANTE<sup>1</sup>; Jucélia FERREIRA<sup>2</sup>; Juliana de Oliveira  
PEREIRA<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Graduação em Pedagogia/Uergs e bolsista Pibid; <sup>2</sup>Acadêmico do Curso de Graduação em Pedagogia/Uergs e bolsista Pibid; <sup>3</sup>Acadêmico do Curso de Graduação em Pedagogia/Uergs e bolsista Pibid.

E-mails: amaranterodrigo@outlook.com; juceliaedfisica@gmail.com; ju\_pereira30@hotmail.com

A partir de pesquisas sobre a temática da importância do lúdico no desenvolvimento da criança, foi-se apontando que os temas vivenciados pelas crianças eram fortemente influenciados pela sua realidade circundante. Pesquisas já apontam que o uso de materiais manipuláveis e de jogos têm muito a contribuir para que o processo de ensino e aprendizagem transcorra de forma significativa. Percebemos assim tamanha a riqueza à qual se envolve o brinquedo como recurso pedagógico, porém, muitas vezes não há os recursos para que o educador, ao se dar conta da riqueza que há no brincar das crianças, possa adquirir os brinquedos por que anseia. Atualmente, muito vem se falando em preservar o meio ambiente da poluição e lixo em excesso. Com este tema, oferecemos, por meio desta oficina, uma maneira de o professor aliar a conscientização, a ludicidade e a arte em um projeto interdisciplinar trabalhando a técnica BRINCARTE, brincar + arte, por meio da confecção de brinquedos para a educação infantil através de materiais reciclados, uma tendência educacional que está cada vez mais em alta. Trata-se de uma metodologia dinâmica e interativa onde o professor e os alunos podem trabalhar em conjunto desde o momento de trabalhar a coleta de material reciclado até a concepção dos brinquedos que serão utilizados pelos alunos em sala de aula; é uma sugestão fácil e que nos leva a refletir.

**Palavras-chave:** Arte. Brinquedos. Educação Infantil. Reciclagem.

## TEMPO E ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E REFLEXÕES

*Débora Dorneles dos SANTOS<sup>1</sup>; Leila Marlise Cavinato KARLINSKI<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Pós-graduada em Psicopedagogia, Professora Municipal, SMEd/Ijuí; <sup>2</sup>Pós-Graduada em Gestão e Supervisão Escolar, Professora Municipal, SMEd/Ijuí.

E-mails: deboradorneles24@hotmail.com; leilamarlisek@yahoo.com.br.

O dia a dia na educação infantil é repleto de vivências que exploram o tempo e o espaço em que a criança permanece no ambiente escolar. Essas situações planejadas como contexto para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças são reveladoras das concepções pedagógicas que o educador tem em relação à infância, bem como ao que define a proposta político-pedagógica da escola. Cabe aos educadores o olhar atento para as especificidades do sujeito infantil e organizar o espaço de maneira que contemple o jogo, o brincar e o despertar do imaginário infantil. É fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos com os quais possa criar, imaginar, construir e, em especial, um espaço para brincar, o qual certamente não será o mesmo para as crianças maiores e menores. Quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, mais irá permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, constituindo-se, assim, como parte integrante da ação pedagógica. É importante considerar que a forma como a criança percebe o espaço é diferente da lógica do adulto. O educador o organiza, muitas vezes, não considerando a relevância da participação da criança na sua construção. O espaço educativo deve ser prazeroso e voltado às necessidades de cada faixa etária na primeira infância. O ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes (Forneiro, 1998). É preciso construir outros tempos/espacos de reflexão entre os profissionais envolvidos com a educação e cuidado das crianças. Elas precisam de tempos e espaços para olhar, refletir, produzir conhecimento,

planejar um cotidiano provocador da fantasia, da imaginação, da brincadeira, do movimento, da alegria, do aconchego, do colo, de experiências, de descobertas, da participação efetiva das crianças nas decisões e projetos. Neste sentido, vale ressaltar que não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse para vivê-lo intencionalmente.

**Palavras-chave:** Tempo. Espaço. Criança. Organização. Vivências.

## VIVÊNCIAS EM TURMAS DE BERÇÁRIO I E BERÇÁRIO II NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Dilene Rigodanzo BRANDLI<sup>1</sup>; Luciana PASQUALI<sup>2</sup>; Rosângela Silvana Kopezinski SCHIMANOSKI<sup>3</sup>; Sandra Cristina FERNANDES<sup>4</sup>; Viviane Paz Brittes PANKE<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Pós-Graduada em Educação Especial pela UNIJUÍ e em Docência na Educação Infantil pela UFSM/ Graduada em Pedagogia-Habilitação Supervisão Escolar pela PUC-Uruguiana/ Professora de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Ijuí-RS; <sup>2</sup>Graduada em Educação Física – Licenciatura e Bacharelado pela UNIJUÍ/ Professora de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Ijuí-RS; <sup>3</sup>Pós-Graduada em Educação pela UNIJUÍ e em Psicopedagogia Institucional pela SEG/Graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ/Professora de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Ijuí-RS; <sup>4</sup>Pós-Graduada em Docência na Educação Infantil pela UFSM/ Graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ/ Professora de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Ijuí-RS; <sup>5</sup>Pós-Graduação em Gestão Escolar (em curso)/Graduada em Pedagogia pela UNICRUZ/ Professora de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Ijuí-RS.

E-mails: dilenerb@yahoo.com.br; lpasquali@bol.com.br; rosangelaschimanoski@hotmail.com; sandra2929@gmail.com; vivianepanke@gmail.com.

O minicurso que aqui se apresenta refere-se às vivências realizadas por educadoras que atuam nas turmas de Berçário I e de Berçário II em três escolas de Educação Infantil da rede pública municipal da cidade de Ijuí/RS. A trajetória da Educação Infantil sempre esteve marcada pelas questões que envolvem o cuidar, perpassando pelo conceito de infância como um “ser que ainda não é”, um adulto em miniatura, até chegarmos à constituição de um sujeito infantil que se encontra em processo e desenvolvimento. A legislação atual passa a considerar a Educação Infantil como um direito da criança, primeira etapa da Educação Básica, oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos. Os espaços das turmas de Berçário I e de Berçário II procuram embasar-se na perspectiva de um brincar criativo e de atividades significativas onde ocorra um processo pedagógico mediador, a partir de uma escuta atenciosa, sensível e reflexiva. Tal escuta perpassa o cotidiano das turmas no que se refere à organização das vivências pedagógicas e da rotina no sentido de priorizar as características do desenvolvimento das crianças. As atividades pedagógicas propostas nas instituições de

educação infantil procuram favorecer o conhecimento, a cultura, a criatividade e a imaginação, proporcionando espaços e materiais adequados ao desenvolvimento saudável das crianças que estão inseridas nesse contexto educativo. Durante a apresentação, serão abordadas as vivências realizadas que favoreceram o reconhecimento de diferentes sensações, cores, formas, texturas, manuseio e exploração de materiais alternativos, leitura de imagens e contação de histórias, atividades de rotina, entre outras, possibilitando a construção do conhecimento. Convém destacar também a importância de se estabelecer vínculos no contexto educativo. Devemos considerar que é no brincar que o sujeito infantil se constitui, cria e estabelece vínculos, e, para isto, faz-se necessário proporcionar tempo e espaço para que ele aconteça favorecendo o reconhecimento de diferentes possibilidades.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Berçário. Vivências. Brincadeiras.

## REINVENTANDO A BRINCADEIRA: CRIANÇA FELIZ... FELIZ A BRINCAR

*Aline Aparecida Oliveira COPETTI<sup>1</sup>; Cleonice Kugneski GONÇALVES<sup>2</sup>;  
Loreni Beatriz Arnold WILDNER<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Pós-graduada em Educação Infantil UNINTER. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ijuí; <sup>2</sup>Graduanda em Pedagogia UNOPAR. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ijuí; <sup>3</sup>Pós-graduada em Educação infantil UFSM. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ijuí.

E-mails: a\_copetti@hotmail.com; cleonice.k.goncalves@gmail.com; loreni.arnold@yahoo.com.br.

Quando se pensa em criança, imediatamente nos lembramos da alegria, da curiosidade, das brincadeiras e encantamentos da infância. É impossível separar a infância do brincar, pois a criança é por sua essência um ser brincante. Para ela tudo gira em torno da brincadeira, e isto pode ser visualizado em suas expressões faciais, no seu olhar, no seu sorriso, no seu corpo e nos seus gestos. Mas com o passar do tempo a sociedade, de um modo geral, sofreu inúmeras mudanças e a infância das crianças também foi afetada. Isto se deve, principalmente, pela falta de espaços, de brinquedos adequados ao seu desenvolvimento, excesso de jogos eletrônicos no computador ou no celular e pais ocupados que não têm tempo para ensinar seus filhos a brincarem, ou melhor, ainda, brincar com eles, confeccionar brinquedos e criar novas possibilidades. Outra realidade é que muitas crianças permanecem em turno integral nas escolas de educação infantil. Por isso, é função da escola proporcionar vivências, situações, momentos e tempos para que a criança tenha o direito de ser criança e brincar. Uma alternativa é oferecer aos educadores oficinas de confecção de brinquedos e resgate de brincadeiras que estão esquecidas ou foram deixadas de lado. A utilização de materiais recicláveis ou não estruturados para a confecção dos brinquedos e a participação das crianças, nesse momento, têm um valor imensurável na sua formação de sujeito e desenvolvimento humano. Através desta oficina, serão trazidas algumas reflexões sobre a importância do brincar como eixo

curricular na educação infantil, e faremos o relato do nascimento de um projeto de fabricação de brinquedos em uma escola de educação infantil na rede municipal de ensino de Ijuí, com os resultados alcançados. Serão oferecidas aos participantes oficinas de confecção de brinquedos com materiais recicláveis ou não estruturados como carrinhos de litrão, pés de lata, bilboquês, pipas entre outros. Comprova-se que a confecção de brinquedos, o resgate de brincadeiras e o brincar podem ser currículo, atividades principais da criança que frequenta a Educação Infantil, eixos fundamentais que oportunizam à criança crescimento e desenvolvimento saudável em um ambiente lúdico.

**Palavras-chave:** Brinquedos. Infância. Escola. Desenvolvimento.

## A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

*Aline Weller PERLIN<sup>1</sup>; Silvana de Carvalho COSTA<sup>2</sup>; Marli Cristina PIPPI<sup>3</sup>; Marilei da Costa SOARES<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>: Acadêmica do Curso de Pedagogia e Bolsista do Pibid/Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) Cruz Alta; <sup>2</sup>: Professora da Rede Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil de Ijuí; <sup>3</sup>: Professora da Rede Municipal de Ensino-Educação Infantil de Ijuí; <sup>4</sup>: Professora da Rede Municipal de Ensino-Educação Infantil de Ijuí.

E-mails: aline.weller@hotmail.com; sylcosta@yahoo.com.br; marlicristinapippi@yahoo.com.br; maryleicosta@yahoo.com.br.

A Primeira Infância é um período muito importante para o desenvolvimento da criança, e as experiências dessa época são relevantes para o resto da vida. Em nenhum outro período de sua existência, os seres humanos experimentam um desenvolvimento tão intenso como nos primeiros anos de vida. Durante a Primeira Infância, ocorrem o crescimento físico, o amadurecimento do cérebro, a aquisição dos movimentos, o desenvolvimento da capacidade de aprendizado, a iniciação social e afetiva, entre outros, e cada um desses aspectos é interligado com os demais e influenciado pela realidade na qual a criança vive. Estudos mostram que, quanto melhores forem as condições para o desenvolvimento durante a Primeira Infância, maiores são as probabilidades de que a criança alcance o melhor do seu potencial, tornando-se um adulto mais equilibrado, produtivo e realizado. Na primeira infância, a criança passa por diversas mudanças pontuais e importantes que estabelecem um direcionamento em sua personalidade, suas características estruturais, quanto às percepções do mundo e das pessoas do seu cotidiano, e seu desenvolvimento harmonioso. Assim sendo, é de suma importância que educadores tenham consciência de quanto o ambiente deve ser estimulador, onde a criança tenha oportunidades e possibilidades de ver, ouvir, sentir, explorar e desenvolver suas necessidades e habilidades, conhecer seus limites, e, desta maneira, formar sua personalidade. Desta forma, a oficina propõe vivências

para que os educadores se sintam sensibilizados do quanto é importante estimular a criança na primeira infância. Os estímulos não são desenvolvidos separadamente; é um trabalho integrado que necessita da interação: adulto/criança, criança/criança e criança/objeto, e com o seu meio ambiente, explorando, experimentando e ampliando os sentidos, as sensações, os sentimentos e seu agir, respeitando sempre o ritmo de cada criança, pois uma não é igual à outra.

**Palavras-chave:** Primeira Infância. Estimulação. Interação.

## QUEREMOS MAIS É BRINCAR: NA ESSÊNCIA DA PALAVRA E EM SEU SENTIDO IRRESTRITO

*Glauca Roberta Coradine CARRÉ<sup>1</sup>; Meraci Claudieli de Miranda MORAIS<sup>2</sup>*

<sup>1,2</sup>Professoras de educação Infantil da Rede Municipal de Ensino. Ijuí- RS.  
E-mails: glau.r.c@hotmail.com; meraam.m@hotmail.com.

Esta oficina aborda o papel das brincadeiras espontâneas, livres e mediadas no desenvolvimento das crianças de turmas da Educação Infantil da Escola Municipal Fundamental Soares de Barros, da cidade de Ijuí, RS. As crianças se relacionam com o ambiente por meio do movimento, da imaginação, das brincadeiras (VYGOTSKY, 2007). “A expressão mais plena da criança acontece quando ela brinca de forma livre” (ECKSCHMIDT, 2015a, p. 5), e também quando o educador infantil planeja o ambiente lúdico, promovendo os diferentes modos de brincar, entres eles o brincar mediado (MOYLES, 2002), quando ele intervém na brincadeira infantil. Justificamos a escolha deste tema a partir do brincar como direito fundamental da criança, assegurado na Declaração Universal dos Direitos da Criança. Através de uma pesquisa-ação (ELLIOTT, 1991, p. 69), do “estudo de uma situação social com vistas a melhorar a qualidade da ação dentro dela”, delimitamos o seguinte problema de pesquisa: Queremos mais é brincar: na essência da palavra e em seu sentido irrestrito. Ressaltamos que tão importante quanto regulamentar o direito de brincar é possibilitarmos, cotidianamente, os espaços e os tempos para que as crianças possam brincar, se desenvolver e aprender. Constatamos ainda a necessidade de estudar esta temática a partir de reflexões acerca da nossa prática enquanto educadores infantis, ao perceber que era preciso dedicar mais tempos e espaços para as brincadeiras espontâneas, que seguem “a fluidez e o impulso da própria criança”, e para as brincadeiras livres, que não são orientadas por uma proposta pedagógica (ECKSCHMIDT, 2015b,

p. 75). Na maior parte da nossa rotina, promovíamos apenas o brincar com mediação. Diferentemente disto, percebemos que nossa prática pedagógica precisava alternar-se entre o brincar espontâneo e o mediado, sendo destinados, quantitativamente, mais tempos e espaços para o brincar espontâneo e livre dentro e fora da sala, quando as crianças podem brincar inclusive com outras de diferentes idades e turmas. A partir daí, planejamos projetos que possibilitaram às crianças brincarem espontaneamente com brinquedos construídos por elas mesmas, com materiais não estruturados, e com crianças de diferentes idades no pátio da escola. Concluímos que, quando destinamos espaços e tempos para as crianças brincarem, seguindo seus impulsos, afirmamos a especificidade da Educação Infantil, desenvolvemos uma proposta pedagógica que vem ao encontro das suas necessidades, além de possibilitarmos que sejam elas mesmas aqui e agora.

**Palavras-chave:** Brincadeiras Espontâneas e Livres. Brincadeiras Mediadas. Desenvolvimento Infantil.

## A ESCUTA SENSÍVEL NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Mônica Cristiane Maros HEINEN<sup>1</sup>; Jeane Pereira AGUIAR<sup>2</sup>; Marlene PRZYLINSKI<sup>3</sup>; Debora Dorneles SANTOS<sup>4</sup>; Leila KARLINSKI<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Professora da rede Municipal de Ijuí, Educação Infantil, Escola Municipal Infantil Solange Ana Copetti; <sup>2</sup>Professora da rede municipal de Ijuí, Educação Infantil, Escola Municipal Infantil Solange Ana Copetti; <sup>3</sup>Professora da Rede Municipal de Ijuí; <sup>4</sup>Professora da Rede Municipal de Ijuí.

E-mails: jeaneaguiarp@yahoo.com.br; monicamarosberton@gmail.com.

Esse trabalho visa apresentar nossas experiências pedagógicas vivenciadas como Professoras Infantis da Escola Municipal Infantil Solange Ana Copetti, Ijuí/RS, que atuam com crianças da turma do Maternal, na faixa etária de 3 anos. Quem nunca explorou as possibilidades de brincar numa grande árvore? Quem não juntou objetos e pedaços de plantas para fazer uma preciosa cabana? Quem não se sujou de lama e pisou prazerosamente em poças d'água? Será que estamos roubando de nossas crianças parte de uma infância culturalmente cultivada por centenas de anos? Em nome de uma “infância protegida”, não estamos transformando as brincadeiras e os seus riscos em desafios simples e pouco expressivos? Porque os pátios das nossas escolas não podem ter: muitas sucatas, terra, barro, fogo, água, ferramentas como: martelos, serrotes, pregos ou tijolos, madeiras, pneus, tintas, árvores, ... E a permissão para construir e destruir tudo o que for possível. Criar e proporcionar espaços onde a criança realmente possa brincar. Entendemos que os educadores têm uma função difícil, a mediação, que é observar os grupos controlando a própria ansiedade. A interferência prematura nas brincadeiras, seja para conter possíveis perigos ou resolver problemas que as crianças são capazes de solucionar, pode diminuir as experiências e aprendizados decorrentes delas; o que devemos fazer é transformar o nosso olhar viciado em superproteção, protegendo as crianças, pois assim roubamos a oportunidade de desenvolverem a capacidade de avaliar riscos, a autonomia para fazer escolhas e

lidar com as próprias fragilidades. Seria perigosa aquela atividade planejada, organizada pelos educadores, com galhos que oportunizassem a construção de pontes e passarelas para as crianças brincarem e se divertirem? Por outro lado, riscos são as incertezas de atravessar a ponte, empenhando-se em superar o desafio, acessando o controle dos movimentos, a concentração na tarefa e o planejamento. Um ambiente preparado e supervisionado por adultos responsáveis pode prever os verdadeiros perigos, eliminá-los e expor os recursos para favorecer o enfrentamento de riscos assegurados pela capacidade de avaliação das próprias crianças. Ambientes externos, e ou internos, com materiais organizados pelos educadores oferecem às crianças a oportunidade de escolherem e decidirem sobre seus usos. Esses ambientes se tornam tão atrativos para os pequenos que são imediatamente usados em brincadeira criativas, significativas e, fundamentalmente, iniciadas por eles. Nas práticas realizadas, percebemos que é de suma importância o enfrentamento de riscos por parte das crianças e da organização de espaços e materiais desafiadores. A postura do professor, que acompanha e apoia as experiências das crianças, é esperar para intervir, conter a ansiedade, apontar os perigos, interferir quando necessário e acreditar na capacidade das crianças; essas são as premissas desse trabalho.

**Palavras-chave:** Criança. Brincar. Infância.

## CULINÁRIA: UMA MANEIRA GOSTOSA DE APRENDER

*Ana Clara Dias Ferreira SILVA<sup>1</sup>; Juliana de Oliveira PEREIRA<sup>2</sup>;  
Patrícia GUERREIRO<sup>3</sup>*

<sup>1,2,3.</sup> Acadêmicas do Curso de Pedagogia e Bolsistas do Pibid/Uergs/Cruz Alta.

Esta oficina teve como objetivo mostrar como podemos, de uma forma divertida e diferenciada, trabalhar os mais diversos conteúdos escolares com a utilização da culinária em sala de aula. É preciso, atualmente, procurar chamar a atenção dos alunos para incentivá-los a gostar de estar dentro da escola, e, neste sentido, a culinária será um excelente auxílio, para que possam desenvolver melhor seu conhecimento trabalhando de uma forma dinâmica. Cabe ressaltar que os alunos estarão realmente se envolvendo com o conteúdo e, assim, também estarão aprendendo; além de aprenderem, estarão se desenvolvendo, pois a culinária é um assunto que atrai a todos. Em vista disso, estaremos trabalhando conteúdos programados nas mais diferentes áreas do conhecimento como: inglês, matemática, português, história, geografia, etc. Trabalharemos também a independência, ensinando como eles podem ajudar suas famílias nas tarefas domésticas.

**Palavras-chave:** Culinária. Educação. Ensino.

## GEOMETRIA DINÂMICA COM O GEOGEBRA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO

*Helenara M. de SOUZA<sup>1</sup>; Nádia Roberta Quaini BRESOLIN<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Mestre em Ensino da Matemática. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; <sup>2</sup>Mestre em Ensino da Matemática. Instituto Estadual de Educação Professor Annes.  
E-mails: helenara25@gmail.com; dias.nadiarqb@live.com.

O uso de softwares como ferramenta pedagógica se faz cada vez mais presente como tema em pesquisas voltadas a metodologias de ensino de geometria, onde se constata as mais diversas contribuições desta metodologia na compreensão de tais conceitos. O GeoGebra, por ser um software livre que possibilita a realização de atividades dinâmicas, tanto para a geometria plana quanto para a espacial, é um dos softwares mais utilizados. Embora tais estudos apontem que, no que se refere à formação de professores, para que esta metodologia chegue até a escola, muito ainda deva ser feito. Acreditamos que uma proposta como esta tem muito a contribuir para com estes profissionais, enquanto formação continuada. A partir destes fatores é que se propôs o presente minicurso, realizado junto a um grupo de participantes do II Seminário Internacional e VIII Seminário Estadual de Educação – Docência em evidência: desafios do contemporâneo, realizados pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, na unidade de Cruz Alta. As atividades tiveram início a partir da apresentação da interface do software e de suas ferramentas principais, como as que definem um ponto, um segmento e uma reta no plano. Posteriormente, foram realizadas as construções de figuras planas, tais como o quadrado, o triângulo e o retângulo. Com estas construções realizadas, foram discutidos os conceitos de área e perímetro de tais entes geométricos. No decorrer das atividades, foram realizados exemplos de aplicação do GeoGebra no ensino de geometria analítica, visando à abordagem de conceitos inerentes ao estudo da reta, do ponto e da circunferência no plano cartesiano, onde se abordou a posição relativa entre estas figuras. Além destes

conceitos, foram desenvolvidas atividades voltadas à compreensão da condição que define três pontos como sendo colineares ou não. A proposta desenvolvida nos possibilitou verificar que existe uma necessidade de oferta de cursos voltados à formação continuada de professores para aqueles que atuam com o ensino de matemática na educação básica.

**Palavras-chave:** Geometria Dinâmica. GeoGebra. Ensino Médio.

## O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

*João Ricardo Melo FIGUEIREDO<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Diretor Geral do Instituto Benjamin Constant (IBC), no Rio de Janeiro.  
E-mail: joaoricardofigueiredo@ibc.gov.br.

A oficina pretende apresentar de forma sucinta o desenvolvimento da criança com deficiência visual a partir dos desafios impostos pela sua necessidade de inclusão. O foco será no tripé família-escola-sociedade. A família é o primeiro espaço de “luta” por inclusão da criança com deficiência, ao mesmo tempo em que urge seu desenvolvimento. Alijada das informações advindas da visão, quase que na sua integralidade, se considerarmos as crianças com baixa visão, ou na sua completude, a escola é o local do aprendizado formal, e, em muitos casos, é o ambiente em que a criança tem a oportunidade de ser compreendida e de entender-se como um ser com deficiência. É o segundo momento de afirmação de sua inclusão. Para completar, a sociedade é onde há a efetivação, ou não, de sua inclusão, o resultado dos processos anteriores. Durante a oficina, propomos experimentar as angústias vividas pelos familiares, as questões impostas pelas patologias que levam à baixa visão ou à cegueira, estratégias para facilitar o desenvolvimento infantil, a alfabetização e a inclusão destes alunos no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Deficiência Visual. Educação Especial. Inclusão. Educação.

# REESTRUTURAÇÃO DO MÉTODO DE ENSINO COLOCANDO O ALUNO COMO AGENTE PARTICIPATIVO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

*Jéssica Alessandra Goulart PADILHA<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de letras Português/Inglês da universidade Paulista – UNIP, professora de inglês e português do Ensino Fundamental e Médio na escola Cooperação. Cruz Alta – RS.

Submeter os alunos ao mesmo cronograma de aprendizagem tem deixado lacunas que comprometem seu futuro intelectual e profissional, causando, muitas vezes, indisciplina e falta de interesse em sala de aula. Outra situação é a dos alunos que têm facilidade, ou já aprenderam determinado conteúdo, que precisam esperar o restante da turma, tendo uma aula improdutiva. Essa situação deixa o docente dividido entre atender às necessidades individuais de cada aluno ou cumprir o cronograma, impondo a ambos um sistema ineficaz e rígido que tem apenas o foco de cumprir prazos, deixando de lado o ponto principal, que é uma educação de qualidade e aprendizagem eficaz. Embasada nessa situação, o objetivo principal visa ao desenvolvimento de um projeto que possa ser utilizado pelos professores para suprir essas dificuldades. Através da elaboração de um mapa intelectual, baseado nas séries e conteúdos que deveriam ser aprendidos, o professor tem o retrato do real aproveitamento dos alunos que pode ser dividido em insuficiente, médio e proficiente. Baseado nesse mapa, é possível traçar estratégias para alcançar a excelência. Na oficina, serão apresentadas ideias que poderão ser aplicadas em sala de aula. Objetivando inserir os professores na prática, durante a oficina estes terão a oportunidade de traçar o seu próprio mapa intelectual e materializar seu conhecimento; após análise, em grupos, discutirão e traçarão estratégias que possam suprir os problemas anteriormente identificados. Encerrada a dinâmica, estarão visíveis e palpáveis aos participantes os resultados, como alunos interessados, ativos e participativos na construção de seu

conhecimento. Melhor produtividade tornando a sala de aula um espaço fértil e convidativo e também a possibilidade de resgate de hábitos de estudo e pesquisa. Além da gratificação de alunos que tenham alcançado proficiência tornarem-se tutores de seus colegas. A educação de qualidade é uma possibilidade real e viável que, como a união de alunos e professores trabalhando de forma cooperativa tem chances de grande sucesso e abre um leque de possibilidade para um futuro de alunos independentes, e não passivos e alienados buscando apenas uma nota mínima para aprovação.

**Palavras-chave:** Método de Ensino. Aprendizagem. Aluno.

## ABNT (NBR 6023, NBR 10520 e NBR 14724)

Zeneida Mello da Silva BRITTO<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Bibliotecária-Documentalista. Campus Vacaria. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).  
E-mail: zeneida.britto@vacaria.ifrs.edu.br.

**Introdução:** A produção técnica e científica da comunidade acadêmica demanda normalização e padronização que propiciem acesso e a consulta à informação. O minicurso aborda o uso das normas técnicas de informação e documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Propõe a orientação bibliográfica das três principais normas: Trabalhos acadêmicos – apresentação – NBR 14724, Citações em documentos – apresentação – NBR 10520 e Referências – elaboração – NBR 6023, bem como instruir a respeito do Manual de trabalhos acadêmicos e científicos da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). É fundamental orientar os acadêmicos quanto à aplicação das Normas Brasileiras Regulamentadoras (NBR) nos trabalhos técnico-científicos, por estas normas seguirem padrões nacionais adotados pela Associação Brasileira de Normas Técnicas. Salientamos que existem outras normas, como, por exemplo: *American Psychological Association* (APA); *Vancouver*, e, que algumas vezes, as instituições de ensino adotam seu próprio manual normatizador, muitos deles baseados na ABNT, como já citamos: Manual de trabalhos acadêmicos e científicos: orientações práticas à comunidade universitária da UERGS, que também será abordado neste minicurso. **Objetivo Geral:** Apresentar as normas adotadas segundo padrão da ABNT referentes à documentação bibliográfica e orientar quanto ao uso dos padrões utilizados na apresentação de trabalhos acadêmicos, a correta utilização de fontes de citação, bem como empregar as referências dos principais materiais utilizados na pesquisa. **Materiais:** Elucidação das normas através de apresentação *PowerPoint* em *Datashow*, apresentação de vídeo e utilização de

quadro branco para exemplificar possíveis dúvidas dos participantes. **Métodos:** Minicurso ministrado de forma teórica e prática com o emprego de recursos multimídia. **Resultados:** Espera-se que os participantes, após o minicurso, sejam capaz de normalizar suas produções acadêmicas. **Considerações Finais:** É primordial a utilização correta das normas para que haja a padronização na produção técnica e intelectual no meio acadêmico, facilitando, assim, a aquisição e divulgação de informações técnico-científicas.

**Palavras-chave:** Normalização. Trabalhos Acadêmicos. Referências. Plágio. Citações.

## CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DE TABELAS E GRÁFICOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Helenara M. de SOUZA<sup>1</sup>; Nádia Roberta Quaini BRESOLIN<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Mestre em Ensino da Matemática. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; <sup>2</sup> Mestre em Ensino da Matemática. Instituto Estadual de Educação Professor Annes.  
E-mails: helenara25@gmail.com; dias.nadiarqb@live.com.

A abordagem de atividades voltadas à análise e representação gráfica de um conjunto de dados, obtido a partir do levantamento de informações, é uma proposta para ser trabalhada nos anos iniciais do ensino fundamental, indicada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Neste sentido é que o presente minicurso foi elaborado, tendo como principal objetivo disponibilizar atividades práticas referentes a este tema, aos seus participantes, que possibilitem a compreensão dos conceitos inerentes de forma lúdica e dinâmica. Para o desenvolvimento das atividades propriamente ditas, utilizaram régua, tesoura, folha quadriculada, canetas coloridas e cola. As atividades foram organizadas em dois momentos: no primeiro momento, foram realizadas as atividades voltadas à construção de tabelas e gráficos, onde se iniciou apresentando os tipos abordados neste nível de ensino e seus elementos, como título e fonte. Posteriormente, foi feito o questionamento sobre a quantidade de animais de estimação que cada um dos participantes tem. Na sequência, foi construída a tabela, com os dados coletados, e os gráficos de linha, coluna e de barra. Finalizou-se esta primeira parte com atividades onde eram disponibilizados conjuntos de figuras e objetos para que fossem construídos as tabelas e os gráficos. Já no segundo momento, deu-se a realização das atividades voltadas à análise destes elementos matemáticos, onde foram apresentadas tabelas e gráficos, os quais se utilizaram para responder algumas questões propostas pelo próprio grupo de participante. No decorrer do minicurso nos foi possível verificar que os participantes realizaram as atividades como se fossem alunos, questionando quando tinham dúvidas e

colaborando com o colega que estava sentado ao lado, quando este não havia compreendido algo. Acredita-se que atividades como estas, enquanto proposta de formação continuada para professores, têm muito a contribuir para a prática docente.

**Palavras-chave:** Construção. Análise. Gráficos. Tabelas. Anos Iniciais.

## SUPERDOTADOS, ESSES BRILHANTES DESCONHECIDOS

*Eunice Goulart PADILHA<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Pedagoga graduada pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS e Especialista em Gestão Pública pela Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Uma das grandes discussões e pesquisas é a inclusão de alunos com necessidades especiais no ambiente escolar. Em sua grande maioria voltada aos alunos com algum tipo de deficiência, porém, há uma demanda especial que há a mesma necessidade de inclusão, o que geralmente acabam no grupo dos déficits de atenção ou hiperativos; esses alunos são os superdotados ou com altas habilidades. Há uma concepção errônea desse assunto, mitos como: sabem tudo e tiram as notas mais altas; sempre são bem-sucedidos e emocionalmente controlados. Na realidade, muitos têm problemas inclusive de personalidade, são abstraídos ou retraídos; alguns não sentem necessidade de demonstrar seu conhecimento ou, muitas vezes, na adolescência, passam por alunos medíocres na intenção de se enturmar socialmente com os demais colegas de classe; afinal, pessoas muito inteligentes geralmente são isoladas. Não é raro um superdotado não ter sucesso na carreira profissional. Inclusive Albert Einstein, com toda sua genialidade, foi reprovado três vezes na prova de matemática no curso de admissão, e outros tantos foram incompreendidos e rotulados como insanos devido à falta de conhecimento em ciências exatas, humanas e artes. Estudos realizados nestas últimas três décadas vêm removendo cirurgicamente esses mitos e abrindo novos caminhos ao conhecimento desses alunos tão especiais e que precisam de atenção e inclusão tanto quanto os demais. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 3,5 a 5% da população mundial são superdotados; outros autores abarcam um percentual aproximado de 15% a 30% da população, isso sem analisarmos aqueles

diagnosticados ou confundidos com déficit de atenção ou hiperativos, lembrando os que se confundem com autistas. A tarefa de um diagnóstico preciso é de competência de um profissional na área da psicopedagogia ou neuropsicopedagogia; o papel do docente é a percepção do caso e encaminhamento ao profissional competente. O educador e a escola contribuirão para a inclusão e auxílio no desenvolvimento e formação desse aluno superdotado. A oficina compor-se-á de uma explanação sobre as últimas pesquisas; uma dinâmica onde serão apresentados alguns tipos de alunos em vídeos para uma análise dos presentes mediante preenchimento de uma grade com característica entre superdotados, déficit de atenção, hiperativos e autistas. Essas informações servirão de norteadoras para uma mesa redonda entre os participantes com foco em gerar o debate sobre o assunto. Esses alunos brilhantes precisam ser atendidos e compreendidos em sua capacidade altamente desenvolvida de forma que se contribua positivamente na construção de cidadãos produtivos, emocionalmente equilibrados e integrados à sociedade.

**Palavras-chave:** Superdotado. Altas Habilidades. Neuropsicopedagogia. Psicopedagogia.

## LUDICIDADE: EDUCAR É ENSINAR E APRENDER PARA UM APRENDIZADO MELHOR

*Fátima Jakeline das Chagas SEVERO<sup>1</sup>; Maria Julia das Chagas SEVERO<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Ciências Biológicas – UNICRUZ. Servidora pública estadual e acadêmica de Pedagogia UERGS;

<sup>2</sup>Magistério – URI, Teóloga – IMT – Santo Ângelo.

Ludicidade desenvolve criatividade e conhecimento, vem do latim que significa brincar. O brincar educa a criança e ensina a comunicar-se consigo e com os outros, pois através da brincadeira apreende se treina para atividades adultas. As brincadeiras antigas como roda (canao virou, peixe vivo, atirei o pau no gato, ciranda cirandinha...), amarelinha, pular corda, telefone sem fio, peteca, dança das cadeiras, caçador, vivo e morto e cinco Marias, esconde, passa anel... . O brincar é uma forma de comunicação, compreensão e expressão da linguagem que é desenvolvida com criatividade associando-se com a realidade, servindo como um meio pelo qual consegue ir resolvendo suas dificuldades internas. Brincar é muito importante, pois é através da brincadeira que a criança revela suas situações agradáveis e situações dolorosas e vai superando cada fase do seu desenvolvimento; conforme o educando propõe desafios, ele os vai superando. É onde eles aprendem a compartilhar, conhecer coisas, apreender a conviver, apreender a fazer e apreender a ser. É nesse meio que se estimula a aprendizagem e seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social. O brinquedo interfere no sistema nervoso e no desenvolvimento intelectual e afetivo social da criança; ao interagir sua linguagem constrói pensamentos e apreende a ter autonomia, ideias e sentimentos. Schiller (apud CHATEAU, 1987, p. 13): “O homem só é completo quando brinca.” Para Vygotsky (1998, p. 127), “No brincar a criança consegue separar pensamentos (significado de uma palavra) de objetos, e a ação surge das ideias e não das coisas.”

## O LÚDICO E O ENSINO DE CIÊNCIAS

*Cristina da Silva PERAZZOLO<sup>1</sup>; Nerci de Souza RITTER<sup>2</sup>; Nilva Soares PEREIRA<sup>3</sup>; Silvia Mara da SILVA<sup>4</sup>*

A oficina tem como objetivo proporcionar aos participantes deste Seminário recursos didáticos que poderão ser utilizados para tornar as aulas de ciências divertidas e apaixonantes. Nos dias de hoje, ensinar tornou-se um desafio diante da tecnologia que existe. A forma tradicional de ensino em que os professores falam e os alunos anotam de modo repetitivo e engessado não tem conseguido captar e sustentar a atenção e o interesse dos alunos pelos conteúdos programáticos. Sendo assim, é necessário rever o processo de ensino-aprendizagem para que se possa atender às demandas atuais de conhecimento. Com o crescimento das tecnologias, o professor precisa diversificar suas aulas para que os discentes interajam com os conteúdos estudados. Nesse sentido, torna-se fundamental investir na formação dos professores para que sejam capazes de compreender a necessidade de mudança, criação, inovação e utilização de metodologias diferenciadas de ensino em sua prática pedagógica, tais como os jogos que propiciem a mobilização dos conhecimentos, valores e atitudes, de forma integrada, diante das necessidades impostas pelo meio. A oficina vai apresentar diferentes jogos, abrangendo os conteúdos de ciências/ensino fundamental anos finais, utilizando materiais reciclados e uso dos computadores. O desenvolvimento dos jogos tem como foco envolver os alunos, instigar a participação, a criação e auxiliar na aprendizagem de ciências em sala de aula. Os jogos foram elaborados com base na literatura referente aos Jogos Didáticos. Um protótipo de cada jogo foi confeccionado para que os professores possam escolher os que vão auxiliar no processo de ensino, bem como favorecer a apropriação dos conhecimentos pelo aluno. Através dessas práticas, colocamos e construímos conhecimentos das Ciências relacionando-os com o cotidiano e

com a curiosidade dos discentes, fomentando e desenvolvendo suas potencialidades críticas como cidadãos e cientistas. Entendemos que o jogo deveria merecer um espaço e um tempo maior na prática pedagógica cotidiana dos professores. Esperamos que os jogos elaborados não apenas tenham contribuído para a apropriação de conhecimentos, mas também para sensibilizar os professores para a importância desses materiais, motivando a elaboração de novos jogos didáticos. *“O saber ‘entra’ pelos sentidos e não somente pelo intelecto.”* (Frei Betto)

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Lúdico. Jogos. Conhecimento.

## **PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: ESPAÇO PARA AUTORIA NA CONSTRUÇÃO DE SABERES NO ENSINO MÉDIO**

*Solange KOLTERMANN<sup>1</sup>; Nairana SCWINZEKEL<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Graduação em Pedagogia, Pós-graduação e Mestrado em Educação nas Ciências: UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí, RS. Docente na disciplina de Ensino Religioso, Coordenadora Pedagógica e Vice-diretora em escola da rede pública estadual do RS; <sup>2</sup>Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – UNIUI, professora e coordenadora dos projetos “Rádio na Escola” e “Gincana Escolar” na rede Pública Estadual.

E-mails: solangekoltermann@gmail.com; nayranas@yahoo.com.br.

Os desafios para a educação contemporânea consistem na formação de sujeitos pensantes, pesquisadores. Para isso, a escola e os educadores necessitam integrar na sua prática metodologias que promovam a construção do conhecimento a partir da investigação para conhecer e reinventar os saberes. Ao acreditar que “pesquisar é ler a vida” e que “são as perguntas que movem o mundo e não as respostas”, oportunizamos aos sujeitos serem protagonistas na construção do seu próprio saber. Demo (1994) afirma que “O aluno precisa abandonar, definitivamente, a condição de objeto de aprendizagem. Sua função não é copiar e reproduzir, mas reconstruir, sob orientação do professor”, a complexidade de ser jovem que permeia o fazer pedagógico. Nesse sentido, a escola, ao fomentar a formação integral do aluno por meio da pesquisa, na sua prática pedagógica necessita também oportunizar espaço para a formação do educador. Segundo Freire (2001), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Com o objetivo de lançar um novo olhar e sair das práticas habituais onde o aluno escuta, copia e devolve ao educador informações descontextualizadas, propomos atividades diferenciadas através da oficina: “Pesquisa como princípio educativo: espaço para autoria na construção de saberes

no ensino médio”, como subsídio para o educador inserir a pesquisa como metodologia de trabalho na sua prática diária. Sugerimos o uso dos livros da literatura infantil: “Curiosidade Premiada” e “Nicolau tinha uma ideia”, de Ruth Rocha, como instrumento de reflexão e análise buscando entender o significado da pesquisa na vida do educando, onde a construção do conhecimento, a curiosidade, a problematização a partir das hipóteses levantadas e a possibilidade de intervenção na realidade oportunizam novos entendimentos. A reflexão será embasada principalmente nos estudos de Demo e Freire. A sala de aula transforma-se em um lugar de conhecimento constituindo o sujeito, forjando o seu ser, o seu agir e o seu pensar. Dessa forma, o diálogo constante, o saber questionar, pensar e ouvir são formas de construção de novas relações entre os saberes, que ressignificam conhecimentos por meio da prática.

**Palavras-chave:** Protagonismo. Curiosidade. Aprendizagem. Significação.

## RESSIGNIFICAR SABERES ATRAVÉS DA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

*Solange KOLTERMANN<sup>1</sup>; Nairana SCWINZEKEL<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Graduação em Pedagogia, Pós-graduação e Mestrado em Educação nas Ciências: UNIÚÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí, RS. Docente na disciplina de Ensino Religioso, Coordenadora Pedagógica e Vice-diretora em escola da rede pública estadual do RS; <sup>2</sup>Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – UNIUI, professora e coordenadora dos projetos “Rádio na Escola” e “Gincana Escolar” na rede Pública Estadual.

E-mails: solangekoltermann@gmail.com; nayranas@yahoo.com.br.

A reflexão sobre a identidade e a prática pedagógica, a partir da visão e formação pessoal do educador no cotidiano escolar, transforma-se em um dos principais espaços de formação docente. Segundo Tardif (2002), o professor precisa conhecer o objeto de estudo de sua disciplina, não só possuir conhecimentos da formação acadêmica, mas também desenvolver um saber baseado na experiência cotidiana com os alunos. Nesse sentido, a proposta da oficina “Ressignificar saberes através da reflexão sobre a prática docente” oportuniza a reflexão sobre a prática e a formação docente no cotidiano escolar, desencadeando o desejo por mudanças e buscando soluções para os problemas detectados no espaço escolar, ressignificando saberes através da reflexão sobre a práxis docente. O ofício de educar vai além de um simples ensinar, auxiliando na construção global do ser humano, formando sujeitos pensantes, capazes de gerir a própria vida. O papel do educador não se restringe à repetição de conhecimento, pois perpassa toda a formação de valores e conceitos que estão inseridos no cotidiano do sujeito e intimamente ligados a todo conhecimento que construiu. Portanto, o processo reflexivo será desenvolvido a partir da contação da obra infantojuvenil: “Uma Professora Muito Maluquinha”, de Ziraldo. As análises serão embasadas nos relatos de experiências, nas apresentações de esquetes e fundamentadas teoricamente nos estudos realizados por Arroyo, De Certeau, Demo, Freire, Ferrazo, Goodson, Hall, Larrosa, Marques, Nóvoa,

Oliveira, Tardif. É importante ressaltar que, no cotidiano escolar, o professor é um sujeito sociocultural, o principal agente de formação e autoformação. No entanto, quebrar as práticas pedagógicas engessadas, as amarras de uma educação bancária, depositária e ultrapassada para os dias atuais, mas ainda presente na prática, é tarefa árdua e constante por parte dos professores/pesquisadores que fazem do seu dia a dia um aprender contínuo. Em suma, as aprendizagens, as histórias de vida, o que realmente marcou o dia a dia na escola ou na vida ficam guardadas no inconsciente, marcadas nas cicatrizes, na memória pessoal/social, individual/coletiva, norteadas o fazer pedagógico de cada professor, construindo/reconstruindo as concepções de escola, aluno e sociedade.

**Palavras-chave:** Ação. Reflexão. Ressignificação. Saberes. Aprender. Ensinar.

## PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES

Zeneida Mello da Silva BRITTO<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Bibliotecária-Documentalista. Câmpus Vacaria. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).  
E-mail: zeneida.britto@vacaria.ifrs.edu.br.

**Introdução:** A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados brasileiros. O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. O Portal conta com um acervo de mais de 38 mil títulos de revistas acadêmicas (periódicos) disponíveis para consulta em texto completo, 123 bases de dados de referências e resumos para levantamento bibliográfico (quem está publicando o quê), 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, mais de 25 mil documentos entre capítulos de livros, livros na íntegra, enciclopédias, obras de referência, normas técnicas, relatórios, estatísticas e conteúdo audiovisual. O Portal de Periódicos possui ferramentas de busca que permitem localizar artigos de periódicos, livros e bases de dados. Este minicurso abordará o emprego das ferramentas de busca (operadores booleanos, caracteres curinga), bem como a utilização do ‘Meu Espaço’, criação de alertas de pesquisa e instruirá em como se inscrever nos treinamentos agendados pelo Portal. **Objetivo Geral:** Apresentar um breve histórico do Portal de Periódicos CAPES, capacitar quanto ao uso das ferramentas de busca, orientar quanto ao uso do ‘Meu Espaço’, bem como apresentar algumas bases de dados. **Materiais:** Explanar, através de apresentação *PowerPoint* em *Datashow*, uso do laboratório de informática para que os participantes possam efetuar seu cadastro no ‘Meu Espaço’ e utilização de quadro branco

para exemplificar as buscas no Portal. **Métodos:** Minicurso ministrado de forma teórica e prática com o emprego de recursos multimídia e internet. **Resultados:** Espera-se que os participantes, após o minicurso, sejam capazes de efetuar estratégias de buscas de artigos de periódicos, bases de dados, capítulos de livros, etc., criem alertas para suas pesquisas. **Considerações Finais:** Para uma melhor utilização do Portal de Periódicos CAPES, faz-se necessário o conhecimento dos mecanismos de buscas para obter a informação de forma eficiente e satisfatória.

**Palavras-chave:** Portal de Periódicos CAPES. Mecanismos de Busca. Bases de Dados. Pesquisa. Operadores Booleanos.

## NEUROPSICOPEDAGOGIA: UM CÉREBRO NA ESCOLA!

*Eliana Pimentel SCORTEGAGNA<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Graduada em Educação Física. Curso de Qualificação em AEE – Atendimento Educacional Especializado. Pós-graduada em Saúde e Qualidade de Vida. Pós-graduada em Neuropsicopedagogia Saúde Mental.

A neurociência traz para os espaços de ensino a discussão de como o conhecimento da memória, do esquecimento, do sono, da atenção, do medo, do humor, da afetividade, da lógica, da linguagem... é estruturado em cérebros de crianças e adultos. A escola precisa conhecer sobre os processos mentais envolvidos na aprendizagem; os professores saber que nem todos os alunos aprendem do mesmo modo e os alunos como identificar e gerenciar seus comportamentos socioemocionais, lembrando que as diferentes partes do cérebro podem estar prontas para aprender em momentos diferentes. O ser humano aprende por repetição... quanto mais vezes recebemos o mesmo conteúdo, de diferentes formas, mais possibilidades de aprender. Observa-se que existem funções psicológicas no ato de aprender, como a percepção, a imaginação, o pensamento e a subjetividade, que têm relação inseparável com a afetividade, elemento indispensável para a efetivação da informação como conhecimento, armazenado na memória. Quando o cérebro aprende, acontecem mudanças físicas e químicas, realizando novos padrões de organização diante de uma nova informação, sempre que esta apresente frequência, intensidade e duração adequadas. Destaca-se que fenômenos biopsicossociais podem indicar a normalidade de uma criança, pois, quanto mais integradora for a imagem proporcionada por pais e professores, maior será a possibilidade de reconhecer suas capacidades e carências. A aprendizagem é um processo neuropsicocognitivo, interno e invisível, em que o indivíduo se apropria da realidade de forma muito particular, relaciona-se diretamente com alimentação, afetividade e estímulos. Tenhamos paciência, pois aprendemos em diferentes ritmos; para tanto, é necessário respeitar a

individualidade no modo de sentir, pensar e agir... enfim APRENDER.

**Palavras-chave:** Neurociência. Escola. Aprendizagem.

## AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR SENSÍVEL DO PROFESSOR

*Bruna Barboza TRASEL<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Mestranda em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Bolsista Taxa CAPES. Pedagoga. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ijuí-RS.

A avaliação pedagógica de bebês e crianças bem pequenas vem sendo discutida e olhada sob diversos ângulos, dada sua importância ao fazer-pedagógico do professor. Debruçar-se sobre esse tema nos possibilita refletir sobre os processos de ensino e de aprendizagem, que na Educação Infantil se dão pela indissociabilidade do cuidar e do educar, pautados nos eixos norteadores das interações e do brincar. O minicurso denominado “Avaliação na Educação Infantil: o olhar sensível do professor” objetiva discutir a avaliação de bebês e crianças bem pequenas na educação Infantil, fundamentado nas concepções de Jussara Hoffmann. A avaliação será tematizada não como mera prescrição de comportamentos, mas, sim, como a possibilidade de aguçar o olhar do professor a observar, ver, considerar os avanços no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças. Um olhar sensível e a escuta atenta são dois elementos importantes para a avaliação das crianças, pois o educador deve estar atento aos detalhes, ao que é quase imperceptível, ao que muitos ignorariam. Dentro de uma perspectiva de pesquisa-ação, enquanto metodologia que favorece a discussão e a construção cooperativa de conhecimentos, este minicurso pretende tencionar na práxis a avaliação na Educação Infantil, esclarecendo o conceito de avaliação, os tipos e funções da avaliação (formativa, somativa, diagnóstica, mediadora), o papel do professor ao avaliar e a possibilidade da documentação pedagógica como registro da avaliação.

**Palavras-chave:** Avaliação. Educação Infantil. Professor.

## A MAGIA DOS CONTOS DE FADA – TÉCNICAS E RECURSOS

*Monique Medeiros de SOUZA<sup>1</sup>; Carla CORAZZA<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Discente do curso de Pedagogia/UERGS; <sup>2</sup>Discente do curso de Pedagogia/UERGS.  
E-mails: moniquemedeiros20@hotmail.com; carlacorazza1@hotmail.com.

Conforme o dicionário Aurélio, magia é encanto; a fascinação deve estar presente na vida das crianças, porém só é executável a partir dos atos e imaginações também de quem as rodeia, não dependendo apenas da criança. Todos nós sonhamos um dia com o príncipe encantado, com um castelo mágico, ou com “a magia dos contos de fada”; é isso que pretendemos despertar em nossa oficina, a magia da interpretação e a qualidade dos recursos e técnicas, que não necessitam dos mais sofisticados materiais, mas do amor e encantamento pelo mundo mágico dos contos de fadas, tendo embasamento teórico de livros específicos de contação de histórias, de relatos e experiências na arte de contar. É a partir dessas demonstrações de encanto que acabamos despertando em nossas crianças a criatividade e também o interesse pelos mais diversos contos de fadas, desde aquele do príncipe encantado até o da bruxa malvada, propiciando mais tarde um maior envolvimento nas atividades literárias. Com a intenção de fornecer ferramentas para o trabalho em sala de aula ou em oficinas para as crianças, será oportunizado um momento de interação e socialização, assim desenvolvendo a expressão corporal, facial, entonação de voz, caracterização e sentimento, pois é preciso sentir o que o personagem sente e o que ele quer passar, isto é interpretar. E, acima de tudo, o quanto pode ser envolvente uma história com um toque mágico.

**Palavras-chave:** Magia. Encanto. Contação. História.

## **EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO BALCÃO DO CONSUMIDOR**

*Felipe Luiz da ROSA<sup>1</sup>; Raquel Buzatti SOUTO<sup>2</sup>; Alexsandra Gato  
RODRIGUES<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmico do 8º Semestre do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ;

<sup>2</sup>Professora Co-orientadora. Professora do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. <sup>3</sup>Professora Orientadora. Doutoranda em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/Santo Ângelo), Mestre em Direito pela Universidade de Santa Maria (UFSM); Mestra em Desenvolvimento pela Universidade Regional do Noroeste do Estado (Unijuí); Especialista em Direito Constitucional pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra); Graduada em Direito pela Universidade de Cruz Alta (Unicruz). Advogada, Conciliadora Judicial e Professora do Curso de Direito da Unicruz.

E-mails: felipel Luiz.r@outlook.com; rsouto@unicruz.edu.br; agato@unicruz.edu.br.

A Sociedade de consumo encerra em si uma potencial contradição: valoriza o fator humano no processo de criação, porém, simultaneamente, desqualifica os que não dispõem de conhecimento dos instrumentos de inclusão. As relações de consumo, vistas sob o aspecto tecnológico e geográfico, ao longo do tempo, têm demonstrado serem cada vez mais abrangentes. Neste cenário, o Código de Proteção e Defesa do Consumidor (CDC) ingressa nas relações de consumo, a fim de concretizar maior proteção ao consumidor. O Balcão do Consumidor da UNICRUZ tem como um de seus objetivos a educação para o consumo no âmbito das relações de consumo, na medida em que esclarece pontos importantes para os consumidores, indivíduos integrantes de uma nova geração de direitos, no que se refere aos direitos oriundos das relações de consumo, visando à sua proteção e atendendo às suas necessidades, no que diz respeito à sua dignidade, saúde, segurança e à possibilidade de reclamar seus direitos pela via do Judiciário. Diante da constatação dos problemas enfrentados pelos consumidores, especialmente, diante da falta de acesso à resolução de controvérsias extra e judicialmente, bem como falta de educação da sociedade para o consumo, a situação-

problema para, concretamente, na escassez de propostas jurídicas que garantam aos consumidores seus reais direitos de forma efetiva. Assim, por meio extrajudiciário de resolução de situações conflituosas nas relações de consumo é como atua o Balcão do Consumidor. Para o desenvolvimento desta pesquisa utiliza-se o método de abordagem dedutivo, uma vez que parte de questões gerais, para então tratar de questões específicas acerca da proteção do consumidor de sua posição privilegiada em decorrência da noção de vulnerabilidade equalizada através dos princípios e direitos básicos que informam o sistema jurídico de proteção ao consumo. O trabalho do Programa de Proteção e Defesa do Consumidor, através do Projeto Balcão do Consumidor, está atrelado à contemporaneidade das relações de consumo, cada vez mais dinâmica. Esse fator exige a associação de elementos distintos da estagnação e inércia de políticas inoperantes. A ideia de transformação social inicia quando os consumidores são tocados pela possibilidade de educação e busca de uma efetivação do acesso à justiça.

**Palavras-chave:** Educação. Consumo. Balcão do Consumidor.

## CURRÍCULO LATTES: CRIAÇÃO VIRTUAL E SISTEMATIZAÇÃO DOCUMENTAL

*Ricardo Eugenio DILL<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Biólogo - UFSM e Tecnólogo em Agroindústria - UERGS. Técnico de laboratório da Região III da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Unidade em Cruz Alta.  
E-mail: r.edill@hotmail.com.

O CNPq disponibiliza a Plataforma Lattes através da qual é possível preencher e acessar o Curriculum Lattes. Esse é um formulário eletrônico adotado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, CNPq, FINEP e CAPES/MEC para o cadastro de dados de pesquisadores e de usuários em geral com objetivo de criar um instrumento curricular único para a avaliação da competência de candidatos à obtenção de bolsas e auxílios, seleção de consultores, de membros de comitês e de grupos assessores, assim como oferecer subsídio à avaliação da pesquisa e da pós-graduação brasileiras. Atualmente, o CV Lattes se tornou um padrão nacional no registro do percurso acadêmico de estudantes e pesquisadores. As apresentações de trabalhos em congressos, simpósios ou em outros encontros científicos, a publicação de artigos em revista, e tantas outras formas de desenvolvimento universitário compõem esse percurso e geram comprovantes destas ações desenvolvidas e que virão a ser acrescentadas no currículo. Os dados do currículo estão estruturados de maneira hierárquica no sistema virtual. O sistema está dividido em seis módulos, sendo dois para preenchimento de dados – módulo Dados Gerais e módulo Produção – e quatro referentes a ferramentas disponíveis para gerenciar as informações cadastradas. No que se refere à sistematização documental, são todos os registros de produção acadêmica e participação em eventos científicos cadastrados no sistema. Certificados, atestados e publicações são documentos e devem ser guardados de forma sistêmica para posterior comprovação, que, geralmente, ocorre em concursos e seleções de

mestrado e doutorado, através de provas de títulos. No entanto, para jovens que ingressam na carreira acadêmica, é demandado um esforço para serem identificadas, corretamente, suas proezas durante a graduação e a sistematização de seus documentos. Tendo em foco essa problemática, o objetivo da oficina foi permitir que os participantes, principalmente acadêmicos novatos, criassem o seu Currículo Lattes na plataforma do CNPq, compreendessem como utilizar as ferramentas virtuais do site e aprendessem a organizar de forma sistêmica os certificados e comprovantes das ações acadêmicas desenvolvidas na graduação. Os participantes desenvolveram as atividades no laboratório de informática da UERGS na unidade universitária de Cruz Alta durante o II Seminário Internacional e VIII Seminário Estadual de Educação. Dessa maneira, a oficina colaborou para a criação virtual do Currículo Lattes e a sistematização documental dos seus comprovantes, auxiliando na melhor organização do acadêmico que gostaria de seguir a carreira universitária.

**Palavras-chave:** Curriculum Lattes. Academia. Sistematização Documental.

## TEATRO EDUCAÇÃO

*Juliana Campoy Miranda de SOUZA<sup>1</sup>; Geziel da Silva de SOUZA<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Professora da Rede Pública Municipal de Pejuçara. Professora da Rede Estadual de Ijuí. Acadêmica de Pedagogia/Uergs; <sup>2</sup>Diretor do Grupo Vir a Ser Teatro de Ijuí/RS.

E-mails: jcampoy77@gmail.com; gezitete@bol.com.br

A oficina de Teatro Educação tem base nos estudos feitos pelos autores Ingrid Dormien Koudela, Olga Garcia Reverbel, Viola Spolin e Paulo Freire. Houve uma revolução no ensino de teatro na escola através do movimento da Escola Nova. Segundo Ingrid Koudela (1984), “No século XIX, o educador preocupava-se mais com os fins da educação do que com o processo de aprendizagem”. Esse ensino tradicional não levava o educando a tornar-se um cidadão crítico, mas sim um reprodutor da organização social vigente. Nesse contexto de mudanças, o Teatro Educação começa a incentivar a socialização e a auxiliar o aluno a desenvolver sua liberdade. O “produto” passa a não ser mais supervalorizado, mas começa-se a dar mais atenção ao processo de evolução trilhado pelos estudantes. Na educação progressista, para Koudela, “o professor não devia ensinar teatro mas libertar a criatividade da criança, fornecendo um ambiente propiciador de iniciativas”. A criança aprende primeiro com suas experiências corporais, para depois aprender a ler e a escrever. E, mesmo depois de aprender, é importante continuar estimulando todos os seus sentidos para que ela se sinta mais segura e se desenvolva integralmente. Os jogos teatrais auxiliam os participantes a evoluírem enquanto atores e enquanto cidadãos. Viola Spolin (1963) afirma que “Qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social e propõe intrinsecamente um problema a ser solucionado – um ponto objetivo com o qual cada indivíduo deve se envolver, seja para atingir o gol ou para acertar uma moeda num copo. Deve haver acordo de grupo sobre as regras do jogo e interação que se dirige em direção ao objetivo para que o jogo possa acontecer”. Na hora da avaliação no Teatro Educação, é preciso ponderar para que

essa avaliação seja emancipatória e não excludente. Como declara Olga Reverbel (2010), “Avaliar uma atividade de expressão realizada pelo aluno em sala de aula é fácil para o professor formal, cobrador de resultados, o professor bancário, que deposita no aluno uma massa de informações para, mais tarde, cobrar altos juros de aproveitamento dos conteúdos. Trata-se, nesse caso, de um professor da época em que o aluno era um ouvinte estático, um triste memorizador; resumindo: um alienado”. O professor de teatro é um mediador e não o detentor do conhecimento, levando seus educandos a desenvolverem-se e descobrirem-se livres. Paulo Freire (2015) dizia que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Através do Teatro Educação, estamos dando autonomia aos nossos estudantes.

**Palavras-chave:** Teatro. Educação. Escola Nova.

## O EXERCÍCIO DA DIFERENÇA NA CONTEMPORANEIDADE

*Rodrigo AMARANTE<sup>1</sup>; Jucélia R. FERREIRA<sup>2</sup>; Tatiana L. RECH<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Pedagogia e bolsista do Pibid; <sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia e bolsista do Pibid; <sup>3</sup>Professora Adjunta/Uergs.

E-mails: amaranterodrigo@outlook.com; juceliaedfisica@gmail.com; tatianarech@yahoo.com.br

Na Contemporaneidade, podemos observar um amplo leque educacional de novas práticas e metodologias que contribuem significativamente para os processos de ensino e de aprendizagem dos sujeitos, levando-os a vivenciarem novas experiências e diferentes aprendizados. Tais iniciativas atravessam as fronteiras da sala de aula quando aliamos o conteúdo curricular às novas práticas, onde projetos podem ser desenvolvidos a partir da articulação entre teoria e prática. Isso proporciona novas experiências pedagógicas, em vez de vários e aleatórios planos de aula que, muitas vezes, não conversam entre si. O presente minicurso tem como objetivo apresentar propostas de atividades para serem feitas em sala de aula que estimulem os alunos a respeitarem a singularidade de cada um. Também busca refletir sobre as inúmeras possibilidades de construção de outras atividades pedagógicas mobilizando o aluno a participar desse processo. Com base nisto, constatamos a possibilidade de trabalhar os conceitos de diversidade e diferença em um sentido mais amplo a partir das reflexões de alguns autores que movimentam o nosso pensamento, dentre eles: Brah (2006), Cézar (2003), Foucault (1995, 1999), Lopes (2007), Veiga-Neto (2009), entre outros. Assim, o minicurso está organizado com atividades diferenciadas e dinâmicas que oportunizam a reflexão, com a finalidade de apresentar novas possibilidades para que professores e alunos possam vivenciar o exercício da diferença dentro de sua realidade educacional.

**Palavras-chave:** Educação. Contemporaneidade. Diversidade. Diferença.

## JUSTIÇA CURRICULAR E A PRODUÇÃO DE PROJETOS SOBRE CONTEÚDOS ATITUDINAIS

*Armgard LUTZ<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Profª. Dra. da Uergs, Rua Sete de Setembro, 1146, Bairro Centro Histórico, Porto Alegre.  
CEP 90010 191.

E-mail: hepplutz@gmail.com

A justiça curricular, ainda longe dos debates travados dentro das escolas, é tema que vem sendo debatido por pesquisadores e curriculistas, desde longa data, porém sem efetivos ganhos na transformação curricular da educação. A concepção de justiça curricular foi se delineando a partir da análise da justiça distributiva como fórmula condensada da justiça em educação. A universalidade do acesso à educação através de campanhas, de grandes projetos de justiça educacional é o objetivo da justiça distributiva, mas que ainda não atingiu todas as populações mais pobres do mundo. O foco se localiza na oportunidade igual de acesso ao ensino médio e à educação superior, todavia, mesmo nos países ricos, há muitas defasagens. Os modernos sistemas de educação estão submetidos a descompassos, tendo no investimento desigual na escolarização das crianças pobres e das crianças ricas, nas barreiras institucionais e econômicas à educação das meninas e das raças oprimidas, as principais causas. A justiça tem sido a meta dos programas de educação compensatória, de dessegregação, de ação afirmativa, de esquemas de bolsa e outros semelhantes, afirma Connell (1995, p. 12). Diante do não rompimento com as desigualdades, a luta pelo acesso de todos ao bem social que é o serviço educacional deve continuar. A ampla oferta do serviço educacional faz com que em qualquer lugar do mundo seja fácil reconhecer uma escola e como ela funciona. Porém, o que se debate é no que consiste esse serviço educacional levando em consideração os campos da teoria de currículo, dos métodos de

ensino e da psicologia da aprendizagem. Quando os projetos curriculares oficiais são apresentados aos receptores, escolas e professores, de imediato são reconhecidos como o resultado de um consenso, de um projeto coletivo que atende todas as perspectivas dos diferentes grupos, o que não é verdadeiro. O que se pretende esclarecer é que a determinação curricular é um campo de debates e lutas permanente entre diferentes posicionamentos, pedagógicos e políticos, em que são definidos valores, noções e significados sociais da posição social e técnica dos professores, dos instrumentos político-institucionais, metodológico-didáticos e conceituais a serem implementados. Os projetos curriculares, portanto, não são neutros, pelo contrário, situam os sujeitos num universo significativo dado e cultural que acontece não apenas através dos conteúdos como também através da hierarquização, discriminação, pautas de ação, prioridades, padrões de socialização. Compreende-se que o currículo hegemônico é o resultado de quem venceu na sua construção, não representa todos os grupos culturais, profissionais e tenta submeter-disciplinar e, ao mesmo tempo, avaliar os sujeitos e as suas identidades. A democratização dos projetos curriculares dependerá das estratégias colocadas em ação para acionar a participação cidadã dos envolvidos e da sociedade em geral. A crítica ao currículo hegemônico menciona que ele é seguido cegamente pela maioria das escolas, desconhecendo a realidade do público que a frequenta bem como da realidade das comunidades, bairros e cidades dos contextos escolares. A ótica da justiça curricular propõe superar o conceito de justiça distributiva em que todos têm acesso à escola e seguir em direção a um conceito de justiça efetivado na seleção e organização do conhecimento no currículo. Alguns princípios para o planejamento de um currículo justo foram propostos por Connell (1995), entre eles levar em conta os interesses dos grupos com menor vantagem; participação e escolarização comum; a produção da igualdade. A exigência da justiça implica assumir o ponto de vista dos dominados e oprimidos, não o ponto de vista dos poderosos.

Quando as escolas são acusadas de fracasso no ensino dos conteúdos básicos, parte-se do princípio de que todos sabem o significado do básico e que ele é fixo. Desse ponto surgem as testagens de escolas, de programas, gerando a competição entre escolas como soluções. Todavia, a justiça curricular deve discutir a natureza da educação em si, focalizando as relações sociais de dominação e opressão que impedem as pessoas de realizar seus potenciais e barram sua participação social plena. Resultados de várias pesquisas apontam que o conhecimento escolar é um elemento-chave no processo de produção da desigualdade social. A partir desse argumento, propôs-se a pesquisa com foco em dois pilares da educação: saber ser e saber conviver, segundo Delors (2003), com o objetivo de mobilizar o currículo escolar em torno das diferenças culturais embutidas nos aspectos atitudinais do povo brasileiro local. Seguindo a metodologia de pesquisa qualitativa, examinaram-se as postagens de professores cursistas de um curso on-line, edição 2017 (1) sobre construção participativa da disciplina escolar, intitulado “Sem medo da indisciplina: a construção participativa da disciplina na sala de aula”. As postagens selecionadas foram sobre situações de indisciplina vivenciadas e como foram solucionadas, interrogando em que aspectos o processo foi democrático e considerou concepções culturais diferentes sobre as questões atitudinais. Entre os resultados obtidos destacam-se que as escolas não incluem em seus programas curriculares projetos longitudinais sobre os conteúdos capazes de dialogar com as diferenças culturais e sociais; que o cotidiano escolar desafiado pelas atitudes inconvenientes, pela violência dos alunos é tratado de forma solitária, individual, de acordo com princípios de cada professor e não são fonte de formação continuada de professores; que as famílias não têm oportunidades para compartilhar dificuldades e êxitos com a educação dos filhos, netos, etc. ; não há processos preventivos educativos compartilhados com toda a comunidade escolar. Conclui-se que há necessidade de orientar os professores, através

da formação continuada para a formulação e desenvolvimento de projetos participativos sobre conteúdos atitudinais. Trata-se de uma proposta de validar os pilares da educação que é saber ser e saber conviver. De nada vale centralizar a ação da escola no saber conhecer e saber fazer se é com o saber ser e saber conviver que as pessoas conseguirão alavancar seus projetos de vida. A formação continuada, através de oficinas teórico-técnicas, contempla a definição de critérios que definem os conteúdos atitudinais, passos para o envolvimento da comunidade escolar e um cotidiano escolar preventivo e construtor do saber ser e conviver. Propõe-se orientar a elaboração dos princípios norteadores ou de suporte aos conteúdos atitudinais, conceituação e definição dos conteúdos atitudinais a serem perseguidos pela escola; atitudes e atividades cotidianas, comuns a toda escola, em todas as turmas; atividades semanais e mensais para cada turma como as assembleias escolares; atividades temáticas mensais para a escola, ex: Diferenças: quem sabe o que sou?; A perfeição/ imperfeição de cada um; super heróis de cada família ou vizinhança, etc; atividades temáticas mensais ou bimensais ou trimestrais para a comunidade escolar e relatório mensal dos avanços atitudinais em cada turma.

**Palavras-chave:** Justiça curricular. Projetos. Conteúdos Atitudinais.

## REFERÊNCIAS

- CONNELL, R. W. Justiça, conhecimento e currículo. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, Jose Clóvis de (org.) *Reestruturação Curricular: teoria e prática no cotidiano da escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2 ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.
- JARES, Xésus R. *Educação para a Paz: sua teoria e sua prática*. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- <https://www.scolartic.com/web>. Edição do curso 2017 – 1.

## **RESUMO EXPANDIDO**

# CONVIVÊNCIA ESCOLAR, ÉTICA E MORAL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

*Tatiane Lopes, Martha M. Wankler Hoppe*

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade Porto Alegre, Avenida Bento Gonçalves,  
8855, Partenon, CEP 91540-000

E-mails: tcarmolopes@hotmail.com; martha.hoppe@gmail.com

## **Resumo**

Este estudo trata da ética na convivência escolar, enfocando diferentes questões que levam a tensões na convivência escolar. O conceito de ética e moral é tratado conforme análise do filósofo Tugendhat (1996), e as questões éticas na escola, por meio das pesquisas de Piaget (1977, 1994, 2014) e LaTaille (2006, 2009, 2010). O objetivo foi levantar as situações éticas enfrentadas pelos professores e compreender como analisam e decidem conduzi-las. Foi utilizada uma metodologia qualitativa com entrevistas individuais, gravadas e transcritas. Os dados foram analisados de modo descritivo e classificados conforme as questões subjacentes às situações narradas. Os resultados revelaram que as maiores tensões estão situadas nas ações de inclusão, em aspectos da educação familiar, do sistema educacional e da segurança social.

**Palavras-chave:** Convivência. Ética. Educação Infantil. Aprendizagem.

## **INTRODUÇÃO**

A convivência na escola de Educação Infantil é marcada pela profunda aproximação dos professores com as crianças que frequentam a escola. O professor que assume suas funções em um berçário assume tarefas de cuidados com a higiene, alimentação e sono dos bebês, além de realizar brincadeiras no solo para estímulo dos movimentos, do engatinhar e do caminhar. No maternal, o professor está mais atento aos relacionamentos das crianças, ao modo como brincam e, principalmente, à forma como elas expressam suas inconformidades, curiosidades e sensualidade. Todo este complexo campo de atividades que envolvem as relações entre crianças e professores se configura na experiência de convivência escolar.

O professor, ao compartilhar as relações sociais das crianças na escola, observa as diferentes reações e manifestações no convívio social das crianças. Algumas destas manifestações das crianças podem chocar os professores por lhes parecerem indesejáveis para uma criança e porque o é para si próprio. Neste momento, o professor pode intervir ou achar que deve intervir para não mais presenciar ou ouvir aquele tipo de manifestação da criança. Para que os problemas sejam tratados de modo mais racional, mais livres de julgamentos sensíveis e emocionais, é necessário que as tensões que mobilizam os professores sejam tratadas de modo crítico, reflexivo e contínuo, tanto na formação inicial de professores quanto na formação continuada. Ética e convívio estão ligados de modo intrínseco, pois não podemos estabelecer relações de convivência sem criar e manter normas de bem viver.

Abordar a convivência escolar exige tratar de temas constitutivos da condição humana, da personalidade e da singularidade de nossa existência. Nesta direção, nossa pesquisa objetiva analisar como os docentes se posicionam em relação a regras morais em situações de tensão na convivência escolar.

Dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), encontramos referências aos princípios éticos na definição da educação como um dever da família e do Estado. Princípios como autonomia, convivência, diálogo, conversação, dignidade humana, igualdade, justiça, participação, solidariedade, tolerância para enfrentar as contingências do cotidiano escolar são inspirados nos princípios de liberdade tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. No artigo 2º. e 3º. , a educação em valores é considerada o fim da educação escolar, já que, junto com aquisição de conhecimentos, competências e habilidades, faz-se necessária a formação de valores básicos para a vida e para a convivência, as bases para uma educação plena, que integra os cidadãos em uma sociedade plural e democrática. Os

valores elencados são a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, ao pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas. A LDB propõe o respeito à liberdade e o apeço à tolerância, a gestão democrática do ensino público. O filósofo Tugendhat (1996) entende que vivemos uma desorientação moral porque estamos nos emancipando de uma moral religiosa e não sabemos como justificar os nossos juízos morais. Como a moral necessita de uma justificativa, surge a distinção entre uma justificativa tradicional e autoritária (o certo e o errado), e uma justificativa igualitária e simétrica (o bom e o mau). A convivência é regulada pelos padrões morais adquiridos pelo sujeito desde o início da vida e reproduzidos de modo espontâneo. Por este motivo, a justificativa pelo “certo” e o “errado” está fundada na obrigação moral, e a justificativa de um juízo como “bom” e o “mau” decorre de uma reflexão sobre essa moral e num princípio ético.

Os estudos sobre a moral e a ética em psicologia da educação têm como referência a teoria de Piaget (1930/1994) e sua obra “O julgamento moral na criança”, onde defende a relação entre o desenvolvimento da racionalidade e o desenvolvimento da moral. Ele estabelece que as relações morais na criança estão intimamente ligadas às reações emocionais ou necessidade de afeição recíproca com adultos e com outras crianças. Nesta obra, Piaget não defende uma educação da moral formal, mas, sim, a aprendizagem de valores por meio de experiências na escola.

No Brasil, La Taille (2003) defende que a escola precisa definir princípios como a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a justiça e defendê-los com afinco em todas as situações escolares. Defende que os professores usem situações de injustiça como exemplo para trabalhar acordos e que não apelem para sorteio ou votações para tomarem decisões. Trabalhar na construção de acordos pode ser um exercício ético importante e pode servir para afirmar os princípios éticos do professor e da escola.

As escolas devem trabalhar com lacunas de conhecimento (o que pensar em situações não conhecidas) e desenvolver ferramentas intelectuais (a partir de teorias) com procedimentos (conforme uma metodologia definida) para que o sentido seja conquistado (um novo sentido) e suplante o tédio (LA TAILLE, 2009). O tédio é a situação de descaso e desinteresse, tão comumente encontrado em ambientes escolares e que pode ser definido como uma “cultura do tédio”. Sair do tédio é buscar novos sentidos para a convivência na escola.

É a partir das situações que tensionam as professoras e por meio dos aportes teóricos acima citados que iniciamos nosso estudo. Objetivamos buscar o entendimento sobre a condução de situações que tencionam o professor na escola: como pensar a moral e refletir sobre ela para assumir de modo ético as decisões na escola?

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada nesta pesquisa teve um delineamento qualitativo e ideográfico. Foram realizadas entrevistas individuais, gravadas e transcritas. O procedimento foi de solicitar ao professor que falasse sobre situações de convivência na escola, envolvendo aluno, familiar ou colega na escola, e como forma os encaminhamentos dados. A pesquisa foi realizada com professoras de escolas de Educação Infantil, três do interior do estado e três da capital, com um total de dez professores entrevistados.

Os dados foram analisados de modo descritivo, com identificação e caracterização das diferentes situações éticas enfrentadas e das reflexões sobre cada uma delas. O estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UERGS.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A escuta dos professores nos levou a ouvir suas narrativas e buscar a compreensão dos sentidos dados às experiências relatadas:

Questão1: O professor não se sente preparado para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais, mesmo após formação continuada: falta de supervisão sistemática, de apoio em sala de aula, além de haver excesso de crianças na sala de aula. Como refletir eticamente sobre o trabalho pedagógico realizado?

“[...] De manhã, eu tenho um menino com autismo e o outro é hiperativo, e à tarde eu tenho dois autistas, um leve e um bem grave, sério mesmo. [...] Então está sendo muito complicado e daí também isso deixa a gente muito estressada, né... Porque, por mais que eu conheça, por mais que eu já tenha feito curso ... como saber, como lidar? Eu tenho mais treze crianças para atender.”

(Professora de Educação Infantil há quinze anos).

“[...] tinha uma menina que era de rua nesta turma e que também foi uma dificuldade lidar com ela, [...] mas ela queria o abraço e ao mesmo tempo queria empurrar e se botava entre as outras crianças. [...] ela se agarrava de uma forma que dava trabalho para a gente conseguir separar” (Professora há oito anos na EI).

Questão 2: O professor precisa lidar com crianças que não recebem cuidados adequados na família (crianças que vivem algum tipo de negligência) independentemente do nível socioeconômico, ou vivem em situação de extrema pobreza. Os professores enfrentam as pressões diretas ou indiretas das famílias. Como tratar com a moral familiar?

“Com as famílias, eu acho mais difícil de trabalhar, um exemplo: o horário. A escola está aberta das 7 da manhã às 19 horas, são 12 horas de trabalho. [...] alguns pais trabalham 4 horas, e deixam as crianças aqui até 12 horas. Muitas mães estão em casa e deixam as crianças os dois turnos na escola. Porque isso também, a gente permite, se permite ... porque se isso fosse uma regra” (Professora há trinta anos e há dezoito anos na EI).

“[...] alguns (alunos) tu sabe que passam o dia na rua. [...] Vão ao banheiro e não usam o papel e daí tu diz: Tu não vai usar o papel? – Mas eu não uso isto em casa. [...] Nós perdemos dois, três, quatro meses, só nestas questões de socializar, dar regras de convivência, regras de higiene, regras de uma boa alimentação, os hábitos” (Professora há trinta anos na EI).

“A gente chamou vários pais para a conversa em reuniões de pais e vimos que eles eram mais complicados que as crianças. Daí a gente começou a compreender por que as crianças eram daquela forma. [...] era difícil, teve mães que chegaram para mim (falando de criança de 5 anos): Ah, tu sabes que eu em casa eles não me deixam usar o computador. É só deles para os jogos deles. Eu não posso usar” (Professora há oito anos de EI).

Questão 3: O professor precisa lidar com a visão tradicional da escola com excessiva ênfase na disciplina, no cronograma, sem trabalhar as questões éticas com alunos e com professores. Como falar sobre a regra vigente e se posicionar eticamente?

“É, mas isso é difícil porque a gente tem um ano só com eles, tu quer que nesse um ano aconteça ... uma mágica, que seja rápido, mas não é. Alguns sim, outros não. Mas eu acho que, em algum momento, eles começam a entender. Mas é engraçado porque alguns comportamentos se mantêm mesmo com o entendimento”. [...] “eu e a outra professora nós conversávamos muito. A gente tentava um milhão de coisas e quando chegou num momento que não sabe o que fazer... e precisa de ajuda. A gente pediu ajuda, e o que escutou naquela época é que agente não era boa o suficiente e, que a turma tinha chegado naquele estágio por incompetência nossa e que a gente tinha que dar conta sozinha” (Professora há oito anos na EI).

“Eu procuro respeitar [o que é estabelecido na escola] ao mesmo tempo não deixar que isso que não é permitido pelos outros afete o meu trabalho porque tem coisas que eu não permito e os outros [professores]. Que eu acho que entra na questão de disciplina como a riscar na parede. [...] Tudo bem, mas existe um limite, do até onde pode se riscar na parede ou não. E tem outras coisas do tipo: uma vez eu fiz um corredor de cadeiras para que eles pudessem passar tanto por baixo como por cima das cadeiras. Aí uma professora disse “mas tu vai deixar fazer toda essa bagunça?” Eu disse: Mas depois nós vamos arrumar. Eu procuro sempre ser mais flexível, mas eu não gosto de descaracterizar o meu trabalho porque eu tenho essa proposta, eu quero que ela seja realizada da melhor forma possível. Eu não vou deixar que o pensamento de outro afete na realização do meu trabalho, da minha prática ainda mais se eu tenho convicção de que aquilo alí vai ser produtivo. A gente se abre sempre a novos olhares, a novas opiniões mas a gente tem que saber também até que ponto flexibiliza o trabalho” (Professora há dois anos na EI).

Questão 4: Como se posicionar diante da violência fora da escola e presenciada pelos alunos? A escola não tem autonomia para decidir sobre punições aos alunos por temerem os direitos que protegem as crianças e adolescentes. Como intervir na relação aluno/família/comunidade?

“Nós como professores não podemos punir, não podemos chamar a família, pois são de famílias totalmente desestruturadas. E foi a primeira vez com esta aluna? Comigo foi, e esta aluna vem de uma família muito desestruturada e aí o que acontece para nós nos envolvermos na família acabamos correndo risco também porque eles ameaçam que o pai [...] então depois que veio toda esta questão de ECA, questão de impunidade, a gente (escola, professor) fica muito mal, porque a gente não pode punir, tu não

pode expor, e a outra pessoa que foi lesada ela espera o retorno da escola, o que fizeram com a outra parte?”

(Professora do Ensino Fundamental e Educação Infantil há 30 anos)

Nestas quatro questões levantadas, destacadas das entrevistas com as professoras, constatamos que as dificuldades estão situadas na formação docente, na relação da escola com o sistema educacional (seus princípios), na relação entre os professores (senso de coletividade) e na tendência a concluir com juízo de cunho emocional com o julgamento de um responsável (ao modo de uma culpa a ser revista). A condução das e descartando a análise da reflexividade e expansão do pensamento para novas formas de pensar e novas regras morais que atendam a maior parte dos envolvidos no momento dado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES: PRIMEIRAS QUESTÕES PARA DEBATE**

Como resultado das entrevistas realizadas com os professores, podemos levantar as seguintes questões a serem analisadas e debatidas:

- 1- A ética no atendimento a crianças com necessidades educacionais especiais;
- 2- A ética no atendimento a crianças com deficiências de cuidados básicos por negligência ou provenientes de famílias em situação de extrema pobreza;
- 3- A ética na mudança do sistema educacional tradicional e diretivo para um sistema cooperativo e democrático de participação e compromisso da comunidade escolar;
- 4- Enfrentamento da violência social com fortalecimento da equipe diretiva e conselho escolar de modo a construir conhecimento sobre as condições de segurança e refletir sobre ações de promoção ao convívio produtivo na escola.

Há uma necessidade de realizar atividades sistemáticas, como rodas de conversa com alunos e comunidade escolar, que proporcionem subsídios e argumentos para serem debatidos e deliberados em reuniões administrativas e pedagógicas. Pode incluir a criação de um código de ética na escola.

Estes momentos de conversação e trocas de ideias promovem uma maior integração e abrem perspectivas para novas alternativas na condução dos problemas diários na escola.

O que constatamos na atuação dos docentes é a falta de debate, de conversação e de questionamento entre professores, alunos e comunidade escolar.

A hipótese levantada é de que os professores têm um saber sobre as questões éticas com que lidam no cotidiano escolar, porém, necessitam construir o conhecimento sobre este saber para poderem consolidar o planejamento escolar e gestão na educação.

Este conhecimento deve ir além da análise sensível e emocional das situações, sem direcionar a responsabilidade de uma parte de modo a centralizar em possíveis “culpados que devem ser punidos”. As punições podem focar situações de aprendizagem que transformem ações de dano ao outro em ações formadoras e que promovam reflexão e reparação.

E necessário manter viva a questão: como promover a ética na convivência escolar para promover a integração de diferentes princípios, valores morais e ideias sobre educação que possam ser amplamente debatidos e sistematicamente revisados pela comunidade escolar?

**AGRADECIMENTOS:** este estudo recebeu financiamento da FAPERGS com bolsa de iniciação científica.

## **REFERÊNCIAS**

- LA TAILLE, Yves de. Moral e Ética: Uma leitura psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 26, p. 105-114, 2010.
- LA TAILLE, Yves. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- LA TAILLE, Yves. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LIMA, Ane Elen de Oliveira. *A ética e o ensino infantil: o desenvolvimento moral a pré-escola*. 2003. 154 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91263>>.
- PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. 4ª. São Paulo: Summus Editorial, 1994.
- PIAGET, Jean. *Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da. *A dimensão ética do ensino na docência universitária: concepções e manifestações na formação inicial de professores*. Dissertação de Mestrado, Mestrado Acadêmico em Educação. Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: [www.uece.br/ppge/.../Dissertação%20Lidiane.pdf](http://www.uece.br/ppge/.../Dissertação%20Lidiane.pdf). 2010. Acesso em 12/01/2016.
- TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

## EDUCAÇÃO OU ADESTRAMENTO?

*Rodrigo AMARANTE, Maria Clara Ramos NERY*

Acadêmico regular graduando em Pedagogia - Licenciatura da UERGS Unidade de Cruz Alta, bolsista do PIBID/CAPES: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul UERGS Unidade de Cruz Alta Rua General Andrade Neves – 336 Centro CEP 98025810 – Cruz Alta, RS - Brasil; Professor adjunto com doutorado atuando no Curso de Pedagogia da UERGS Unidade de Cruz Alta, coordenadora de área do PIBID/CAPES: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul UERGS Unidade de Cruz Alta Rua General Andrade Neves – 336 Centro CEP 98025810 – Cruz Alta, RS – Brasil.

E-mails: rodrigo-amarante@uergs.edu.br; maclarany@brturbo.com.br.

### Resumo

O presente estudo parte do legado de Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* onde, entre outras temáticas, aborda em sua terceira parte a problematização dos *dispositivos "disciplinares"* presentes no sistema educacional, gerando o que o autor nomeia *adestramento*. Aliando as ilustrações de Francesco Tonucci disponíveis na obra *Com olhos de criança*, o objetivo da análise é questionar a forma como alguns dos microdispositivos presentes na educação moderna, naturalizados, são despercebidos, estabelecendo interpelações e atravessamentos ao sujeito-aluno e ao sujeito-professor. Como consequências existem práticas educacionais que levam à internalização de regras e normas geradoras de padrões comportamentais que propiciam a continuidade dos preconceitos que atravessam o ambiente educacional e continuam diariamente presentes em nossa contemporaneidade.

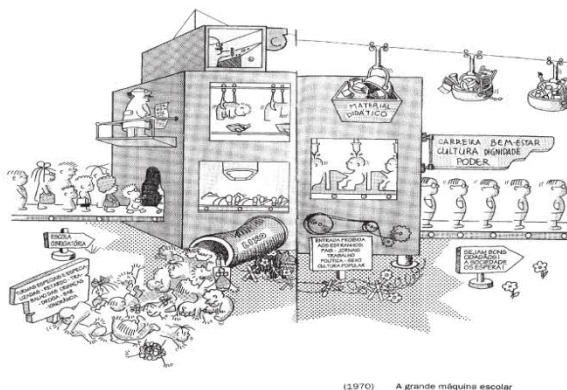
**Palavras-chave:** Educação. Michel Foucault. Estudos Foucaultianos. Adestramento. Disciplina.

### INTRODUÇÃO

Partindo do legado de Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*, onde o autor, entre outras temáticas, aborda em sua terceira parte a desconstrução do conceito de ‘*disciplina*’ presente no sistema educacional configurando-o como adestramento, que envolve tecnologias de dominação as quais agem sobre os corpos e como resultado dos exames, os indivíduos são classificados e objetificados (MARSHALL, 1994), a partir de padrões comportamentais preestabelecidos e consequentes repertórios de

ações individuais e coletivas que trazem consigo o “normal” e o “patológico”.

Para tanto buscamos, através da charge de Francesco Tonucci, publicada na obra “*Com olhos de criança*”, pensar num sistema educacional que, aos moldes da fábrica, tende a normalizar os sujeitos e, com isso, rotulá-los, separá-los por grupos e, assim, contribuir para a exclusão daqueles que não se enquadram no modelo ideal de aluno, constatando-se que o processo pedagógico corporifica relações de poder entre professores e aprendizes (GORE, 1994).



100

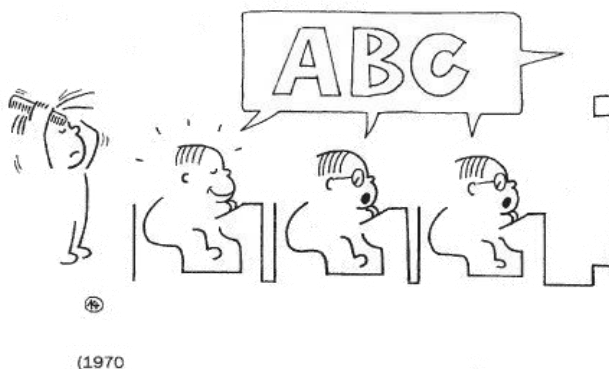
101

Figura 1. TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

Na contemporaneidade, há aspectos significativos que podemos considerar ao levarmos em conta os conteúdos de sentidos e significados que estão por trás da formação histórico-tradicional do sistema educacional. Numa realidade não muito distante, o professor, na sala de aula, mantinha-se em nível mais elevado do que os alunos, através de um tablado, simbolizando sua autoridade e, portanto, o exercício de dominação. Podia vigiar o movimento de seus alunos, mantendo-os sob seu controle disciplinar, regendo seus

padrões comportamentais predeterminados, ou seja, condicionando-os.

Segundo Foucault (1999), este é um processo microfísico de poder, com seus dispositivos, que determina a aceitação da normativa vigente, pois se incorporam os pensamentos tradicionais, e assim o aluno reproduz em sua prática social e suas interações individuais o que lhe é determinado como certo, sem reflexões ou desconstruções, pois, diante de seu pensamento aprisionado, apenas reproduz e não consegue exercer questionamentos sobre sua prática, denotando a falta da capacidade de refletir sobre a realidade.



109

Figura 2. TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

O feito espacial da sala de aula já pode ser considerado exercício do poder disciplinar que começa com a disciplina do corpo, o que, aponta Foucault (1999), configura adestramento, para a criação de corpos dóceis e, de forma consequente, mentes dóceis. O domínio do corpo conforma-se como receptáculo de estratégias de dominação e da microfísica do poder presente no sistema

educacional. Adestra-se o corpo para ter-se a posse da mente, favorecendo o processo de adestramento, que permitirá a internalização das normativas sociais e critérios de normalidade, configuração clara de estratégias de poder como instrumento de manutenção do *status quo*.

Aqueles que não se ajustam ao padrão normativo são descartados, interpelados como não normais e excluídos, para além dos muros da escola. Segundo Foucault (1999), “a disciplina, ao sancionar os atos com exatidão, avalia os indivíduos: a divisão segundo as classificações tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões” (p. 151). Movimentos aparentemente inocentes e imperceptíveis aos olhos: o lugar na fila, a posição na sala de aula e a cor que pode usar para pintar o seu desenho; alguns exemplos de práticas que se configuram como microfísica do poder que condicionam o aluno a uma estratégia de poder, que ele (aluno) internaliza e passa a reproduzir, ficando submetido aos moldes vigentes de normalidade. Aponta Foucault (1999): “*o corpo como objeto é alvo de poder, o corpo que se manipula, se treina, que obedece, responde, se torna hábil*” (p. 117). Mas esta habilidade significa – o corpo dócil.

As estratégias de poder que se fazem em sentido micro são fontes geradoras de discriminação no ambiente disciplinar escolar, porque este adentra, pune, disciplina, domina corpo e mente e recompensa de acordo com o desígnio de função preestabelecido e aperfeiçoado. Com isso, a “*escola torna-se uma espécie de aparelho de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino*” (Foucault, 1999, p. 155).

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

No presente trabalho, foi utilizado o método dedutivo, partindo da análise particular das imagens de Francesco Tonucci disponíveis na obra “*Com olhos de criança*” que são adequadas e traduzem a realidade do sistema educacional moderno. Aliando as teorias de Michel Foucault presentes na obra “*Vigiar e Punir*”, é possível buscar reflexões acerca do que caracteriza e mantém os conceitos

discriminatórios presentes em nosso contexto social contemporâneo e tentar desconstruí-los, a partir do que diz respeito a práticas tecnológicas do eu, que se estabelecem desde a configuração espacial presente na sala de aula e objetivam construir regimes de verdade que apontam o que se deve ou não pensar, dizer, sentir e fazer.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

*“O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade [...] o poder produz, ele produz realidade, produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção”* (FOUCAULT, 1999, p. 161). Na escola, a criança deve ser acolhida, compreendida, ensinada a viver com o diverso, por mais que exista esse padrão pressuposto “normal”, entendido aqui como dispositivo de dominação apontado por Foucault. O aluno deve aprender a compreender a diversidade e as diferenças como algo rico onde todas as singularidades devem ser respeitadas, sem estimular os binarismos, ou seja, as comparações entre “melhor e pior”, “bom e ruim”, “normal e anormal”, que acabam culminando muitas vezes em discriminação. O sujeito deve, dentro da esfera educacional, aprender a respeitar as diferenças; mais do que isso: refletir sobre ela, em um exercício para além dos muros da escola. Para a implantação deste avanço no espaço escolar, torna-se necessária a desconstrução das práticas discursivas, dos simbolismos gerados, das interpelações ideológicas que estabelecem específicos repertórios de ações individuais e coletivas propiciadas pelo espaço escolar e pelos fazeres pedagógicos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*“Foucault escreve: Seria errado dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico. Ao contrário, ela existe, tem uma realidade, é permanentemente produzida em torno, sobre e dentro do corpo, pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos”* (BUTLER, 2016, p. 233). A alma é a prisão do corpo, é

nela que se incorporam as normas e os poderes disciplinares que tornam os corpos dóceis. A alma é o que não pode ser mostrado, plena de invisibilidade, mas abriga as normas em cada sujeito.

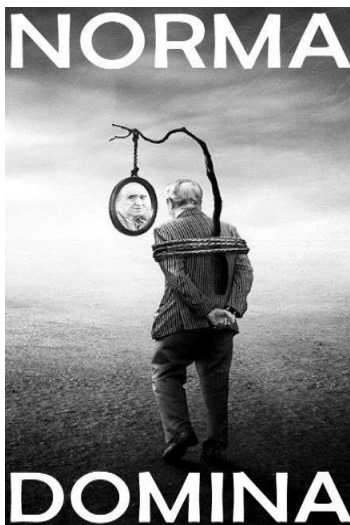


Figura 3. “A Norma Domina”. AUTORES, 2017.

O sistema educacional vigente é dotado de microdispositivos de poder que levam à internalização de regras e normas geradoras de padrões comportamentais que propiciam a continuidade de preconceitos que atravessam o ambiente educacional, interpelam os sujeitos e configuram o que aqui é teoricamente trazido como uma das condutas vigentes de estigmas propiciados pela escola, que não é isenta de mecanismos de poder presentes na realidade envolvente. Transformamos a realidade vivida somente a partir de nossa compreensão reflexiva sobre ela em processos de desconstrução de discursos, de práticas, de interpelações e atravessamentos ideológicos e consequentes internalizações destes. Resta-nos pensarmos, avaliarmos e interrogarmos os mecanismos de constituição dos sujeitos, as tecnologias do eu e os regimes de

verdade instituídos, pois esta é a realidade humana, queiramos pensar nela ou não.

### **REFERÊNCIAS**

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. 11ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 20ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GORE, J. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. In: *O Sujeito da Educação*. Estudos Foucaultianos. Petrópolis. Vozes, 1994.
- MARSHALL, J. Governamentalidade e Educação Liberal. In: *O Sujeito da Educação*. Estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

# A ESTIMULAÇÃO MOTORA NO CONTEXTO DO BERÇÁRIO

*Deise Borks, Viviane Maciel Machado Maurente*

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Rua Marechal Florino Peixoto, Bairro Agrícola,  
Unidade em São Luiz Gonzaga

E-mails: deise\_exd@hotmail.com; vivianemaurente@gmail.com.

## **Resumo**

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma Escola de Educação Infantil com o objetivo de compreender o papel dos professores de berçário com relação à estimulação do desenvolvimento motor de crianças de 0 a 24 meses. Buscou analisar qual a repercussão das práticas e atividades pedagógicas que refletem no desenvolvimento motor da criança, qual o trabalho dos professores em relação ao desenvolvimento motor e conhecer a prática pedagógica desenvolvida por elas. Compuseram a amostra cinco professoras da escola do Município de São Luiz Gonzaga/RS. O instrumento utilizado foi um questionário com perguntas abertas. Para análise dos dados, utilizou-se o método de análise de conteúdo. Constatou-se, entre outros fatores, que as professoras consideram o ambiente e os estímulos fatores importantes para o desenvolvimento; além de conhecer a fase em que a criança se encontra, isso é fundamental para planejar e organizar suas atividades didáticas, preocupando-se com todos os aspectos que cercam o desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Berçário. Estimulação. Desenvolvimento Motor. Professores da Educação Infantil.

## **INTRODUÇÃO**

O desenvolvimento humano de 0 a 24 meses é uma fase em que a criança está moldando sua mente e principalmente conhecendo o mundo através das experiências vividas. Esta etapa é caracterizada pela coragem e curiosidade, onde os bebês arriscam, pois a curiosidade está aflorada, os primeiros contatos com os objetos à sua volta; as primeiras sensações, os primeiros movimentos e relações sociais convidam-nos para uma nova aventura, a de viver.

Neste período, os bebês normalmente aprendem a caminhar, a dar os primeiros passos descompassados, aprendem a manusear pequenos objetos, as primeiras palavras surgem em seu vocabulário, ainda em construção, assim como tudo que está aparecendo em seu cotidiano; a descoberta acontece a cada dia que passa, bem como floresce a inteligência e os conhecimentos adquiridos com as vivências.

Essa pesquisa teve o objetivo centrado no trabalho dos professores em relação aos estímulos oferecidos com direcionamento ao desenvolvimento motor de crianças de 0 a 24 meses. Buscou conhecer a prática pedagógica desenvolvida pelos professores que trabalham com os alunos dessa faixa etária, além de identificar a repercussão das práticas e atividades pedagógicas centradas no desenvolvimento motor infantil.

O “desenvolvimento motor é a contínua alteração no comportamento ao longo do ciclo da vida, realizado pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente” (GALLAHUE; OZMUN, 2001, p. 3). Diversos fatores influenciam no decorrer do processo de desenvolvimento motor; consideramos os principais deles a genética, as deficiências, as doenças, o meio em que se está inserido, os estímulos que recebem e experiências que se vivem. Para o autor, os fatores ambientais que têm maior influência no desenvolvimento motor são os que o meio fornece, e, por conseguinte, o auxílio de outra pessoa também pode proporcionar estímulos, a privação de ambientes e lugares, o temperamento e os vínculos.

Gallahue e Ozmun (2001) denominam a primeira fase da vida como a primeira infância que abrange a idade do nascimento até os 24 meses. O aprendizado acontece quando o ser humano vive uma experiência nova através de experimentação, diferentemente do desenvolvimento, que acontece independente.

Para Wallon (1981), o desenvolvimento do sujeito se dá de maneira integrada ao meio em que se encontra, com os seus

aspectos afetivo, cognitivo e motor também integrados, sua ideia é de que movimento, pensamento e afetividade estão ligados. Deste modo, evidencia-se a integração entre o organismo e meio e entre as dimensões: cognitiva, afetiva e motora na constituição do indivíduo.

Segundo Piaget (1987), o desenvolvimento sensório-motor demanda que a criança represente e conquiste, através da percepção e dos movimentos, todo o universo prático que a cerca. Ele criou condições próprias para uma compreensão mais precisa e real do corpo e suas funções. Esses conhecimentos são de extrema importância na mediação no desenvolvimento das crianças. Através de atividades lúdicas, brincadeiras e jogos, podem ampliar os horizontes educacionais.

Através de atividades lúdicas, as crianças criam, interpretam e se relacionam com o mundo. O profissional da escola de Educação Infantil deve estimular o desenvolvimento psicomotor com o intuito de contribuir para a formação integral da criança. Os estímulos são incentivos que ajudam a criança desde muito pequena a desenvolver-se melhor; mais importante do que o tipo de estímulo é a maneira com que o estímulo é oferecido, ou seja, com carinho e paciência.

Segundo Gannan (2009), a Escola de Educação Infantil só cumprirá seu objetivo quando compreender que teoria e prática não se separam; portanto, não basta ter somente conhecimento teórico sobre o desenvolvimento, mas relacionar estas e a psicomotricidade, sabendo do potencial de cada um, sabendo o que e quando trabalhar as atividades e quando estão aptos para mudar e seguir em frente para mais uma experiência.

Já Matsuo (1997) acredita que a criança deve todos os dias ser estimulada com atividades diversas, através de repetição para melhor assimilação. A utilização de materiais é essencial, podendo explorar e ser promissor para o desenvolvimento; estes materiais devem estimular os diferentes sentidos e movimentos. Nesta fase tão importante do desenvolvimento infantil, o professor de escola

de educação infantil tem um papel muitíssimo importante; deve acreditar que sua prática pedagógica é fundamental para a formação integral do indivíduo, planejando suas ações e criando um ambiente em que a brincadeira e o jogo cumpram seu papel. A intervenção pedagógica de alta qualidade, planejada, faz a diferença pela sua intencionalidade.

Nossa intenção é olhar de um modo especial para a Escola de Educação Infantil, que ainda se encontra em processo de construção, necessitando de olhares mais atentos quanto à formação do professor e ao conhecimento do seu objeto de trabalho, a criança.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi de cunho exploratório e qualitativo, buscou entender como o professor estimula o desenvolvimento motor da criança de 0 a 24 meses através de suas relações diárias, interações e atividades propostas. De acordo com Ludke (1986), a pesquisa qualitativa tem como eixo norteador entender as relações do ser humano, sendo o ambiente a fonte de dados, e o pesquisador, seu principal instrumento. Os dados foram coletados por meio de descrição, sendo obtidos através do contato direto entre pesquisador e campo de estudo. O campo de estudo foi uma Escola Municipal de Educação Infantil que atende crianças de até dois anos de idade.

O instrumento utilizado foi um questionário; de acordo com Gil (2002), a coleta de dados por meio desses instrumentos com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, torna-se ótimo recurso para se chegar a resultados os mais próximos da realidade vivida. A amostra compreendeu cinco professoras, todas do sexo feminino. O questionário foi composto de quatro perguntas abertas; esta forma de coleta de dados segundo Lakatos (2010, p. 100), “é constituída por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Em decorrência do instrumento manipulado, optou-se pela técnica de análise de conteúdo. Essa técnica é considerada “um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material” (FLICK, 2009, p. 291).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreendeu-se, através do questionário aplicado com cinco professoras de berçário, composto por quatro perguntas abertas, que as profissionais têm uma concepção formada sobre desenvolvimento motor, considerando o ambiente e tarefa fatores importantes, além de acreditarem que é necessária a educação do corpo e dos movimentos, com relação ao outro, ao objeto e ao mundo que os cerca.

Para melhor discussão dos dados com o referencial teórico, trarei para a discussão cada pergunta com as suas respostas, já que foram bastante parecidas, com mesmo sentido e outras idênticas. A primeira pergunta destinada aos professores foi qual o entendimento de desenvolvimento motor na Educação Infantil. Os professores responderam que:

*O desenvolvimento motor se inicia e as primeiras habilidades e coordenações motoras, quando a criança começa a diferenciar corpo e objeto; ao longo de seu desenvolvimento estabelece relações com o mundo, o outro e tudo ao seu redor; por isso a importância de termos cuidados desde o banho, a troca de fraldas, a alimentação, a atenção e brincadeiras, sempre direcionando tudo aos aspectos educativos e pedagógicos. De forma individual e sequencial, utilizando o corpo para expressar suas vontades e emoções, os movimentos vão se aprimorando e aperfeiçoando com o decorrer do tempo; nesta fase é muito importante a interação com o ambiente e os estímulos.*

Segundo Gallahue e Ozmun (2001), os fatores ambientais que têm maior influência no desenvolvimento motor são os que o meio fornece, e o auxílio de outra pessoa pode proporcionar, estímulos, a privação de ambientes e lugares, o temperamento e os vínculos. Explorar todos os espaços dentro da escola é de grande valia, pois tudo dentro da escola está voltado para o lado pedagógico; desde a entrada na escola a criança já está aprendendo.

O adulto, quando interage com os bebês através de brincadeiras, é capaz de desafiá-los através de estímulos, que são os meios que a criança irá utilizar em busca da aprendizagem e conhecimento; ela só aprende quando experimenta; é importante deixar fazer, ser e agir, em busca da autonomia.

A segunda pergunta foi pelos aspectos do desenvolvimento motor que acreditam ser importantes aplicar na Educação Infantil. Os professores responderam:

*É muito importante nesta fase educar o movimento. A educação do corpo na educação física, proporcionando estímulos de coordenação motora fina e ampla, ritmo, organização espacial, organização temporal, motricidade ampla, percepção, equilíbrio, lateralidade, por meio de brincadeiras, e, brinquedos pedagógicos onde o “brincar” está sempre presente, é fundamental no processo do desenvolvimento e formação da personalidade.*

Todas as crianças são capazes e estão cheias de vontade em saber mais, estão repletas de energia para os novos conhecimentos. Sendo assim, é de extrema importância que os pais e professores sejam capazes de acolher, ensinar, estimular e sustentar esses indivíduos de inúmeras competências, investindo na educação de qualidade e com observação atenta para o desenvolvimento infantil, potencializando o seu repertório pessoal e ampliando suas habilidades e conhecimento.

Segundo Piaget (1987), o desenvolvimento sensório-motor demanda que a criança represente e conquiste, através da percepção e dos movimentos, todo o universo prático que a cerca. Ele criou condições próprias para uma compreensão mais precisa e real do corpo e suas funções. Esses conhecimentos são de extrema importância na mediação no desenvolvimento das crianças. Através de atividades lúdicas, brincadeiras e jogos, podem ampliar os horizontes educacionais.

A terceira pergunta buscou reconhecer que tipo de atividades são realizadas para a estimulação motora na turma em que a professora atua:

*Atividades livres e orientadas, utilizamos recursos como motocas, blocos, bola, massas de modelar, tapete sensorial, túnel, brinquedos pedagógicos, fantoches para contar histórias, jogos de diversos tipos,*

*caminhadas com as crianças pela quadra da escola, brincadeiras com movimentos de sentar, levantar, imitar animais, alcançar objetos, circuitos de atividades, músicas e danças.*

O ato de brincar reforça a afetividade com quem a criança interage, reforçando os laços; brincar principalmente com um adulto que possa participar igualmente torna-se prazeroso para ambos; a criança se sente desafiada e mais interessada pelas atividades. Neste contexto, a aprendizagem acontece, trazendo consigo a descoberta e novas vivências; estas atividades lúdicas, que são jogos e brincadeiras, devem fazer parte da rotina da criança desde bem pequena, principalmente durante as diferentes infâncias de qualquer ser humano.

De acordo com Souza (2008), as crianças com dois anos caminham em direção da independência de movimentos, utilizando materiais mais estruturados para praticar as atividades físicas e de manipulação. O ambiente deve estar preparado para que a criança exerça autonomia ao brincar e tenha oportunidade de aprender a se organizar. Elas estão aprendendo a brincar juntas. Pode-se fazer atividades para oferecer desafios motores com criação de circuitos que incluem subir, descer, entrar em túneis, pular obstáculos, utilizando tábuas, caixotes e mesas.

A quarta e última pergunta aprofundou-se no entendimento dos professores acerca da importância do estímulo do conhecimento das fases do desenvolvimento motor no planejamento e organização didática de suas aulas:

*Sim, é fundamental conhecer as fases do desenvolvimento para poder planejar as atividades, não tendo o perigo de errar; por maior que sejam nossas expectativas, o desenvolvimento deve ser respeitado, pois cada criança tem seu ritmo e o seu tempo.*

A criança entra na Escola de Educação Infantil, cresce e vai embora, porém suas vivências e experiências dentro da instituição são de extrema significância na vida de cada um; a infância é passageira, mas as cicatrizes deixadas por ela são eternas. Se não for garantida uma educação de qualidade nesse curto e rico espaço de tempo, a educação infantil não terá cumprido seu papel ético, social e educacional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No andamento deste estudo, compreendeu-se como é o trabalho didático no berçário, bem como os estímulos que influenciam o desenvolvimento da criança. Nesta perspectiva, é possível afirmar que o professor deve se preocupar com todos os aspectos que cercam o desenvolvimento infantil e, principalmente, ter o conhecimento necessário, pois em sua sala de aula há vidas se iniciando. Trazer atividades que estimulem os diferentes aspectos do desenvolvimento cognitivo, emocional e físico é fundamental; igualmente importa colocar no ambiente educacional diferentes recursos pedagógicos, manter a criatividade da identidade de professor, confeccionar materiais que possam ser utilizados com o objetivo de aprimorar as habilidades e capacidades de cada aluno de sua turma, reconhecer os limites individuais e o tempo de aprendizado.

Durante a primeira infância, fase tão importante do desenvolvimento infantil, o professor de Educação Infantil tem um papel muitíssimo importante; deve acreditar que sua prática pedagógica é fundamental para a formação integral do indivíduo, planejando suas ações e criando um ambiente promissor, onde suas atividades e planejamentos cumpram seu papel. A intervenção pedagógica de alta qualidade, planejada, faz a diferença pela sua intencionalidade.

A criança que chega hoje à escola de educação infantil é uma criança que traz todo um saber construído no âmbito familiar, cultural e social, mas também está ansiosa por novos conhecimentos, cheia de curiosidade e necessitando socializar-se com os iguais. Neste sentido, devemos valorizar seus saberes, bem como construir outros aprendizados. As crianças pequenas têm necessidade de atenção, cuidados, carinho, segurança, sem os quais dificilmente sobreviveriam.

**REFERÊNCIAS**

- FLICK, Uwe. *Métodos de Pesquisa: Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GANNAN, Silmar de Souza Abu. *Percepção de pais e professores no desenvolvimento de crianças de seis anos comparada com o Teste de Denwer II*. Dissertação, Programa de pós-graduação da Faculdade de Medicina, São Paulo, 2009.
- GALLAHUE, David I.; OZMUN, John C. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E. P. U, 1986.
- MATSUO, T. H. *Desenvolvimento Infantil: Insuficiência de Coordenação*. Disponível em: <http://tatipilates.wordpress.com/2008/03/05/desenvolvimentoinfantilinsuficiencia-decoordenacao/>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- PIAGET, Jean. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- SOUZA, Nelly Nacizo de. *Concepções de educadoras de creche sobre o desenvolvimento da criança na faixa etária de zero a três anos*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, Curitiba 2008.
- WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- WALLON, Henri. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1981.

## A MEDIAÇÃO NO ENSINO JURÍDICO: EDUCAR PARA COIBIR A CULTURA DO LITÍGIO

*Bianca Cassiana Ferreira LORENZI<sup>1</sup>; Alessandra Gato RODRIGUES<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Bolsista PIBIC em projeto de pesquisa intitulado “A solução consensual dos litígios através da autocomposição: o novo paradigma da mediação e da conciliação como forma de assegurar o acesso a justiça”. Graduanda do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Endereço Rua Lidovino Fonton, nº 337, CEP 99440-000, Salto do Jacuí – RS. <sup>2</sup>Professora orientadora.

Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Doutoranda em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/Santo Ângelo). Endereço Rua Venâncio Aires, nº 556, apartamento 302, CEP 98005-096, Cruz Alta – RS.

E-mails: bianca.lorenzi@hotmail.com; agato@unicruz.edu.br.

### Resumo

Historicamente percebe-se o conflito como algo intrínseco da humanidade que se relaciona como forma de sobrevivência e manutenção da espécie. Com a evolução deste círculo, as relações interpessoais aumentaram e, como resultado, os conflitos se difundiram. Nesta senda, e com o intuito de melhorar a inefetividade jurisdicional existente, ressurgiu a Mediação buscando reestabelecer o diálogo perdido, além de auxiliar na efetivação do direito material violado. Entretanto, com o fortalecimento da visão codificada presente nas matrizes curriculares jurídicas, torna-se difícil a implementação desta política pública de tratamento aos conflitos, fazendo destas instituições responsáveis pelas práticas demandistas. Assim, questiona-se quão importante seria alterar as grades curriculares dos Cursos de Direito para se incluir como disciplina obrigatória a mediação, difundindo a temática, para iniciar pelos operadores desta ciência uma transformação na maneira de tratar as demandas, buscando que ocorra de forma não contenciosa e pacífica? Utilizar-se-á o método dedutivo, através de pesquisas bibliográficas.

**Palavras-chave:** Ensino jurídico. Conflito. Política pública.

### INTRODUÇÃO

Os conflitos existentes nas relações interpessoais são frutos do instinto humano que, desde o princípio de sua existência, é compelido a lutar pela satisfação pessoal, intrinsecamente ligada à necessidade de consecução de seus objetivos de ordem material e

social. Assim, o homem como um ser social e racional necessita, por sua típica natureza, conviver em sociedade como forma vital de sobrevivência, não se admitindo – salvo raras exceções como os eremitas – a convivência isolada (SCHNITMAN, 1999, p. 170).

Contudo, em virtude da pluralidade de interesses e peculiaridades próprias à personalidade, o homem se põe em direção contrária aos demais, estabelecendo algo que jamais será elidido do âmbito social, os conflitos interpessoais (VASCONCELOS, 2015, p. 22), situações inevitáveis fomentadas pela insatisfação das necessidades pessoais (LUCHIARI, 2012, p. 5).

Assim, inevitavelmente nasceu a sociedade; enfrentando a complexidade social e tentando se adaptar aos demais grupos societários, que, à medida que se multiplicavam, tornavam as relações complexas, necessitando do estabelecimento de regras para o seu controle. É importante salientar que os conflitos sempre existiram e tendem a se projetar à eternidade. Todavia, a forma de tratá-los passou por grandes mudanças ao longo da trajetória, devendo persistir em constante progresso à medida que surgem novas necessidades.

Tem-se como primeiro modelo de jurisdição equivalente, técnica mais antiga de solução de conflitos, a autotutela. Estritamente ligada à concepção de vingança privada, insatisfatória hoje, está abolida do ordenamento jurídico, com algumas raras exceções, eis que não satisfazia o direito material violado (TRENTINI, 2013, p. 13). Posteriormente, com o advento da Revolução Industrial e a expansão dos conflitos, a imagem de poder ganhou força no âmbito urbano, e a definição de território-soberano foi sendo substituída por território-riqueza. Além disso, a ideia de uma instituição político-jurídica passou a preponderar em detrimento da soberania territorial, e a disseminação do conhecimento propiciou as condições necessárias à instituição da Tripartição de Poderes de Montesquieu (VASCONSELOS, 2015, p. 29-30).

Com a instituição do Poder Judiciário como órgão do Estado, a resolução dos conflitos e interesses da sociedade passou a ser de sua competência de modo a garantir a justiça através da função jurisdicional (GRINOVER; CINTRA; DINAMARCO, 2015, p. 45-46), que ampliou o acesso à justiça, fomentadas pela globalização cultural, política e econômica. A sociedade expandida passou a ter informação, conhecimento e conscientização sobre os seus direitos, de modo que passou a exigí-los em juízo. Como resultado, ampliou-se também a litigiosidade (FARINELLI, 2009, p. 04).

Partindo-se do fato de que a justiça se apresenta deficiente, pois não consegue solucionar adequadamente todas as demandas, houve a necessidade de se pensar algo alternativo à jurisdição que fosse eficiente na solução dos conflitos e desafogasse o Judiciário.

Neste diapasão, surge a mediação. Técnica alternativa na solução de conflitos que dominou o século passado, no Brasil dá seus primeiros sinais já no século XII. Atualmente, termo amplamente discutido e difundido como hipótese alternativa e auxiliar na busca de, além de dar tratamento adequado às demandas, facilitar a comunicação interpessoal, reestabelecendo o liame rompido pelo litígio, dá-se através de uma pluralidade de técnicas, sendo possível, inclusive, aplicá-la em vários contextos do direito material (SPENGLER, 2014, p. 44/127).

Pompeu e Brito (2014, p. 242) destacam que o instituto da mediação passou por longo lapso até ter a sua normatização. Assim, com a criação do CNJ, iniciou-se um processo de fortalecimento das políticas públicas direcionadas à resolução de conflitos, culminando na Resolução 125, em 29 de novembro de 2010. Posteriormente, em consonância a ela, houve novos avanços neste sentido com criação da Lei 13. 140/2015 – Lei de Mediação – , e com a edição de um novo Código de Processo Civil, voltado para efetivação do direito formal.

Warat (2015, p. 214-243) coloca a mediação como cerne de uma profunda transformação dos mecanismos e concepções

referentes ao tratamento dos conflitos. A única lei que comanda o processo integrativo entre as partes é a do desejo e não a normatividade, pois o que se interpreta na mediação é o conflito do desejo. Logo, introduz-se uma semiótica muito mais ampla; uma alquimia onde as partes interpretam, com o auxílio de um mediador, os seus segredos recíprocos, ampliando o acesso à justiça e a sua satisfação.

Neste viés, ao passo que a eficácia dos direitos e garantias inculpidos pela Carta Magna é cada vez menor dada a grande demanda e a cultura do litígio enraizadas na sociedade, o legislador se viu obrigado a fomentar o uso da mediação como política pública capaz de, se não solucionar os problemas, pelo menos diminuir a negatividade existente.

Nunes (2016, p. 48) afirma que, embora a legislação preveja que os tribunais sejam responsáveis por programas destinados a auxiliar e estimular a autocomposição, é importante a criação de uma nova cultura para que ela ocorra em todo o país, já que esta nova forma de encarar o conflito e o acesso à justiça dependem da formação de agentes focados nesta mudança de concepção. "Muda-se a cultura com educação, com trabalho nas escolas, desde cedo, para a importância da resolução dos conflitos com diálogo e respeito; com alterações nos currículos dos cursos de Direito; com a disseminação de boas práticas, com informações e campanhas para mostrar que a Justiça deve ser um direito de todos, na busca de uma melhor qualidade de vida."

O MEC, por sua vez, colaborou ao estabelecer, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Direito, a obrigatoriedade para que os estudantes tenham as mínimas e adequadas condições de interpretação dos fenômenos jurídicos, sociais e culturais, através de visão crítica e reflexiva, para que aprimorem as capacidades de contribuição à prestação de uma justiça efetiva, tendo condições de analisar as questões que dificultam e impedem a efetivação do verdadeiro real de justiça (GAIO JR.; RIBEIRO, 2010, p. 17). Desta forma, o Direito precisa

deixar para trás aquela velha visão processualista e codificada, de modo a disseminar o entendimento e o diálogo como incentivo à cultura de paz defendida por Warat (CHECHI, 2016, p. 52).

Nas universidades, onde o espaço é de construção do conhecimento, é inaceitável a formação de profissionais sem senso crítico, fomentando e difundindo a cultura litigante com uma atuação profissional atrelada à prática contenciosa e dogmática. Requer-se uma perspectiva “que priorize ao aluno uma visão integral e transformadora, com iniciação política e social” (CHECHI, 2016, p. 84).

E, pensando nisso, o Senado, através do Projeto de Lei 405/2013 – Lei de Mediação –, buscou normatizar a necessidade de alterações nas grades curriculares do ensino superior jurídico, a fim de incentivar a promoção da mediação, forma não contenciosa e alternativa na solução das demandas, inserindo-a como disciplina obrigatória de modo a preparar o advogado para esta nova realidade existente, onde através da sua participação, trará resultados extremamente positivos, além de oferecer maior segurança ao processo e às partes (POMPEU; BRITO, 2016, p. 247).

Neste contexto, verifica-se que o ambiente de ensino pode ser o espaço mais adequado para a disseminação do instituto da mediação, uma vez que é o ambiente onde são inseridos os valores da cidadania que se esforçam para que todas as diferenças de cor, raça, sexo e demais padrões sejam aceitos e compreendidos como necessários em uma sociedade globalizada e multiculturalista, incluindo os acadêmicos em uma franca realidade social, porém buscando contornar e acabar com algumas influências, imagens, preconceitos, crenças, ficções, hábitos de censura enunciativa, metáforas, estereótipos e normas éticas que governam e disciplinam os atos de decisão e enunciação (WARAT, 1994, p. 13).

É de suma importância que os acadêmicos terminem o curso de Direito sabendo lidar com a mediação. Além disso, é fundamental que a sua mentalidade se volte não mais para o litígio, e sim para a solução consensual de modo a oferecer aos futuros

operadores do direito, promotores da justiça, procuradores e/ou juízes uma nova visão contextual da litigiosidade (POMPEU; BRITO, 2014, p. 246).

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Buscando elucidar o problema de pesquisa proposto, far-se-á utilização do método dedutivo, em que se partirá de uma construção lógica maior e geral, descendo a uma menor e específica, chegando-se a uma das conclusões já presentes e trabalhadas nas premissas pelo pesquisador (RAZUK, 2015, p. 19).

Para tanto, utilizar-se-á a técnica de pesquisa bibliográfica que tem como escopo primordial permitir ao pesquisador a investigação ampla de todos os fenômenos existentes junto à temática. Desenvolvida através de materiais já elaborados, principalmente através da leitura e interpretação de livros, artigos científicos, textos e/ou documentos, possui importante vantagem em relação às demais técnicas, uma vez que enseja uma análise intrínseca dos fatos históricos que permeiam o estudo, além de viabilizar o exame de dados dispersos no espaço (GIL, 2009, p. 50).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A grande vantagem na utilização de um meio consensual como a mediação para resolver o conflito é o efeito temporal significativo que se obtém mediante a sua utilização com a abreviação da demanda, ou, quiçá, dispensando até mesmo a sua instauração. Assim, além de ter efeito na redução dos gastos, contribui na qualidade da solução obtida (SOUZA, 2012, p. 42-43). Instituto flexível e amplo, com diversas escolas, modalidades e correntes, com extensas variáveis e pormenores a depender de fatores e do contexto fático para a sua aplicação, visa não somente ampliar o acesso à justiça, mas também ampliar o acesso abrangente trazendo uma solução efetiva e satisfatória para os usuários (POMPEU; BRITO, 2014, p. 243).

Assim, com o escopo de assegurar as garantias existentes, Warat (apud CHECHI, 2016, p. 48) sugere a inserção de novos métodos de ensino e avaliação da atividade jurídica, ressaltando a grande importância da lei e do direito codificado, mas opondo-se ao dogmatismo prevalente. Afirma, ainda, que a interpretação jurídica não pode ser embasada na letra fria da lei, pois não se pode ignorar a existência do conflito, inserido e originado de nuances diversas no meio social, defendendo o uso da pesquisa, no campo jurídico, para aproximar o Direito codificado e democracia, posto que a hegemonia deste direito codificado acaba por restringir o pensamento e a imaginação dos homens livres.

Foi pensando neste viés que a Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), de forma ímpar, implantou em sua grade curricular duas disciplinas, de caráter obrigatório, acerca das formas autocompositivas de solução de conflitos. Destas, uma em específico trata da aplicação prática jurídica do instituto da mediação, qual seja, Estágio em Mediação. Além de ser forma alternativa na solução dos conflitos, acaba por influenciar ativamente na percepção do acadêmico para que passe a encarar o conflito sob um viés pacificador. Este ambiente escolar, impulsionado pelos educadores, é capaz de fomentar uma nova cultura construída com base em diálogo, respeito e harmonia, minimizando os eventuais resultados negativos de um longo e tormentoso processo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o rompimento do monopólio estatal e a promulgação da Constituição Federal de 1988, os fundamentos e princípios deste Estado Democrático de Direito tornaram-se mais evidentes, sendo um fim a ser seguido, buscado e tutelado pelos órgãos que compõem e gerenciam esta nação.

Todavia, com as mutações da sociedade moderna, uma série de conflitos antes não existentes passou a ser motivo de tutela por parte do Poder Judiciário, peça fundamental na promoção desta

forma de cidadania, que, em consequência disso, e também por uma série de outros fatores, ficou sobrecarregado diante de tamanha demanda.

Assim, com o intuito de auxiliar a descrente judicialização e promover o acesso à justiça, ressurge o instituto da mediação, como técnica alternativa e auxiliar nas soluções de conflitos. Primitiva, vem gradativamente ocupando seu espaço na conjuntura jurídica, tendo como escopo não somente solucionar as demandas e garantir o direito material lesado, mas também reestabelecer o diálogo e os laços afetivos rompidos em virtude do conflito.

Trazendo uma nova forma no trato das demandas, traz uma supervalorização dos protagonistas que buscam por si a melhor decisão do problema e complementa os procedimentos processuais, além de ser instrumento de garantia do acesso a uma justiça célere e eficaz que busca tratar o conflito observando todas as posições envolvidas.

Por fim, por apresentar-se como um método democrático e participativo de baixo custo, proporcionando celeridade e colaborando com a construção de uma sociedade democrática, é visível que inserir a mediação como disciplina obrigatória nas grades de ensino jurídico é uma forma de ampliar a sua utilização, além de auxiliar o futuro profissional de modo a aprimorar as suas capacidades e o seu pensamento crítico, colaborando para a tomada de decisões e para a efetivação de uma justiça eficaz pautada na efetivação dos direitos e garantias fundamentais.

## REFERÊNCIAS

CHECHI, A. *A mediação no ensino jurídico sob o olhar waratiano: um novo paradigma na autocomposição de conflitos*. Disponível em: <<http://santoangelo.uri.br/~bibliotecacentral/>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

FARINELLI, A. H. do P. *A crise da justiça e a justiça comunitária como solução alternativa*. Disponível em: <[http://www.unigran.br/revista\\_juridica/ed\\_anterior/22/artigos/artigo12.pdf](http://www.unigran.br/revista_juridica/ed_anterior/22/artigos/artigo12.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2017.

GAIO JR, A. P.; RIBEIRO, W. C. *O ensino jurídico e os meios não contenciosos de solução de conflitos*. Disponível em: <<https://www.gaiojr.adv.br/astherlab/up>>

- loads/arquivos/artigos/O\_ENSINO\_JURIDICO\_E\_OS\_MEIOS\_NAO\_CONTE NCIOSOS\_DE\_SOLUCAO\_DE\_CONFLITOS.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2017.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2009.
- GRINOVER, A. P.; CINTRA, A. C. A. C.; DINAMARCO, C. R. *Teoria Geral do Processo*. Rio de Janeiro: Malheiros, 2015.
- LUCHIARI, Valéria Ferioli Lagrasta. *Mediação Judicial: Análise da Realidade brasileira – origem e evolução até a Resolução nº 125, do Conselho Nacional de Justiça*. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- MACHADO, A. A. *Ensino jurídico e mudança social*. São Paulo: Atlas, 2009.
- NUNES, A. C. O. *Manual de Mediação: Guia Prático da Autocomposição*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2016.
- POMPEU, N. C.; BRITO, S. H. *Mediação e a cultura de litígio – a educação como estratégia para a educação*. Disponível em: <file:///C:/Users/bianc/Desktop/Bianca/Projeto%20MEDIACÃO/Materias/3849\_1 ivro\_grupo\_9\_eboo/\_bsb.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.
- RAZUK, P. C. *O Método Científico*. 2015. Disponível em: <<http://www.feb.unesp.br/jcandido/metodologia/Apostila/CAP02PG>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- SCHNITMAN, D. F. Novos paradigmas na resolução de conflitos. In: LITTLEJOHN, S. (Org.). *Novos Paradigmas em Mediação*. Tradução de Marcos A. G. Domingues e Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- SOUZA, L. M. de. *Mediação de Conflitos Coletivos: a aplicação dos meios consensuais à solução de controvérsias que envolvem políticas públicas de concretização de direitos fundamentais*. Belo Horizonte: Fórum, 2012.
- SPENGLER, F. M. *Retalhos de Mediação*. Santa Cruz do Sul: Esere nel Mondo, 2014.
- TRENTINI, M. A. *A crise do judiciário brasileiro e a necessidade da desjudicialização das soluções alternativas de controvérsias: crítica ao projeto de lei nº 8. 046 de 2010 (novo Código de Processo Civil)*. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103909/TCC%20Versa%CC%83o%20Final%207.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 set. 2016.
- VASCONCELOS, C. E. *Mediação de Conflitos e Práticas Restaurativas*. São Paulo: Forense, 2015.
- WARAT, C. L. A. XXIV ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI – UFS. Florianópolis: CONPEDI, 2015.
- WARAT, L. A. *Introdução Geral ao Direito I: interpretação da lei e temas para uma reformulação*. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 1994.

## A DIMENSÃO DO CONHECIMENTO COMPROMETIDA COM O CUIDADO COM O TODO DA VIDA

<sup>1</sup>*Bruna Laís da Veiga KAZMIRCZUK*<sup>1</sup>; *Denise Tatiane Girardon dos SANTOS*<sup>2</sup>; *Veronice MASTELLA*<sup>3</sup>; *Vanessa Steigleder NEUBAUER*<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Bolsista do projeto, acadêmica do curso de direito da UNICRUZ. Mariz e Barros 2162 – Cruz Alta – CEP: 98010744. Email: bruna.lkazmirczuk@hotmail.com

<sup>2</sup>Co-orientadora Doutoranda em Direito pela UNISINOS, Docente da Universidade de Cruz Alta, Avenida Presidente Vargas 510 Centro – Cruz Alta CEP: 980005160.  
E-mail: desantos@unicruz.edu.br

<sup>3</sup>Co-orientadora Doutora em Letras pela UFSM, Docente da Universidade de Cruz Alta. Rua: Voluntários da Pátria 631, ap. 703 Cruz Alta, CEP: 98005104.  
E-mail: vmastella@unicruz.edu.br

<sup>4</sup>Orientadora Doutora em Filosofia pela UNISINOS, Docente da Universidade de Cruz Alta, Coordenadora do Laboratório. Rua Aristides Basílio de Campos 872 – Cruz Alta – CEP: 98035160.  
E-mail: vneubauer@unicruz.edu.br

### Resumo

Este texto descreve os propósitos do *Laboratório Filosófico de Ensino, Pesquisa e Extensão “Sorge Lebens”* – o conhecimento implicado na dimensão do cuidado para com a vida, projeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). O referido projeto tem a premissa de proporcionar diálogos transdisciplinares para os acadêmicos a fim de aproximar os conhecimentos teóricos aos das vivências da *práxis*, fomentando o comprometimento dos alunos com os problemas que tangem o mundo da vida. Nesse contexto, o projeto visa consolidar o saber profissional comprometido com os pressupostos de um modo de ser ético (*ethos*), compreendido como um agir profissional prudente e preocupado com a sustentabilidade e manutenção da vida nos âmbitos individual e coletivo. As atividades do projeto são desenvolvidas com a participação de docentes e acadêmicos de todos os cursos de graduação da UNICRUZ e articuladas com as escolas estaduais de Ensino Médio de Cruz Alta.

**Palavras-chave:** Ética. Filosofia. Cidadania. Educação.

O presente texto apresenta os propósitos e algumas das vivências do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Humanidades “*SORGE LEBENS*” – a dimensão do conhecimento implicada ao cuidado com a vida no ano de 2016. Este é um projeto de extensão da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) em parceria com a nona

coordenadoria de Educação de Cruz Alta. O seu objetivo é instigar os alunos de diferentes graduações da universidade a assumirem um compromisso ético perante a vida. Visa a um ensino humanizador que os convoca para além do conhecimento formal e convoca-os a comprometerem com o todo da vida, ou seja, com o real exercício da cidadania.

Este projeto existe desde 2015 e foi construído inicialmente pelos acadêmicos da UNICRUZ em conjunto com alguns docentes do centro de humanas e sociais da UNICRUZ. No ano de 2016, foi aprovado pela pró-reitoria de pesquisa e extensão da universidade, tendo seu propósito renovado para 2017. Também foi submetido à câmara de graduação e conselho universitário CONSUN, sendo aprovado pelos respectivos para tornar-se um laboratório institucional. Assim, em agosto de 2016, o mesmo passa a ser, além de um projeto, um laboratório de Humanidades da Universidade de Cruz Alta.

Os encontros são aos sábados de manhã das 9h30min às 11h30min no miniauditório do Centro de Humanas e Sociais Aplicadas na UNICRUZ câmpus. Os encontros são gratuitos e abertos à comunidade acadêmica e externa da universidade.

## **PROPÓSITOS DO LABORATÓRIO**

Partimos do fundamento de que a Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ trabalha com a ideia de currículo integrado e articulado, de forma inter e transdisciplinar, sendo a interdisciplinaridade um dos caminhos para a formação integral do cidadão, favorecendo o redimensionamento das relações entre os componentes curriculares, com superação da fragmentação de conhecimentos. Assim, por intermédio da socialização de experiências e saberes, com respeito à diversidade e cooperação, capazes de efetivar práticas transformadoras e parcerias, torna-se possível a construção de projetos inovadores, os quais, além de ampliar a formação acadêmica dos discentes, também instigam os acadêmicos a assumir um compromisso de responsabilidade com o conhecimento

adquirido e desenvolvido acerca da dimensão de cuidado para consigo, com o outro e com o mundo. Isso, de fato, legitima o exercício da cidadania.

Conforme preceitua o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI da UNICRUZ, a educação é compreendida:

[...] como processo social, cultural, dinâmico e complexo, intencional ou espontâneo, pode possibilitar a humanização dos sujeitos. A Universidade reflete contradições, diferenças e expectativas da realidade social e é o espaço no qual se oportuniza o acesso ao conhecimento historicamente acumulado, além de possibilitar a produção de novos conhecimentos, a construção da autonomia, da democracia, a diversidade e a pluralidade de idéias, a ética, o compromisso social, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão e a participação (UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA, 2007, p. 30-31).

Diante desse propósito, compreendemos que a Universidade direciona seu trabalho no sentido de oportunizar condições de produção crítica do conhecimento, pois, como salienta o referido Plano, a educação deve ser norteadas por uma perspectiva ética, com vistas à dignidade humana, e configurada como processo dialógico entre ensinar e apreender, e vice-versa. Assim, é fundamental a responsabilidade perante a disseminação do conhecimento de forma crítica e criativa, reforçando a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão dentro de uma formação humanista preocupada com o que decorre dela. Em outras palavras, sua correferência com a sustentabilidade da própria vida humana.

### **AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO MESMO EM 2016**

No ano de 2016, foram realizadas oito conferências temáticas, sendo elas: “Apresentação dos propósitos do laboratório e planejamento do mesmo”; a segunda, “Genealogia da moral e o que eu sou, penso e faço”; a terceira, “Racionalidade das Lei Penais e Legislação Penal Simbólica”; a quarta, “Ensino Pesquisa e

Extensão na UNICRUZ”; a quinta, “Diário de uma existencialista”; a sexta, “Lixo: problema ou oportunidade?”; a sétima, “atividade em parceria com INATEC SOCIAL”, e oitava “Compreender a violência a partir da filosofia de Hanna Arendt”.

Ainda em 2016, foram realizadas rodas de conversas, divididas por eixos temáticos. Foi elaborado o regimento próprio do Laboratório para submissão do CONSUN. Foi construído um artigo completo com apresentação do projeto para a Coletânea do Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias (FOREXT) – Volume IV: “Extensão e ação comunitária: o aprendizado pela extensão e a ação apreendida na extensão”. O texto foi aprovado e tem como título: “Laboratório Filosófico de Ensino, Pesquisa e Extensão ‘Sorge Lebens’ – o conhecimento implicado na dimensão do cuidado para com a vida”.

Atualmente, o Laboratório conta com 74 acadêmicos de diversas áreas, todos devidamente cadastrados na Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão como colaboradores voluntários do projeto. O público-alvo que participa das atividades varia entre 130 e 150 participantes.

Também teve participação no XXI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão; XIX Mostra de Iniciação Científica; XIV Mostra de Extensão; III Mostra de Pós-Graduação; II Mostra de Iniciação Científica Jr. – UNICRUZ, IV Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia e IV Mostra de Trabalhos Científicos – UNIJUÍ.

O Laboratório realizou, no III Encontro Estadual de Educação em Direitos Humanos na Educação Superior, no Auditório FAC/UPF, evento de parceria da UPF com o Instituto de Filosofia Berthier (IFIBE), uma oficina temática sobre o ensino, a pesquisa e a extensão associados a metodologias interativas de aprendizagem. Na ocasião, foi apresentado um case do laboratório para exemplificar o propósito do projeto.

O Laboratório possui uma página na rede social Facebook, a qual, hoje, possui 1.356 membros, incluindo pesquisadores de todo o Brasil e do exterior. Assim, o projeto conta com a integração entre 174 pesquisadores de universidades distintas. Apesar de ser uma página de grupo fechado, diariamente há pesquisadores interessados em participar desse espaço. Link de acesso: <https://www.facebook.com/groups/645898878875828/?fref=ts>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto do Laboratório em ensino pesquisa e extensão em Humanidades “*Sorge Lebens*” foi elaborado em consonância com os princípios filosóficos da Instituição e, com efeito, visa à aplicabilidade destes de maneira direta e articulada com os fundamentos da filosofia prática e sua aproximação de outras áreas do saber. Esse projeto foi pensado para todos os acadêmicos devidamente matriculados nos cursos de graduação e pós-graduação da UNICRUZ que estejam interessados em assumir o compromisso ético de seu saber profissional. Além disso, ele também estará aberto para todos os voluntários devidamente matriculados em cursos de outras IES que tenham interesse em participar.

Cabe lembrar que a UNICRUZ tem como missão a produção e a socialização do conhecimento qualificado pela sólida base científica, tecnológica e humanista capaz de contribuir com a formação de cidadãos críticos, éticos, solidários e comprometidos com o desenvolvimento sustentável. Nessa perspectiva, o Laboratório Filosófico alicerça-se na orientação disposta no PDI da Instituição e nos PCCs dos cursos de graduação acima referidos.

O projeto aqui referido trata diretamente da existência dos homens considerados universalmente seres pensantes, cuja finalidade no mundo da vida é pensar e, diante dele, também deliberar. Desse modo, a proposta contribui para instigar uma reflexão filosófica sobre a conduta dos afazeres humanos. Sua ideia basilar é refletir filosoficamente sobre a práxis social, fazendo um

chamamento para a responsabilidade cívica de prudência, comprometimento e tolerância entre o que nos é próprio e distinto, ou seja, nossos preconceitos. Por fim, entendemos ser fundamental para a formação universitária propiciar o desenvolvimento da reflexão filosófica no âmbito prático, no ensino e na vida cultural, pois é somente diante disso que teremos profissionais que exerçam suas virtudes intelectuais e morais em consonância com o que concerne à essência da verdadeira cidadania.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2014. (Série Clássicos Edipro).
- CERLETTI, A. A.; KOHAN, W. *A filosofia no ensino médio*. Caminhos para pensar seu sentido. Tradução de Norma Guimarães Azeredo. Brasília: UnB, 1999.
- CHAUI, M. *Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- DEMO, P. *Educar pela Pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1997.
- GADAMER, H. G. *A razão na época da ciência*. Tradução de Angela Dias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- HEIDEGGER, M. *Da Experiência do Pensar*. Petrópolis: Globo, 1968.
- GALEFFI, D. A. *O Ser-Sendo da Filosofia*. Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender Filosofia. Salvador: EDUFBA, 2001. 583 p.
- \_\_\_\_\_. *Filosofar e Educar*. Inquietações pensantes. Salvador: Quarteto Editora, 2003. 238 p.
- GALLO, S. (Coord.). *Ética e cidadania: caminhos da filosofia*. Elementos para o ensino de filosofia. Campinas: Papirus, 1997.
- KOHAN, W. O. (Org.). *Ensino de filosofia: Perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- KOHAN, W. O.; LEAL, B.; RIBEIRO, A. *Filosofia na escola pública*. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 5.
- LIPMAN, M. *A filosofia vai à escola*. Tradução de Maria Elice Brzezinski Prestes e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1990.
- LIPMAN, M. *O Pensar na Educação*. Tradução de Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

- MANCE, E. A. O Filosofar como Prática de Cidadania. *Revista Digital Livre Filosofar*, Curitiba, ano 3, n. 4, dez. 1998. Disponível em: <<http://www.ifil.org/Biblioteca/mance.htm>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. ONU, 1948. Disponível em: <[http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm)>. Acesso em: 25 ago. 2013.
- PEREIRA, M. P. *Ser e Pessoa: Pedro da Fonseca. I - O Método da Filosofia*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1967.
- ROUSSEAU, J. J. *Emílio, ou Da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Paidéia).
- STEIN, E. *Pensar é Pensar a Diferença: filosofia e conhecimento empírico*. Ijuí: Unijuí, 2006.
- STEIN, E. *Pensar e Errar: um ajuste com Heidegger*. Ijuí: Unijuí, 2011. (Coleção Filosofia, 37).
- UNESCO. *Philosophie et Démocratie dans le Monde*. Une enquête de l'UNESCO. Paris: Librairie Générale Française, 1995.
- UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA. *Missão*. Cruz Alta, [200-?]. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/visao-missao-c3.html>>. Acesso em: 24 maio 2015.
- UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA. *Plano de Desenvolvimento Institucional (2008-2012)*. Cruz Alta, 2007.
- UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA. Vice-Reitoria de Graduação. *Projeto Político Pedagógico (Curso de Matemática)*. Cruz Alta, [200-?]. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/visao-missao-c3.html>>. Acesso em: 25 maio 2015.

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PIBID PROBLEMATIZANDO A TEMÁTICA LIXO

*Gabriela Müller FIDENCIO; Ana Paula Stolberg SIQUEIRA; Vitória Isabel Bastos dos SANTOS; Caroline SEVERO; Edela LUTZ; Anna Maria DEOBALD; Fabiana Lasta Beck PIRES*

Instituto Federal Farroupilha – *Campus* Panambi. Rua Erechim, 860 – Bairro Planalto, Panambi - RS, CEP98280-000

E-mails: gabrielamullerfidencio@gmail.com; anynhastolberg@hotmail.com; visabelferreira.vibf@gmail.com; carolinessevero@gmail.com.

### **Resumo**

Bolsistas do PIBID do curso de Licenciatura em Química desenvolveram uma intervenção na E. M. E. F. Bom Pastor, com o objetivo de promover a aprendizagem de Ciências, abordando o assunto lixo e aprofundando conceitos. A atividade foi desenvolvida com os alunos do 9º ano da escola. Para que ocorresse uma maior internalização do conhecimento, as atividades foram desenvolvidas por meio de apresentação de *slides*, visualização de vídeos, *quiz* de perguntas e respostas, experimentos, uso da lousa e cruzadinha. Por meio de um questionário e de uma cruzadinha, pudemos verificar o aprendizado dos alunos após a intervenção desenvolvida. A partir do levantamento de dados, anterior e posterior ao desenvolvimento das atividades, verificamos o quanto importante foi para a ampliação dos conhecimentos dos alunos.

**Palavras-chave:** Lixo. Educação. PIBID.

### **INTRODUÇÃO**

Um grupo de bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) *Campus* Panambi, realizou uma ação pedagógica na Escola de Ensino Fundamental Bom Pastor da supracitada cidade, na qual foi abordado o conteúdo de Ciências da Natureza, com a temática Lixo.

Essa atividade foi desenvolvida com os alunos do 9º ano da Escola, com o objetivo de promover a aprendizagem de Ciências, abordando o assunto lixo e aprofundando conceitos como tensão superficial, densidade, polaridade, entre outros. O projeto “Lixo”

surgiu a partir das necessidades verificadas junto à comunidade escolar.

O assunto foi abordado de diversas maneiras para que os alunos compreendessem os conceitos, elucidando suas dúvidas. Foram realizadas diversas atividades, com o auxílio de projetor multimídia, vídeos, atividade em grupo e experimentos.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo teve como abordagem a pesquisa qualitativa e quantitativa, objetivando traduzir e expressar o sentido de fenômenos por meio de dados. Os sujeitos da pesquisa foram alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A atividade abrangeu um total de 15 alunos. Utilizamos um questionário inicial, para que pudessemos verificar os conhecimentos prévios dos alunos. Esse questionário possuía 12 questões dissertativas. Após, foi apresentada a parte teórica, abordando conceitos como o que é lixo, classificação do lixo, coleta e destino, coleta seletiva, reciclagem e aterro sanitário.

Para reforçar o conhecimento, na sequência foi visualizado um vídeo. Nesse vídeo os conteúdos abordados foram os mesmos que na apresentação de *slides*, mas de uma forma lúdica, por meio de uma animação divertida. Para a socialização do conhecimento trabalhado na tarde, a turma foi dividida em dois grupos, no intuito de participar de um *quiz* de perguntas e respostas. As perguntas apresentavam respostas objetivas que, para responder, os alunos mostravam plaquinhas confeccionadas pelas bolsistas, que continham as palavras “reciclável” e “orgânico”; esse *quiz* tinha por objetivo avaliar o conhecimento obtido a partir da explicação anterior, sobre a classificação do lixo.

Em seguida, fizemos os experimentos com os alunos. O primeiro experimento abordou o conceito sobre densidade e polaridade. Colocamos água, álcool e óleo em uma proveta, que resultou em três fases distintas. Misturamos levemente e continuaram separadas em três fases, porém a fase intermediária

que é o álcool, misturou-se parcialmente com a água e com o óleo. Isso ocorre devido à molécula do álcool ter uma parte da molécula polar e outra apolar; como semelhante dissolve semelhante, a parte polar do álcool misturou-se com a água. A parte apolar da molécula do álcool misturou-se parcialmente com o óleo. A teoria sobre densidade e polaridade foi abordada para os alunos com o uso deste experimento, explicações e uso da lousa. O experimento seguinte foi sobre tensão superficial, no qual fizemos o experimento com água e canela. Em um prato, os alunos colocaram água e polvilharam canela; em seguida, foi colocada, uma gota de detergente, na qual foi visualizada a tensão da água sendo quebrada instantaneamente.

O experimento foi repetido com a utilização de leite no lugar da água e corantes em vez de canela, experimento do “leite psicodélico”. Nesse experimento, quando os alunos pingaram detergente, a tensão superficial não foi quebrada imediatamente. Isso ocorre porque no experimento com a água a molécula possui ligações de hidrogênio. Então, quando o detergente entra em contato com a água, essas ligações são quebradas, rompendo imediatamente com a tensão superficial. No experimento com o leite, este é constituído principalmente por água e gordura; os corantes não se misturam por causa da gordura, o detergente que é um agente tensoativo quebra essa tensão e permite que os corantes se misturem aos poucos.

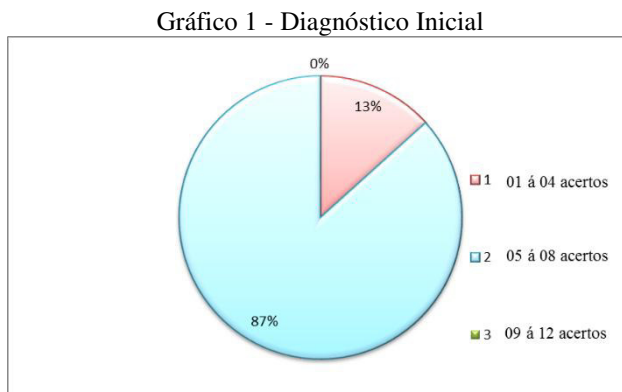
Esses experimentos foram escolhidos para explicar a relação e a importância com a água, de evitar a poluição da água, principalmente por óleos, pois eles criam uma camada sobre a água, impedindo a passagem de oxigênio e luz solar para os seres vivos que ali habitam, ocorrendo assim um desequilíbrio ambiental. Salientamos também a importância da mudança de hábitos cotidianos, que muitas vezes são vistos como comuns, mas que poluem muito o meio ambiente, como a prática de evitar o derramamento de óleo, principalmente no ralo da pia da cozinha. Após essas atividades, foi utilizada uma cruzadinha com as mesmas

questões do questionário inicial, para verificar se houve evolução na aprendizagem dos conceitos pelos alunos. Para explicar a parte teórica do conteúdo, utilizamos vários recursos como o projetor multimídia, lousa, vídeos, *quiz*, questionário, cruzadinha e experimentos. Para os experimentos, utilizamos vidrarias de laboratório e desenvolvemos as atividades experimentais no laboratório de ciências.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

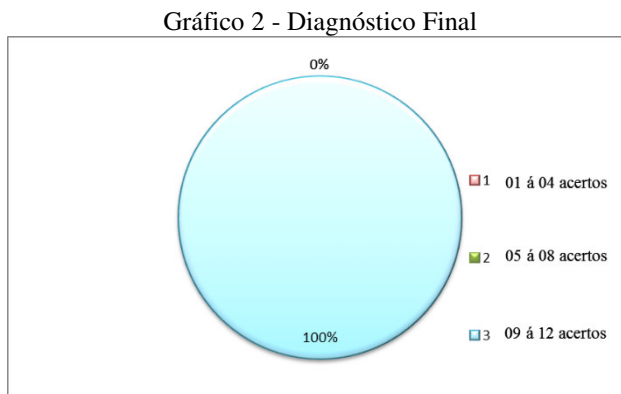
Durante a explanação da parte teórica, muitos questionamentos foram levantados pelos alunos. Após a análise do questionário inicial, pudemos avaliar o conhecimento prévio desses alunos e verificou-se que muitos deles possuíam dúvidas em algumas questões, como: Qual é o destino final do lixo? Qual é o gás produzido na decomposição do lixo orgânico? Baterias, pilhas, computadores e televisores pertencem a qual tipo de lixo? Qual é o tipo de lixo, que é radioativo, produzido principalmente por usinas nucleares?

Depois das explicações e dos experimentos, pôde-se avaliar que o índice de acertos nessas questões teve um aumento significativo. Conforme o gráfico 1, diagnóstico inicial, observou-se que os alunos não possuem um conhecimento amplo sobre o assunto.



Fonte: Bolsistas PIBID, IFFar *Campus* Panambi, 2017

Após o desenvolvimento das atividades, os alunos acertaram praticamente todas as questões. Esses resultados foram positivos, pois mostraram que houve grande aprendizado, sendo que o planejamento das atividades foi assertivo.



Fonte: Bolsistas PIBID, IFFar *Campus* Panambi, 2017

Os experimentos foram realizados pelos próprios alunos para que os mesmos pudessem observar, na prática, como ocorrem alguns fenômenos que são ocasionados principalmente pela poluição das águas. Segundo Vigostsy, “O saber que não vem da experiência não é realmente saber”. Por esta razão, os experimentos são extremamente importantes para o aprendizado.

Por intermédio dos depoimentos dos alunos, após a sistematização dos conteúdos, observamos que se envolveram e gostaram das atividades. As falas a seguir reiteram nossa premissa de que a intervenção foi satisfatória em termos de aprendizagem: “Aprendi a densidade, fiz várias experiências, vi um vídeo, sobre a reciclagem, foi muito legal maluco sabotagem. Vim aqui representar a 93 mais uma vez. Foi muito maneiro, foi muito legal e no final me senti radical.

Recicle o lixo, o mundo precisa de sua ajuda – Poluição = + Vida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados obtidos a partir dos questionários, percebeu-se quão importantes foram as atividades ministradas para a ampliação dos conhecimentos dos alunos. Portanto, acredita-se que os objetivos deste projeto foram alcançados com êxito. De acordo com o que foi trabalhado, pôde-se analisar que o PIBID pode atuar na escola e problematizar o ensino de maneira contextualizada, estimulando a consciência ambiental. Conclui-se que é possível trabalhar essa temática de diversas formas, alterando a ideia dos alunos de que o lixo deve ser descartado, estimulando o reaproveitamento de muitas formas.

## REFERÊNCIAS

- RIBEIRO, Daniel Vêras; MORELLI, Márcio Raymundo. 2009. *Resíduos Sólidos. Problema oportunidade*. Rio de Janeiro.
- CALDERONI, S. 1999. *Os bilhões perdidos no lixo*. São Paulo. Humanistas Editora, FFLCH/USP, 3ª ed.; 346 p.
- SENAI-SP. *Planejamento de ensino e avaliação do rendimento escolar – PEARE: A história de um projeto*. São Paulo. Sesi Senai Editora, 1ª ed.; 201, 212 p.

# EDUCAÇÃO, SAÚDE MENTAL E AUTISMO: AS EXPERIÊNCIAS NA FILOSOFIA DO FAZER JUNTOS

*Christine Revereley do Prado; Eloá Teresinha Bagetti;  
Lúcia Otonelli Crescente; Queilane Souza Nascimento Copetti; Mery  
Lilian Eickhoff; Priscilla Lucena Vianna Dias*

ASSAMI – Casa AMA – Associação de Saúde Mental de Ijuí/RS, CEP:98. 700. 000  
E-mails: christinerevereley@hotmail.com; bagettielo@ibest.com.br; lucia.crescente1402@gmail.com;  
queilane.nascimento@hotmail.com; lilianmery@hotmail.com; priscillaviannadias@outlook.com.

## Resumo

É necessário pensar sobre o autismo e as culturas da infância na contemporaneidade, pois as políticas públicas voltadas para a educação inclusiva perpassam desde o acesso e permanência da criança no contexto educativo, vislumbrando os aspectos de acessibilidade, respeitando suas diferenças individuais e atendendo às suas necessidades a partir de adequações curriculares e práticas pedagógicas, promovendo nessa perspectiva as aprendizagens essenciais. Contudo, sabe-se que ainda há muito a se efetivar no âmbito da educação inclusiva, bem como na saúde mental; por essa razão, em 2013, na cidade de Ijuí/RS surge o Grupo AMA Autismo, na Associação de Saúde Mental de Ijuí, tendo a finalidade de buscar espaços de diálogos e reflexões. Portanto, este trabalho explicita brevemente o surgimento deste grupo, bem como sobre as distintas experiências que se teve desde o seu início, destacando neste relato o privilégio de poder aprender e conviver com crianças autistas, descobrindo os diferentes mundos que há no mundo.

**Palavras-chave:** Infância. Autismo. Aprendizagens.

## INTRODUÇÃO

### OS DIFERENTES *OLHARES* PARA O TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)

*“O objetivo do cuidado dispensado á criança é não apenas produzir uma criança saudável, mas também permitir que o desenvolvimento máximo de um adulto saudável seja alcançado [...]”* D. W. Winnicott

Winnicott apresentou algumas discussões em seus escritos destacando a correlação entre o desenvolvimento emocional da criança e o estabelecimento da construção de uma vida mental, abordando que saúde é maturidade e que essa só pode ser alcançada quando o sujeito é capaz de percorrer o caminho desenvolvendo-se a partir da dependência para o processo da independência; isso denominamos de amadurecimento. Nas discussões referentes ao autismo, o elemento de autonomia está muito ligado ao que diz o autor referido.

Por conseguinte, sabe-se que no TEA esse processo no desenvolvimento da autonomia ocorre de maneira distinta. Durante as diversas fases do desenvolvimento, falando de forma pedagógica, nos primeiros anos de vida da criança, faz-se necessário uma maior estimulação essencial, para que reconheça a si mesma e o mundo que a cerca. Carlos Gadia (2016, p. 440) descreve que os comportamentos que definem o TEA incluem déficits qualitativos na interação social e comunicação, padrões de comportamento repetitivos, estereotipados, e alguns apresentam repertório restrito de determinados interesses e atividades distintas, sejam essas no âmbito de lazer, educativo/pedagógico ou da própria importância que identifica. Por essas razões que é tão importante discorrer sobre as diferentes intervenções e distintos olhares para com o TEA.

## **EDUCAÇÃO, APRENDIZAGENS E AUTISMO**

A educação pressupõe o desenvolvimento integral do sujeito, baseada em práticas pedagógicas significativas, que abarcam os diferentes contextos sociais nos quais crianças e adolescentes estão inseridos. Nesse sentido, é necessário olhar e compreender a cultura da infância e os saberes que a criança venha a trazer para o cotidiano da escola e da clínica, pensando que precisa ter a construção coletiva do olhar sensível e cuidadoso perante eles. Gadia (2016, p. 444), no contexto educativo, afirma que é

necessário desenvolver práticas baseadas em evidências, sendo cuidadosamente selecionadas para atender às necessidades do aluno. Também devem ser implementadas com o objetivo de atingir o benefício educacional, sendo esse de curto e longo prazo, permitindo a escolha das estratégias de ensino mais coerentes e adequadas. No autismo, isso não foge à regra, pois estudos científicos recentes como de Chiang e Lin afirmam a eficácia de estratégias multissensoriais no desenvolvimento de aprendizagem de crianças com TEA.

Na busca por um melhor entendimento e pensando em aprimorar aprendizagens sobre TEA, foi criado em 2013 o Grupo de Estudos e Apoio aos Familiares de pessoas com TEA, na cidade de Ijuí/RS, na CASA AMA, tendo como mantenedora a Associação de Saúde Mental de Ijuí (ASSAMI).

## **METODOLOGIA**

Buscam-se inspirações no método autobiográfico e a formação de António Nóvoa e Mathias Finger (2010), por permitir que seja realizada uma construção coletiva, oportunizando uma atenção muito singular e um grande respeito pelos processos das pessoas que fazem parte desta formação no coletivo. A mesma possibilita as trocas de experiências, favorecendo o protagonismo, e constitui uma abordagem que permite ir mais longe na compreensão dos processos de formação e das histórias de vida.

## **O GRUPO AMA (AUTO-MÚTUA-AJUDA) AUTISMO EM IJUÍ/RS**

O Grupo de Estudos sobre Autismo tem sua metodologia de intervenção inspirada na filosofia de *FareAssieme* – fazer juntos, praticado pelo serviço de saúde mental de Trento na Itália. Tem como proposta buscar aprender sobre o autismo a partir dos relatos das histórias de vida e de experiências, bem como construir um espaço comum para fomentar distintas reflexões sobre temáticas relativas ao autismo. A proposta surge a partir da experiência

pedagógica com o menino S, no contexto da escola pública estadual X, juntamente com a sua educadora especial e sua mãe. S foi a primeira criança autista a ingressar na referida escola.

Sendo assim, S foi acolhido no contexto educativo juntamente com sua família, e logo as inquietações iniciaram: “O que S irá aprender? Como ensiná-lo? Como S aprende? Quais as maneiras de adequações curriculares para S? S não fala e agora como se comunicar com ele?”, entre outras.

A partir disso, constitui-se o grupo de estudos e apoio aos familiares, surgindo timidamente do entusiasmado desejo de sensibilizar, informar que pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista) fazem parte da sociedade e que precisam estar na escola e nos espaços da cidade.

O grupo objetiva, além do conhecimento técnico-teórico em temas pertinentes, oferecer um espaço de acolhimento e escuta sensível das narrativas dos familiares, profissionais envolvidos no atendimento às pessoas com TEA, como expressa René Barbier (2007):

[...] a escuta sensível reconhece a aceitação incondicional de outrem. O ouvinte sensível não julga, não mede, não compara. Entretanto, ele compreende sem aderir ou se identificar às opiniões dos outros, ou ao que é dito ou feito.

Cabe destacar a importância da associação nesta trajetória; a ASSAMI – Associação de Saúde Mental de Ijuí – foi fundada em 28 de janeiro de 2008, é integrada por profissionais, apoiadores voluntários, usuários, familiares e pessoas da comunidade, pela prática do “*fare insieme*” – fazer juntos, e iniciou suas atividades através de intercâmbio com o Serviço de Saúde Mental da Província de Trento – Itália, país precursor das reformas das instituições de atendimento a portadores de sofrimento mental, que implantou as primeiras mudanças para atendimento mais humanizado nesta área. Em 23 de abril de 2009, a Associação de Saúde Mental de Ijuí – ASSAMI, instala a Casa AMA – Casa de Auto-Mútua-Ajuda, que incentiva o protagonismo, a

corresponsabilidade, a mutualidade, a solidariedade, a inclusão social e escolar, a cidadania, atuando em conjunto com quem compartilha objetivos similares rumo a uma sociedade mais humana e igualitária.

A dinâmica dos encontros do grupo se dá com rodas de conversas, acontecem uma vez ao mês, mediadas por profissionais da saúde e educação, despojadas de protocolos rígidos que proporcionam um ambiente de acolhimento e trocas de saberes e experiências. Das narrativas surgem propostas de apoio para as necessidades práticas de encaminhamentos junto a gestores de educação e saúde.

No trabalho do grupo, tem-se destacado a formação dos profissionais através de seminários regionais em parceria com a Associação Pandorga de Autismo de São Leopoldo, entidade que trabalha com autistas, influenciando também nas políticas públicas vinculadas à saúde e educação.

## **REFLEXÕES FINAIS**

Estudar sobre o TEA oportuniza compreender que antes do transtorno vem uma criança e ela apresenta potencialidades, culturas, saberes, além de distintas maneiras de desenvolver as suas aprendizagens. Por essa razão, destaca-se a urgência de uma pedagogia da participação nos cotidianos das escolas públicas e nos contextos de saúde mental que oportunize crianças e adolescentes a serem também protagonistas desses processos.

Nesse sentido, com as discussões e experiências com o Grupo AMA Autismo, tivemos o privilégio de podermos perceber que, por mais que haja inúmeras carências nos sistemas educacionais públicos, pode-se repensar esses contextos e, a partir de uma pedagogia transformadora, possibilitar aos sujeitos a oportunidade de receberem uma educação mais adequada às suas necessidades e características, pautadas em um ensino de qualidade, que estimule as habilidades individuais e os interesses das crianças, e que esse esteja intimamente contextualizado às suas

realidades. Pois acreditamos que o pressuposto da inclusão não é o como incluir, mas sim poder reconhecer e compreender as diferenças existentes nas crianças, suas histórias de vida, pois, ao reconhecer que existem as diversidades e características individuais, supõe-se que é preciso trabalhar respeitando-as, buscando realizar as possíveis adequações curriculares e desenvolvendo uma pedagogia para a infância.

## REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília - DF: Liber Livro Editora, 2007.
- FERRARI, Pierre. *Autismo infantil: o que é e como tratar*. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2014.
- FONSECA, Vitor da. *Tendências Futuras da Educação Inclusiva*. Educação. Porto Alegre - RS: PUCRS, nº. 49, março 2003. p. 99-113.
- FORMOSINHO, Júlia Oliveira. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (orgs.). *Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre - RS: Artmed, 2007.
- GADIA, Carlos. Aprendizagem e Autismo. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. (orgs.). *Transtornos da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre - RS: Artmed, 2016.
- NÓVOA, António. FINGER, Mathias (orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo, SP: Paulus, 2010.
- ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. (orgs.). *Transtornos da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre - RS: Artmed, 2016.

# A FORMAÇÃO CONTINUADA EM CONTEXTO: A POSSÍVEL PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

*Bruna Barboza TRASEL; Celso José MARTINAZZO*

Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul- UNIJUI. CEP: 98700000.

E-mails: brunabarbozatrasel@gmail.com; martinazzo@unijui.edu.br

## **Resumo**

O presente artigo apresenta e discute a questão da formação continuada em contexto como possibilidade de prática pedagógica apoiada na conceitualização a partir de dois autores, Julia Oliveira-Formosinho e Francisco Imbernón, que concordam ao considerar que a formação continuada deve ocorrer em “contexto” ou no “*locus*”. A reflexão se caracteriza por ser uma pesquisa bibliográfica de método dedutivo-indutivo.

**Palavras-chave:** Formação. Contexto. Prática.

## **INTRODUÇÃO**

O caminho delineado para esta pesquisa, que se caracteriza por ser um recorte da Dissertação de Mestrado que vem sendo construída e reconstruída no âmbito do curso de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Unijui/Ijuí/RS, perpassa a construção de um conceito de formação continuada a partir da contribuição, especialmente, de dois autores centrais: Julia Oliveira-Formosinho e Francisco Imbernón.

A primeira é professora associada da Universidade do Minho/Braga/POR, Vice-presidente da Associação Criança, membro da direção da EECERA (Associação Europeia de Investigação em Educação de Infância), e suas pesquisas abordam a formação em contexto como desenvolvimento profissional. Já o segundo, Professor da Universidade de Barcelona/ESP, propõe que gestores da educação devem cuidar do aperfeiçoamento em serviço,

com momentos de formação no *locus* da escola, indicando a importância da formação dos formadores, que compreendemos que são os professores/coordenadores pedagógicos.

Esses conceitos construídos ao longo da trajetória da graduação e dos cursos de pós-graduação instigaram-me a pensar sobre a união da teoria vinculada nos momentos de formação continuada com a postura dos educadores em sua prática, pensando, assim, nas questões pedagógicas que envolvem a teoria e a prática no trabalho do professor.

Já asseguro, neste primeiro momento, como hipótese inicial que a teoria e a prática são indissociáveis e que, embora seja possível fazer referência a uma teoria ou a pressupostos teóricos e não utilizá-los na prática, ao contrário, a prática pedagógica revela, em sua sutileza, as concepções do educador. Estas constatações se deram neste período como professora/coordenadora pedagógica ao observar o cotidiano da escola.

Assim, munida de todas essas concepções que me constituem a educadora que me tornei, pretendo nesta pesquisa abordar, com a profundidade possível nesse período, questões relacionadas à práxis, conceito que vem tomando forma ao longo dos anos e que segundo o meu entendimento, enquanto pesquisadora, é a conduta ou a ação do educador. Coloco como questão primordial, no primeiro capítulo da dissertação, *A práxis pedagógica em um contexto de complexidade: Discutindo a relação teoria-prática da docência na Educação Infantil*, um resgate histórico da concepção do termo *práxis* pelos gregos, avanço historicamente nas referências herdadas de Karl Marx e, por fim, ousou discutir a práxis pedagógica a partir dos pressupostos do Paradigma da Complexidade.

No segundo capítulo, *O Professor/Coordenador Pedagógico e a formação continuada em contexto: a possível práxis pedagógica de uma Escola de Educação Infantil*, pretende-se apresentar o conceito de formação continuada em contexto, enfatizando o lugar de *formador* do Coordenador Pedagógico e

tendo como apoio teórico as ideias de Edgar Morin e de outros teóricos e pensadores que entendem o Paradigma da Complexidade como suporte epistemológico e pedagógico.

O terceiro capítulo objetiva analisar a documentação pedagógica construída por coordenadores pedagógicos e professores através da utilização de portfólios e os próprios portfólios a partir de categorias predeterminadas e tem por título *Documentação pedagógica: a utilização de portfólios como instrumento de comunicação das aprendizagens e da práxis pedagógica dos professores de uma escola de Educação Infantil*. Neste capítulo, pretende-se resgatar a figura do professor/coordenador pedagógico como pesquisador, como sujeito que constrói o conhecimento a partir da documentação pedagógica das formações continuadas em contexto.

É sobre o segundo capítulo, *O Professor/Coordenador Pedagógico e a formação continuada em contexto: a possível práxis pedagógica de uma Escola de Educação Infantil*, que me debruço a pensar neste escrito.

## **O PROFESSOR/COORDENADOR PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO CONTINUADA EM CONTEXTO: APRESENTANDO CONCEPÇÕES**

A formação continuada de professores é um tema altamente discutido e pensado pelos pesquisadores das mais diversas áreas. O tema vem ganhando relevância na última década por diversos fatores, dentre os quais escolho três fatores práticos, vivenciados nas escolas, para referenciar essa mudança de perspectiva na formação de professores. Em primeiro lugar, a crise na função do professor: no ensinar. Em segundo lugar, a tomada de consciência de que somente a formação inicial é incompleta para a completude que é ser professor e, por fim, que, para conquistar uma identidade profissional, o professor precisa estar em constante reflexão sobre a prática.

A tomada de consciência de que somente a formação inicial é incompleta para a completude que é ser professor se dá em decorrência da crise citada anteriormente. Afinal, como formar um professor que não somente ensina, mas também participa do processo de aprendizagens ocupando outros lugares, subjetivando e objetivando conhecimentos de muitas maneiras? Como poderiam, em quatro anos, obter o conhecimento para o ensino de crianças por toda uma vida profissional? A formação inicial passou a ser vista como base, o básico ou mínimo, para que o sujeito receba da República Federativa a autorização para dizer-se *licenciado em*. Oferta a esses sujeitos o mínimo de ferramentas cognitivas/subjetivas e ferramentas objetivas (ou o fazer pedagógico) para atuar como profissional professor, mas não somente isso, para tornar-se professor.

Porém, para conquistar uma identidade profissional, o professor precisa estar em constante reflexão sobre a prática, isto porque, não se torna professor ao receber o título de *licenciado em*, se torna professor no exercício efetivo da profissão. Assim, a identidade docente se constrói no legítimo ato de educação escolar, na sequência efetiva de ações, que são diversas, sem modelo e sem fórmula. Assumir a identidade docente requer pensar sobre a relevância de sua profissão no âmbito social munido da possibilidade de repensar constantemente sua prática. Isto é possível pela formação continuada de professores.

Desta forma e em relação a estes três fatores, busco compreender mais sobre a formação continuada como possibilidade de desenvolvimento profissional<sup>1</sup>, utilizando-me desses dois autores: Oliveira-Formosinho e Imbernón, destacando, em suas preposições, a possibilidade de pensar a formação continuada como parte da práxis docente.

---

<sup>1</sup> Desenvolvimento profissional é um conceito abordado por Julia Oliveira-Formosinho e João Formosinho (2002, p. 6) como sendo “um processo vivencial não puramente individual, mas um processo em contexto”, um processo de construção coletiva e de avanço na identidade docente.

Julia Oliveira-Formosinho propõe um conceito de formação continuada em contexto articulada ao desenvolvimento profissional, focada nas questões do contexto. A pergunta é por que em contexto? Essa autora considera que “o desenvolvimento do ser humano tem a ver, direta e indiretamente, com os seus contextos vivenciais”. E mais, a formação continuada em contexto “começa assim no desenvolvimento de uma visão do mundo que pensa na imagem de pessoa – a imagem de criança, a imagem de adulto profissional”. Além disso, “a desconstrução da forma tradicional de pensar a educação de infância é um requisito para pensar e fazer formação em contexto, pois o peso histórico da pedagogia de infância tradicional precisa de ser refletido [...]” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2016, p. 87). Desta forma, “a formação continuada em contexto começa, portanto, na desconstrução do modo tradicional de fazer pedagogia da infância” (2016, p. 88).

Francisco Imbernón (2010, p. 56) discute a formação continuada de professores e pondera que não bastam apenas momentos para as formações, mas, sim, as necessidades reais de um grupo de professores que tem a percepção de que “participar da formação significa participar de uma maneira consciente, o que implica suas éticas, seus valores, suas ideologias, fatos que nos permitem compreender os outros, analisar suas posições e suas visões”. Esse autor ainda coloca que a formação precisa partir *de dentro*<sup>2</sup>, do *locus* da instituição, daquilo que produz problemática para o grupo de educadores. A formação serve para caminhar em busca de uma utopia de escola. Existe um ideal de escola, produzido/sonhado pelos professores da equipe gestora, mas também pelos demais, apoiados em documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI, e a formação tem sido o caminho para chegar a este ideal. Em virtude

---

<sup>2</sup> No Glossário do livro *Formação Continuada de Professores*, Imbernón conceitua formação a partir de dentro como “a formação realizada na instituição educacional, partindo-se das necessidades e situações problemáticas do usuário da formação e promovendo-se uma repercussão na totalidade dessa instituição” (2010, p. 115).

desse ideal de escola, a função do coordenador pedagógico possui o tencionamento de estar sempre dando vida a esse ideal.

E, em relação a tal panorama, Imbernón (2010) ratifica a ideia de que os professores/coordenadores pedagógicos enquanto formadores necessitam superar algumas condições apontando mudanças. Menciona que “o formador deve assumir cada vez mais o papel de um colaborador prático em um modelo mais reflexivo, no qual será fundamental criar espaços de formação, inovação e pesquisa [...]” (IMBERNÓN, 2010, p. 94). Assim, propicia a problematização do cotidiano escolar, buscando o efetivo avanço nas práticas educativas.

Nos últimos anos, têm se intensificado os espaços/tempos de formação continuada nos contextos escolares, indicando que a melhor forma de avançar na efetivação de uma escola de qualidade perpassa pela formação e ressignificação de saberes daqueles que concretizam o processo de educação formal. Reafirma-se aqui que a formação continuada deve incluir e envolver todos os profissionais da educação, independentemente da função que ocupam.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude das premissas apresentadas, pretendia-se evidenciar o conceito de formação continuada em contexto que abrange os momentos de estudos e discussões de todos os profissionais da escola/educação infantil, sendo eles professores, auxiliares, monitores e funcionários, discutindo o cotidiano e proporcionando a possibilidade de articulação dos saberes teóricos e práticos, enfatizando momentos de práxis pedagógica.

Essas considerações apresentadas objetivaram delinear um cenário propício à discussão do cotidiano, do habitual e costumeiro, no sentido de problematizar a prática pedagógica recorrente a fim de avançar no sentido de qualificar a Escola Infantil como espaço do acolhimento e do saber.

## **REFERÊNCIAS**

- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. A formação em Contexto: a mediação do desenvolvimento profissional praxiológico. In: CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESTENFELDER, Noeli (orgs.). *Pedagogias das Infâncias, Crianças e Docências na Educação Infantil*. Santa Maria: UFSM, Centro de Educação, Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo; [Brasília] Ministério da Educação, Secretária da Educação Básica, 2016.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação Permanente do Professorado: novas tendências*. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Formação Continuada de Professores*. Tradução Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. Trad. Silvana Cobucci Leite. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos para melhorar a Formação Continuada de Professores*. Disponível em: <<http://gestaoescolar.org.br/formacao/francisco-imbernon-falaca-minhos-melhorar-formacao-continuada-professores-636803.shtml>>. Acesso em: 28 set. 2016, às 10:32.

# A CULTURA E O CURRÍCULO NA ESCOLA E INFÂNCIA CONTEMPORÂNEAS

<sup>1</sup>*Deise Raquel Cortes Pinheiro*; <sup>2</sup>*Noeli Valentina Weschenfelder*

<sup>1</sup>Mestranda do Ppgec, Unijuí. Av. Borges de Medeiros, 373, Bairro Campestre, Horizontina-RS, 98920. 000.

<sup>2</sup>Professora do Ppgec, Unijuí. Rua Roberto Low, 306, Centro, Ijuí-RS, 98700. 000.

E-mails: deisiraquelpinheiro@hotmail.com, noeli@unijui.edu.br

## Resumo

Este artigo resulta de um estudo que teve por objetivo elucidar questões referentes à cultura, currículo e infância, basicamente, passando pelos temas globalização, mídia e protagonismo social. Na intenção de construir conhecimento acerca destes elementos tão importantes para a educação, o currículo e a vida, busquei em referências teóricas algumas considerações que traduzem ideias e concepções em torno destas temáticas. Para tanto, considerei os estudos de Canclini (2009, 2007), Giroux (1997), Goodson (2008), Ignácio (2009), Sarmiento (2004) e Silva (2011). Os conceitos abordados referem-se a elementos fundamentais na constituição subjetiva do sujeito, além de serem extremamente importantes no que se refere ao ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Cultura. Currículo. Infância. Escola. Protagonismo Social.

## INTRODUÇÃO

*A cultura está acima da diferença da condição social.  
(Confúcio)*

Esta epígrafe nos leva a pensar a cultura como algo que não considera a diferença de classes sociais, pois está sobre elas. Nesse sentido, podemos conceber a cultura como algo que possui força, força para legitimar, força para construir histórias. Assim, interpreto que o autor pretende nos dizer que, independentemente da condição ou grupo social em que o indivíduo se insere, ele pode ser detentor de cultura. Ou seja, seria um equívoco afirmar que é o *status* ou capital social que “mede” a cultura de um povo,

indicando aquele que possui mais ou menos cultura. Mas qual seria o conceito definidor de cultura?

Esta é uma questão complexa; não há um conceito unificado e comum de cultura, pois ele varia de acordo com a ciência, os autores e inclusive o sujeito, visto que cada um o interpreta em perspectiva própria, sendo ela também uma questão subjetiva. No entanto, existem algumas ideias atribuídas à cultura, com as quais diferentes comunidades científicas estão de acordo, como por exemplo, de que a cultura é algo que se faz presente nas práticas sociais e que ela não é absoluta. Acredito que ela não só torna um povo ou grupo legítimo, mas produz sujeitos e identidades, além de também ser aquilo que permite pensar sobre o seu entorno, ou seja, ela produz significado ao mesmo tempo em que passa por processos de significação.

Nesse sentido, eu como professora de Educação Infantil e estudante de um curso de Pós-graduação posso contribuir para que a cultura também seja uma construção de ordem pessoal na medida em que vou me apropriando de discursos e ações e construindo conhecimentos a partir destes. A cultura nos constitui, transforma e ressignifica, da mesma forma que nós também agimos sobre ela. Assim, nem nós nem o nosso entorno permanecem o mesmo, visto que, tanto quanto nós, o nosso lugar também é reinventado constantemente no tempo e na história.

Assim como o sujeito, a sociedade e o mundo se transformam com e pela ação do homem; e a cultura, sendo uma construção humana, não permanece a mesma. É (re)inventada e (re)significada no espaço-tempo de uma história que ela ajuda a construir, como também é influenciada por ela. Vale ressaltar, que até aqui tratei da cultura em terminologia singular; no entanto, precisamos considerá-la em âmbito de coletividade, pois não existe uma, mas várias culturas. E, das diferentes culturas e modos de viver com os quais contactamos em nossa trajetória de sujeitos sócio-históricos, vamos internalizando o que nos for significativo

de cada uma e, assim, nos identificando e constituindo nossas identidades.

Percebo a necessidade de um maior esclarecimento e diferenciação acerca de cultura e informação. A informação é um patrimônio de acesso da maioria das pessoas. Cultura são valores, ideologias, práticas, entre outros, que são incorporados e marcam um grupo. Nesse sentido, cultura não se limita a informações, apesar de que frequentemente as pessoas têm usado a informação para se dizerem sujeitos de cultura, pois usam as fontes de enriquecimento cultural, como, por exemplo, centros históricos, museus, construções tombadas, para atestar isso, embora possam ter vivenciado estes lugares apenas de passagem.

Neste ato de interagir com outras culturas e considerando as mutações que elas sofrem com o passar do tempo, percebe-se que uma acaba se relacionando com outra, havendo cruzamento. A este processo se atribui o termo hibridismo. Híbrido é algo que não é “puro”, que é resultante de espécies diferentes. Nesse sentido, culturas híbridas são aquelas que resultam dos processos interativos de diferentes culturas (Canclini, 2009).

A hibridação comporta a heterogeneidade e o pluralismo, é um processo que nos ajuda a compreender a força que a cultura exerce sobre o social, pois disso tudo resultam o interculturalismo e, um passo antes dele, o multiculturalismo. Como pontua Canclini, “*Multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (2007, p. 15). Assim, o multicultural pode ser interpretado como admissão da diferença, como reconhecimento de que uma cultura não é soberana e que existem outras, igualmente ricas.

Porém, ter essa consciência da diversidade não garante uma postura de convivência, de ter o “diferente” ao seu lado. Interculturalismo é isso, é aceitar que o outro, o novo, integre o seu grupo, seja também um de seus pares e conviva em uma relação de troca e partilha. Afinal, é preciso ter como premissa que a diferença

é algo comum a todos, pois são essas interações e inter-relações entre os desiguais que vão somando e crescendo no conhecimento de mundo e apropriação cultural dos sujeitos.

Evidentemente, a cultura é algo que nos mantém conectados com os demais, estejam eles perto ou longe. Pois em nosso mundo atual, em que há de se repensar os conceitos de fronteira, muitas vezes, o longe está mais próximo de nós do que aquele que propriamente, está perto. Logo, entende-se que praticamente não existem mais limites que impeçam a cultura de se expandir, popularizar, alcançar outra. Isso tudo se deve ao fenômeno da globalização como citado, ela serve para nos aproximar, trazer o que antes era distante ao nosso alcance; contudo, ela também procura instaurar formas homogêneas de pensar, destacar ideologias (Canclini, 2007). Tais consequências da globalização apresentam-se como muros a certos objetivos, pois tendem a dificultar os processos e inviabilizar estratégias.

Creio que, diante de questões tão complexas, compreender-se pessoa humana e cultural demanda conhecimento amplo sobre o que é ser pessoa e sobre o que é ser cultural, sem deter-se em apenas uma área do conhecimento, mas aproximando-se de outras, num exercício de pensar as coisas em seus aspectos de totalidade e não isoladamente, haja vista que nós próprios temos muitos outros dentro de nós. Somos o resultado de tantas outras culturas que temos dificuldade em definirmos o que somos e como somos, pois somos pluralidade. Nossos processos de identificação vão acontecendo de acordo com o grupo em que estamos, pois é o ambiente e as relações que fazem emergir uma identidade que até então poderia estar silenciada. É por isso que os sujeitos assumem posturas distintas em diferentes lugares e com diferentes pessoas, e isso não representa uma crise de identidade.

Todas estas problemáticas me levam a pensar na demanda de mudanças em sentido amplo, na sociedade, comunidade, nos sistemas, nas escolas, no professor. Não se pode deixar a escola alheia a tais questões, assim como o sistema educacional não pode

colocar-se de lado disso tudo. A escola é uma instituição social, comporta diversos grupos sociais e é o lugar de compartilhamento e socialização da diversidade. Diversidade cultural, étnica, religiosa, diversidade de linguagens! Mas com a escola voltada às questões de globalização, interculturalismo e outros fenômenos, há lugar para a infância na contemporaneidade?

Indubitavelmente, esta é uma pergunta que merece uma reflexão especial e sensível na busca por possíveis respostas. A infância da atualidade vem se constituindo em um cenário de consumo, de mídia que manipula, de busca por um poder que está no *status*, de mercantilização de produtos que incitam o consumo infantil desde muito cedo, pois atualmente consumir está associado à identidade, devido a importância que é dada ao consumo (COSTA, 2009). Estes são alguns fatores que podem ferir a plenitude de ser infante e da criança ser de fato um ator social. As crianças precisam ser sujeitos protagonistas de suas histórias e não viver infâncias manipuladas por quem possui interesses contrários ao sadio desenvolvimento infantil, fazendo com que sejam assujeitadas.

São contrastantes as múltiplas infâncias que temos hoje; no entanto, há nelas algo em comum, algo que não se distingue; é de crianças que estamos tratando (SARMENTO, 2004). De crianças de identidade e subjetividade, as quais são um conhecimento inatingível, pois não é possível conhecer absolutamente tudo sobre elas devido à complexidade da infância e a tamanha sutileza de ser criança.

O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e as atividades sociais que desempenham, seja na escola ou na participação em tarefas familiares (SARMENTO, 2004, p. 23).

Aprender pressupõe *apreender, prender com*. Aprender através e pelas interações com seus pares ou não permite um conhecimento de mundo e de si próprio; é aprender com significação. Brincar é a marca da cultura infantil, em que aprender se dá com ludicidade. Conforme já mencionado, a cultura é mutante; com isso, as crianças vão crescendo novos elementos que emergem destas (re)construções às suas infâncias e culturas no decorrer do tempo. Tais reconfigurações tornam as crianças contemporâneas cidadãos implicados na construção do seu próprio lugar e da sociedade em que se inserem, um papel que nós adultos também desempenhamos, embora com outras responsabilidades (SARMENTO, 2004). Não somente fundamental na constituição subjetiva do sujeito, a cultura também é um forte elemento na construção do conhecimento e do currículo, seja o currículo em âmbito social ou cultural. E, desta forma, ela se torna um fio condutor para as discussões em torno do currículo, que, por sua vez, assume importância pelo que é, pelo que explicita e pelo que constroi e também constitui. Do mesmo modo que a cultura, o currículo também não é algo estanque, fechado, pronto ou acabado.

Inicialmente, permito-me refletir acerca das relações que se estabelecem entre cultura, currículo e infância. É preciso destacar que tais relações não acontecem em linearidade, em que um elemento depende ou é produto de outro, pois os três, de alguma forma, afetam e são afetados uns pelos outros. As diferentes infâncias, por exemplo, são frutos de diferentes culturas, em diferentes contextos e consideradas em diferentes currículos. Da mesma forma, os diversos modos de viver a infância e os diferentes infantes também são produtores de cultura e pontos de partida para a construção do currículo.

Acredito na relevância de destacar que o currículo existe em duas esferas, diferentes, mas igualmente importantes e convergentes: o currículo em âmbito social e em âmbito escolar. Social, porque incorpora capital cultural, valores, atitudes, conhecimentos que farão a diferença na vida dos sujeitos e,

portanto, em suas comunidades. O capital cultural é tratado por Giroux (1997, p. 37):

um país distribui bens e serviços, o que pode ser chamado de capital material; ele também distribui e legitima certas formas de conhecimento, práticas de linguagem, valores, estilos, e assim por diante, ou o que pode ser chamado de capital cultural.

Assim, o capital cultural pode ser conceituado como ações, crenças e práticas que vão sendo institucionalizadas. E, por sua vez, o currículo, em âmbito escolar, prescritivo, como documento que orienta as práticas pedagógicas e esclarece as ideologias da instituição educativa, compreende escolhas e, então, sem dúvidas, constitui identidades. O documento em questão possui relação estreita e direta com a aprendizagem, haja vista que nele constam as políticas de ensino e aprendizagem da escola, as intencionalidades, metodologias e concepções, entre outros aspectos, elementos que canalizam para facilitar ou não o ensino e a aprendizagem.

Nesse sentido, chamo a atenção para os currículos com os quais nos deparamos nas escolas, pois o que se percebe é que os mesmos são mais técnicos do que emancipatórios. Há mais preocupação com os conteúdos e habilidades a serem conquistadas do que com a construção de autonomia, de criticidade.

Goodson (2008) orienta para um currículo narrativo, que parte da história de vida dos sujeitos, “precisamos, em suma, sair do currículo como prescrição para o currículo como narração de identidade, do ensino cognitivo prescrito para o ensino narrativo do gerenciamento da vida” (p. 142). Pois aprender precisa ter sentido, precisa fazer sentido na vida. O mesmo autor defende que esse modo de pensar, criar e organizar o currículo passa a ser uma alternativa para uma sociedade e mundo melhores, pois vê nele “o caminho para nosso novo futuro social” (GOODSON, 2008, p. 142).

## **METODOLOGIA**

Tais explanações resultam de um processo de (re)leituras, buscas e discussões acerca de temas ilimitados, abordados em sala de aula. Eles ultrapassam os muros e me enfrentam face a face, pois se trata de questões que se correlacionam com a minha profissão, meus estudos e minha realidade. Para tanto, a metodologia empenhada para a reflexão deste estudo foi a pesquisa bibliográfica, buscando em obras de estudiosos como Canclini (2009, 2007), Giroux (1997), Goodson (2008), Ignácio (2009), Sarmiento (2004) e Silva (2011) o embasamento teórico para compreender as relações entre cultura, currículo e educação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir destas afirmações, reforço minha ideia de que é fundamental que o ensino parta da realidade do sujeito e que, a partir dela, sejam organizadas estratégias de aprendizagem que venham a transcendê-la. Ou seja, considerar a história, a trajetória, as vivências e o meio é importante no processo educativo. Não basta somente pensar e discutir a qualidade daquilo que se ensina; é interessante que seja dada atenção à qualidade da aprendizagem. De acordo com Goodson,

considerar o aprendizado como sendo localizado na história de vida é compreender que o aprendizado é situado contextualmente e que ele também tem uma história, tanto em termos da história de vida do indivíduo quanto da história e das trajetórias das instituições que oferecem oportunidades formais de aprendizado. E esse contexto inclui também as histórias das comunidades e localidades em que o aprendizado informal ocorre (2008, p. 155).

Entretanto, este currículo que compreende conteúdos prescritos e outros que emergem do cotidiano e a partir da história dos sujeitos é composto de elementos explícitos, descritos ou não. Tudo aquilo que não estava propriamente citado no currículo era chamado de currículo oculto. Silva (2011) entende que “o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar

que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para as aprendizagens sociais relevantes” (p. 78). Da mesma forma, Giroux (1997) afirma que “aquilo que não é dito é tão importante quanto aquilo que é dito” (p. 36).

Assim, os valores, atitudes, comportamentos, formas de ser e de conviver são elementos que eram considerados “ocultos” no currículo, embora seja indiscutível que fazem parte do currículo escolar, pois são considerados nos planejamentos escolares e tomados como ponto de partida para aprendizagens posteriores. Contudo, Silva (2011) também salienta que “numa era neoliberal de afirmação explícita da subjetividade e dos valores do capitalismo, não existe mais muita coisa oculta no currículo” (p. 81). Pois, de uma forma ou outra, o currículo deixa explícito aquilo que está ou não prescrito nele, bastando conhecer e atentar-se para perceber.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi explanado até então, percebe-se que esta escrita gira em torno de temas complexos, de conceitos inacabados e que variam de acordo com o tempo, com a história e de acordo com o sujeito, pois cada um significa e atribui sentido dentro de suas especificidades. O currículo é construído a partir dessa “negociação” dos diferentes sentidos que são dados às coisas e considerando cada um dos envolvidos, como agente importante na construção do mesmo. Pois ser protagonista social é permitir-se intervir na sociedade, no mundo, a partir de ações em que potenciais são postos em prática, de modo a constituir-se figura central na dinâmica social de ações coletivas. Na educação, os protagonistas sociais são os professores, as famílias, a comunidade escolar e outros, pois perpassam diferentes espaços sociais e culturais.

A escola é um espaço e um lugar para o desfrute e a vivência do protagonismo enquanto processo pedagógico de desenvolvimento humano, subjetivo, social e cultural. E é

importante que seja vista assim, como lugar de conhecimento, de instrução, de cultura e de desenvolvimento. Nela, podem ser permitidas aos alunos, professores e demais envolvidos a discussão, a reflexão e a ação em relação à sua vida e de sua comunidade, na intenção de legitimar a cidadania, impulsionando as transformações sociais e consolidando o protagonismo como sendo também uma estratégia metodológica. Pois a educação como principal meio de transformação social engloba experiências de aprendizagens e práticas educativas que promovam a responsabilidade, a autonomia, a humanização e a intervenção no seu meio e entorno. Assim, sinto-me no dever de refletir acerca disso tudo e assumir o compromisso de lutar por um mundo mais humano, fraterno e menos desigual, de pessoas responsáveis política e socialmente, e em que crianças sejam crianças. Afinal, a escola do século atual trabalha com desafios!

## REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: USP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Diferentes, Desiguais e Desconectados: Mapas da Interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: Rumo a uma Pedagogia Crítica da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- GOODSON, Ivor F. *As Políticas de Currículo e de Escolarização*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- IGNÁCIO, Patrícia. Crianças, Consumo e Identidade. In: COSTA, Marisa V. *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, Ana B. (orgs.) *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto: ASA, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

# REFLEXÕES DO PROFESSOR CONTEMPORÂNEO ACERCA DO ENSINO DA MATEMÁTICA

*Franciele Novaczyk Kilpinski Borré; Suelen Suckel Celestino*

Professoras da Rede Municipal de Educação Ijuí/RS – 98700000.

E-mails: franci.kil@bol.com.br; suelensuckelcelestino@gmail.com.

## **Resumo**

O presente trabalho tem como enfoque a prática do professor da educação infantil e dos anos iniciais da educação básica e as mediações referentes à construção de conceitos e conhecimentos matemáticos. Aborda-se uma temática dinâmica e reflexiva no ensino da matemática, buscando o desenvolvimento integral do aluno através de metodologias que ampliam, aprimoram e estimulam o raciocínio lógico. Para tornar significativa a construção dos conceitos matemáticos, os educadores devem planejar intervenções e metodologias práticas que façam com que a criança vivencie situações que a levem a fazer comparações, experimentações e reflexões acerca do universo matemático. É um desafio ao educador contemporâneo o estímulo e a motivação aos educandos para se tornarem aptos a interpretar, compreender e decifrar as situações problemas, conseguindo levar esse conhecimento para além da sala de aula, utilizando o raciocínio lógico e sua cognição no meio em que está inserido.

**Palavras-chave:** Conhecimentos Matemáticos. Ensino-Aprendizagem. Professor Mediador.

## **INTRODUÇÃO**

Esse artigo parte das reflexões sobre as vivências de educadoras da rede municipal de educação de Ijuí-RS, relativas à construção de conceitos matemáticos através das práticas cotidianas da educação infantil nos anos iniciais do ensino fundamental, visto que o processo de aprendizagem matemática se inicia muito antes do ingresso da criança nos anos iniciais da educação básica. A matemática sempre se fez presente na vida humana, desde os primórdios e se perpetua com o passar dos tempos, sendo imprescindível em nossas atividades. A construção matemática se

inicia com o nascer do sujeito e amplia-se no decorrer do seu desenvolvimento; partindo disso, acreditamos que o meio em que o sujeito está inserido, seu contexto histórico, social, cultural, econômico, além das intervenções pedagógicas que recebe, são fundamentais ao seu desenvolvimento integral como ser humano, cidadão de direitos e deveres em uma sociedade na qual vive com seus pares. O processo de ensino-aprendizagem da matemática não é algo isolado; portanto, as mediações matemáticas perpassam todas as áreas do conhecimento, bem como se completam. A criança também não constrói possibilidades, estratégias e reflexões isoladamente; ela é um ser integral que vai desenvolver e construir suas aprendizagens a partir dos estímulos e mediações que recebe do ambiente em que está inserida; desta forma, as mediações dos professores na escola são fundamentais para que, com autonomia, cada sujeito estabeleça relações expressivas entre os conhecimentos e, assim, aprenda a agir e interagir positivamente com os conceitos matemáticos estimulando cada vez mais seu raciocínio lógico.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho partiu de reflexões de professoras da rede pública de ensino sobre a prática pedagógica desenvolvida na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Baseia-se nas mediações do docente contemporâneo e leva em consideração a importância da matemática, contextualizando, assim, práticas desenvolvidas em sala de aula.

## **REFLEXÕES DO PROFESSOR CONTEMPORÂNEO ACERCA DA MATEMÁTICA**

A educação infantil é o primeiro contato que as crianças terão com nosso sistema de ensino; essas vivências permearão toda sua trajetória escolar e farão parte da sua formação enquanto sujeito nas diversas áreas de atuação. O currículo formal da educação básica é organizado em etapas, que se completam e complementam no decorrer da caminhada escolar. A educação infantil, primeira etapa

de nossa jornada, assume o papel de alicerce para as etapas seguintes, mostrando-se uma parte fundamental para a vida escolar.

A educação infantil teve sua importância reconhecida depois de uma longa jornada, e agora se sabe que ela facilita e fortalece as relações do conhecimento. É através dela que se iniciará sistematicamente a interação, a socialização e a formulação do conhecimento escolar; afinal, como nos diz o referencial para a educação infantil do MEC, “A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico [...]” (RCNEI, 1998, Vol. I, p. 21); sendo assim, a criança já traz consigo várias informações, e o papel da escola neste contexto é o de contextualizar os conhecimentos trazidos pela criança e estimular seu desenvolvimento.

Observa-se, então, que a educação infantil oferece grandes contribuições para a formação das crianças, bem como para seu melhor desempenho nas etapas seguintes da educação básica. É sabido que o conhecimento matemático é mais do que simplesmente contar (embora a contagem seja importante para a concepção de número), e que os conceitos matemáticos aprendidos na educação infantil serão de extrema importância na vida escolar e cotidiana dos educandos, sendo a base para os anos iniciais do ensino fundamental.

Constatamos dentro das nossas práticas cotidianas que contar, medir, calcular, comparar e resolver problemas são ações que as crianças já efetuam informalmente em seu dia a dia; desta forma, cabe ao educador possibilitar o aprimoramento desses conhecimentos, instigando a curiosidade e oferecendo situações e experimentações para construir e conceituar os saberes.

Dante nos mostra duas razões para realizarmos um trabalho voltado para o ensino da Matemática na Educação Infantil:

Ela desenvolve na criança o raciocínio lógico, a sua capacidade para pensar logicamente e resolver situações-problema, estimulando sua criatividade. É

útil para a vida diária da criança, pois, mesmo inconscientemente, ela está em contato permanente com formas, grandezas, números, medidas, contagens etc. (DANTE, 1996, p. 18).

Dois pontos principais podem ser expostos a partir da fala de Dante: estimular o raciocínio lógico e ser útil para a vida diária. Quando pensamos logicamente sobre qualquer assunto, aumentamos a probabilidade de acertos e resoluções. As crianças não conseguem pensar logicamente se não forem aguçadas para tal prática. O ensino na escola deve propiciar aos discentes meios para instigar seus pensamentos. “A criança que aprende pensando adquire um instrumental importante que lhe servirá por toda a vida” (CARRAHER, 2000, p. 32).

No ensino da matemática, tanto na educação infantil quanto nos anos iniciais, a criança deve partir da situação prática para depois chegar à teoria; o fazer é instrumento necessário no desenvolvimento da criança, pois, quando ela age sobre o objeto de conhecimento, deixa de ser mera receptora tornando-se agente protagonista da sua ação sobre o conhecimento. Propondo a resolução, e também a elaboração de problemas, estimulamos diferentes formas de raciocínio fazendo com que o aluno planeje, reflita e execute situações matemáticas, utilizando suas habilidades cognitivas levantando hipóteses, lançando mão de estratégias pessoais à fim de chegar ao objetivo. O professor contemporâneo deve apresentar problemas que estejam no nível de seus alunos, problemas que eles consigam solucionar sozinhos e outros que precisam ser resolvidos em grupos ou até mesmo por meio de pesquisa; assim, os discentes estarão desenvolvendo sua autonomia e independência e também aprimorando sua interação com o grupo, tendo assim, troca de experiências.

Para Neto (2001, p. 191),

[...] O problema não é rotina, mas também não pode ser impossível: é proximal. Os problemas fazem dar um passo à frente. Alguns são proximais para o aluno e ele pode resolver sozinho na sala ou em casa, promovendo a própria maturação. Outros são

muito difíceis para o aluno, mas são proximais para o grupo de alunos, promovendo maturação e socialização. Nos problemas, a Matemática passa a ser um meio e não um fim. É o momento da troca de ideias, da discussão, da defesa de ideias, mas aprendendo a abandoná-las, se for necessário [...]

Uma proposta de trabalho pedagógico com a matemática envolve muito mais do que somente contar, quantificar e calcular. Ela deve instigar a criança a pensar, perceber e demonstrar curiosidade acerca dos conhecimentos matemáticos, adquirindo diferentes formas de perceber a realidade, possibilitando situações de aprendizagens que desenvolvam o pensamento lógico e autonomia tanto no individual como no coletivo. Cabe, assim, aos educadores em sua prática atuar mediando o conhecimento formal, e conduzir o processo de ensino aprendizagem promovendo aos alunos construções internas motivadas e mediadas tanto de maneira intrínseca como extrínseca, tornando-os capazes de fazer inferências acerca do que lhes está sendo apresentado, onde possam descobrir, interagir e produzir através de brincadeiras, jogos, manipulações e levantamento de hipóteses, leitura e escrita, construindo e reconstruindo saberes.

As metodologias utilizadas e as mediações que o professor planeja e desenvolve são fundamentais para que a criança se aproxime do universo matemático e este se torne significativo, ocorrendo de fato a aprendizagem.

De acordo com Oliveira (2012, p. 13),

O professor exerce um papel de suma importância como agente de mudanças e formador de opiniões e caráter ao longo da vida do aluno. Ele poderá despertar simpatias e antipatias pela disciplina, causar traumas e dificuldades de aprendizagem ao longo da vida escolar, deixando marcas registradas no desenvolvimento futuro do aluno. Todavia sua presença e atuação pode despertar o prazer em aprender.

Assim, é importante ressaltar que as estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor aproximam ou afastam, instigam ou

aniquilam a curiosidade frente aos conceitos estudados; cabe, então, ao docente alicerçar sua prática de uma forma que instigue a participação efetiva das crianças, fazendo com que cada uma se sinta parte integrante e essencial do processo de ensino-aprendizagem, motivando a estabelecer relações importantes para o alcance do conhecimento esperado.

Ao ingressar nos anos iniciais do ensino fundamental, a criança vem repleta de conhecimentos, construções e vivências experienciadas até então, seja com a interação com o meio em que está inserida ou nas vivências que teve na educação infantil. Muitos conceitos básicos já estão se estruturando no raciocínio lógico matemático e precisam ser considerados quando a criança começa os anos iniciais. É interessante propor aos alunos atividades que permitam a iniciativa para que se sintam capazes de vencer as dificuldades com as quais se deparam. Deve-se estimular a criança a controlar e corrigir seus erros, seus avanços, também a rever suas respostas, possibilitando-lhe descobrir onde falhou ou teve sucesso e por que isso aconteceu.

Uma boa estratégia para as mediações do professor contemporâneo é o trabalho com jogos nas aulas de matemática; esta é uma forma de propiciar aos educandos um contexto significativo de aprendizagem, que ocorre de forma mais eficiente quando os alunos constroem seu conhecimento a partir de um processo ativo, determinando relações e dando significados. São diversas as formas de utilização dos jogos em sala de aula, com uma variedade de conceitos a serem explorados, cabendo ao educador planejar o melhor momento para utilizá-los. Os jogos permitem ao sujeito comunicar-se, levantar hipóteses, desenvolver estratégias, reagir diante do imprevisto, tomar decisões e mobilizar seus conhecimentos para solucionar um problema, conceitos importantes que permeiam a vivência da matemática, ampliando o universo do aluno.

Na escola, o jogo assume uma finalidade educativa, deixando de ser apenas lúdico, e passa a ser utilizado como um

método para o ensino/aprendizagem da matemática. Como nos dizem em Reame et al., através dos jogos nós exploramos diversas noções matemáticas: quantificação, comparação de quantidades, grandezas, operações e figuras geométricas. Mas para o jogo ser um instrumento de aprendizagem é necessário que o professor tenha uma intencionalidade quanto às noções matemáticas que serão trabalhadas.

Outro recurso possível de ser explorado de maneira dinâmica é utilizar literaturas as aulas de matemática; trata-se de uma forma de fugir do ensino tradicional, proporcionando aos alunos uma maneira de explorar os conceitos matemáticos em conjunto com a história, possibilitando aos educandos que realizem ligações entre a linguagem materna, a linguagem matemática e a vida real, favorecendo o desenvolvimento de competências para formulação e resolução de problemas, ao mesmo tempo em que expandem noções e conceitos matemáticos. Sendo assim, a associação das literaturas com o ensino na matemática fundamenta-se na ideia de que as duas potencializam habilidades de interpretar, analisar e sintetizar. Como a leitura é uma atividade que exige compreensão e comunicação, ela auxilia os alunos a refinar, elucidar, ordenar e sistematizar seus pensamentos; desta forma, contribui para a interpretação na interpelação e na resolução de problemas matemáticos, favorecendo a significação da linguagem matemática.

Segundo Smole, Cândido e Stancanelli (1999),

Quando abordamos os problemas-padrão com único material para o trabalho com resolução de problemas na escola, podemos levar o aluno a uma postura de fragilidade diante de situações que exijam criatividade. Ao se deparar com um problema que não identifica a operação a ser utilizada, só lhe resta desistir e esperar a resposta do professor ou de um colega. Algumas vezes ele resolverá o problema mecanicamente sem ter entendido o que fez e não será capaz de confiar na resposta que encontrou, ou

mesmo de verificar se ela é adequada aos dados apresentados no enunciado.

É desafio do educador tornar os educandos aptos a interpretar, compreender e decifrar os problemas que lhes são propostos; assim, mesmo quando for uma situação com a qual não estão familiarizados, conseguirão, utilizando seu raciocínio lógico e sua cognição, solucioná-los. As ideias matemáticas não são construídas de uma hora para outra; acontecem em um processo gradativo; por isso, a importância de se trabalhar a matemática ao longo de todo o ano, inclusive de um ano para o outro em todos os anos da educação básica. Desta forma, percebemos que a compreensão matemática requer um permanente processo de dinamização; desta maneira, a criança terá a oportunidade de interagir com o objeto de conhecimento, estabelecendo relações, solucionando problemas e fazendo reflexões para desenvolver noções matemáticas cada vez mais complexas, avançando, assim, em seus conhecimentos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática pedagógica voltada para a matemática na educação infantil e nos anos iniciais exige do educador competências e habilidades para além dos conteúdos escolares, fazendo com que as mediações desenvolvidas sejam significativas e tenham o aluno como protagonista do seu conhecimento. No cotidiano escolar, não basta meramente apresentar às crianças os conteúdos específicos; é preciso instigar individualmente e no coletivo a curiosidade e a satisfação em aprender, tornando o aluno agente de sua aprendizagem.

Essa é uma abordagem que nos desafia, desacomoda e, ao mesmo tempo, nos motiva a desenvolvermos nossa prática pedagógica diariamente. Torna-nos, assim, cada vez mais competentes, reflexivos e críticos sobre nossas práticas e como ela afeta integralmente o desenvolvimento dos nossos alunos.

### **REFERÊNCIAS**

- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Introdução*. Brasília: MEC/ SEF, 1998, v. 1.
- CARRAHER, Terezinha Nunes (org.). *Aprender pensando: contribuição da psicologia cognitiva para a educação*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DANTE, Luiz Roberto. *Didática da matemática na pré-escola*. Série educação. São Paulo: Ática, 1996.
- NETO, Ernesto Rosa. *Didática da matemática*. Série educação. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2001.
- OLIVEIRA, Rosiele Juvino. *O bom professor de matemática segundo a percepção dos alunos do ensino médio*. Disponível em: <https://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/12007/RosieleJuvinodeOliveira.pdf>. Acesso em: 13 maio 2017.
- REAME, Eliane et al. *Matemática no dia a dia da educação infantil: rodas, cantos, brincadeiras e histórias*. São Paulo: Saraiva, 2012.
- SMOLE, Katia Cristina Stocco; CÂNDIDO, Patricia; STANCANELLI, Renata. *Matemática e literatura infantil*. 4ª ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1999.

# EQUOTERAPIA NA SURDOCEGUEIRA: INCLUSÃO SOCIAL

*Aimê Cunha Arruda; Vaneza Cauduro Peranzoni; Carine Silva; Kauany Ferreira; Candida Elisa Manfio*

Acadêmica do curso de Fisioterapia da UNICRUZ e Bolsista FAPERGS- PROBIC. Doutora em Educação, prof. do Curso de Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento social – Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos da UNICRUZ. Acadêmica do curso de Fisioterapia da UNICRUZ. Bolsista Ensino médio PIBIC-EM/CNPQ. Doutora em Educação, professora adjunta da UNICRUZ, orientadora da pesquisa. CEP: 98005-082.

E-mails: aimecunha4@gmail.com; vperanzoni@unicruz.edu.br; kaca\_nascimento@hotmail.com; kaunyaferreiras2@gmail.com; cmanfio@unicruz.edu.br.

## Resumo

A presente pesquisa centraliza-se sobre o tema: a Equoterapia como método de desenvolvimento físico e mental no processo de ensino-aprendizagem e inclusão social em pessoas com surdocegueira. O projeto de pesquisa encaixa-se no âmbito das ciências humanas e desenvolve-se sob perspectiva qualitativa. O projeto está sendo desenvolvido no Centro de Equoterapia Easa/Unicruz. A prática da equoterapia constitui-se em um tratamento complementar de apoio à reabilitação física e mental dos praticantes, utilizando o cavalo como instrumento de trabalho em uma abordagem interdisciplinar. O pleno contato com a natureza favorece a sociabilidade, integrando o praticante, o cavalo e a equipe envolvida, constituindo-se de um trabalho dinâmico, que inclui desde o vínculo afetivo com o animal.

**Palavras-chave:** Estimulação. Cavalo. Deficiências Múltiplas.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa centraliza-se sobre o tema: a Equoterapia como método de desenvolvimento físico e mental no processo de ensino-aprendizagem e inclusão social em pessoas com surdocegueira conforme a Convenção sobre o Direito das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), ratificada no Brasil pelo Decreto nº 186/2008 e pelo Decreto nº 6949/2009; em seu artigo 9º, afirma que “a fim de possibilitar às pessoas com deficiência viver com autonomia e participar plenamente de todos os aspectos da vida, os Estados Partes deverão tomar as medidas apropriadas para assegurar-lhes o acesso, em igualdade de oportunidades com as

demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação”.

Com o intuito de aprofundar o conhecimento referente ao método de terapia escolhido, surgiram as questões problematizadoras da pesquisa: A Equoterapia contribui para o processo ensino-aprendizagem, reabilitação global e inclusão social dos praticantes com diagnóstico de surdocegueira? E que benefícios podem ser alcançados com os praticantes durante a equoterapia?

Tomaram-se como base estudos de Medeiros (2008), onde o autor relata que a equoterapia, um meio de socialização com bases pedagógicas e terapêuticas, vem contribuindo na vida de crianças com comprometimento físico, motor, cognitivo, social, psicológico e comportamental através da interação entre o cavalo e o praticante, aperfeiçoando o processo inclusivo.

Segundo Dammeyer (2014), a surdocegueira ou perda sensorial dupla é uma condição rara entre os jovens, mas mais frequente entre os idosos. É uma condição heterogênea que varia com relação ao tempo de início e grau de visão e deficiência auditiva, bem como o modo de comunicação, etiologia médica e número e gravidade de comorbidade.

A estimulação da criança surdocega é quanto mais cedo mais eficaz, sendo importante para que ela desenvolva experiências apropriadas de aprendizagem precoce desenvolvendo seus componentes cognitivos e motores. É preciso instigá-la a jogos, a explorar o mundo através do tato e encorajá-la para o uso da informação sensorial e motora (THE NATIONAL CONSORTIUM ON DEAF-BLINDNESS, 2008).

O objetivo geral da pesquisa visa avaliar os benefícios da equoterapia para o desenvolvimento e inclusão social de pessoas com surdocegueira.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O projeto de pesquisa encaixa-se no âmbito das ciências humanas e desenvolve-se sob a perspectiva qualitativa. O projeto está sendo

desenvolvido no Centro de Equoterapia Easa/Unicruz, desde agosto de 2016, possuindo até o momento 38 atendimentos. Os critérios utilizados para seleção dos participantes foram; ter diagnóstico médico, ter disponibilidade para participar desta pesquisa, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responder a uma ficha de informações. As sessões de equoterapia iniciam com a estimulação sensorial que a pratica lúdica proporciona juntamente com a montaria ao passo. Foi aplicado um questionário com os familiares responsáveis pelo praticante e também com os estagiários do centro para então se avaliar as evoluções do praticante. Para avaliar os ganhos motores da praticante foi realizada a ficha de avaliação do centro de equoterapia.

Ao chegar ao Centro de equoterapia a praticante é levada até o cavalo realizando, nas primeiras seções, somente a manipulação, identificando partes do corpo do cavalo (como olhos, orelhas, nariz). Logo depois, é estimulada a passear ao lado do cavalo segurando as rédeas, sentindo o passo e movimento do cavalo; por fim, é estimulada a montar, sempre ao passo, sentindo o movimento tridimensional do cavalo. É um processo adaptativo visando a identificar as potencialidades e limites da praticante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O projeto iniciou com dois praticantes com diagnóstico de surdocegueira, porém estamos finalizamos o projeto com apenas um.

O município de Cruz Alta tem um baixo índice de pessoas com essa patologia; segundo dados do IBGE, Censo Demográfico de 2010, a população residente no município de Cruz Alta foi estimada, em 2016, em 63.615 habitantes; dessa população, 114 seriam deficientes auditivos, 107 deficientes visuais, não possuindo o censo, campo para que pudéssemos analisar o número de pessoas com deficiências múltiplas sensoriais, que pudessem realizar a terapia.

Estudos relatam que o diagnóstico de crianças na faixa etária de 3 a 6 anos de idade é maior do que nas crianças de 0 a 3 anos de idade, sugerindo que muitas crianças surdocegas não são diagnosticadas cedo ou encaminhadas para projetos de surdocegos até 3 anos ou mais (THE NATIONAL CONSORTIUM ON DEAF-BLINDNESS, 2008).

Através dos questionários realizados com os estagiários, foi possível verificar e analisar que, quando perguntados sobre a evolução observada do praticante com surdocegueira, responderam que foi significativa quanto a segurança, motivação, autonomia.

A prática da equoterapia constitui-se em um tratamento complementar de apoio à reabilitação física e mental dos praticantes, utilizando o cavalo como instrumento de trabalho em uma abordagem interdisciplinar. O pleno contato com a natureza favorece a sociabilidade, integrando o praticante, o cavalo e a equipe envolvida, constituindo-se de um trabalho dinâmico, que inclui o vínculo afetivo com o animal.

No momento da montaria, estimula-se e desafia-se o praticante, aumentando sua autoconfiança, autocontrole e autoestima; é uma prática eficaz no desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com surdocegueira.

Quanto ao aprendizado para o estagiário responderam que, com o auxílio de fisioterapeuta, psicopedagoga, psicóloga e equitador, esses profissionais com formação na ANDE-Brasil estão desenvolvendo uma prática de grande relevância, com aprendizado interdisciplinar.

## **CONCLUSÕES**

Concluiu-se que, através da equoterapia, é possível solucionar dificuldades quanto à assimilação, à memorização ou ao processo cognitivo do praticante tais como: autoestima, segurança, afetividade, psicomotricidade, ludicidade, disciplina, raciocínio lógico e perspectivas sensório-motoras.

A comunicação da criança com o cavalo ocorreu por meio do tato, que se torna um canal efetivo, promovendo a utilização de estímulos provenientes dos outros sentidos, como olfato, paladar, propriocepção e cinestésico. A compensação sensorial, proveniente dos déficits auditivo e visual, ocorre por meio desses outros sentidos. A equoterapia aprimora a utilização dos sentidos proporcionando, desta forma, o processo de ensino-aprendizagem e inclusão social de pessoas com surdocegueira.

### **REFERÊNCIAS**

- DAMMEYER, Jesper. *Deafblindness: a review of the literature*. Department of Psychology, University of Copenhagen. Scand J. Public Health. 2014.
- MEDEIROS, Mylena e DIAS, Emília. *Equoterapia: noções elementares e aspectos neurocientíficos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
- THE NATIONAL CONSORTIUM ON DEAF-BLINDNESS. *Early Interactions With Children Who Are Deaf-Blind*. DB-LINK, The National Information Clearinghouse On Children Who Are Deaf-Blind. TTY (800) 854-7013 NCDB, 2008.

**AGRADECIMENTOS:** este estudo conta com bolsa CNPq, FAPERGS-PROBIC, e parcerias entre UNICRUZ E EASA.

## NAS ASAS DO PASSARINHO – RELATO DE UM PROJETO DESENVOLVIDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Suelen Suckel Celestino; Lidiani Francieli Cavinato Dall’Osto*

Professora da Rede Municipal de Ensino, Ijuí – RS CEP 98700000  
Coordenadora da Rede Municipal de Ensino, Ijuí – RS CEP 98700000  
E-mails: suelensuckelcelestino@gmail.com; lididoju@hotmail.com.br.

### Resumo

Este trabalho tem como enfoque a socialização de um projeto desenvolvido na turma de maternal I, da Escola Municipal Fundamental Davi Canabarro, da cidade de Ijuí, durante o primeiro semestre do ano de 2016. “Nas asas do passarinho” surgiu do interesse das crianças e em seu decorrer, permitiu a aquisição de diversos conhecimentos. Através deste projeto, despertamos e ampliamos a curiosidade e o senso investigativo, propiciando momentos de pesquisa e levantamento de hipóteses. Pudemos estimular a expressão oral, bem como a ampliação do vocabulário dos educandos, sendo oferecida a utilização de terminologia correta para se referir às particularidades dos pássaros. Este projeto abrange diversos eixos curriculares da Educação Infantil, como a linguagem oral e escrita, o movimento, artes e o ambiente natural e sociocultural. Tivemos, neste projeto, momentos em que envolvemos as famílias da turma e a comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Pássaros. Projeto.

### INTRODUÇÃO

A curiosidade das crianças é demonstrada de diversas formas: um gesto, uma pergunta, uma brincadeira de faz-de-conta... É necessário que as educadoras estejam atentas a estas manifestações, tendo um olhar sensível e aguçado aos interesses das crianças. Observando as ações da turma do maternal I da Escola Municipal Fundamental Davi Canabarro, percebeu-se o interesse pelos pássaros que “visitavam” nossa escola, pousando nas calçadas em frente à nossa sala e cantando em cima das árvores do pátio. Resolvemos então dar asas a este encantamento e, partindo do questionamento “Onde o passarinho mora?”, começou nosso estudo

sobre esse animal. Desenvolvemos este trabalho com o intuito de construir conhecimentos relevantes e significativos sobre os pássaros, bem como despertar e ampliar a curiosidade e o senso investigativo das crianças, propiciando momentos de pesquisa. Era nosso objetivo também estimular a expressão oral de nossos educandos, bem como a ampliação de seu vocabulário, propiciando-lhes as terminologias corretas para se referirem às particularidades dos pássaros. No decorrer deste trabalho, envolvemos as famílias da turma e a comunidade escolar no estudo das crianças, proporcionando momentos de interação e troca entre os mesmos. Dentro deste projeto, aprimoramos conceitos espaciais como: acima, abaixo, dentro e fora. Este projeto de estudo foi desenvolvido no período de abril a junho de 2016, durante o qual estimulamos atitudes de cuidado e respeito com a natureza e com os seres vivos.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho partiu da curiosidade de crianças de 2 a 3 anos acerca dos pássaros lhes propiciou atividades de pesquisa, relatos, contações de histórias de diferentes gêneros textuais, convivência com uma mascote de pelúcia e registros através de pinturas e desenhos com diversos materiais e em diferentes suportes, que levaram à contextualização do trabalho desenvolvido e à significância dele para as crianças envolvidas. O trabalho foi documentado pelas educadoras com fotos e vídeos, e em seu término socializamos as aprendizagens ocorridas com as famílias dos alunos, em uma noite especial.

## **NAS ASAS DO PASSARINHO**

O princípio norteador da metodologia dos projetos é a articulação entre descobertas, experimentações, novos olhares para diferentes aprendizagens. Entende-se que o projeto é uma oportunidade de abertura para o desconhecido, porém este

desconhecido deve partir da necessidade da construção de novas aprendizagens, bem como de uma intencionalidade pedagógica (SMED, 2014, p. 69).

Nosso projeto teve início com a observação feita pelas crianças dos pássaros que “passeavam” pela nossa escola. Em todo momento que saíamos da sala, encontrávamos esses amiguinhos na calçada em frente à nossa sala de aula; algumas vezes, eles voavam assustados pelo barulho das crianças, mas em outros momentos permaneciam andando pela calçada e pelos canteiros, tentando bicar farelos. As crianças então começaram a prestar atenção em seu canto, que ouvíamos quando estávamos concentrados em atividades dentro da sala, e solicitavam ir vê-los. Perceberam que, quando elas não faziam muito barulho, os pássaros permaneciam por ali, e assim foi instituído, por eles, o combinado de sair em silêncio para não os assustarem.

Quando alguma criança saía para ir ao banheiro, sempre dava uma espiada para ver se encontrava algum pássaro e, quando a procura tinha um resultado positivo, chamava os colegas para verem também. Percebendo todo esse interesse pelos visitantes da escola, com o intuito de despertar e ampliar a curiosidade e o senso investigativo, incentivaram-se essas observações e permitiu-se que elas acontecessem cada vez com mais frequência.

O pontapé inicial para nossos estudos para construirmos conhecimentos relevantes e significativos sobre os pássaros aconteceu em uma manhã, quando a calçada estava cheia de pássaros e, ao sairmos para vê-los, voaram rapidamente embora. Como estava perto do horário do término da aula, as crianças associaram esse voo ao ir para casa, e questionaram: “Onde o passarinho mora?”. Voltamos para a sala, e em nossa roda final foram levantadas inúmeras hipóteses sobre onde e com quem os pássaros moravam.

No outro dia, retomamos nossa conversa e fomos observar as árvores do pátio da escola, pois as crianças já haviam formado a ideia de que a casa dos pássaros ficava nas árvores. Após essa

observação, confeccionamos uma reprodução de árvore em nossa sala, do chão ao teto, com muitas folhas e com seu tronco irregular. Mas como será que é a casa do pássaro? Tem dois pisos? É igual à nossa? Trouxemos então imagens impressas das casas dos pássaros: uma gaiola, um ninho, um ninho de João-de-Barro e uma casa feita por pessoas.

E aí surgiu outra dúvida: “O passarinho tem papai e mamãe?” Para sanarmos esta dúvida, recebemos a visita de um casal de pássaros Diamante Gould, e o dono dos pássaros nos explicou que nesta espécie os machos possuem cores mais fortes e vibrantes e as fêmeas cores apagadas e opacas. Descobrimos, assim, que o passarinho tem, sim, papai e mamãe.

Sobre as aprendizagens, Barbosa e Horn ressaltam que

(...) os processos de aprendizagem são racionais, sensoriais, práticos, emocionais e sociais ao mesmo tempo, isto é, todas as dimensões da vida – a emoção, a cognição, a corporeidade – estão em ação quando se aprende. Portanto, as práticas educativas devem levar em conta os vários aspectos humanos quando o objetivo é auxiliar aos alunos a interpretar e compreender o mundo que os circunda e a si mesmos. Nesse sentido, para provocar aprendizagens, é preciso fazer conexões e relações entre sentimentos, ideias, palavras, gestos e ações (BARBOSA e HORN, 2008, p. 26).

Utilizamos um vídeo de um casal de pássaro para observarmos a construção do ninho, a colocação de ovos e o primeiro voo dos passarinhos que nasceram naquele ninho (Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=BOTJWI-htQk>).

Com o auxílio de um binóculo, procuramos nas árvores da escola algum ninho, e não encontramos nenhum. Sendo assim, fomos dar uma volta nas ruas das quadras próximas à escola e encontramos uma casa de João-de-Barro em cima de um poste, com o passarinho dentro. Decidimos, então, que este era o momento para envolver as famílias da turma em nosso projeto e as desafiamos a ornamentarem uma casa de passarinho feita de

madeira. As casas retornaram para a escola coloridas e enfeitadas. As crianças mostravam com orgulho a produção realizada com suas famílias para os colegas e para todos que entravam em nossa sala.

A família constitui o primeiro contexto de educação e cuidado com o bebê. Nela ele recebe os cuidados materiais, afetivos e cognitivos necessários a seu bem-estar, e constrói suas primeiras formas de significar o mundo. Quando a criança passa a frequentar a Educação Infantil, é preciso refletir sobre a especificidade de cada contexto no desenvolvimento da criança e a forma de integrar as ações e projetos educacionais das famílias e das instituições (DCNEB, 2013, p. 86).

Realizamos a contação da história “A menina e o pássaro encantado”, de Rubem Alves, e, a partir desta, conhecemos o nosso amigo pássaro (um pássaro de pelúcia) que, na história, viajava e voltava para contar à menina as coisas que havia visto e feito. O nosso pássaro também viajaria: ele iria visitar a casa de cada criança, levando junto um livro onde a família registraria os acontecimentos deste passeio. E o pássaro voltaria para a escola para contar à turma como havia passado esses dias.

Na intenção de estimular a expressão oral dos educandos, pedíamos para que eles relatassem o que havia acontecido durante o passeio. Na primeira socialização que ocorreu, enquanto o colega contava o que havia feito e mostrava as fotografias que trouxe, uma criança questionou a foto do pássaro dormindo com o colega, afirmando que passarinho não dormia. Nesse momento começou uma desconforto na sala, pois alguns afirmavam que o pássaro dormia e outros que ele não dormia. Aproveitando esse momento de embate, mandamos para casa a tarefa de pesquisa: “Os pássaros dormem?”. O passeio do amigo pássaro continuava, e a cada dois dias tínhamos o relato de como havia sido o tempo passado na casa dos colegas.

No dia combinado, as pesquisas voltaram. Retomamos nossa dúvida inicial e conversamos novamente sobre o tema, agora tendo o embasamento da pesquisa realizada. Cada criança falou um

pouco sobre o que descobriu, e confeccionamos um cartaz com nossos novos conhecimentos, produzindo um texto coletivo. As famílias nos relataram que esta atividade foi significativa inclusive para elas, pois aprenderam algo que não sabiam: os pássaros dormem unilateralmente, o que significa que um lado do cérebro dorme e o outro fica alerta para não cair do galho e para evitar predadores.

Um fato se destacou perante as crianças durante as socializações das pesquisas, “Se os pássaros dormem em galhos, para que servem os ninhos?” Descobrimos que os ninhos são apenas para colocar os ovos, e para abrigar os filhotes que ainda não sabem voar.

As brincadeiras fazem parte da rotina da educação infantil; por isso,

O movimento para a criança significa muito mais que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço, já que funciona como via de expressão, comunicação e interação com o meio e desenvolvimento motor da criança. Ao movimentar-se, a criança expressa sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos corporais (SMED, 2014, p. 36).

Utilizamos o bambolê que era a gaiola na história “A menina e o pássaro encantado” e brincamos de prender os colegas com esse bambolê. Cada momento uma criança era o caçador e as outras fugiam. Depois, cada criança ganhou um bambolê, que seria o seu ninho. A cada comando da professora eles realizavam uma ação: entrar no ninho, sair do ninho, trocar de ninho, ficar ao lado do seu ninho, desenvolvendo noções espaciais.

Ao relembrar os conhecimentos e o vocabulário adquiridos sobre nosso foco de pesquisa, utilizamos a terminologia apropriada para nos referimos às partes do corpo do pássaro, e as crianças foram fazendo ligação com seu corpo: 2 olhos, 2 patas/pés, 2 asas/braços, 1 bico/boca... E nessa comparação surge uma curiosidade: “E passarinho tem nariz?”. Resolvemos então trazer

para a sala de aula um notebook e, incentivando o senso investigativo e pesquisador, procuramos a resposta para essa indagação na internet. Descobrimos que os pássaros não possuem nariz, mas sim narinas, que são dois buracos que ficam bem no início do bico. Como tínhamos uma imagem grande de um papagaio em nossa sala, foi possível ver mais claramente onde ficavam as narinas.

Em nossa comunidade escolar, temos o senhor Obirajara Gehm, que é avô de uma aluna da escola e participa do grupo “Os bandeirantes do amanhã”. Ele constrói casas de passarinhos com materiais recicláveis; então o convidamos para vir fazer uma oficina com as crianças e conversar sobre a reciclagem e os cuidados com o meio ambiente e os seres vivos. O “Bira” aceitou prontamente, e as crianças ficaram encantadas ao ver como era possível transformar uma caixa de leite em uma casa de passarinhos. Cada criança participou da confecção de uma casa, e puderam levá-la embora no final, com grande expectativa de que virassem abrigo para pássaros.

Realizamos um passeio ao Museu Antropológico Dr. Pestana para ver a exposição “Conhecer para preservar: Evolu... indo?” e participamos também de uma trilha ecológica no Bosque dos Capuchinhos, que foi orientada pelos alunos do curso de biologia da Unijuí. Durante o passeio, observamos as árvores, vimos alguns pássaros voando e comendo os abacates caídos no chão; um fato que chamou a atenção das crianças foi o lixo jogado no chão, pois sabiam que isso não era correto.

Durante o projeto, foram contadas histórias de diferentes gêneros textuais, referentes ao tema, como “O João-de-Barro”, da coleção Lendas do Sul, de Waldir Ayala; “Casinha de bichos”, de Hardy Guedes Alcoforado Filho; “O João-de-Barro” de Neide Simões de Mattos e Suzana Fachini Granato; “Passarinhos”, da coleção Meu Livro dos Bichos. Vivenciamos brincadeiras musicadas, como as músicas “Pássaro triste” e “Sementinha”. Registramos nossas experimentações e as situações de

aprendizagens através de pinturas e desenhos com diversos materiais e em diferentes suportes.

Como culminância do nosso projeto, confeccionamos um livro com as descobertas sobre os pássaros e convidamos as famílias das crianças para vivenciarem um momento de integração com a escola e com as demais famílias da turma. Expusemos para elas o projeto, contamos através do livro confeccionado os conhecimentos adquiridos durante nossos estudos e os desafiamos a brincarem conosco. Realizamos também, nesse momento, o sorteio do “Amigo Pássaro”, que a partir de agora iria morar na casa de uma das crianças do maternal. Foi um momento significativo para as famílias e para a escola, pois aproximou nossas práticas e ampliou nossa parceria.

## **CONCLUSÃO**

O desenvolvimento deste projeto só foi possível pelo envolvimento e pelo interesse das crianças que, em todo tempo, realizavam novos questionamentos. As crianças estavam motivadas a descobrir onde os pássaros moram e se eles possuem “papai e mamãe”. A cada resposta encontrada uma nova pergunta surgia, e assim a curiosidade das crianças foi criando asas, e este projeto foi crescendo e ganhando forma.

Durante o andamento do projeto, contamos com o auxílio e a participação das famílias das crianças, que, além de acompanhar o trabalho que estava sendo desenvolvido em sala, também realizaram atividades referentes aos nossos estudos. Percebeu-se empenho e um parecer positivo para esses momentos com as famílias, pois, em conjunto com seus filhos, realizaram descobertas e tiveram momentos de interação.

No decorrer do projeto, aconteceram diversas vivências significativas, que possibilitaram inúmeras descobertas sobre nossos “amigos pássaros”. Ao avaliar este projeto desenvolvido com a turma do Maternal 1, percebe-se que ele foi importante no desenvolvimento do senso investigativo das crianças e na

preservação de seu instinto curioso. Todas as dúvidas que surgiram durante o projeto foram respondidas por meio de pesquisas e investigações feitas com a participação das crianças.

O projeto possibilitou a apropriação de conhecimentos sobre os pássaros e se mostrou ainda mais significativo por essas descobertas terem sido feitas partindo do interesse das crianças e por meio de experiências. Oportunizou, inclusive, aprendizagens para as educadoras da turma.

### **REFERÊNCIAS**

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008. 128 p.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília: MEC, 2013. 562 p.
- SMEd, Secretaria Municipal de Educação. *Tempo e espaço de ser criança na educação infantil*. Proposta Curricular, Ijuí/RS, 2014. 84 p.

## **ACESSIBILIDADE NOS PRESÍDIOS: UM DIREITO DAS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

*Carine Nascimento Silva; Aimê Cunha Arruda; Vaneza Cauduro Peranzoni*

Acadêmica do 7º semestre do curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta e bolsista PIBIC-UNICRUZ. Panambi-RS, 98. 280-000. Acadêmica do 7º semestre do curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta e bolsista PROBIC-FAPERGS. Cruz Alta- RS. Pós-Doutora em Educação. Docente do Curso de Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento social da Universidade de Cruz Alta. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos. Cruz Alta -RS, 98. 005-082.

E-mails: kaca\_nascimento@hotmail.com; aimecunha4@gmail.com; vanezaperanzoni@hotmail.com.

### **Resumo**

As pessoas com algum tipo de necessidades especiais enfrentam diariamente limitações em sua vida; essas limitações estão relacionadas a problemas de acessibilidade. Segundo a Convenção da ONU, a acessibilidade assegura às pessoas portadoras de deficiência, em igualdade de oportunidade com as demais pessoas, o acesso ao meio físico, transporte, informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias; essas condições, se não permitem o exercício da autonomia e a participação social do sujeito, podem interferir ou prejudicar no seu desenvolvimento ocupacional, cognitivo e psicológico, contribuindo para a sua exclusão social. A presente pesquisa visa investigar o número de pessoas com necessidades especiais que estão atualmente nos presídios brasileiros e o tipo de atendimento que recebem, buscando reflexões e discussões sobre o sistema prisional, identificando as formações profissionais dos agentes penitenciários que trabalham com pessoas com necessidades especiais, podendo conferir se os direitos humanos destas pessoas estão assegurados nestes presídios.

**Palavras-chave:** Brasileiro. Autonomia. Igualdade.

### **INTRODUÇÃO**

Incluir as pessoas com necessidades especiais na sociedade eleva a responsabilidade e a consciência sobre cada aspecto que deve, necessariamente, estar interligado entre sociedade e comunidade,

pois a convivência e a cooperação mútua proporcionam à pessoa com necessidades especiais o desenvolvimento de uma vida social saudável.

Os direitos humanos incluem o direito de viver livre, dizer o que se pensa, ser tratado como igual, e são os únicos que se aplicam absolutamente a todos os grupos humanos, em qualquer lugar. Em outras palavras os direitos humanos têm, como característica geral, a universalidade. Contudo, é bom lembrar que basicamente todo o histórico dos direitos humanos no mundo foi construído sem levar em conta o multiculturalismo, que permite, sem dúvida alguma, que se pense na cultura de cada povo e se dê espaço ao relativismo.

Conforme Santos (2013) e Ainscow (1999, p. 218), compreende o desafio da inclusão como uma superação de barreiras, na qual a tendência ainda é pensar em “política de inclusão” ou educação inclusiva como dizendo respeito aos alunos com deficiência e a outros caracterizados como tendo necessidades educacionais “especiais”.

Sarlet (2002, p. 33) entende que os direitos humanos são de todos.

[...] o termo *direitos fundamentais* aplica-se para aqueles direitos do ser humano reconhecido e positivado na esfera do direito constitucional positivo de determinado Estado, ao passo que a expressão *direitos humanos* guardaria relação com os documentos de direito internacional, por referir-se àquelas disposições jurídicas que se reconhecem ao ser humano como tal, independente de sua vinculação com determinada ordem constitucional [...].

Os direitos humanos, onde cada vez mais “é desconsiderada, desrespeitada, violada e desprotegida, seja pelo incremento assustador da violência contra a pessoa, seja pela carência social, econômica e cultural e grave comprometimento das condições existenciais mínimas para uma vida com dignidade e, neste passo, de uma existência com sabor de humanidade” (SARLET, 2002, p. 27). Sendo assim, não são diferentes os direitos dos apenados com necessidades especiais do presente projeto.

Os presídios brasileiros, por exemplo, ao receberem uma pessoa com necessidade especial, se deparam com um grande desafio que inicia desde a cela, até as estruturas de apoio e os recursos necessários para essa demanda. Apenas quando possuímos presídios adaptados às necessidades das pessoas com necessidades especiais, que respeitem as diferenças e atentem para as diversidades dos apenados, estruturar-se-á uma intervenção social educativa adequada que faça com que aconteça um desempenho favorável para estas pessoas em todos os níveis, desde o pessoal ao social.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa está em andamento e tem como metodologia a coleta e a análise qualitativa dos dados obtidos com as seguintes finalidades: relacionar a teorização apresentada às situações verificadas no contexto pesquisado, descrever o número de pessoas com necessidades especiais que estão atualmente nos presídios dos municípios brasileiros e o tipo de atendimento que estes recebem, e conferir se os direitos humanos destas pessoas com necessidades especiais estão assegurados nestes presídios.

Após um estudo nas bibliografias sobre os presídios brasileiros, direitos humanos e acessibilidade, a pesquisa vai ser relacionada às regiões do Rio Grande do Sul que possuem presídios; para participar da pesquisa, os sujeitos participantes devem ser apenados que possuam alguma necessidade especial e agentes penitenciários que trabalham diretamente com o apenado que esta pesquisa está investigando.

Os critérios utilizados para a seleção dos participantes são os seguintes: ser agente penitenciário do presídio entrevistado e apenado que possui necessidades especiais; após isso, serão respondidos uma ficha de informações e um questionário para saber que tipo de atendimento esses apenados com necessidades recebem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O número de pessoas com necessidades especiais que estão atualmente nos presídios dos municípios brasileiros vem aumentando, juntamente com a superlotação e o tipo de atendimento que estes recebem; os direitos humanos destas pessoas com necessidades especiais nem sempre estão assegurados nestes presídios, faltando a acessibilidade aos mesmos.

Segundo o Estatuto da pessoa com deficiência, o art. 70 relata que os programas nacionais de desenvolvimento urbano, os projetos de revitalização, recuperação ou reabilitação urbana incluirão ações destinadas à eliminação de barreiras arquitetônicas e urbanísticas, nos transportes e na comunicação e informação devidamente adequadas.

No Estatuto da Pessoa com Deficiência, o Art. 39 diz que serão garantidos, dentre outros, acessibilidade plena a todos os ambientes e serviços, tecnologia assistiva, material, equipamentos adequados e apoio técnico profissional, de acordo com as especificidades da pessoa com deficiência.

Percebemos, através da pesquisa em artigos, que há falta de condições de acessibilidade arquitetônica na maioria dos presídios, o que dificulta cumprir a rotina. Segundo Araújo (1997), as barreiras arquitetônicas representam um grande obstáculo à integração das pessoas com deficiência. A arquitetura nacional ainda não atentou para a questão da pessoa portadora de deficiência, especialmente o problema da sua locomoção. Além disso, os agentes penitenciários não possuem nenhuma formação específica em educação especial dificultando a realização do atendimento adequado.

## **CONCLUSÃO**

O trabalho reflete sobre as condições enfrentadas por pessoas com necessidades especiais nos Presídios Regionais, pesquisando o problema atual do sistema penitenciário, dos apenados com necessidades especiais. O nosso intuito maior é retratar um pouco

da realidade das pessoas com necessidades especiais, para mostrar o dia a dia dessas pessoas dentro de uma penitenciária.

Percebemos, através da pesquisa bibliográfica, que há falta de condições de acessibilidade arquitetônica na maioria dos presídios pesquisados, o que dificulta cumprir a rotina. Além disso, os agentes penitenciários não possuem nenhuma formação específica em educação especial, dificultando a realização do atendimento adequado. Desta forma, constatamos que, muitas vezes, os direitos humanos não estão sendo aplicados no contexto dos presídios pesquisados, no que diz respeito à acessibilidade das pessoas com necessidades especiais, garantindo condições mínimas necessárias à integridade física e moral dos apenados.

## REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. *Understanding the development of inclusive schools*. London: Falmer Press, 1999.

ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. Disponível em: <[http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield\\_generico\\_imagens-filefield-description%5D\\_93.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_93.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos*. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura\\_dh.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura_dh.htm). Acesso em: 13 ago. 2013.

SARLET, Ingo Wolfgang. *Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.

## SÍNDROME DE *BURNOUT*: DISCUTINDO A DOENÇA EM PROFESSORES

*Giméli Guerra de Guerra; Raquel Furian; Karine de Oliveira Lunardi*

2º Tenente, Psicóloga da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas, Rua Benjamim Constant, nº 1217, Centro, Cruz Alta - RS, CEP:98025-110;  
Psicóloga, Terapeuta de Casal e Família, Rua Pinheiro Machado, 1781, Centro, Cruz Alta-RS, CEP: 98010-750;

1º Tenente, Pedagoga da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas, Rua Benjamim Constant, nº 1217, Centro, Cruz Alta - RS, CEP:98025-110

E-mails: gimeliguerra@gmail.com; consultoriaaquelfurian@gmail.com;  
karinelunardi@yahoo.com.br.

### Resumo

Dentre as atividades ocupacionais, a docência é uma atividade remunerada que apresenta uma série de conteúdos cognitivos, comportamentais, afetivos e instrumentais, que interferem diretamente na qualidade de vida. O trabalho docente, muitas vezes, é caracterizado pela baixa remuneração, inadequação estrutural das instituições e carga horária elevada, contribuindo para o desenvolvimento de muitas doenças ou disfunções ocupacionais e não possibilitando qualidade de vida ao sujeito. O presente trabalho tem como objetivo discutir a Síndrome de Burnout em professores. A metodologia de pesquisa é de cunho bibliográfico, descritivo e qualitativo acerca da Síndrome de Burnout em professores. Conclui-se que a síndrome de *Burnout* é uma doença silenciosa e perigosa, pois traz consequências significativas como a falta de energia, esgotamento emocional, sentimento de negatividade em relação ao trabalho, desgaste e insatisfação, desencadeando prejuízos na vida profissional e pessoal.

**Palavras-chave:** Professor. Esgotamento Profissional. Qualidade de Vida. Atualidade.

### INTRODUÇÃO

O trabalho é uma atividade de caráter social, formador de identidade e desenvolvimento pessoal e, portanto, pode gerar problemas de saúde e qualidade de vida. Nota-se que a saúde e qualidade de vida possuem entre si complexas relações, dependentes de um contexto econômico e sociocultural, e também de questões individuais, físicas e emocionais (ANDRADE et al., 2012).

O ato de ensinar é constituído de peculiaridades geradoras de estresse e de alterações de comportamento daqueles que o executam, expondo constantemente os professores a uma degeneração gradativa e progressiva de sua saúde mental. O professor está entre as três principais categorias atingidas pela “Síndrome de Burnout”.

Nos dias atuais, dentre tantas crises, vivemos uma crise de valores, na qual a família tem um papel importante. Na escola, os professores, atualmente, se veem diante de alunos que não querem aprender, superlotação nas salas de aulas, inadequação nas estruturas, falta de capacitação aos que necessitam ensinar, dentre outras questões que colaboram para o esgotamento profissional e ocupacional do professor.

O professor é o profissional que trabalha com seres humanos, cuida, portanto, do desenvolvimento do outro e tem como objetivo principal a aprendizagem. Assim, a boa relação afetiva e interpessoal entre professor e aluno é fundamental para que o objetivo maior, que é a aprendizagem, possa ser atingido.

### **CONCEITO E DIMENSÕES SINTOMATOLÓGICAS DA SÍNDROME DE *BURNOUT***

O termo *Burnout* é de origem inglesa, e é composto por duas palavras: *Burn*, que significa “queimar”, e *Out*, que quer dizer “fora”, “exterior”. Em tradução literal significa “queimar para fora” ou “consumir-se de dentro para fora”, podendo ser mais bem compreendido como “combustão completa” que se inicia com os aspectos psicológicos e culmina em problemas físicos, comprometendo todo o desempenho do sujeito.

A ocorrência da Síndrome de *Burnout* em professores está sendo considerada pelos estudiosos um fenômeno psicossocial importante, uma vez que não afeta somente os professores, mas sim o ambiente educacional, interferindo nas competências e validações dos objetivos pedagógicos (SILVA, CARLOTTO, 2003).

Alguns fatores psicossociais relacionados ao trabalho podem gerar estresse, tais como a cultura do indivíduo e da organização, a função em que o trabalhador desenvolve, o gerenciamento de pessoal, o desenvolvimento pessoal, a não participação nas decisões organizacionais, a quantidade elevada de tarefas, sobrecarga e a carga horária excessiva de trabalho (CAMELO, ANGERAMI, 2008; ANJOS et al., 2008).

Os sintomas somáticos ou físicos do Burnout podem ser exaustão (esgotamento físico temporário); fadiga (capacidade física ou mental decrescente); dores de cabeça; dores generalizadas; transtornos no aparelho digestório; alteração do sono; disfunções sexuais, dor de cabeça, dores no corpo. Já os sintomas psicológicos são quadro depressivo, irritabilidade, ansiedade, intolerância, despersonalização/despersonificação. E, por último, os sintomas comportamentais são: evita os alunos; evita fazer contato visual; faz uso de adjetivos depreciativos; dá explicações breves e superficiais aos alunos; transfere responsabilidades; faz contratransferência, ou seja, reaje às provocações em papéis distintos do papel de educador; resiste às mudanças.

## **COMO LIDAR COM O BURNOUT NO TRABALHO**

Como a Síndrome de Burnout afeta profissionais que mantêm um relacionamento interpessoal, como no caso dos professores, existem várias sugestões para que este profissional não absorva fenômenos estressantes para sua rotina. A despeito disto, se todos os educadores tiverem o mínimo de conhecimento sobre essa síndrome, esses profissionais saberiam de certa forma lidar melhor com os fatores que dão origem ao seu esgotamento perante o seu ambiente de trabalho. Isso contribuiria para a evitação da doença e melhoraria a qualidade de vida do profissional e dos que o cercam. De acordo com Carlotto e Câmara (2008, p. 3), “As estratégias de enfrentamento se referem às ações cognitivas ou comportamentais tomadas no curso de um episódio particular de estresse”. Ou seja, uma das melhores maneiras de se resolver um problema é

enfrentando-o; sendo assim, a partir da hora em que o indivíduo que está em Burnout utiliza recursos que o ajudem a conviver com o estresse, posteriormente conseguirá se resguardar da Síndrome de Burnout. Como em qualquer outra doença, o indivíduo em primeira mão tem que reconhecer que está doente e depois procurar um especialista no assunto para fazer seu tratamento corretamente.

## **FATORES QUE LEVAM O EDUCADOR A DESENVOLVER A SÍNDROME DE BURNOUT**

De acordo com Passos, Ramos e Vieira (2010, p. 10), “uma das grandes causas da síndrome é o mau relacionamento entre pais, professores e alunos”.

Segundo Bertaci et al. (2011), o mal-estar docente ocorre em função de diversos fatores, entre eles a indisciplina, más condições de trabalho, falta de recursos, violência na escola e principalmente o acúmulo de funções sociais que não são inerentes à profissão.

Já Fritche (2002) menciona que os fatores que induzem o indivíduo ao estresse no trabalho seriam a instabilidade empregatícia e financeira, carga horária excessiva, problemas com a chefia, baixa estima, falta de valorização profissional e pessoal, entre outras.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O objetivo desta pesquisa foi discutir a temática da Síndrome de Burnout no âmbito da docência, com o intuito de chamar a atenção do leitor para que se possa atentar para os aspectos que circundam essa problemática atual. Tal demanda necessita de mais escritos, materiais e métodos para aprimorar e delinear-se avanços nesse contexto.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica envolvendo a temática “Síndrome de *Burnout* em professores”. A pesquisa bibliográfica é uma modalidade desenvolvida ao longo de uma série de etapas: escolha do tema, levantamento bibliográfico

preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto (GIL, 2002).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil, em 2004, 2% da população economicamente ativa era ligada à atividade docente. Isso causa preocupação quanto ao índice de qualidade de vida e saúde desses trabalhadores. Esta atividade é caracterizada por superlotação de sala de aulas, inadequação estrutural, baixa remuneração, inadequadas condições de trabalho, atribuições burocráticas desgastantes, violência escolar, entre outros (ANDRADE et al., 2012; ARAÚJO et al., 2005).

Apesar da escassez de estudos que analisam o processo de adoecimento dos docentes relacionados à atividade ocupacional, já se sabe que diversos fatores interferem neste processo.

Diante do número elevado de docentes em processo de adoecimento psíquico e expostos a vários fatores de risco na atualidade, este estudo tem muito mais a ser explorado fazendo-se necessárias mais pesquisas no assunto. Por ser um estudo de cunho de revisão bibliográfica, limita-se a algumas percepções mais detalhadas e específicas da Síndrome de Burnout em professores.

A síndrome de *Burnout* é um fenômeno psicossocial em resposta crônica a agentes estressores interpessoais comumente encontrados em situações de trabalho e em profissionais que mantêm contato direto com outras pessoas. Inicialmente o indivíduo relata falta de energia e finalmente não se compromete com os resultados, e apresenta dissimulação afetiva, afastamento pessoal e, conseqüentemente, o isolamento e até quebra do vínculo empregatício (BATISTA et al., 2010).

Cabe ressaltar que revisar a literatura é de fundamental importância para obtenção de uma base com intuito de obter dados nesse domínio. A continuidade desses estudos certamente servirá para utilização de propostas de elaboração para avaliações, estudos

e atuações nas doenças advindas da atividade ocupacional. Estes dados são imprescindíveis para o conhecimento detalhado da Síndrome de Burnout, entendendo o processo em que esta se desenvolve ou ameniza.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Educação é apontada pelas pesquisas de opinião em todo o Brasil como um dos três principais problemas do país, ao lado da segurança pública e da saúde. Neste contexto, cuidar da saúde mental do professor é cuidar do nosso próprio futuro, pois o mundo em que almejamos viver será proporcional à valorização que no presente conferirmos aos educadores, assim como à qualidade de vida que as instituições educacionais e governamentais proporcionam a estes briosos agentes de transformação pessoal, social e coletiva.

A Síndrome de *Burnout* é uma doença silenciosa e perigosa, pois traz consequências significativas como a falta de energia, esgotamento emocional, sentimento de negatividade em relação ao trabalho, desgaste e insatisfação, desencadeando prejuízos na vida profissional e pessoal.

No tocante às sugestões e oportunidades de melhorias, vale lembrar o seguinte: o salário digno, as condições de estrutura adequadas e capacitação destes profissionais não só com a temática do estudo, como também com outros assuntos atinentes ao desenvolvimento do principal objetivo: a interação do professor e aluno para obtenção da aprendizagem.

Ao finalizar este estudo, espero que o conhecimento gerado possibilite, também, maior divulgação do assunto, especialmente no âmbito da cidade de Cruz Alta/RS, nos meios acadêmicos e nos ambientes de trabalho. Da mesma forma, espera-se maior comprometimento das instâncias sociais e políticas envolvidas com o processo de viver e de trabalho dos profissionais das áreas que, segundo a literatura, mais frequentemente podem desenvolver a Síndrome de Burnout, como a docência, especialmente.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, P. S. et al. Prazer e Dor na Docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. *Saúde e Sociedade*. v. 21, n. 1, 2012, p. 129-140. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/13.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.
- BATISTA, Jaqueline Brito Vidal et al. Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. *Revista brasileira de epidemiologia*. v. 13, n. 3, Set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v13n3/13.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.
- BERTACI, Alynne Cristina; DOS SANTOS, Bianca Balbe; COELHO, Ana Tereza; SUDA, Eneida Yuri. Síndrome de Burnout e Nível Geral de Saúde em Professores Universitários. São Paulo, *Revista Neurobiologia*, v. 74, n. 1, p. 167-187, jan 2011.
- CAMANA, Christiane. O Sofrimento “Externo” do Professor. In: POURTOIS, J. P.; CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores de escolas públicas e privadas. São Paulo, *Revista Psicologia de Educação*, v. 26, n. 1, p. 29-46, 2008.
- CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. *O que é Burnout*. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/jornaldoprofessor/midias/arq/Burnout.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2017.
- FRITCHE, Anna Thais Cantoni. *Burnout – uma ameaça à integridade do trabalhador com sérios prejuízos às organizações*. São Paulo, Terra e cultura, ano XIX, n. 36. [S. I], 2002.
- GIL, A. C. *Como delinear uma pesquisa bibliográfica?* Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 59-86.
- MASLACH, C. Entendendo o *burnout*. In: *Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional*. São Paulo: Atlas, 2005.
- ROSSI, Ana Maria (Org.). *Stress e Qualidade de Vida no Trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional*. Ed. Atlas, 2005.
- SALGADO, Léo. *Motivação no trabalho*. Qualitymark. Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, G. N.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout: um estudo com professores da rede pública. *Psicol. Esc. Educ.* Campinas, Dez. 2003, vol. 7, nº 2, p. 145-153.
- ZARAGOZA, J. M. Esteve. *O Mal-estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru: EDUSC, 1999.

## A DIMENSÃO HUMANA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: SER PROFESSOR NA ATUALIDADE

*Karine de Oliveira Lunardi; Giméli Guerra de Guerra*

1º Tenente, Pedagoga da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas, Rua Benjamim Constant, nº 1217, Centro, Cruz Alta – RS, CEP: 98025-110.

2º Tenente, Psicóloga da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas, Rua Benjamim Constant, nº 1217, Centro, Cruz Alta – RS, CEP: 98025-110.

E-mails: karinelunardi@yahoo.com.br; gimeliguerra@gmail.com.

### **Resumo**

O educar está presente na infância de muitas crianças e se torna realidade quando, na vida adulta, escolhem a profissão de ser professor. Nesse contexto, a dimensão humana é discutida com o objetivo de refletir sobre os desafios deste ofício na atualidade. A metodologia de pesquisa foi norteada pela revisão bibliográfica, mediada pela utilização do método qualitativo, de cunho interpretativo, pois o questionamento se encontra no cotidiano de todos nós, visando a uma significação da atuação profissional. Como discussão das informações obtidas, conclui-se que a formação profissional contempla uma perspectiva humana com a necessidade de sempre avançar no sentido de superar a dualidade entre a escola e técnica ao longo do processo de profissionalização. Entende-se que, com a continuidade e divulgação de pesquisas como essa, poderemos contribuir no avanço de entendimentos sobre a articulação entre teorias e práticas profissionais e de seus sujeitos constituintes.

**Palavras-chave:** Dimensão Humana. Educação. Professor. Atualidade.

### **INTRODUÇÃO**

O ofício de educar permeia o imaginário de muitas crianças na infância; num jogo simbólico, elas colocam as bonecas sentadas, escrevem no quadro, copiam os textos no caderno, fazem exercícios e depois corrigem as respostas, alterando os papéis de ser aluna e ser colega. Para muitas e muitos, a brincadeira vira realidade na vida adulta, tornando-se professores.

Diante desse contexto, a brincadeira simbólica passa ser um fato, e este, com todas as transformações da profissão, das

mudanças comportamentais dos sujeitos aprendentes, das famílias e de toda a comunidade social, passa a ser uma atividade profissional que exige estar atualizado e comprometido buscando parcerias e uma educação de qualidade.

De acordo com Confúcio<sup>1</sup>, se planejamos para um ano, devemos plantar cereais. Se planejamos para uma década, devemos plantar árvores. Se planejamos para toda a vida, devemos treinar e ensinar o Homem.

Desde o início da História, o homem é um ser que evolui pelo pensamento reflexivo, a fim de tornar melhor o mundo que o rodeia. Percebe-se na citação de Confúcio que a única maneira de perpetuação de uma ação acontece por meio da operacionalidade da condição humana aliada ao conhecimento.

## **O SER HUMANO E O CONHECIMENTO**

O ser humano está em constante transformação, e esse fator humano é o produto pelo qual se busca transformar os objetos; disso decorre o que Marques (1993) trata de passagem do paradigma ontológico da razão. Com base na ordem objetiva do mundo, para o paradigma mentalista da razão enquanto subjetividade de uma consciência individual, não foi tão radical quanto o é a mudança de noção de conhecimento como relação sujeito-objeto, pela relação entre pessoas como atores sociais.

Nesse sentido, o conhecimento é entendido como uma questão de prática social que nos situa numa comunidade, espaço lógico das razões. Essa é a grande mudança da atualidade; o conhecimento nasce do processo dialógico, tendo como referência básica o grupo e a linguagem<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Citação retirada do endereço eletrônico: <<http://www.citador.pt/frases/citacoes/a/confucio>>

<sup>2</sup> Referente à conceitualização apontamos a teoria de Vigostki, que tem como premissa central o desenvolvimento do ponto de vista histórico-cultural, um processo dialético marcado por mudanças qualitativas e quantitativas que vão acontecendo no sujeito de forma gradual, articulando fatores internos e externos, alcançando níveis mais complexos.

Um ensino orientado até uma etapa de desenvolvimento já realizado é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento geral da criança, não é capaz de dirigir o processo de desenvolvimento, mas vai atrás dele. A teoria do âmbito de desenvolvimento potencial origina uma fórmula que contradiz exatamente a orientação tradicional: o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento (VIGOTSKI, 2008, p. 114).

A partir dessa afirmação, Vigotski destaca que é fundamental, em termos educacionais, garantir e propor situações de aprendizagem para a criança que se direcionem para sua área de desenvolvimento potencial. Ainda, no que tange à aprendizagem, ele reitera que ela somente não é desenvolvimento, mas, se for organizada corretamente, poderá conduzir ao mesmo, pois ela coloca em ação vários processos de desenvolvimento que não poderiam ocorrer sozinhos.

Conhecimento e educação são dois aspectos que se articulam entre si e não existem um sem o outro. A atualidade busca situar o conhecimento num novo paradigma capaz de estabelecer novas relações sociais, em que todos os membros de um grupo possam se expressar numa perspectiva solidária, que acenam para a reconstrução da racionalidade e da organização social, como trouxemos o exemplo do jogo simbólico do ato educativo enquanto crianças. A partir dessa visão, constitui-se uma nova esperança na aposta por uma pedagogia mais humanizada do ser humano, em seus permanentes processos de formação pessoal e profissional.

Num mundo em transformação, em plena vivência da sociedade tecnológica, em que a escola tem que lidar com o multiculturalismo, a diversidade, a violência, mudanças da família, modificações no mercado de trabalho, a adoção de uma tendência de elaboração do currículo, que pressupõe um mundo harmônico, orgânico e funcional, que, por meio de técnicas específicas, seja capaz de modelar o comportamento humano, constitui-se, no mínimo, em tema para reflexão.

O cenário educacional é permeado por inúmeras desigualdades. Em cada região do nosso Brasil, a especificidade de cada território desvela grandes surpresas, sejam elas derivadas do modo de vida das pessoas, da sua cultura, da educação formal e informal com suas normas, diretrizes e padrões diversificados. Entre as inúmeras instituições sociais, a Escola é um espaço que deve permitir a construção participativa de todos os seus envolvidos.

O acelerado desenvolvimento tecnológico, em especial da tecnologia da informação e comunicação, fez surgir o que se denominou Era do Conhecimento, que tem como características marcantes maior velocidade, confiabilidade e baixo custo de transmissão e armazenamento de conhecimentos e outros tipos de informação, tornando possível sua difusão em qualquer lugar do planeta. Por sua vez, a economia global viu-se diante de novos parâmetros. A transferência de riqueza dos países desenvolvidos para os emergentes, dentre eles o Brasil, produz uma nova relação de forças no mercado e cria condições para que esses países assumam posições protagonistas no cenário internacional.

Os saberes experienciais adquirem também uma certa objetividade em sua relação crítica com os saberes disciplinares, curriculares e da formação profissional. A prática cotidiana da profissão não favorece apenas o desenvolvimento de certezas “experienciais”, mas permite também uma avaliação dos outros saberes, através da sua retradução em função das condições limitadoras da experiência. Os professores não rejeitam os outros saberes totalmente; pelo contrário, eles os incorporam à sua prática, retraduzindo-os porém em categorias de seu próprio discurso. Nesse sentido, a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica

(retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional. Ela filtra e seleciona os outros saberes, permitindo, assim, aos professores reverem seus saberes, julgá-los e avaliá-los e, portanto, objetivar um saber formado de todos os saberes retraduzidos e submetidos ao processo de validação constituído pela prática cotidiana (TARDIF, 2014, p. 53).

Acreditamos que uma formação profissional está amparada na prática tendo como suporte a pesquisa, investigação, reflexão e ação fundamentadas em bases pedagógicas e epistemológicas, onde os conhecimentos são construídos através das diferentes representações docentes que refletem na qualidade da educação em prol de um projeto de sociedade digna, com cultura de humanidade e paz, enfim uma sociedade que ouse alçar novos rumos.

### **A DIMENSÃO HUMANA E O SER PROFESSOR**

A dimensão humana é indicada no desenvolvimento sólido do cidadão, consubstanciado no fortalecimento do caráter, das convicções democráticas e dos valores cívicos, espirituais e morais, no incentivo à responsabilidade e na disciplina consciente a serem ampliados e complementados ao longo da sua vida escolar e, principalmente, no convívio com a sociedade.

A questão central desse artigo gira em torno da dimensão humana da formação profissional; entretanto, pensar e responsabilizar somente o professor sobre a qualidade da educação não é a solução de todos os problemas da educação brasileira. Atualmente, temos muitos desafios nessa relação, dentre eles: um currículo adequado à realidade da comunidade escolar, a valorização profissional, a remuneração baixa, o excesso de trabalho, a violência nas escolas, exigências com altos índices de qualidade em avaliações institucionais, criminalidade nas comunidades do entorno da escola, etc.

Segundo Schön (2000), a prática docente apresenta uma topografia irregular. No terreno alto, firme, os problemas que se apresentam são possíveis de serem administrados perante soluções

através da aplicação de teorias e técnicas baseadas na pesquisa científica. No terreno baixo, pantanoso, os problemas se apresentam de forma confusa desafiando as soluções técnicas. É neste terreno baixo que se apresentam as zonas indeterminadas da prática, que estão além do conhecimento técnico. Os conhecimentos técnicos são inerentes à formação e à conduta profissional, mas, pela estruturação desta temática do artigo, a dimensão humana está em foco e se faz a partir de um olhar sobre as possibilidades do ser humano multifacetado que se constitui, modifica o ambiente em que vive por meio de suas necessidades estando conectado com a realidade mundial.

Hoje, no mundo digital, temos uma geração de crianças e adolescentes mais questionadores, que são estimulados por informações e realizam duas ou três atividades ao mesmo tempo. Na escola, apresentam grande dificuldade em prestar atenção às explicações do professor, distraíndo-se e, conseqüentemente, conversando mais durante a aula. Mas o que fazer? A resposta pode ser simples; basta criar aulas mais dinâmicas em que os alunos sejam convidados a participar ativamente e a aprendizagem ocorra de maneira natural. Já conhecemos essa resposta há muito tempo, mas a dificuldade é como produzir essas aulas. Esse é um dos vários desafios que o professor tem atualmente.

Aliado a este pensamento, Yus (2002) nos aponta a perspectiva holística do currículo, onde ele é visto mais como um “meio” do que um fim; centrado em si mesmo, é uma forma de possibilitar um currículo que alimente a inteligência e interesses pessoais do aluno gerando aprendizagens autênticas e uma visão mais globalizada dos conceitos e sua aplicação.

O currículo é o campo de discussão de produções culturais de diferentes naturezas. A produção do currículo traz em si a produção de discursos e concepções de mundo que articulam tradições e saberes, reconfigurando-os e recriando-os. Sendo assim, como espaço de diálogo e discussão, põe também em relação culturas que são valorizadas, compreendidas de formas diferentes,

produzindo sentidos sobre essa relação, confirmando ou questionando estereótipos, grupos culturais, sujeitos e saberes. Nesse sentido, currículo não se implanta ou aplica: produz-se de forma contínua e, nessa produção, os sujeitos em sua dimensão humana necessitam ser sistematicamente compreendidos e interativamente desenvolvidos, ao longo de todo o progresso de formação profissional.

O cumprimento dessa função social não pode ser visto como algo simples nem fácil de ser empreendido, ainda mais, na contemporaneidade, considerando-se a complexidade e dinamicidade dos fatos que vem se mostrando adversa à perspectiva da humanização das pessoas e de suas instituições sociais, suas relações entre si no ambiente. Ser professor atualmente é uma árdua tarefa, mas prazerosa, pois ele precisa se dedicar, e muito, aos estudos, à pesquisa, ao seu desenvolvimento profissional e aos seus alunos. Como mediador da aprendizagem, participa ativamente do processo de aprender, incentivando a busca de novos saberes, sendo detentor de senso crítico, conhecendo profundamente o campo do saber que pretende ensinar, além de ser capaz de produzir novos conhecimentos, por meio da realidade que o cerca.

A busca de uma trajetória de transformação e desenvolvimento do pensamento e prática pedagógica só terá sentido se a educação conservar o fim que foi o seu desde o início da sociedade, ou seja, a humanização de toda geração sucessiva, ainda que se adaptando a condições profundamente novas. A relação autoritária entre professor e aluno, que antes permeava o ambiente educacional, deixou de existir. O docente passa a ser reconhecido e respeitado por aquilo que sabe e por como consegue fazer com que o estudante aprenda. É o profissional mais próximo do estudante, enxergando-o em sua integralidade, levando em consideração seus traços como pessoa. Esta valorização do humano deixou a prática educacional com mais significado, pois o professor passa a olhar para seus alunos como indivíduos com necessidades

diferentes e particulares. O docente tem que desenvolver em si próprio o olhar integral e humano para educar, além de ser um bom conhecedor do conteúdo programático e das práticas pedagógicas.

Assim, o professor do século XXI deve ser um profissional da educação que elabora com criatividade os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade, tendo o mesmo que centrar-se numa prática pedagógica de êxito, com uma aprendizagem satisfatória e significativa, pois as constantes mudanças ocorridas na sociedade exigem uma nova postura do professor, bem como um repensar crítico sobre a educação. Portanto, torna-se necessário buscar novos caminhos, novos projetos, emergentes das necessidades e interesses dos principais responsáveis pela educação; é necessário transformar a realidade escolar, utilizando as novas TIC's como recurso para aprimorar e motivar a busca do conhecimento.

## **METODOLOGIA**

Este artigo traz como forma de metodologia dois tipos de pesquisa que se complementam entre si, a pesquisa qualitativa (Minayo, 2007) em que se inicia com a interrogação: quais os desafios de ser professor na atualidade? Na condição de produzir pesquisa, observo, descrevo e busco informações sobre a realidade a partir da interrogação que também pode ser caracterizada por uma inquietação, onde muitos profissionais refletem sobre inúmeras necessidades da sociedade, da família e dos próprios alunos.

Aliada a este procedimento metodológico está a pesquisa bibliográfica, onde as fontes da temática ratificam conceitos empíricos, tendo em vista o objetivo de ser uma pesquisa com aspectos exploratórios para, a partir da familiaridade com o problema, construir hipóteses de respostas frente à problemática.

Alguns autores de referência foram fundamentais na construção deste artigo, como Marques (1993), Tardif (2014) e Libâneo (1998). A partir de leituras permeadas pelo contexto do questionamento e com o intuito de construir uma linha de

raciocínio que contribuisse para elucidar o objeto do estudo, procurei estabelecer um percurso de trabalho investigativo focado no estudo da dimensão humana da formação profissional, entendida como uma relação dinâmica entre múltiplos saberes, fazeres e pensares dialeticamente implicados entre si, seja no âmbito pessoal ou social.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Atualmente, face às novas transformações do processo educacional, emerge a necessidade de um viés pedagógico que possibilite uma melhoria na produção de conhecimentos, a partir de informações intercambiadas com a necessidade prática das atividades do cotidiano garantindo, assim, a significação destes conhecimentos, para que os alunos realizem suas aprendizagens e atuem criticamente no mundo em que vivem fazendo a diferença para sua comunidade local.

Corroborando isso, a educação necessária, atualmente, é a que busca aprendizagens exigidas pelas novas formas de trabalho, de cultura e de cidadania. Isso significa uma educação que vise ao desenvolvimento total do homem capaz de ampliar sua capacidade laboral, produzindo suas necessidades básicas de vida, com dignidade humana.

A dimensão humana que está focada neste artigo aponta inúmeras discussões futuras, pois o humano é um ser biopsicossocial e de forma alguma pretendemos enxergá-lo somente por esta ou aquela natureza, mas, sim, por suas várias perspectivas. Ser um professor atualmente é ser o personagem principal do ensino. É renovar e interagir com os alunos, pois sem isso o processo de aprendizagem não é desenvolvido. Quanto melhor for o desempenho do docente, maiores serão as chances das suas práticas educativas despertarem o estudante para aprender e construir conjuntamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este percurso aqui empreendido, não pretendo chegar a uma análise exaustiva da problemática: professor e atualidade, tampouco chegar a conclusões absolutas devido à amplitude e complexidade do tema. Por isso, trouxemos à discussão determinados aspectos implicados nos processos educacionais. Assim sendo, saliento:

“a escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela cultura paralela (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana” (LIBÂNEO, 1998, p. 47).

A ação educativa será eficiente se os professores e demais envolvidos com o ensino nas escolas estiverem dotados de um núcleo básico de conhecimentos que lhes permitam conhecerem e aplicarem os aspectos essenciais das suas especificidades técnicas contextualizado com aspectos humanos. A par destes conhecimentos, toda Escola deverá trabalhar em prol do processo de constituir-se dos alunos, a fim de incentivá-los a agirem com um elevado sentimento de participação e significação no grupo, senso de responsabilidade, compromisso consigo mesmo e com o Estabelecimento de Ensino, elementos indispensáveis para o prosseguimento nos cenários educativos ou profissionais.

Dessa forma, destaco as palavras de Rubem Alves (2000): Educar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.

Ao concluir este artigo, percebemos que o tema é bastante amplo e complexo, e que somente com esta pesquisa não foi possível abranger todas as implicações e sentidos. Isso, de fato, não foi nossa pretensão ao realizá-lo. O nosso objetivo, de certa forma

inconsciente, foi de potencializar e contribuir para uma transformação dos processos educacionais e profissionais. Esperamos que as questões aqui levantadas despertem uma reflexão acerca de novas possibilidades e, principalmente, motivação por novas buscas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo, Cortez Ed., 1998.
- MARQUES, Mario Osorio *Conhecimento e Modernidade em reconstrução*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SCHÖN, D. A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- YUS, Rafael. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

## **FORMAÇÃO CONTINUADA COLABORATIVA: POSSIBILIDADE EFETIVA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PELOS PROFESSORES**

*Carla Riethmüller Haas Barcellos; Deise Iara Mensch;  
Mariane Denise Martins*

Licenciada em Geografia pela Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Pós-graduada em TIC's pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e Pós-graduada. Endereço Rua Carlos Guilherme Erig, nº 2124, Bairro Pindorama, CEP: 98700-000, Ijuí – RS;

Bacharel e Licenciada em Educação Física pela Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Pós-graduada em TIC's pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e Pós-graduada em Orientação do trabalho pedagógico – Orientação Educacional Supervisão e Gestão escolar pela UNINTER. Endereço Rua Carlos Guilherme Erig, nº 2132, Ap. 26, Bairro Pindorama, CEP: 98700-000, Ijuí-RS;

Bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS e em Sociologia pela Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Mestre em Educação nas Ciências também pela Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Endereço: Rua Adolfo Michel 78, Bairro Industrial. Ijuí. CEP: 98700-000. E-mails: carlaebarcellos@gmail.com; deise.mensch@gmail.com; maricomunica@yahoo.com.br.

### **Resumo**

Diante do grande número de pesquisas feitas sobre formação continuada de professores e a constante ineficiência destas formações, coloca-se o desafio de pesquisar a formação continuada sem ser redundante. Ao assumirmos a convicção de que a formação de professores precisa ser feita pelos professores, propomos como objetivo deste artigo elencar alguns benefícios que já foram pesquisados a partir do uso da formação continuada colaborativa. A partir da obviedade do limite deste trabalho, elencamos aqueles benefícios que mais apareceram nos trabalhos pesquisados na base de dados da CAPES. Com uma pesquisa bibliográfica, pretendemos colocar em pauta a importância de repensarmos a formação continuada a partir da formação continuada colaborativa. Os resultados apontam para elementos positivos como favorecimento no processo de inclusão dos alunos (eficiência no trabalho); construção de identidade profissional, construção do conhecimento compartilhado e mediação como fator relevante no processo ensino-aprendizagem; comprometimento mútuo; segurança na elaboração das aulas; solidariedade; problematização e reflexão.

**Palavras-chave:** Formação Continuada. Formação Colaborativa. Professores.

## INTRODUÇÃO

Discutir educação e seus contornos nunca foi tão necessário e urgente em nosso país. Há pouco foi aprovada a Reforma do Ensino Médio que autoriza profissionais de outras áreas e especialistas com “notório saber” a darem aulas nas escolas do país. Quando um “notório saber” garante o aval para o desenvolvimento de processos pedagógicos e didáticos ficamos nos perguntando o que foi feito com toda a produção acadêmica sobre formação de professores no decorrer da história da educação. Neste cenário, ainda acreditamos ser importante discutir formação continuada de professores a partir do seu papel na educação junto à sociedade republicana.

No entanto, é importante ressaltar que este tema já foi reiteradamente discutido, o que reflete sua relevância. Ao pesquisar apenas na base de dados da CAPES, as palavras “formação continuada, professores”, imediatamente aparecem 4074 trabalhos, afirmando sobre sua necessidade, desafios e suas mais diferentes facetas. Percebe-se, assim, um “consenso discursivo, bastante redundante e palavroso” (NÓVOA, 2009, p. 14) sobre o tema. Ao mesmo tempo desta redundância, as capacitações não estão dando conta de seus objetivos mostrando uma baixa eficácia (NASCIMENTO, 2000). Nascimento (2000) também aponta algumas deficiências destas formações como: teoria e prática desvinculadas; falta de projetos coletivos; ênfase nos aspectos normativos. Estas deficiências têm causado desinteresse por parte dos professores pelos programas de formação continuada por tratarem de assuntos/temas que nada agregam na sua prática pedagógica. Logo, os professores ficam desestimulados a elas.

Neste sentido, parece que temos uma vasta reflexão que não tem se efetivado em qualificação para estes processos de formação. Por que, então, permaneceríamos com esta dissonância entre as propostas de formação e sua ineficiência, ainda tão evidente? A partir desta questão e acreditando ser necessário avançarmos na discussão para não permanecermos redundantes no debate, este artigo parte do entendimento de António Nóvoa (2009) em seu

livro “Professores Imagens do futuro presente”, onde ele afirma que é necessário “passar a formação de professores para dentro da profissão” (2009, p. 17); a partir disso, pretendemos elencar quais benefícios já foram pesquisados a partir do uso da formação continuada colaborativa.

Obviamente, este trabalho será limitado e buscará elencar aqueles que mais apareceram nos trabalhos pesquisados na base de dados da CAPES. Sendo a formação continuada colaborativa ainda pouco utilizada na formação de professores, busca-se, assim, colocá-la na pauta das discussões sobre educação como um desafio e, ao mesmo tempo, uma eficiente forma de construir conhecimentos pedagógicos e didáticos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa aqui apresentada se caracteriza por uma revisão bibliográfica explicativa. Versa sobre a formação continuada de professores, embasada em livros e artigos relacionados ao tema em questão. Gil (1991) aponta que a revisão bibliográfica é elaborada a partir de materiais bibliográficos, artigos e periódicos. Já o objetivo da pesquisa exploratória é de se familiarizar com o problema da pesquisa podendo-se construir hipóteses.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A formação continuada de professores é muito importante para a estruturação do profissional de educação e suas metodologias. Ela é entendida como “[...] um processo que capacita professores no local de trabalho, oferecendo educação permanente, com apropriações de muitas competências, enriquecendo sua prática” (TEIXEIRA, 2010, p. 2).

Este processo está garantido na LDB<sup>3</sup> nº 9. 394/96, a qual trata da necessidade de formação continuada para professores, condizente com a sua área de formação, dando respaldo a respeito de técnicas, metodologias e práticas de seu trabalho docente.

---

3 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Ainda, conforme a lei, a responsabilidade pela formação é das escolas que têm autonomia para propor e conduzir os cursos.

Esta formação continuada é cada vez mais necessária, pois dados demonstram que existe uma deficiência na formação inicial no Brasil. Conforme Mello (2000), as Universidades não estão dando conta da prática pedagógica dos graduandos, que terminam seus cursos inexperientes na prática. Além desta dificuldade das Universidades na formação inicial, a atualização profissional e a vivência da sala de aula onde se evidenciam questões dos processos de ensino e aprendizado exige que professores estejam discutindo e se aperfeiçoando constantemente. A discussão das tecnologias na educação é um bom exemplo disso, já que têm gerado grandes dificuldades para os professores que não conseguem acompanhar as mudanças que as TICs (Tecnologias de informação e comunicação) praticamente “impõem” à sociedade incidindo diretamente na sala de aula.

Neste sentido, para Freire (2011, p. 113),

A formação permanente do educador é, portanto, uma necessidade pedagógica e uma opção política. O professor tem direito à formação continuada, não apenas quanto a inovações tecnológicas, mas também quanto a sua atualização ampla e constante, que lhe proporcione uma visão cada vez mais ampla e profunda da realidade.

No entanto, ao assumir a ineficiência da formação continuada e constatar a gama de produção feita sobre, perguntamos por que a formação continuada não representa o sucesso que se espera. Uma hipótese que levantamos é a partir de Nóvoa (2009, p. 19), que afirma que as propostas teóricas só farão sentido se “forem construídas dentro da profissão, se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho”. Neste sentido, o autor é radical, ao seguir a discussão,

Muitos programas de formação contínua têm-se revelado inúteis, servindo apenas para complicar um quotidiano docente já de si fortemente exigente. É necessário recusar o consumismo de cursos, seminários e acções que caracteriza o actual “mercado da formação” sempre alimentado por um sentimento de “desactualização” dos professores. A única saída possível é o investimento na construção de redes de trabalho colectivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional (NÓVOA, 2009, p. 23).

Ao concordarmos com a radicalidades deste autor, buscamos então apresentar a formação continuada colaborativa, como uma possibilidade que responde à alternativa proposta por Nóvoa. Para compreender a formação continuada colaborativa, apoiamos-nos em Vygotsky (2007) e Meirinhos (2006).

Segundo Vygotsky, a colaboração do outro (seja professor, seja um interlocutor mais desenvolvido) é fundamental para alcançar ciclos de desenvolvimento e de aprendizagem. A aprendizagem, para o autor, é uma experiência social<sup>4</sup>. Aliado a este entendimento, Meirinhos (2006, p. 61) afirma que a *colaboração*

visa à actuação conjunta e comprometida com determinados objectivos, ao intercâmbio de informação e à partilha de ideias e de recursos. A colaboração está muito dependente de uma interacção e relacionamento positivos e de valores como a confiança, responsabilidade e respeito mútuo. Ou seja, a actividade colaborativa pressupõe a construção de uma realidade partilhada, vinculada a uma dinâmica relacional, onde são fundamentais os processos reflexivos, de resolução de problemas e de controlo da aprendizagem.

---

<sup>4</sup> A discussão sobre aprendizagem para Vygotsky (2007) se dá a partir da Zona de Desenvolvimento Proximal que não será tratada neste trabalho.

Ainda, para Martins (2017), existem alguns passos que poderiam garantir o bom andamento da formação colaborativa entre os professores:

a) espaço de diálogos e/ou leituras, ou leituras com posterior diálogo, que permitam olhares críticos e questionadores sobre o objeto que se coloque para estudo; b) compreensão e autoconsciência dos questionamentos pelos sujeitos participantes; c) elaboração dos seus próprios questionamentos, a partir de uma análise crítica sobre seu trabalho; d) com base em um desafio, a construção de alternativas ao objeto, fundadas em um olhar crítico ao próprio trabalho. Nesse sentido, alvitro que uma proposta de construção de planejamento alternativo de disciplinas deveria considerar estes estágios para ser eficiente (MARTINS, 2017, p. 131).

Entender a formação colaborativa na escola ou nas universidades como elemento importante para a formação de professores significa colocá-los como sujeitos dos seus próprios processos formativos. A partir de diálogos constantes, trocas de experiências e provocações que tematizem suas práticas pedagógicas, acreditamos serem possíveis processos mais efetivos em vista de mudanças nas práticas pedagógicas. Ao recorrer as pesquisas feitas envolvendo a formação continuada colaborativa de professores, é possível elencar alguns benefícios deste processo.

Ao relatar uma pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual, Toledo e Vitaliano (2012) afirmam que o trabalho colaborativo entre os professores resultou em um maior favorecimento no processo de inclusão dos alunos. Mesmo se tratando de um objetivo específico, a inclusão, e não a formação, obviamente que os professores, ao discutirem os casos dos alunos e trabalharem conjuntamente, também construíram aprendizagem sobre a pedagogia adequada para estes alunos.

Outra pesquisa, sob a formação colaborativa mediada por computadores, destaca três elementos importantes advindos deste tipo de formação. Segundo as autoras, é possível perceber a construção de identidade profissional, construção do conhecimento compartilhado e mediação como fator relevante no processo ensino-aprendizagem (GIANOTTO; DINIZ, 2010).

Ainda podem ser citados como benefícios na formação continuada colaborativa de professores: o sentimento de corresponsabilidade e de comprometimento mútuo com o trabalho da pesquisa e de formação profissional (LUIZ et al., 2016); mais segurança na elaboração das aulas (SANTANA; ALVES; NUNES, 2015); a solidariedade, e “um processo que exige problematização e orienta-se pelo princípio da alteridade, considerando a presença do outro sensível e singular em cada atitude profissional” (PORTO et al., 2014, p. 398).

Estes são alguns benefícios elencados a partir desta breve pesquisa. Outras bases de dados, abordar mais elementos para apostarmos neste tipo de formação aos professores. A pesquisa também mostrou que a formação continuada colaborativa é bastante usada como processo de pesquisa, o que significa que como prática diária ainda é um desafio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho buscou elencar algumas vantagens da formação continuada colaborativa, a partir de uma pesquisa na base de dados da CAPES, com trabalhos sobre o tema. Buscou-se, com isso, colocar na pauta das discussões da educação esta proposta de formação ainda pouco usada, mas que apresenta, como vimos, uma série de benefícios que podem trazer mais efetividade aos processos formativos. Isso contrariaria as indicações de Nóvoa (2009) e Nascimento (2000) sobre a ineficiência das formações continuadas para professores.

Os diferentes elementos apontados, como a construção da identidade profissional, o comprometimento mútuo e a eficiência na atuação, são reflexos de uma proposta de formação que poderia

ser mais explorada por escolas ou universidades e poderia trazer mais eficiência para os processos de pedagógicos. Esperamos que esta discussão passe à pauta educacional e possa ser fomentada nos diferentes espaços, configurando-se, assim, em resultados mais efetivos nos processos de formação continuada.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo, 2011.
- GIANOTTO, Dulcinéia Ester Pagani; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. Formação inicial de professores de Biologia: a metodologia colaborativa mediada pelo computador e a aprendizagem para a docência. *Ciênc. educ. (Bauru)* [online]. 2010, vol. 16, n. 3, pp. 631-648. ISSN 1516-7313. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132010000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132010000300009). Acesso em: 12 maio 2017.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.
- LIBÂNIO, José Carlos. *Adeus Professor, Adeus Professora?* Novas exigências educacionais e profissões docente. São Paulo: Cortez, 1998.
- LUIZ, Igor Câmara et al. Investigação, narrativa e formação continuada de professores de educação física: possibilidades para uma prática colaborativa. *J. Phys. Educ.* [online]. 2016, vol. 27, e2721. Epub Sep 26, 2016. ISSN 2448-2455. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2448-24552016000100119](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2448-24552016000100119). Acesso em: 12 maio 2017.
- MARTINS Mariane Denise. *Processos de ensino e aprendizagem na modalidade de EaD: uma discussão a partir da compreensão de professores*. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2017.
- MEIRINHOS, Manuel Florindo Alves. *Desenvolvimento profissional docente em ambientes colaborativos de aprendizagem a distância: estudo de caso no âmbito da formação contínua*. Tese (Estudos da Criança – tecnologias de Informação e comunicação). Universidade do Minho, 2006. Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6219/1/TESE\\_D\\_Meirinhos.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6219/1/TESE_D_Meirinhos.pdf). Acesso em: fev. 2017.
- MELLO, GUIOMAR NAMO DE. Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical. *São Paulo Perspec.*, Mar. 2000, vol. 14,

nº. 1, p. 98-110. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9807.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

NASCIMENTO, M. das G. A formação continuada dos professores: modelos, dimensões e problemática. Ciclo de Conferências da Constituinte Escolar. *Caderno Temático*, n. 5. Belo Horizonte, jun., 2000.

NÓVOA. Antonio. Professores Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PORTO, Tania Maria Esperon; ZAMPERETTI, Maristani Polidori; SANTOS, Lourdes Helena Rodrigues dos. A comunicação e a construção de sentidos na formação de professores: um trabalho a várias mãos. *Educação* | Santa Maria | v. 39 | n. 2 | p. 391-402 | maio/ago. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/notebook/Downloads/9735-63146-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 maio 2017.

SANTANA, Eurivalda; ALVES, Alex Andrade; NUNES, Célia Barros. A Teoria dos Campos Conceituais num Processo de Formação Contínua de Professores. *Bolema* [online]. 2015, vol. 29, n. 53, pp. 1162-1180. ISSN 0103-636X. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-636X2015000301162&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-636X2015000301162&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 12 maio 2017.

TEIXEIRA, Cristina Barra. *O professor como agente principal da mudança de sua prática pedagógica*. PPGE/UFPI-VI Encontro de Pesquisa em Educação. Piauí, 2010. Disponível em: [http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT\\_01\\_27\\_2010.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_27_2010.pdf).

TOLEDO, Elizabete Humai de; VITALIANO, Célia Regina. Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2012, vol. 18, n. 2, pp. 319-336. ISSN 1413-6538. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382012000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000200010). Acesso em: 12 maio 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenvich. *A formação social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## **“PROJETANDO PESQUISA NA CIÊNCIA” E A REVISÃO DE CONTEÚDOS NO ENSINO DOS ANOS FINAIS**

*Denise dos Santos Miron; Cláudia Fuchs Oliveira*

Professoras da Escola Municipal Fundamental Soares de Barros, Rua Paulo Klemann, nº 365, CEP 98700-000, Ijuí/RS.

E-mails: dsmiron@yahoo.com.br; claudiab2909@gmail.com.

### **Resumo**

O trabalho “*Projetando Pesquisa na Ciência*” e a Revisão de Conteúdos no Ensino dos Anos finais visou realizar uma análise da vivência de aprendizagem ao educando-professor. Neste relato de caso, para a revisão dos conteúdos em ciências, foram sugeridos eixos temáticos para o 8º e 9º ano, de acordo com a proposta pedagógica da Escola Municipal Fundamental Soares de Barros/Ijuí-RS. A partir destes, os alunos foram orientados a realizar pesquisas, discussões e sistematização dos conteúdos com uma mostra expositiva e interativa. As atividades realizadas potencializaram a revisão dos conteúdos de ciências, colaborando com a compreensão das teorias envolvidas nos mesmos, e incentivaram os alunos a participar com autonomia. Assim, propõe ao educador a reconsiderar sua prática e ao estudante a perceber-se como sujeito transformador de sua realidade. Além disso, demonstrou um impacto favorável sobre os participantes, constatando-se interesse por parte dos visitantes em saber mais sobre os temas da exposição.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Ciências. Ensino.

### **INTRODUÇÃO**

Na educação, é importante estimular uma proposta didática diferente, que estimule as interações professor-alunos e alunos-alunos (BEUREN, 2009, p. 17). A inserção de atividades escolares educativas com maior participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem colabora com o seu desenvolvimento afetivo, oportunizando momentos de interação entre os participantes que se tornam parceiros, trabalhando em equipe.

O projeto “*Projetando Pesquisa na Ciência*” visou realizar uma vivência significativa no desenvolvimento do processo de

revisão de conteúdos mais dinâmico, possibilitando ao educando momentos de produção de conhecimento dentro de atividades recreativas; é uma maneira divertida de orientar a revisão dos conteúdos trabalhados em ciências proporcionando aos educandos a construção de um conhecimento questionador, dinâmico e concreto. Este trabalho também teve como objetivo trazer reflexões sobre a docência e relatar a experiência vivenciada entre os Anos Finais da escola pública de IJUÍ-RS, a Escola Municipal Fundamental Soares de Barros, durante o processo de aprendizagem. Com isto, procurou-se promover o incentivo ao trabalho em equipe (PCN, 1998). Tais aplicações funcionam como uma maneira de socialização, preparando o educando para a sociabilidade, proporcionando a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento (KISHIMOTO, 1996).

## **METODOLOGIA**

Na preparação das atividades para desenvolver o projeto “*Projetando Pesquisa na Ciência*”, foram considerados os princípios básicos da LDB (Art. 13 Incisos II e III), tais como “elaborar e cumprir planos de trabalho segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino, bem como zelar pela aprendizagem dos estudantes”.

Inicialmente, para as turmas do 8º ano, foram sugeridos como eixos temáticos a interação dos sentidos da vida com o mundo que nos rodeia; Ser humano e Saúde. E, para os alunos do 9º ano, os eixos temáticos foram a Vida e o Ambiente; Energia e Sociedade. Neste contexto, os alunos foram orientados a realizarem pesquisas (sites, jornais, revistas, etc.) a fim de complementar a aprendizagem, além de buscar respostas às perguntas (descritivas e objetivas) formuladas dos conteúdos trabalhados durante os trimestres, tais como: A Educação Ambiental aliada à Percepção estimula os sentidos da vida? O que aprendemos à medida que nos relacionamos com os objetos na natureza e com as pessoas? Como garantir a qualidade de vida e a preservação da natureza? Como

utilizar as fontes de energias alternativas para educar o consumo consciente? Educar para a sustentabilidade afeta a qualidade de vida? Meio ambiente saudável e equilibrado é desenvolvimento sustentável?

Na atividade seguinte, buscou-se fazer com que todos os grupos interagissem, promovendo a participação coletiva dos estudantes na construção do conhecimento, “desenvolvendo uma prática educativa democrática e dialógica” (PCN, 1998, p. 34-35). Para isto, os grupos refletiram, elaboraram ideias e dialogaram com os demais grupos de colegas/professores sobre as diferentes formas que poderiam utilizar para representar, através de cenários temáticos, práticas expositivas e interativas que demonstrassem os conteúdos estudados.

Para encerrar as atividades e pôr fim ao projeto, os alunos foram desafiados a construir em conjunto a representação de todos os cenários, devendo as turmas participarem simultaneamente desta confecção e interagir com os diferentes espaços. Conforme orienta Da Rosa (2009), cada grupo fica responsável por conseguir os materiais necessários para o desenvolvimento destes espaços. Assim, para a avaliação dos trabalhos, foi constituída uma comissão avaliadora formada pelos professores de todas as disciplinas dos anos finais, os quais, através das apresentações orais sobre a proposta de pesquisa durante a mostra, avaliaram os trabalhos e finalizavam a pontuação com nota de um a dez pontos. Entre os critérios avaliativos, foram considerados: a relevância do tema; a fundamentação teórica, ou relevância das informações; coerência da metodologia de pesquisa e investigação; respeito, comunicação, eficácia da oralidade das atividades apresentadas; criatividade na apresentação; desenvoltura e superação das dificuldades; empenhos dos integrantes do grupo e adequação do tempo de apresentação (no máximo 10 minutos).

Este trabalho foi apresentado na mostra “*Projetando Pesquisa na Ciência*” com sucesso entre os alunos da escola da educação infantil e anos finais. Foi montada uma instalação em que

os visitantes passavam através de diferentes ambientes interativos e decorados de forma temática, conhecendo importantes conteúdos relacionando-os a situações do cotidiano e contextualizando-os com os conhecimentos científicos.

Porém, o principal objetivo da mostra foi incentivar os alunos a pesquisar várias áreas de conhecimento, compreender, analisar, observar, relacionar a teoria e a efetivação dos fenômenos científicos estudados com situações do cotidiano, demonstrando, desta forma, a concretização dos conhecimentos adquiridos, o que proporcionou uma grande integração nesse processo de aprendizagem.

A exposição teve início no setor sobre a interação dos sentidos da vida; neste, foram representados diferentes ambientes com imagens e sons. Seguindo por uma divisão na sala, os visitantes observavam também um vídeo sobre a visão, ilusões de ótica e realizavam atividades interativas para analisar a influência da visão sobre a percepção de sabor. Ainda foi elaborado nesta sala um ambiente de terapia para explorar os benefícios do tato e da visão; os visitantes eram estimulados à percepção das sensações de estar nesse ambiente, proporcionado através da cromoterapia e massagens em suas mãos, momentos de relaxamento e tranquilidade. Em outra sala de aula, foi elaborado um espaço que relacionava a influência da visão, olfato e textura na percepção do sabor dos alimentos e do bem-estar durante a realização da mostra.

Os demais trabalhos foram expostos no auditório da escola, devido às suas dinâmicas e temas. Neste local, foram realizadas degustação de águas saborizadas (com frutas e chás), apresentação dos benefícios do chá de hortelã e a degustação de suco de abacaxi com e sem hortelã, trabalhos de tato com diferentes objetos, oficina interativa de reflexologia (terapia que cuida dos pés), apresentações sobre as formas de energias alternativas  $x$  sustentabilidade ambiental com maquetes. Esta exposição foi finalizada com trabalhos produzidos com uso dos conceitos de magnetismo e eletricidade para representar o desenvolvimento da tecnologia.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Portanto, as atividades proporcionaram aos participantes uma oportunidade de sair da sala de aula, interagir com os diferentes ambientes, situações desafiadoras e explorar diferentes recursos/materiais. Atividades interessantes permitem a exploração e a sistematização de conhecimentos compatíveis com o nível de desenvolvimento intelectual dos estudantes (PCN, 1998). Estes expressam seus conhecimentos prévios, de origem escolar ou não, associando-os com as teorias ensinadas em sala de aula, e, através do diálogo com os colegas e o professor, conseguem significar seus conceitos, além de esclarecer suas dúvidas.

Essa prática obteve bons resultados, uma vez que os grupos debatiam conceitos científicos e analisavam, identificavam as teorias nas práticas do cotidiano. Além disso, os alunos precisaram estudar estratégias e escolher materiais adequados para realizar as tarefas propostas. Com esta prática, permitiu-se aos estudantes relacionarem o conteúdo teórico com sua realidade, considerando o que eles sabiam para depois aperfeiçoar os conhecimentos. Neste processo, os estudantes precisaram transformar informações em conhecimento, confirmando a importância do trabalho prático no ensino (SMITH, 1975).

Portanto, pode-se concordar com Hoernig & Pereira (2004, p. 19), quando afirmam que “o aluno, ao observar o objeto de seu estudo, entende melhor o assunto; o que está sendo observado pode ser manipulado, tocado, permitindo a observação concreta e não apenas imaginá-lo”. Ao término da exposição deste trabalho, ficou evidente aos alunos os méritos pela coletividade e a cooperação mútua que demonstraram através do trabalho em equipe. O decorrer desta atividade demonstrou que o docente é um guia de aprendizagem assumindo a função principal de questionador; provoca, ainda, a reflexão e a solução autônoma de problemas que possam surgir na realização de projetos que os alunos proponham realizar (BORGES, 1998).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, o desenvolvimento deste projeto em uma mostra, com várias reflexões ligadas aos conteúdos didáticos, tornou o processo de ensino-aprendizagem mais divertido, incentivou o trabalho em equipe, proporcionou a interação entre os alunos-professores-familiares e desenvolveu no aluno uma postura crítica. Além disso, aperfeiçoou a revisão dos conteúdos colaborando com o aprendizado dos temas abordados nas aulas. Neste contexto, as trocas de ideias potencializaram a compreensão de todas as ciências e teorias, tornando-se mais úteis do que a construção de um pensamento individual, e incentivaram os alunos a participar desenvolvendo os seus conhecimentos e autonomia.

## REFERÊNCIAS

- BEUREN, J. et al. A importância do laboratório de ciências no processo de ensino-aprendizagem. *Anais do I Seminário Institucional do PIBID Univates: Formação de professores: compromissos e desafios da Educação*, 2009.
- BORGES, R. M. R.; MORAES, R. *Educação em Ciências nas Séries Iniciais*. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 1998. 222 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <w.mec.gov.br>. Acesso em: 10 Set. 2015.
- DA ROSA, R. T. N. Terrários no ensino de ecossistemas terrestres e teoria ecológica. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, v. 2, n. 1, 2009.
- HOERNIG, A. M.; PEREIRA A. B. As aulas de Ciências Iniciando pela Prática: O que Pensam os Alunos. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 4, n. 3, set/dez 2004, pp. 19-22.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. Cortez, São Paulo, 1996.
- SMITH, K. A. *Experimentação nas Aulas de Ciências*. In: CARVALHO, A. M. P. 1975.

## A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA ESCOLA E A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE

*Loreci Teresinha Scherer<sup>1</sup>; Rosina Schalm Cid<sup>2</sup>; Camila da Silva  
Blocker<sup>3</sup>; Ieda Zimmermann<sup>4</sup>*

<sup>1</sup> Graduação: Pedagogia, UNIJUÍ. Pós-Graduação em Interdisciplinaridade, FACIPAL. Curso de Especialização de Professores na Área de Deficiência Visual – Instituto Benjamin Constant – Rio de Janeiro/RJ – 1997, Professora de Educação Infantil da Escola Municipal Infantil Solange Ana Copetti, e professora da Sala de Recursos, integrante da Rede Pública Municipal de Ijuí. Endereço: Rua Panambi, 155 – Ijuí/RS – CEP: 98700-000.

<sup>2</sup> Graduação: Pedagogia, Anos Iniciais do Ensino Fundamental- Crianças, Jovens e Adultos – UERGS/ Cruz Alta 2006, Curso de Especialização de Professores na Área de Deficiência Visual – Instituto Benjamin Constant – Rio de Janeiro/RJ – 1997, Professora de Sala de Recursos, integrante da Rede Pública Municipal de Ijuí.

Endereço: Rua Goiás, 145 – Centro – Ijuí /RS CEP: 98700-000.

<sup>3</sup> Graduação: Pedagogia anos Iniciais – UNOPAR – Ijuí – 2012, cursando pós-graduação em Ed. Especial – Faculdade São Luís – Rio Grande/RS, Professora de Sala de Recursos para Deficientes Visuais, integrante da Rede Pública Municipal de Ijuí. Endereço: Rua Guilherme Schamberg, 139 – Bairro Herval – Ijuí/RS – CEP: 98700-000.

<sup>4</sup> Graduação: Informática - Unijuí, Mestrado em Educação – Unijuí 2007. Professora substituta na UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, CCR's Introdução à Informática nos Cursos de Administração, Agronomia, Ciências Biológicas e Letras, câmpus Cerro Largo. Endereço: Rua Piratini, 532. B. Tiaraju. Ijuí /RS CEP: 98700-000.

E-mails: lorecischerer@bol.com.br; rosinacid@yahoo.com.br; camilablocker@gmail.com;  
iedazim@gmail.com.

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo compreender e refletir sobre a importância do professor da rede regular de ensino ter algum conhecimento sobre como proceder e trabalhar em sala de aula, quando receber em sua turma um aluno com deficiência visual. Muitos professores não fizeram curso de capacitação específico em deficiência visual e se encontram despreparados. E, considerando as exigências impostas pela educação inclusiva, de que todos os alunos com necessidades educacionais especiais devem ser incluídos em escolas da rede regular de ensino, vêm a angústia e as dúvidas a respeito de como esse aluno vai aprender a ler e escrever em sala de aula, quais os instrumentos e estratégias utilizados para a escrita braille. Para isso, este estudo se fundamentou em pesquisas bibliográficas, tais como livros, revistas, apostilas e sites na área da deficiência visual, e também em nossa experiência profissional.

**Palavras-chave:** Inclusão. Alfabetização. Sistema Braille.

## INTRODUÇÃO

No decorrer da década de 1950, os próprios deficientes começaram a se organizar procurando participar de discussões em torno de seus problemas (JANNUZZI, 2004). De lá para cá, observa-se a preocupação com a criação de leis e formas de atendimento que possibilitem à pessoa com deficiência uma educação de qualidade. Temos como exemplo a Declaração de Salamanca (Espanha, 1994), que foi o primeiro documento internacional a promover a inclusão escolar de alunos com deficiência, mostrando que a escola inclusiva deve adaptar-se às necessidades do aluno, respeitando o ritmo e o processo de aprendizagem.

Uma agenda educacional inclusiva pressupõe a identificação de todas as formas de exclusão/segregação adotadas no sistema, para que, em conjunto, gestores, educadores, família e alunos busquem formas de colaboração que permitam o enfrentamento dos obstáculos que estejam interferindo na aprendizagem de qualquer aluno... (Carvalho, 2000, p. 52).

Através dessa pesquisa, pretendemos contribuir e esclarecer questões a acadêmicos e profissionais da educação que têm interesse em buscar conhecimentos e formação sobre como acontece o processo de aprendizagem de alunos com deficiência visual em relação à escrita braille. Nesse sentido, esse trabalho faz parte de uma experiência vivenciada em uma Sala de Recursos para pessoas com deficiência visual incluídas na sala de ensino regular no IMEAB – Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil – em Ijuí, que atende alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio Técnico.

Ao receber um aluno com deficiência visual, é preciso saber qual é a sua deficiência, pois sabe-se que a deficiência visual é classificada em dois grupos: Cegos e de baixa visão. É considerado cego um indivíduo que apresenta perda total da visão ou baixa visão residual em tal grau que necessita do sistema braille para

escrever e ler. O indivíduo com baixa visão é aquele que possui resíduos visuais em tal grau que lhe permite ler textos impressos em tinta, porém com letras ampliadas, mas que também pode fazer uso de lentes e outros recursos ópticos.

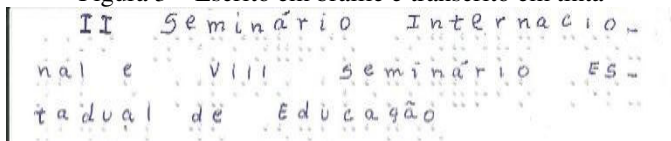
Baixa visão- Significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual; em ambos os olhos, for igual ou menor que 60°; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores. A pessoa com acuidade visual de 0,3 enxerga a 30 metros aquilo que a pessoa com visão normal enxerga a 100 metros.

Cegueira- Acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica. A pessoa com acuidade visual de 0,05 enxerga a 5 metros aquilo que a pessoa com visão normal enxerga a 100 metros (Cartilha da Faders, 2013, p. 13).

Para compreendermos a origem do sistema braille é importante conhecer um breve resumo da história de um menino chamado Louis Braille. Este, aos três anos de idade, brincava na oficina de seu pai quando se acidentou com uma ferramenta que lhe perfurou um olho. Na época havia poucos recursos, a infecção progrediu e fez com que Braille perdesse o outro olho também. Assim, aos cinco anos de idade, ele ficou completamente cego. Aos dez anos, Braille foi encaminhado para Paris, ficando interno em uma instituição especializada, o Instituto para Jovens Cegos de Paris. Lá aprendeu um sistema de escrita conhecido como “sonografia” ou “escrita noturna”, em que o aluno utilizava um código em sinais de relevo que poderia ser lido com a ponta dos dedos, porém não tinha os símbolos de pontuação, notação musical e símbolos matemáticos. Louis Braille aprendeu a usar o sistema, mas logo pensou em possíveis modificações que eliminassem essas dificuldades. E, assim, aos quinze anos de idade, em 1824, Braille



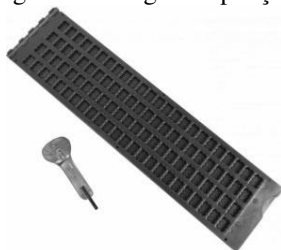
Figura 3 – Escrito em braille e transcrito em tinta



Fonte: Atividade produzida pela autora

Alguns materiais utilizados na Sala de Recursos para a escrita braille: reglete, punção e máquina de escrever em braille.

Figura 5 – Reglete e punção



Fonte: Google imagens

Figura 6 – Máquina de escrever em braille



Fonte: Google imagens

A escrita em relevo e a leitura tátil baseiam-se em componentes específicos no que diz respeito ao movimento das mãos, mudança de linha, adequação da postura e manuseio do papel. Esse processo requer o desenvolvimento de habilidades do tato que envolvem conceitos espaciais e numéricos, sensibilidade,

destreza motora, coordenação bimanual, discriminação, dentre outros aspectos. Por isso, o aprendizado do sistema braille deve ser realizado em condições adequadas, de forma simultânea e complementar ao processo de alfabetização dos alunos cegos (Deficiência Visual. Indd – Portal do MEC, 2007, p. 24).

## **METODOLOGIA**

O desenvolvimento do trabalho aconteceu baseado na sistematização das experiências compartilhadas entre professoras que têm alunos cegos incluídos em sala de aula do ensino regular, também professoras da Sala de Recursos e os próprios alunos, com cegueira. O professor da Sala de Recursos trabalha com os alunos, no turno inverso das aulas do ensino regular, os programas específicos como: Leitura e escrita braille: – orientação e mobilidade (indispensável para sua autonomia, independência e liberdade de locomoção) – o uso do *sorobã* – ábaco adaptado para o uso da matemática – atividade da vida diária e estimulação essencial.

Também é feito na Sala de Recursos o trabalho de transcrição de braille para tinta e de tinta para o braille, assim como também a adaptação e ampliação de materiais para o professor do ensino regular e ainda itinerância em alguns momentos na sala de aula em que o aluno está incluído. O professor do ensino regular não tem obrigação de saber o braille, mas é possível perceber a curiosidade e o interesse de alguns em aprender para poder ajudar melhor seu aluno.

A Sala de Recurso proporciona o atendimento de professor especializado a alunos portadores de cegueira e visão subnormal matriculados no sistema comum de ensino ou em classes especiais. Dispõe de recursos específicos e materiais pedagógicos adequados ao processo ensino-aprendizagem, oferecendo apoio suplementar para superação das dificuldades dos alunos (Bruno,1997, p. 18).

A Sala de Recursos também conta com uma biblioteca que tem um bom acervo de livros impressos em braille, tanto didáticos como de literatura, revistas e cds. Também existe uma Sala de Informática onde os alunos podem acessar a Internet para fazer pesquisas de trabalhos escolares, pois estes computadores possuem programas de tradução de voz específicos e atualizados para alunos cegos. São programas como o Dosvox – sistema operacional, NVDA – leitor de tela, JAWS – leitor de tela, dentre outros. O DOSVOX é um sistema para microcomputadores da linha PC que se comunica com o usuário através de síntese de voz, viabilizando, deste modo, o uso de computadores por deficientes visuais, que adquirem, assim, um alto grau de independência no estudo e no trabalho.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Tendo em vista que a inclusão do aluno cego precisa contar com o apoio, vontade de todas as pessoas envolvidas na escola e recursos materiais e humanos, afirma-se que a escola está se encaminhando para atingir os objetivos da inclusão. Porém, ainda esbarra em algumas limitações de professores da rede regular que, muitas vezes, não conseguem dar a atenção especial ao aluno incluído, tanto pela falta de orientação quanto pela preocupação de não conseguir dar conta do conteúdo planejado para a turma.

Em nosso trabalho, foi possível orientar os professores da rede regular em suas dificuldades e fazer com que, em seu planejamento das atividades para sua turma, enviassem com antecedência uma cópia para a Sala de Recursos onde era adaptada para escrita braille e transcrita em tinta. Desse modo, quando as atividades eram entregues para sua turma, já poderiam ser entregues ao aluno cego também. Atitudes como esta possibilitam que o aluno cego se sinta valorizado ao perceber que tem o mesmo material disponível para ele, no mesmo tempo dos demais alunos da sua turma. Após a realização das atividades propostas, esse professor recolhe o trabalho e envia ao professor da Sala de

Recursos novamente, para que este possa agora transcrever em tinta as respostas do aluno tal como ele escreveu. Somente após a transcrição da resposta do aluno é que o professor do ensino regular vai saber se esse aluno realmente aprendeu ou onde está a sua dificuldade na aprendizagem.

Em suma, é essa relação entre o conhecimento do professor do ensino regular e o conhecimento e auxílio do professor de educação especial que possibilita atender às necessidades e dificuldades do aluno especial, tornando possível um trabalho inclusivo e efetivo. Como exemplo disso, uma das alunas cegas da nossa escola formou-se em pedagogia e atualmente é professora da Sala de Recursos, aprovada por concurso público. Este fato mostra a importância da inclusão e que a deficiência visual não é um empecilho para ir adiante, batalhar, vencer as barreiras e alcançar objetivos.

## **CONCLUSÃO**

O braille, apesar de ser um recurso específico que existe há muito tempo, continua atual e importante no processo de alfabetização das pessoas com deficiência visual. Talvez por ser utilizado por uma parcela pequena de alunos, não seja muito divulgado e não faça parte da formação da maioria dos professores. Portanto, para que a inclusão do aluno cego seja realmente efetiva, é necessário haver um elo de comprometimento entre o professor da Sala de Recursos e do ensino regular, um diálogo do cotidiano para que juntos, família, escola e comunidade, possam fazer a inclusão desses alunos.

## **REFERÊNCIAS**

- CARVALHO, Rosita Edler – *Removendo Barreiras para a Aprendizagem. Educação Inclusiva*. Porto Alegre, RS, 2000.
- BRUNO, Marilda Moraes Garcia – *Deficiência visual: Reflexão sobre a prática pedagógica*. São Paulo: Laramara, 1997.
- JANNUZZI, G. de M. *A Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. Campinas: Autores Associados, 2004. 234 p.

[www.faders.rs.gov.br](http://www.faders.rs.gov.br); [www.portaldeaccessibilidade.rs.gov.br](http://www.portaldeaccessibilidade.rs.gov.br) – *Cartilha da Faders. Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Porto Alegre, RS. 2013. Acesso em: 10 maio 2017.

SEESP / SEED / MEC. – *Atendimento Educacional Especializado. Deficiência Visual*. Brasília/DF, 2007. Acesso em: 13 maio 2017.

# LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS – AMBIENTE PEDAGÓGICO ESCOLAR NECESSÁRIO

*Arlete Inês Adams; Margarete Eunice Prochnow Teixeira*

Especialista em Gestão e Organização da Escola UNOPAR e Graduada em Licenciatura Plena de Matemática UNIJUI

Professoras da rede municipal e estadual de Ijuí – RS

Escola IMEAB e Colégio Estadual Modelo

Endereços: Rua Dezenove de Outubro, 439, Ap. 402, Centro, Ijuí, RS Cep: 98700-000

Rua Irmãos Gressler, 192, Ap. 103, Centro, Ijuí, RS CEP: 987000-000

E-mails: arlete\_i@yahoo.com.br; margaetex@gmail.com.

## Resumo

O Laboratório de Aprendizagem é um espaço pedagógico na escola, tem como foco principal a aprendizagem e é oferecido no turno inverso em que a criança estuda. De acordo com Paulo Freire, ensinar não é só transferir conhecimentos, mas sim criar possibilidades para a sua própria construção. E, se essa construção não está sendo totalmente eficaz na sala de aula, o Laboratório de Aprendizagem vem auxiliar o aluno com dificuldades de compreensão de conceitos não elaborados. Neste espaço além do professor qualificado e com um olhar diferenciado, são oferecidos materiais didáticos pedagógicos eficazes, material concreto e jogos que o auxiliam na construção do conhecimento. Também é levada em conta sua singularidade, seu histórico familiar e escolar; e seus saberes já construídos bem como o resgate de sua autoestima e desejo de aprender, pois frequentam alunos com defasagem na aprendizagem e alunos repetentes. Requer responsabilidade, persistência, paciência do profissional que atende neste espaço e confiança no aluno e na sua capacidade de aprender.

**Palavras-chave:** Laboratório de Aprendizagem. Aprendizagem. Dificuldades. Material Concreto e Desejo.

## INTRODUÇÃO

O Laboratório de Aprendizagem para os anos iniciais é um ambiente escolar pedagógico diferenciado no contraturno e/ou turno inverso em que a criança estuda, onde o foco principal é a aprendizagem.”... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar

as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p 47).

No magistério de Freire é inconcebível pensar o aluno como um indivíduo desprovido de conhecimento e experiências que, trazidas para o ambiente escolar, possam ser desprezadas pelo educador. Logo, o Laboratório de Aprendizagem, usando elementos e materiais do cotidiano da criança, instigando-a a uma busca constante de conhecimento, dentro das possibilidades e limitações de cada indivíduo, mostra-se como meio salutar de aprendizagem.

Por sua vez o(a) professor(a) só ensina em termos verdadeiros na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se apropria dele, em que o aprende. Neste caso, ao ensinar, o professor, a professora re-conhece o objeto já conhecido. Em outras palavras, refaz a cognoscitividade na cognoscitividade dos educandos. Ensinar é assim a forma que se torna o ato de conhecimento que o(a) professor necessariamente faz na busca do saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do(a) professor(a) e dos alunos, em ação se encontra na base do ensinar-aprender (FREIRE, 1997, p. 42).

Entretanto, o professor do L.A. sempre está ensinando, retomando o conteúdo, pesquisando e buscando caminhos para sanar as dificuldades de aprendizagens diagnosticadas em sala de aula pelo professor regente que, neste período de tempo, não conseguiu o avanço esperado.

## **MATERIAS E MÉTODOS**

É de fundamental importância que, neste espaço, se utilizem materiais didáticos pedagógicos eficazes, material concreto (jogos, entre outros), necessários ao seu desenvolvimento. E vale a pena destacar entre eles, utilizados na Matemática, o material dourado

que foi elaborado pela italiana Maria Montessori. Ednaid Santos Faria reflete em seu texto:

Estas características dos materiais desenvolvidos por Montessor, possibilitam o toque, o estímulo aos sentidos e um caminhar do abstrato para o concreto de uma forma mais prazerosa. É preciso, também, realçar que o debate a respeito da melhoria do desempenho dos alunos na Matemática é uma discussão que acontece não só no Brasil, mas em todo o mundo.

Aluna do 2º Ano construindo o número com material dourado



Proporcionar uma melhor qualidade na educação é uma questão preocupante não somente para os dirigentes de escolas e coordenadorias de educação, mas também de todos os profissionais da educação que realmente estão preocupados com a aprendizagem de suas crianças.

Ressalto o computador como uma ferramenta importante na aprendizagem. Nos laboratórios de informática, há os aplicativos

do Sistema Operacional Linux; este programa é atrativo para as crianças e tem jogos de alfabetização, entre outros.

Alunas do 1º Ano com jogos de alfabetização no Laboratório de Informática



Assim, os jogos, sejam eles criados pelos professores ou adquiridos comercialmente, podem ser usados para estimular e desenvolver a habilidade da criança de pensar de forma independente, contribuindo para o seu processo de construção de conhecimento lógico-matemático e linguístico e visando ao desenvolvimento da sua autonomia.

Illich (1976) afirma que “os jogos podem ser a única maneira de penetrar os sistemas formais”.

O jogo como promotor de aprendizagem e do desenvolvimento passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações lúdicas como o jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-los dos conteúdos culturais a serem vinculados na escola (KISHIMOTO, 1993, p. 13).

É relevante defender o espaço do L. A., pois percebe-se que os alunos não conseguem aprender somente em sala de aula e não conseguem se concentrar; por isso, é proporcionado atendimento individualizado (professor – aluno) em dupla ou pequenos grupos.

O olhar diferenciado do professor do Laboratório de Aprendizagem é o que faz a diferença, muitas vezes resgatando a autoestima e o desejo do aluno de aprender e querer estar neste lugar na busca pela real abstração dos conceitos através da intervenção necessária e próxima com questões pertinentes às dificuldades de aprender do aluno.”A educação é sempre uma aventura coletiva de partilha: de afetos, de sensibilidade, de conhecimentos e saberes, expectativas e de experiências, de atitudes e valores, de sentidos de vida...” (ALVES, 2010, p. 115).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Obtém-se o resultado na medida em que os alunos deixam de necessitar o atendimento individualizado e são atendidos somente na sala de aula; também quando os pais têm mais comprometimento e preocupação com o progresso de seu filho.

É um trabalho dignificante e prazeroso quando atingimos os objetivos propostos e os alunos aprendem. Vale lembrar que os alunos são singulares, as situações, e também levar em conta a realidade dos alunos, muitos com a autoestima abalada e algumas vezes, repetentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O L.A. é um espaço que nos faz repensar, rever a nossa prática de professor, pesquisando alternativas para tornar o fazer pedagógico melhor e eficaz, a fim de superar os desafios do cotidiano escolar, tendo acima de tudo muita persistência e confiando na capacidade do aluno em aprender; pensar que o espaço não é o único de aprendizagem.

A complexidade e responsabilidade são grandes, e o professor precisa ter a coragem e a esperança de se reinventar a cada momento.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem, *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 12. ed. São Paulo, 2010, Papirus.
- FARIA, Ednai Santos et al. *Reflexões sobre o uso de material dourado nas séries iniciais do Ensino Fundamental*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/emem/files/2015/10/REFLEX%C3%95ES-SOBRE-O-USO-DO-MATERIAL-DOURADO-NAS-S%C3%89RIES-INICIAIS-DO-ENSINO-FUNDAMENTAL-ANOTA%C3%87%C3%95ES-DE-EST%C3%81GIO.pdf>. Acesso em: 08 maio 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 1996. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra, 1997.
- IILICH, I. *Celebração da consciência*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: RJ: Vozes, 1993.

## A DOCÊNCIA SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Cleide Estela dos Santos ALFING; Eva Teresinha de Oliveira BOFF<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Membro do grupo de estudos do PPG Educação em Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí,

<sup>2</sup> Docente Doutora do programa de Mestrado de Atenção Integral à Saúde (Unicruz/Unijuí) e do PPG Educação em Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí.

E-mails: cleideestelaalfing@gmail.com; evaboff@unijui.edu.br

### Resumo

**Introdução:** A prática docente pode ser considerada uma atividade que envolve ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, o estudo tem por objetivo refletir sobre a prática da docência superior. **Metodologia:** Relato de experiência realizada na Disciplina de Docência Superior nos anos de 2014-2015. **Resultados e discussão:** A vivência teórico-prática nos instigou a refletir e discutir pontos significativos na formação docente. Neste contexto, elencamos três categorias: O espaço universitário; a docência; o ensino, a pesquisa e a extensão. O espaço universitário é um local que permite trocas de conhecimentos, vivências e análise da própria prática docente. A docência envolve empatia, amor pela prática. O ensino, a pesquisa e a extensão são importantes na universidade, pois se cruzam e se intercalam. **Considerações Finais:** A universidade é um espaço comunitário coletivo onde as trocas de saber são importantes. Transformar a realidade é algo desafiante tanto ao professor quanto ao acadêmico, mas é possível.

**Palavras-chave:** Docência Superior. Ensino. Pesquisa. Extensão.

### INTRODUÇÃO

Os cursos de licenciatura geralmente são ofertados para quem queira seguir a carreira do magistério, seja em nível de educação infantil ou em nível médio de ensino. A partir dos cursos de pós-graduação em nível de mestrado é direcionada a carreira docente superior. A docência superior envolve três elementos importantes na sua prática cotidiana: o ensino, a pesquisa e a extensão. Neste sentido, o presente estudo tem como **OBJETIVO GERAL** refletir acerca da prática da docência universitária.

## **METODOLOGIA**

Estudo realizado na Disciplina de Docência Superior do Programa de pós-graduação em nível de Mestrado em Atenção Integral à Saúde – PPGAIS, no segundo semestre do ano de 2014-2015. A partir de discussões, seminários e prática docente, surgiram categorias de discussão e análise.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A vivência teórico-prática nos instigou a refletir sobre a formação docente superior. Após leituras e análises teórico-práticas emergiram três categorias de discussão: o espaço universitário; a docência; a importância de ensino, pesquisa e extensão. O espaço universitário é um local que permite, além de encontros, trocas de conhecimentos, vivências e, principalmente, a análise da prática docente. A docência envolve empatia, amor pela prática. O professor precisa se envolver e compreender sua função como docente superior. O ensino é o entusiasmo pessoal do professor, que provém do seu amor à ciência e aos alunos (SANTOS, 2001). Vasconcelos et al. (2005) pontuam que as interações professor-aluno desempenham um importante papel, pois são pautadas pelas ações que um dirige ao outro e afetadas pelas representações mútuas, ou seja, pelas ideias e pelas relações sociais construídas entre um e o outro, envolvendo dimensões afetivas e motivacionais. Para Soares e Cunha (2010), a docência pode ser entendida como o exercício do magistério que envolve a aprendizagem; é uma atividade que caracteriza o docente de forma geral. O ensino, a pesquisa e a extensão são importantes na universidade, pois se cruzam e se intercalam: neste sentido, vale destacar que o Ensino é o ponto de partida para a apreensão do conhecimento; na pesquisa, o desconhecido é definido ou redefinido em termos sociais, partindo dos conhecimentos já existentes; e a extensão traduz-se pela importância do conhecimento apreendido e ampliado, aumentando seu alcance, menos assistencialista e mais

caracterizada como intervenção no contexto social (ARAGÃO et al., 1999). A universidade possibilita o desenvolvimento do conhecimento aliado à pesquisa e extensão. Ensino, este aliado à prática cotidiana do que é real concreto. A inserção do aluno no mundo da pesquisa amplia seu olhar acadêmico. Para Demo (2005), a pesquisa deve ser vista como um processo social que perpassa toda a vida acadêmica, do professor e do aluno. A universidade e a pesquisa devem andar de mãos dadas. Não se pode falar de Universidade sem pesquisa, se a compreendermos como descoberta e criação. Pesquisar é produção de conhecimento do outro para si e de si para o outro. Pesquisar coincide com a vontade de viver, de mudar, de transformar, de recomeçar. Com relação à extensão, Silva (2001) relata que os programas de extensão universitária possibilitam ao aluno vivenciar o fazer, o criar e o construir. Segundo Coêlho (1996), a formação universitária inclui e ultrapassa a transmissão de informações e técnicas, a instrução e a simples profissionalização, pois se refere ao homem como um todo, capaz de compreender a natureza, a sociedade e o próprio homem. Mais do que profissionalizar, formar na universidade significa desenvolver no indivíduo a capacidade de entender e transformar a sua realidade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos dizer que a universidade é um espaço comunitário coletivo onde as trocas de saber são importantes, além das experiências vividas. Transformar a realidade é algo desafiante tanto ao professor quanto ao acadêmico, mas é algo possível quando se consegue unir ensino, pesquisa e extensão. Na universidade, fala-se de teorias, e nos espaços da sociedade se coloca em prática a teoria aprendida, desta forma, podemos dizer que são associadas teoria e prática entre universidade e comunidade em prol do conhecimento coletivo, de mudanças de paradigmas e comportamentos e de mudança na realidade.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. G. S. et al. Projeto político-pedagógico para o curso de Educação Física: caminhos percorridos. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Florianópolis-SC, 1999.
- COÊLHO, I. M. Formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JÚNIOR, C. A. da (Orgs.). *Formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 17-43.
- DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTOS, Sandra Carvalho dos. O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”. *Caderno de Pesquisa em Administração*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 69-82, jan/mar 2001. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/v08-1art07.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2014.
- SILVA, V. R. *Projetos de extensão e formação profissional na licenciatura em Educação Física*. Jataí-GO: CAJ/UFG, 2001. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Curso de Educação Física, Câmpus Jataí, Universidade Federal de Goiás, 2001.
- SOARES, Sandra Regina; CUNHA, Maria Isabel da. Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 134 p. ISBN 978-85-232-0677-2. Available from SciELO Books.
- VASCONCELOS, Alexandra Alves de et al. *A presença do diálogo na relação professor-aluno*. 2005. Disponível em: <[http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes\\_orais/A%20PRESEN%C3%87A%20DO%20DI%C3%81LOGO%20NA%20RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO.pdf](http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/A%20PRESEN%C3%87A%20DO%20DI%C3%81LOGO%20NA%20RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2014.

# A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO E DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS NA LUTA PELOS DIREITOS NO BRASIL

*Anna Carolina Geschwind Job; Carlos Alberto Herrmann Pedrotti Junior; Aline Antunes Gomes*

Autora da pesquisa. Acadêmica do 7º semestre do Curso de Graduação em Direito da Universidade de Cruz Alta/RS (Unicruz). Bolsista PIBIC/Unicruz. Endereço: Rua General Andrade Neves, nº 1449, Centro, Cruz Alta/RS, Cep: 98005-145.

Autor da pesquisa. Acadêmico do 5º semestre do Curso de Graduação em Direito da Universidade de Cruz Alta/RS (Unicruz). Voluntário PIBIC/Unicruz. Endereço: Rua Soledade, nº 205, Bairro Hilda, Cruz Alta/RS, Cep: 98040-080.

Orientadora da pesquisa. Professora do Curso de Graduação em Direito da Universidade de Cruz Alta/RS (Unicruz). Advogada. Mestre em Direito pela Unijuí/RS. Pós-graduada em Direito Público pela Universidade Anhanguera-Uniderp. Endereço: Rua Venâncio Aires, n. 761, apto 204, Cruz Alta/RS, Cep: 98005-096.

E-mails: annacgeschwind@gmail.com; juniorherrmann@outlook.com; algomes@unicruz.edu.br

## Resumo

Este trabalho visou entender a contribuição dos movimentos sociais e da atuação dos estudantes no Movimento Estudantil do Brasil para a conquista e garantia de direitos sociais e políticos. Procurou-se realizar uma abordagem através dos movimentos mais marcantes ocorridos no país, para ser possível discutir a importância da educação na formação de uma sociedade com senso crítico, a ponto de compreender seus direitos para buscar mudanças quando negada sua assistência. Trata-se de pesquisa bibliográfica, com a realização de uma abordagem histórica dos movimentos para a constatação de como eles foram decisivos para a conquista dos direitos atuais e como o mínimo de acesso à educação é fundamental para esse processo. Partiu-se do pressuposto de que os movimentos sociais, de um modo geral, sempre estiveram amplamente ligados à conquista e busca pela efetivação dos direitos sociais em toda a história, sendo o elemento base à evolução social e manutenção dos direitos básicos.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais. Movimentos Estudantis. Direitos Sociais. Educação.

## INTRODUÇÃO

Nos primórdios da civilização, quando os seres humanos começaram a viver em sociedade, a firmarem suas residências e povoados, surgiu a necessidade de haver algumas regras, a fim de

facilitar o convívio diário; com isso, vieram os direitos e deveres. Com o passar dos anos, essa necessidade apenas aumentou, e, com tantos direitos e deveres adquiridos pelos cidadãos, também se pôde observar uma crescente violação dos mesmos, principalmente dos direitos sociais. Nesse âmbito, os movimentos sociais sempre possuíram um papel importantíssimo, uma vez que expressam a voz do povo e a sua vontade quando os direitos não são garantidos pelos governantes.

Em toda a história do Brasil, foi constante a presença dos movimentos estudantis em busca da garantia de direitos já adquiridos e em busca de novos. Tiveram grande participação nas lutas em prol da democracia, da cultura, da justiça e educação. Graças às lutas incessantes, a nação brasileira conquistou de volta a democracia, o direito ao voto nas eleições de seus representantes, continua lutando por todos os direitos violados ou ainda não conquistados.

Cabe mencionar que os movimentos sociais sempre foram formados por uma parcela considerável de estudantes, professores, trabalhadores, cidadãos que compreendem a necessidade de ir à luta por seus direitos. Em sua maioria, são pessoas que tiveram acesso ao mínimo de educação, que compreendem a importância de ser um cidadão e de exercer sua cidadania com plenitude, sendo de extrema importância a educação na formação do senso crítico da sociedade.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma abordagem qualitativa bibliográfica, em que foram utilizados livros, artigos e matérias informativas como jornais *online* e revistas, para que fosse possível compreender e analisar o tema com maior propriedade.

Com relação aos livros e trabalhos utilizados como bibliografia básica, é possível citar a “Constituição Federal de 1988”, o livro “500 anos de lutas sociais no Brasil” e o artigo “Movimentos sociais na contemporaneidade”, ambos de autoria de

Maria da Glória Gohn, e o artigo “Movimento Estudantil Universitário: História do Direito Central de Estudantes da Univates”, de Fiegenbaum Jones, Patrícia Schneider e Neli Machado. Foram especificados os principais dispositivos legais relacionados a acontecimentos marcantes de cunho histórico e também recentes, com a citação de doutrinadores que tratam da matéria.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para que o Brasil pudesse chegar à concepção democrática atual, ocorreram diversas lutas, derrotas e conquistas; e os movimentos sociais relacionados à educação, em especial as lutas estudantis, tiveram um importante papel nesse processo. Mas o que levou à origem desses movimentos e em qual contexto eles aparecerem mais ativamente? Os movimentos sociais estudantis tiveram seu advento em meados de 1901, com a criação da Federação dos Estudantes Brasileiros. Entretanto, foi com a criação da União Nacional dos Estudantes, em 1937, que as atividades começaram a ser mais ativas (GOHN, 2011).

Os movimentos estudantis participaram das manifestações e lutas mais importantes do Brasil; entre as principais, é possível citar a luta contra movimentos do nazifascismo no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial em 1942; a luta em defesa do petróleo na campanha “O petróleo é nosso” de 1946 a 1956, quando se lutou pela criação da Petrobrás; a importante persistência durante a ditadura militar, nos anos de 1964 a 1985; mesmo após ter sua sede invadida e incendiada e ter seus integrantes perseguidos, presos, torturados e executados, o movimento não sucumbiu e continuou na luta pela redemocratização (DE PAULA, 2007).

Durante a ditadura militar houve a retirada da legalidade e da representatividade da União Nacional dos Estudantes (UNE) por meio da Lei Suplicy de Lacerda. Segundo Poerner (1979, *apud* Sanfelice, 1986, p. 81), a lei Suplicy de Lacerda visou à extinção do movimento estudantil brasileiro, que, mesmo com todas as

atrocidades, prevaleceu, às sombras da ditadura, firmemente contra o regime. Em massa, deram corpo à passeata dos “Cem Mil” no Rio de Janeiro em busca da democracia, liberdade e justiça.

Com muita persistência e a dura reconstrução da entidade estudantil, após o fim do regime militar, o movimento estudantil voltou para dar a “cara a tapa” em 1984, participando ativamente das campanhas “Diretas Já” com manifestações importantes nos principais comícios da época (MARTINS; RUIZ, 2015).

Com o fim da ditadura foram revelados inúmeros casos de corrupção divulgados à imprensa, e os militares não conseguiam recuperar a economia nacional, além dos rombos em todos os setores, mas principalmente na saúde e educação. A eleição presidencial de Tancredo Neves, em 1984, marcou o fim da ditadura e apenas em 1985 a redemocratização do Brasil foi concluída. Com o falecimento prematuro de Tancredo, seu vice, José Sarney, assumiu a presidência; durante o seu governo, uma nova Constituição foi formulada, tendo sido concluída em 1988. Essa constituição, a mesma que ampara a sociedade brasileira nos dias atuais, prevê expressamente o fim da censura e proclama o direito às liberdades civis e da sociedade, além de garantir diversos direitos sociais e políticos. Em 1989, foi a primeira vez que a nação votou após o fim do regime militar, resultando na eleição de Collor (JONES; SCHNEIDER; MACHADO, 2012).

Sempre mantendo forte opinião e posicionamento político, os movimentos estudantis iniciaram o movimento “Ética na Política”, em meados de 1992, o qual visava investigar atos de corrupção envolvendo o presidente Collor. O movimento resultou nos “caras pintadas”, dando início ao processo de *impeachment* e, conseqüentemente, ao pedido de renúncia do presidente, horas antes da votação; a renúncia não impediu o prosseguimento do julgamento que, conseqüentemente levou à sua ilegitimidade diante do resultado de 76 votos a favor e três contrários. Maria da Glória Gohn (2011, p. 342) comentou a importância desse movimento em termos históricos:

Ética na Política, um movimento do início dos anos 1990, teve grande importância histórica, porque contribuiu decisivamente para a deposição – via processo democrático – de um presidente da República por atos de corrupção, fato até então inédito no país. Na época, contribuiu também para o ressurgimento do movimento dos estudantes com novo perfil de atuação, os Caras Pintadas.

Em 1994, houve a luta contra o neoliberalismo e a privatização do patrimônio nacional, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, resultando em um grande atrito com professores e estudantes das escolas e universidades públicas devido ao privilégio dado às instituições particulares. Lutaram contra as mensalidades abusivas do ensino particular e contra o “Provão”, um sistema de avaliação para ingresso nas universidades federais (JONES; SCHNEIDER; MACHADO, 2012).

Em 2002, os estudantes apoiaram o governo de Luís Inácio Lula da Silva, que abriu as portas da comunicação e negociação com os estudantes. Defenderam a reforma universitária, reclamaram pela arte e cultura com a “Caravana Universitária Cultura e Arte”. Gabriel de Paiva (2011), ao trabalhar com a temática, discorreu sobre como a União Nacional dos Estudantes (UNE) apoiou o governo e começou a aceitar alguns projetos propostos, como o Programa Universidade para Todos (ProUni), programa social que proporcionou a entrada de estudantes em universidades privadas, custeados por verbas públicas e ampliando as possibilidades de ingresso no ensino superior para pessoas de baixa renda, programa que vigora até hoje.

Os movimentos sociais lutaram bravamente pelos direitos políticos e sociais e foram essenciais para a “comunicação” e representatividade entre o Estado e a sociedade civil. Maria da Glória Gohn, em seu livro “500 anos de lutas sociais no Brasil” (2000, p. 25), referiu que o processo Constituinte e a promulgação da Constituição Federal de 1988 representaram um divisor de águas, pois até então predominava a tradição de os movimentos

sociais serem “contra o Estado” e, com a Constituição, isso foi se rompendo para dar espaço ao interesse da população em participar de um novo momento político, em especial nas formas de gestão de serviços, programas para implementação de leis estaduais, municipais, construção de câmaras de interlocução do Estado com a sociedade, etc.

É possível visualizar, historicamente e atualmente, a importância dos movimentos sociais e estudantis na obtenção de direitos sociais no Brasil; apesar de serem formados por estudantes em sua maioria, não atuavam apenas em prol da educação propriamente dita. Em outras palavras, conforme referiu Gohn (2011, p. 347), os movimentos sociais abrangem muito mais do que questões envolvendo “escolas”; abrangem questões maiores como as de gênero, étnicas, de nacionalidade, religião, direitos dos portadores de necessidades especiais, direitos humanos, qualidade de vida, cultura, entre inúmeras outras questões. Os movimentos sociais produzem conhecimento, e o contexto escolar é muito importante para o debate desses assuntos, pois é durante o ensino escolar que começa o aprendizado político para, futuramente, o jovem participar na sociedade em geral.

A educação, assim como outros direitos sociais, é um direito fundamental de todos os cidadãos brasileiros, um direito social amparado no artigo 6º da Constituição Federal de 1988 e também possui destaque no rol dos direitos humanos, sendo um direito essencial e indispensável, formando a base para o exercício da cidadania. Segundo Gohn (2000, p. 35), nenhum outro direito social, civil ou político é tão importante quanto a educação; exemplo disso é que nenhum outro direito pode ser exercido plenamente sem o acesso ao mínimo de educação. Ao discutir a questão, a referida autora afirma que

A educação está também entrando na agenda das entidades mais críticas com um sentido renovado, aliada à questão da cultura política. A educação é um processo que requer a integração de

conhecimentos com habilidades, valores e atitudes e como tal está associada ao desenvolvimento da cultura política. Juntas, educação e cultura política têm a finalidade de ser instrumento e meio para compreender a realidade e lutar para transformá-la.

A educação é a base para se obter a dignidade da pessoa humana, pois é um veículo que transita entre os valores sociais. Por esse motivo, a Constituição Federal consagrou em seu artigo 6º a educação como um direito social, um dos mais importantes, justamente por ter o objetivo de criar para a sociedade indivíduos capazes de se desenvolverem e adquirirem o mínimo necessário para sua sobrevivência em sociedade.

É possível compreender, portanto, que, para ter uma sociedade que viva com o mínimo de dignidade, é necessário que lhe sejam assegurados os seus direitos sociais à educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, etc. Além de estar disposto no artigo 6º da Constituição Federal, a educação aparece elencada também no artigo 205 da Constituição Federal, que afirma ser um direito de todos e dever do Estado e da família e, no artigo 208 da Constituição Federal, refere que é dever do estado oferecer de maneira gratuita e com qualidade qualquer grau de escolaridade, atendendo às necessidades de cada cidadão, traçando um rol de obrigações cabíveis ao Poder Público, a fim de oferecer uma educação de qualidade à sociedade, inexistindo a possibilidade de negar sua solicitação.

Contudo, apesar de todos os mecanismos declarados e garantidores, ainda existem obstáculos para a sua efetivação, o que acaba restringindo a nação de exercer sua cidadania, prejudicando o entendimento cognitivo de toda a população, que, muitas vezes, não consegue compreender os trâmites políticos necessários para atender às necessidades da sociedade. Porém, esse discernimento só vai atingir boa parte da população quando for instituída, efetivamente, uma educação de qualidade para todos os brasileiros, quando a porcentagem de evasão escolar, ainda em nível

fundamental, cair consideravelmente. Até lá se estará à mercê da corrupção, dos golpes de Estado que, desde os primórdios da República Federativa do Brasil, se fizeram presentes, e, em contrapartida, se verá a presença importante dos movimentos sociais lutando para ter os seus direitos sociais efetivamente garantidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma breve análise histórica e atual, é visível que, ao longo da história, os movimentos sociais estudantis possibilitaram a conquista de vários direitos no Brasil e ainda continuam lutando por mais alterações. A educação é a chave para tudo; sem educação, uma pessoa não tem condições de subsistência mínima, não consegue um bom emprego, não se desenvolve profissionalmente. Hoje, graças às lutas de muitos, há democracia em nosso país e uma previsão do Estado em garantir a assistência estudantil.

Nosso país ainda tem um longo caminho a percorrer, especialmente de inclusão social através da educação; junto com entidades políticas que realmente tenham interesse em mudar o cenário atual, pois somente com grandes investimentos na área da educação e garantindo a permanência dos estudantes de origem popular nas instituições de ensino, principalmente em nível fundamental, será possível alterar o pensamento social e realmente mudar o Brasil.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 5 de outubro de 1988. In: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 05 maio 2017.

DE PAULA, Jéssica Reis. *Movimento Estudantil: sua história e suas perspectivas*. Monografia. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro, 2007.

- GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil. *Revista Mediações*. Londrina, Paraná, 2000, p. 11-40.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais na contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação, volume 16. Caxambú, Minas Gerais, 2011, p. 333-361.
- JONES, Fiegenbaum; SCHNEIDER, Patrícia; MACHADO, Neli I. G. *Movimento Estudantil Universitário: história do Diretório Central de Estudantes da Univates*. Lajeado: Ed. da Univates, 2012.
- MARTINS, Fernanda de Souza; RUIZ, Maria José Ferreira. *O movimento estudantil e a democratização da educação (2015)*. Artigo publicado e apresentado na XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação. UEL, 2015.
- PAIVA, Gabriel de Abreu Gonçalves. *A UNE e os partidos políticos no governo Lula (2003-2010)*. Dissertação de Mestrado. UNIOESTE. CASCAVEL, 2011.
- SANFELICE, José Luís. *Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64*. São Paulo: Cortez, 1986.

## A PLATAFORMA VIRTUAL E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: REFLEXOS NA EDUCAÇÃO E NA CIDADANIA

*Vanessa Thomas BECKER<sup>1</sup>; Aline Antunes GOMES<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Acadêmica do 3º semestre do Curso de Graduação em Direito da Universidade de Cruz Alta. Endereço: Voluntários da Pátria, nº 272, Bairro: Centro, Cruz Alta – RS, CEP: 98005-104;

<sup>2</sup> Orientadora da Pesquisa. Professora do Curso de Graduação em Direito da Universidade de Cruz Alta. Mestre em Direito pela Unijuí. Pós-graduada em Direito Público pela Universidade Anhanguera-Uniderp. Endereço: Marechal Floriano, nº2323, Bairro: Centro, São Luiz Gonzaga – RS, CEP: 97800-000.

E-mails: vanessa.tbecker@hotmail.com; algomes@unicruz.edu.br.

### Resumo

O presente artigo pretende analisar a ligação entre movimentos sociais, internet e seus reflexos na educação e na cidadania no contexto atual. Os movimentos sociais têm seu alcance ampliado através da plataforma virtual permitindo a evolução da aprendizagem dos indivíduos em aspectos diversos. Assim, utilizando como método de estudo o bibliográfico, esse texto busca evidenciar a influência dos movimentos sociais para a consolidação de uma educação que reflete no ser cidadão dos indivíduos de um Estado.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais. Cidadania. Educação. Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

O percurso histórico da humanidade sempre foi marcado por lutas para conquista de espaço e de direitos em sociedade. Assim, há os movimentos sociais, oriundos dos conflitos entre indivíduos e Estado. Atualmente, a existência e a ação desses movimentos são fortalecidas pela plataforma virtual, tamanha a dimensão de seu alcance.

Diante disso, a busca pelo entendimento da existência dos movimentos sociais na atualidade, dimensionados pela plataforma virtual, leva aos seus reflexos na educação e na construção da cidadania, em um mundo predominantemente mercadológico. Assim, faz-se necessário compreender a importância da atuação dos indivíduos, componentes de um movimento social, nos mais diferentes níveis de aprendizado e na consolidação de um

protagonismo social necessário na construção ou na reformulação de um Estado Democrático de Direitos.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho visa à compilação de ideias estudadas sobre movimentos sociais e seus reflexos na educação e na consolidação da cidadania na atualidade. A partir da necessidade da elaboração da pesquisa, o método utilizado foi o de estudo bibliográfico, recorrendo ao uso de livros e artigos para a produção teórica desse trabalho.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os movimentos sociais ganharam espaço no Estado moderno a partir da Primeira Revolução Industrial, com a ascensão do sistema capitalista, que auxiliou no desenvolvimento do elemento constitutivo dos movimentos sociais, o conflito. Tal conflito se dá de um descontentamento entre um grupo social e o Estado, em que há incapacidade do Estado em atender as necessidades de determinado grupo, em um contexto social específico (GOHN, 1997).

Tem-se como pioneiro desses movimentos o Movimento Operário, no século XIX, que se deu a partir do descontentamento da classe trabalhadora com as condições precárias de trabalho nas fábricas. A ação desse movimento e dos demais movimentos sociais do passado ocorria através da mobilização das pessoas que se identificavam com a causa em espaços públicos, muitas vezes de forma espontânea e desorganizada (GOHN, 1997).

Contudo, atualmente, os movimentos sociais contam com uma nova ferramenta, que tem revolucionado sua atuação: a internet. Conforme Castells (2013, p. 11),

Nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência do que chamei de autocomunicação – o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação

digital. É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada.

A plataforma virtual deu voz aos movimentos sociais dessa década. Segundo Castells (2013), tem-se como exemplo disso a luta da Tunísia em 2011, país precursor na utilização da autocomunicação virtual para iniciar um movimento social que foi responsável por derrubar um governo opressor e corrupto, a fim de reestabelecer uma política democrática e justa que combata as mazelas do país e não auxilie na sua instauração e reprodução. Ou também a Revolução das Panelas na Islândia, originária de uma crise financeira em 2008 que culminou na criação de uma nova Constituição para o país em 2012, com a participação de toda a população islandesa que pôde deliberar online sobre o novo texto constitucional.

Assim, através desses exemplos, é possível chegar ao ponto central desse texto: como a internet, a educação e a cidadania tornam-se uma rede interligada e indissolúvel a partir dos movimentos sociais. A formação de um movimento social exige a ação de atores sociais, interligados por um motivo ou outro, que busquem a transformação da realidade em que estão inseridos. O meio de unir forças e estar nas ruas ocorre, atualmente, através da internet que ultrapassa o contato entre comunidade, alcançando a comunicação nacional e até mesmo visibilidade internacional. A ação desses atores a fim de colaborar com a mudança social consolida o ser cidadão dos indivíduos, que, através da composição de um movimento social, educam-se para a vida política de um Estado, bem como aprendem a constituir um diálogo a partir de

intenções individuais a fim de consolidar o bem-estar para todos os indivíduos de um grupo ou de toda a sociedade.

Segundo Vygotsky, o aprendizado ocorre quando as informações fazem sentido para os indivíduos inseridos em um dado contexto social. A aprendizagem no interior de um movimento social, durante e depois de uma luta, é múltipla tanto para o grupo como para indivíduos isolados (GOHN, 2011, p. 352).

A educação, assim, impõe-se de muitas formas dentro de um movimento social. Segundo Maria da Glória Gohn (2011, p. 252-253), a aprendizagem no interior de um movimento social dá-se como forma de aprendizagem prática ao organizar-se e unir-se; como aprendizagem teórica ao determinar conceitos para utilização em práticas concretas; aprendizagem técnica instrumental, ao entender como funcionam órgãos governamentais e as burocracias e leis que regem um Estado; aprendizagem política, na compreensão de quais são os seus direitos e quem os determina; aprendizagem cultural, entendendo os elementos que compõem a identidade de um grupo; aprendizagem linguística, na construção do discurso e na interpretação das falas; aprendizagem sobre economia, características sociais e produção reflexiva na geração de conteúdos originários de um movimento social.

É preciso que sejam respeitados os direitos de cidadania e que se aumentem progressivamente os níveis de participação democrática da população. Esses níveis expressam-se em espaços públicos, consolidados em instituições que deem forma aos direitos humanos e ao exercício da participação cidadã, presentes nos conselhos, plenárias, fóruns e outras possíveis instituições a ser inventadas. Tudo isso compõe o universo da temática educação e movimentos sociais (GOHN, 2011, p. 356-357).

Os atores sociais, segundo Gohn (2011), consolidam sua cidadania perpassando a ação do voto e constroem uma educação pautada para além de conhecimentos técnicos, que se constitui em uma educação social, na superação de paradigmas convencionais e na consolidação de direitos fundamentais através do protagonismo social. Os movimentos sociais, portanto, educam, estimulam e ampliam a participação popular em sociedade, permitindo a reconstrução, a redemocratização de uma nação e de seus indivíduos, ação facilitada, alastrada e dimensionada pela plataforma virtual.

## **CONCLUSÃO**

Os movimentos sociais e sua característica reivindicatória de mudança em âmbito social contribuem para uma atuação ativa e interessada dos indivíduos componentes da sociedade. Atuação essa que se fazia desinteressada por grande parte da população acomodada em questões consumistas ou conformada com o cenário de seu país. No entanto, ao eclodirem novos movimentos sociais (documentados e amplamente divulgados na plataforma virtual) em cenário internacional, como os exemplos já citados no texto, a população de muitos países começou a acordar e assumir sua característica atuante e revolucionária em sociedade.

Assim, resgatam-se os reflexos dos movimentos sociais na educação e na consolidação da cidadania. Pois, diante de uma sociedade atuante, há cidadãos educados econômica, política e socialmente. Atores sociais informados de seus direitos e deveres, que se unem através da internet e das redes sociais, para construir uma sociedade justa e igualitária, consolidada através da luta política e cultural dos que são verdadeiramente cidadãos.

## **REFERÊNCIAS**

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da internet*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

# INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR – ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE DO BRASIL

*Rosemari Silva da Veiga; Arisa Araújo da Luz*  
Universidade Tecnológica Nacional-UTN/Buenos Aires/Argentina  
E-mails: rosilvei@yahoo.com.br; arisa@via.com.br.

## Resumo

Esta pesquisa foi defendida como tese de mestrado na Universidade Tecnológica Nacional de Buenos Aires/ Argentina, enfocando um estudo sobre “A Inclusão de Alunos com Deficiência Visual no Ensino Superior – Estudo de Caso na Universidade do Brasil”, partindo do universo de egressos e/ou discentes com deficiência visual que frequentam/frequentaram a universidade com objetivo de identificar algumas ações que a Universidade proporciona para a acessibilidade pedagógica e os recursos que ela utiliza para facilitar a aquisição do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem. Para se atingir os objetivos propostos, foi organizada uma investigação levando em consideração os relatos de pessoas com deficiência visual que se propuseram a realizar o curso superior, barreiras encontradas, obstáculos superados e situações referentes à sua vida acadêmica. Nesse estudo de caso, foram analisadas as falas dos entrevistados através de um enfoque contextualizado na universidade e então se conheceu a trajetória educativa do aluno com DV.

**Palavras-chave:** Inclusão. Deficiência Visual. Universidade. Acadêmicos.

## INTRODUÇÃO

Em atenção ao movimento mundial de inclusão que enfatiza a necessidade de alcançarmos uma educação para todos centrada no respeito e valorização das diferenças, apresentamos esse tema que aborda a concepção de Educação Inclusiva na universidade, tendo como foco a atenção ao movimento mundial de inclusão que enfatiza a necessidade de alcançarmos uma educação para todos centrada no respeito e valorização das diferenças. Esse tema defende a inclusão em um curso superior como um direito dos

alunos com deficiência visual, fundamentada nos princípios de uma educação de qualidade para todos, tomando como base a questão dos Direitos Humanos, os desafios e conquistas alcançados até os dias atuais.

O objetivo principal foi, através de estudos de caso, procurar conhecer e caracterizar a inclusão de alunos com deficiência visual no ensino superior, reconhecendo o percurso desse processo, mapeando as ações de acessibilidade através do estudo da trajetória individual de alguns casos. Não há que viver na diferença excluída para que possamos aprender a reconhecê-la e respeitá-la (ARAÚJO, 1994, p. 185).

Durante muito tempo, a Educação Especial foi vista de maneira separada da educação geral, as Pessoas com Deficiências eram escondidas das outras, relegadas a uma total alienação do mundo e do convívio com os outros. No entanto hoje, a situação está mudando, e os educandos com deficiência conquistaram o direito de conviver no mesmo ambiente que os outros, tornando, assim, a Educação Inclusiva.

A Educação Inclusiva perpassa todos os níveis de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior, sendo um tema debatido há vários anos em todo o mundo, resultando em mudanças nas políticas educacionais e legislação. No entanto, o foco da discussão tem se restringido à inclusão no Ensino Fundamental com pouca atenção à implementação no Ensino Superior.

Com isso, surge o interesse em conhecer a trajetória educativa dos alunos com deficiência visual em diferentes momentos de sua formação acadêmica em um curso superior. Infelizmente, existem poucos trabalhos de pesquisa nesta área em foco.

A Educação Inclusiva desenvolve-se em torno da igualdade de oportunidades, em que todos os indivíduos, independentemente das suas diferenças, deverão ter acesso a uma educação com qualidade, capaz de responder a todas as suas necessidades. Desta forma, a educação deve-se desenvolver de forma especial, numa

tentativa de atender às diferenças individuais de cada aluno, através de uma adaptação do sistema educativo (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

Desse modo, esse comprometimento implica uma retomada conceitual e reflexiva entre questões relativas ao igual e o diferente, o normal e a normalidade, o eficiente e o deficiente; sabendo que o momento atual é de revisão crítica da Educação Inclusiva, trata-se de repensar toda a sua trajetória; esse é um processo que está apenas iniciando e busca o ensaio de novas perspectivas.

Muitos países já adotaram a abordagem inclusiva em suas universidades, e o Brasil já começou a buscar o seu caminho; a cada dia que passa mais adeptos estão desejando conhecer e aplicar a filosofia e a metodologia da inclusão, partindo do pressuposto de que todas as pessoas, com ou sem deficiência, têm o direito de estudar juntos para crescerem como cidadãos felizes e capazes de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade.

A inclusão é encarada como um fenômeno cultural relevante, pois ela derruba a cultura discriminatória que dominou o mundo durante milênios, contracenando com direitos adquiridos ao longo de lutas conquistadas pelas pessoas com deficiências. Isto vem impactando as instituições educativas, onde está cada vez mais presente a inclusão. Se desejarmos compreender e ajudar uma pessoa com NEE, devemos, por um lado, perceber que somos parte do ambiente no qual esta pessoa tem de viver e crescer e, por outro lado, tentar ver seu comportamento, desempenho, habilidades e incapacidades em relação à sua vivência (BEREOLSFF, 1996, p. 42). A identidade pessoal e social é essencial para o desenvolvimento de todo indivíduo enquanto ser humano e enquanto cidadão. Ela é construída na trama das relações sociais que permeiam sua existência cotidiana.

A Constituição federal do Brasil assume o princípio da igualdade como pilar fundamental de uma sociedade democrática e justa, quando reza no caput do seu Art. 5 que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se a

inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (CF – Brasil, 1988).

A sociedade, em todas as culturas, atravessou diversas fases no que se refere às práticas sociais. Ela começou praticando a exclusão social de pessoas que – por causa das condições atípicas – não lhe pareciam pertencer à maioria da população (SASSAKI, 1999, p. 16). Para que a igualdade seja real, ela tem que ser relativa. Isto significa que as pessoas são diferentes, têm necessidades diversas e o cumprimento da lei exige que a elas sejam garantidas as condições apropriadas de atendimento às peculiaridades individuais, de forma que todos possam usufruir as oportunidades existentes.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi de cunho investigativa e qualitativa através do método autobiográfico, considerando o conjunto de participantes, os objetivos e, fundamentalmente, as questões norteadoras. Esta proposta pareceu adequado para a investigação quando se considerou o pensamento de Engers (1987), citando que a abordagem qualitativa busca aprofundamento através da flexibilidade e da reflexão, elementos que parecem importantes ao projeto apresentado.

Acredita-se que a proposta qualitativa, aprofundada na abordagem de estudo de caso, adapta-se aos anseios da investigação, o estudo sobre a inclusão de pessoas com DV no ensino superior. Conduzida a partir do método autobiográfico a proposta de investigação leva em consideração relatos a respeito das trajetórias de vida ligadas à educação universitária, pondo em destaque as histórias pessoais de deficientes visuais na graduação. Após se registrarem as trajetórias acadêmicas de pessoas que enfrentaram o desafio de participar de uma universidade e, desta maneira, construíram aprendizados diversos, será importante compreender as questões que irão emergir, analisando-as com base em referencial pertinente. Fundamentalmente, as histórias pessoais

podem auxiliar o desenvolvimento de estratégias para ações em educação inclusiva, sobretudo para pessoas DV no nível superior, pois são relatos de vivências oriundas de uma prática que sofreu influência direta da cultura.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizar-se-ão as duas primeiras etapas descritas por Pujadas (2002): etapa inicial; registro, transcrição e elaboração dos estudos de caso.

Optou-se por esse tipo de entrevista considerando o pensamento de Negrine (1999), salientando que, quando se faz uso desta, por um lado, visa-se garantir um determinado rol de informações importantes ao estudo e, por outro, dá-se maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado apontar aspectos que, segundo sua ótica, sejam relevantes. O autor cita que a entrevista semiestruturada está pensada para se obterem informações de questões pautadas pelo pesquisador, permitindo realizar explorações não previstas, no intuito de trazer o entrevistado para o tema.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As entrevistas aconteceram de forma direta com o público-alvo e foram de vital importância colaborando com a literatura existente e enfatizando situações vividas em seus relatos, que foram enriquecedores para essa dissertação.

Os nomes dos entrevistados permanecem ocultos; estes foram designados por pseudônimos para que não houvesse nenhum tipo de constrangimento ao expor as suas experiências do decorrer de sua graduação.

Não se trata de simples reflexões pessoais, mas de resultados dos estudos e da coleta das falas da pesquisa realizada com os entrevistados. Iniciamos as entrevistas no mês de outubro do ano de 2013, tendo sido organizadas com seis entrevistados, sendo que três moram em São Luiz Gonzaga, duas, um pouco distante, pois residem na capital Porto Alegre, e outra reside em Santa Maria

Após a escolha do tema que enfatiza a Inclusão de Alunos com Deficiência Visual no Ensino Superior, foi realizada a coleta dos dados obtidos através das entrevistas realizadas com os alunos deficientes visuais, para então verificarmos as relações de acessibilidades pedagógicas existentes, provocando reflexões sobre o tema em questão e estimulando a busca de alternativas de atendimento, além de suscitar indagações sobre as já existentes.

É de interesse desta pesquisa promover uma tomada de postura a respeito dos ganhos obtidos pela universidade em todo o seu contexto, ao proporcionar aos acadêmicos troca de experiências e à sociedade a formação de um profissional qualificado. Tudo isso devido à inclusão do DV no Ensino Superior.

Conduzida a partir do método autobiográfico, esta pesquisa apresenta relativamente questões que mostram o caminho percorrido pelo aluno DV em sua formação, barreiras encontradas, obstáculos superados e situações referentes à sua vida acadêmica.

A proposta da investigação leva em consideração relatos a respeito das trajetórias de vida ligadas à educação universitária, pondo em destaque as histórias pessoais de DVs na graduação. Após se registrarem as trajetórias acadêmicas de pessoas que enfrentaram o desafio de participar de uma universidade e, desta maneira, construíram aprendizados diversos, fez-se importante compreender as questões que emergiram de suas histórias pessoais com o propósito de auxiliar o desenvolvimento de estratégias para ações em educação inclusiva, sobretudo para pessoas com DV no ensino superior, pois são relatos de vivências oriundas de uma prática que sofreu influência direta da cultura.

Em nosso mundo visual, muitas informações são tratadas como exclusivamente visuais quando, na verdade, não são. Podemos perceber isso em algumas ações como encontrar objetos em bolsas, digitar números de telefone, tocar instrumentos, vestir-se, etc. A visão é considerada o guia dessas ações, mas sua ausência não é demasiadamente prejudicial para a execução da ação.

Porém, como vivemos em um mundo de videntes, à visão é dado um papel essencial no desenvolvimento humano, e sua ausência assume, muitas vezes, uma dimensão maior do que ela realmente tem.

Essa ideia de restrição do desenvolvimento do DV justifica-se pela supervalorização da visão na aquisição do conhecimento. Existem autores que estimam ser a visão a responsável por 80% do conhecimento, como Oliveira (2002).

No cotidiano, é fácil perceber que utilizamos o verbo ver não só para a ação de olhar algo, mas também no sentido de conhecer. Com muita frequência, falamos: “Você viu o que aconteceu com fulano?”. Tal uso do verbo “ver” tem mais relação com o conhecimento do fato do que exclusivamente com o ato de ver. Essa atribuição de significados para além da visão não acontece apenas com esse verbo. Muitos outros termos derivados das palavras ver e olhar também estão imbuídos de outras significações relacionadas à supremacia da visão, como, por exemplo: visões de mundo, pontos de vista, revisão, mau olhar, amor cego, fé cega, olho gordo, olho comprido, frieza do olhar, estar de olho, etc.

Amiralian (1986) considera duas concepções de inclusão do DV. A primeira proposta foi influenciada pela prática estadunidense e está mais voltada a programas de treinamentos que visam tornar o DV mais parecido com o vidente. Esse processo, chamado normalização, é bastante criticado. Primeiro, porque não é possível tornar uma pessoa aquilo que ela não é.

Além disso, a questão da normalização traz nas entrelinhas a ideia de que ser DV é ser inferior e faltante. Isto dificulta ainda mais a vivência dessa condição, porque, se todas as suas percepções e conceitos são considerados inferiores, então resta a esta pessoa a busca constante dos conceitos visuais que não lhe são acessíveis, a não ser pela fala dos videntes, o que os deixa novamente dependentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Superior brasileira, propiciada pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (BRASIL, 1996), tem como marca a expansão, num primeiro momento via privatização e mais recentemente via políticas para o setor público. Neste contexto, também se enquadram políticas de ações afirmativas que garantem o ingresso de grupos variados de alunos ao Ensino Superior. Isto vem colaborar para que uma maior diversidade de alunos possam ter acesso ao Ensino Superior, embora algumas destas estratégias não extingam de todo os problemas da iniquidade nesse nível de ensino.

E, de acordo com Sales (2007), ao mesmo tempo em que as ações afirmativas possibilitam a estruturação de um modelo político-educativo, voltado à correção de injustiças históricas e contemporâneas no âmbito da Educação Superior, apresenta limitações e riscos principalmente quanto à inclusão de Pessoas Com Deficiência-PCD.

É possível outra forma de inclusão do DV que o aceite sem valorizar demais as suas incapacidades, mas buscando respeitar o que ele é. Essa concepção de inclusão não enfoca os limites e déficits das pessoas cegas, mas busca compreender a forma como essa pessoa se constitui e percebe o mundo, de modo a não querer transformar os DV em videntes, e nem tampouco impor conceitos, padrões e valores dos que veem. Em vez disso, tenta entender as limitações da ausência de visão e analisa as condições de vida na família, escola e em outros grupos de referência que possam facilitar o desenvolvimento desse indivíduo.

O aluno DV, em sua vida acadêmica, necessita de materiais adaptados que sejam adequados ao conhecimento tátil-cinestésico, auditivo, olfativo e gustativo – em especial materiais gráficos táteis e o braille. A adequação de materiais tem o objetivo de garantir o acesso às mesmas informações que os outros alunos têm, para que o DV não esteja em desvantagem em relação aos seus pares. Tratando de cumprir com os objetivos propostos nessa pesquisa, sentimos-nos responsáveis em informar que a inclusão na

universidade não está cumprindo com a sua parte por falta de comprometimento da equipe docente. Os principais resultados mencionados pela maioria dos entrevistados mostram uma posição desfavorável quanto à inclusão na universidade.

Com base nas informações, podemos nos dar conta das profundas mudanças que necessitam os sistemas educativos para garantir uma verdadeira inclusão.

*“O que sabemos é uma gota. O que ignoramos é um oceano”. (Isaac Newton)*

## REFERÊNCIAS

- APPLE, M. W. *Ideologia e Currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARANHA, M. S. F. Inclusão social e municipalização. In: MANZINI, E. (org.). *Educação especial: temas atuais*. Marília: UNESP, 2000, p. 1-11.
- ARAUJO, Luiz Alberto David. *A proteção constitucional das pessoas portadoras de deficiência*. 3ª ed. Brasília: CORDE, 1994.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papius, 1996.
- BRASIL (1994). *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: CORDE.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. *Processos de Integração Escolar dos alunos Portadores de NEE do Sistema Educacional brasileiro*. Brasília 1995. Série Diretrizes n. 11.
- BUENO, J. G. S. et al. *Políticas regionais de educação especial no Brasil*. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPEd, Águas de Lindóia, 2003.
- CUNHA, Edílson Alkmim, Tradutor. *Declaração de Salamanca, e linha de ação sobre necessidades especiais*. 2ª. ed. Brasília: CORDE, 1997.
- DEMO, P. *Inclusão Social*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 7-8, out. 2007/mar. 2008.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para o trabalho Científico*. Explicitação das Normas da ABTN. 9. ed. Porto Alegre: s. n, 2001.
- FONSECA, Vitor da. *Educação Especial*, Artes Médicas. 2ª. edição. POA 1997.
- MAZZOTA, Marcos José da Silveira. *Fundamentos da Educação Especial*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1982.
- MOSCOVICI, Felá. *Desenvolvimento Interpessoal*. 13. ed. RJ: Editora José Olympio, 2003.
- SANTOS, B. de S. *A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença*.

- SASSAKI, Romeu K. *Inclusão da pessoa deficiente no mercado de trabalho*. São Paulo: PRODEF, 1997.
- SASSAKI, Romeu K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1999.
- STAINBACK, W.; STAINBACK, S. (1999). Fundamentos do ensino inclusivo. In: S. Stainback; W. Stainback (Orgs.). *Inclusão: um guia para educadores* (M. F. Lopes, Trad., p. 21-34). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1996)
- VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas: Fundamentos de Defectologia*. Madrid: Visor, 1997.

## PROJETO VALORES DA VIDA: RESGATANDO PRINCÍPIOS ÉTICOS E MORAIS EM NOSSA SOCIEDADE

*Shaiane Barcellos<sup>1</sup>; Maria da Graça Prediger Da Pieve<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Primeiro Semestre de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup>Professora Assistente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Orientadora.

E-mails: shaiane.bc@hotmail.com; maria-pieve@uergs.edu.br.

### Resumo

O presente trabalho “Projeto Valores da Vida: Resgatando Princípios éticos e morais em nossa sociedade” constitui-se em um relato de experiência das vivências ocorridas em quase oito anos de sua história. Esse projeto é desenvolvido por mais de cem voluntários, alcançando em média sete mil pessoas desde seu início em 2009. Vinculado à ONG Debaixo da Videira, o projeto se desenvolve através de palestras motivacionais, dinâmicas de grupo, teatro, músicas, brincadeiras, danças e leitura. O público-alvo do projeto são espaços escolares e não escolares, campo de atuação da Pedagogia. Dessa forma, as crianças, jovens e os adultos interagem e compreendem o objetivo desse projeto.

**Palavras-chave:** Projeto. Valores Éticos e Morais. Sociedade.

### INTRODUÇÃO

O presente relato apresenta as experiências vivenciadas no projeto Valores da Vida: Resgatando Princípios éticos e morais em nossa sociedade, realizado juntamente com mais de cem voluntários em aproximadamente vinte escolas públicas do Município de Cruz Alta/ RS e em outras entidades não escolares, como o CRAS (Um Lugar ao Sol), o Presídio Municipal de Cruz Alta, a COTEFEM – Fazenda do Senhor Jesus (dependentes químicos), hospitais, Casas-lar e vilas carentes.

O Projeto Valores da Vida apresenta como **objetivo geral** resgatar a importância dos valores éticos e morais fundamentais como instrumentos de comunicação e convívio social, proporcionando um relacionamento harmonioso do indivíduo com seus amigos e familiares, consigo mesmo e com Deus e auxiliando

no desenvolvimento de uma autoimagem positiva, consciente de suas próprias habilidades e limitações. **Os objetivos específicos** são: a) Despertar no estudante o respeito à igualdade de direitos e deveres entre si, incentivando o bom relacionamento com os colegas e com a família; b) Incentivar a valorização do amor ao próximo, a boa conduta moral na sociedade e o respeito à autoridade dos pais, professores e governantes; c) Melhorar o rendimento escolar; d) Construir o conhecimento de forma lúdica e prazerosa; d) Auxiliar no combate à redução da violência escolar, bullying e discriminação racial e social; e) Resgatar valores necessários à vida em sociedade; f) Favorecer as linguagens orais, gráficas e musicais; Conscientizar sobre os perigos e efeitos de diversos problemas sociais enfrentados atualmente como o uso de drogas, a falta de consciência ecológica, desrespeito aos idosos, violência, gravidez precoce, alcoolismo, etc.

A apresentação do presente projeto se justifica devido ao público-alvo serem espaços escolares e não escolares, campos de atuação da Pedagogia.

## **METODOLOGIA**

O projeto busca proporcionar o debate e a reflexão sobre a importância dos valores morais e éticos dentro do convívio social através de palestras, músicas, dinâmicas de grupo, brincadeiras, leitura e peças teatrais.

### **1) PRINCÍPIOS MORAIS E ÉTICOS**

Por meio de ensinamentos bíblicos e de literatura complementar, o projeto busca o ensino de valores e princípios fundamentais para o convívio social, como submissão às autoridades. Está relacionado à obediência.

### **2) MÚSICA**

A música é uma forte forma de expressão, e o projeto encontrou nela um grande meio para levar esses valores de vida para o

coração, a mente e as atitudes desses jovens e crianças. A música tanto ajuda no desenvolvimento intelectual como no estímulo à criatividade e também na possibilidade de expressar diversos sentimentos por meio dos sons.

Ao mesmo tempo em que as pessoas procuram música como uma profissão, outras a procuram como um refúgio, pois, expressando os sentimentos através dos sons, relaxam-se o corpo e a alma sentindo, assim, uma grande satisfação por fazer algo por si mesmo, e isso faz com que, no dia a dia, tudo o que se faz fique melhor, inclusive o convívio com os demais.

### **3) TEATRO**

A dramatização das histórias faz com que as crianças vivenciem papéis, o que é muito importante para relacionar-se com os outros. Ela se desenvolve percebendo emoção, ritmo, melodia, rima e as imagens que a envolvem, trazendo alegria e o prazer. O teatro tem o poder de criação e provocação do imaginário, sendo forte componente na autoconstrução da pessoa, pois oferece prazer, estímulos e incentivos que favorecem o desenvolvimento da percepção, da criatividade, da sensibilidade e da fantasia. É forte alimento ao imaginário permitindo à criança o conhecimento de si mesma, do mundo que a rodeia, possibilitando uma relação entre o real e o imaginário. Através das artes, conseguimos também resgatar valores. O teatro faz com que se reflita e medite sobre os atos corretos a serem tomados e até mesmo no tipo de vocabulário que se profere no dia a dia.

### **4) DANÇA**

Na dança é possível utilizar os movimentos do corpo livremente, mas de maneira que não haja deturpação moral. É fundamental que desde cedo esses jovens e crianças saibam a maneira correta de utilizar os sentidos físicos. A criança é um ser em constante movimento; é dessa maneira que ela explora seu corpo e o ambiente. A dança pode ser utilizada como um estímulo à

comunicação e à criatividade, pois, através dela, o professor pode trabalhar de forma lúdica e espontânea a estrutura e o funcionamento dos corpos, assim como o trabalho em grupo e a atenção. Ela contribui para o aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. O uso da dança favorece a criatividade, além de favorecer o processo de construção de conhecimento.

### **5) LEITURA**

A leitura traz grandes benefícios à nossa vida. Com ela pode-se falar de diversos assuntos, ter um bom conhecimento, melhorar a memória, aprimorar a capacidade de aprendizado e aumentar o foco. A leitura é uma grande ferramenta de aprendizagem; com ela se compreende o que se passa.

### **6) BRINCADEIRAS**

Com elas ensina-se o respeito ao outro. A criança aprende a ouvir, a relacionar-se, aceitando as diferenças. Incentiva-se o trabalho em equipe. Os jogos e brincadeiras coletivas são verdadeiras escolas de convivência, cooperação, respeito, trocas, limites, essenciais à vida e ao mundo do trabalho. A criança aprende de forma mais lúdica e aprende gostando do que está fazendo

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A IMPORTÂNCIA DOS VALORES ÉTICOS E MORAIS EM NOSSA SOCIEDADE**

Os Valores são os responsáveis pela manutenção da ordem entre as pessoas, sendo inclusive ensinados desde o berço. É fácil imaginar em que situação o mundo se encontraria atualmente caso o homem ignorasse as leis formuladas a partir dos conceitos de ética e moralidade. É necessário que se tenha a preocupação de transmitir valores tanto na educação formal quanto de maneira informal às

crianças e aos adolescentes para que cresçam e se desenvolvam seguros emocional e socialmente. É responsabilidade da escola, da família e da sociedade como um todo ensinar os valores morais e éticos para cada indivíduo. Cabe a cada um exercer o seu papel com responsabilidade, consciente de sua grande importância.

Segundo Fagundes (2001), a crise social em que a sociedade se encontra está diretamente ligada aos valores que estão sendo perdidos e esquecidos por aqueles a quem cabe a responsabilidade de transmiti-los e o desconhecimento daqueles que deveriam estar aprendendo seja por ensino direto ou por observação do comportamento do outro.

Para Martinelli (1999), os valores são qualidades ou aspectos que ocupam a parte central da personalidade humana. Os valores são determinantes do comportamento do ser humano, tanto da sua conduta pública como da sua conduta particular.

## **ALGUNS RESULTADOS**

O Projeto Valores da Vida: Resgatando Princípios éticos e morais em nossa sociedade, projeto organizado e desenvolvido a partir do mês de agosto de 2009 por muitos voluntários, apresentou como objetivo proporcionar momentos de encontro para resgatar os valores que foram perdidos em nossa sociedade, como o amor ao próximo, o respeito, gentileza, educação, e outros valores essenciais na vida do ser humano, princípios que Jesus nos ensinou, princípios esses que estão na Bíblia, livro mais vendido no mundo, o qual usamos como inspiração.

Desde 2009, desenvolve-se este trabalho, ocorrendo nas escolas e creches às terças e quintas no turno da manhã e da tarde, e nos demais espaços não escolares aos sábados.

Em seus oito anos de desenvolvimento, o projeto tem trazido resultados positivos melhorando os relacionamentos na escola e na família, incentivando as crianças, jovens e adultos a compreenderem os valores e praticarem princípios em suas vidas. O primeiro relato de resultados quanto ao projeto foi quando a

diretora da Escola Álvaro Ferreira Leite disse a uma das líderes há alguns anos que era muito grata pelas atividades do projeto, pois os alunos da escola estavam mais obedientes e respeitosos. As diretoras das escolas e coordenadores dos outros espaços em que o projeto se desenvolve dizem uma frase em comum: “O projeto é maravilhoso, vocês têm feito a diferença em nossa cidade, resgatando valores essenciais para nossa sociedade”. Podemos ver os resultados de nosso trabalho, pois como diz o versículo: “Ensina a criança no caminho em que deve andar e até quando for velho não se desviará dele” (Provérbios 22:6). Sabe-se que, se ensinarmos uma criança, vamos salvar toda a sua história.

## CONSIDERAÇÕES

Para mim, acadêmica do curso Licenciatura em Pedagogia, é uma honra participar desse projeto que tem feito grande diferença em nossa amada cidade. É fundamental fazer algo para mudar a sociedade; não posso simplesmente reclamar de problemas que estamos vivenciando se não tomo uma atitude.

As experiências vivenciadas no projeto têm sido de grande valia, pois cada dia no ambiente em que desenvolvemos nossas atividades aprendo cada vez mais; o fato de saber que estamos fazendo a diferença na vida de alguém proporciona um sentimento inexplicável. Tenho grande gratidão por fazer parte dessa história e ver que podemos não só falar dessa mudança como também praticá-la e vivenciá-la.

## REFERÊNCIAS

- FAGUNDES, Márcia Botelho. *Aprendendo valores éticos*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MARTINELLI, Marilu. *Conversando sobre educação em Valores humanos*. 2ª. ed. São Paulo: Petrópolis, 1999.

**AGRADECIMENTOS:** Este projeto conta com o apoio de voluntários da ONG Debaixo da Videira que investem seu tempo e sua colaboração material e financeira para realização do mesmo.

## **RESUMO SIMPLES**

## **O PIBID NA ESCOLA GABRIEL ÁLVARO DE MIRANDA – “CONSTRUINDO VALORES ATRAVÉS DE HISTÓRIAS: UM CONTO DE FADAS INCLUSIVO”**

*Marília de Campos SERQUIVITIO<sup>1</sup>; Andressa Silva da CUNHA<sup>2</sup>; Maria da Graça Prediger da PIEVE<sup>3</sup>*

<sup>1,2</sup>Bolsista de iniciação à docência – Píbid e acadêmicas do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>3</sup>Professor orientador/ Unidade Cruz Alta, UERGS.

E-mails: Idarlan1990@gmail.com; andressasilvacunha1997@outlook.com; maria-pieve@uergs.edu.br.

O presente resumo trata do relato do projeto “Construindo valores através de histórias: Um Conto de Fadas Inclusivo”, experiência vivenciada pelas bolsistas do PIBID/Pedagogia/UERGS, ainda em desenvolvimento na Escola Estadual de Ensino Fundamental Gabriel Álvaro de Miranda na turma do 3º ano do Ensino Fundamental. O projeto tem como objetivos proporcionar a contação de histórias, escrita e leituras espontâneas e prazerosas, o desenvolvimento de outras habilidades como oralidade, imaginação e pensamento reflexivo e reafirmar valores de igualdade, compreensão, respeito e amizade, com a utilização da coleção de histórias *Era uma vez um Conto de Fadas Inclusivo* de Cristiano Refosco. Segundo Refosco (2014), “A coleção de livros infantis “Era uma vez um conto de fadas inclusivo” serve como ferramenta em muitas escolas para que assuntos como inclusão, acessibilidade e respeito às diferenças sejam discutidos em sala de aula”. As atividades passaram por vários processos; entre elas, a observação do contexto escolar, a seleção das histórias, a construção de materiais e o planejamento. Metodologicamente, o projeto em desenvolvimento está baseado em três histórias da coleção: “Alice no país da inclusão”, “Aladown e a Lâmpada Maravilhosa” e “Branca Cega de Neve”. A partir da contação das histórias com os livros, foram desenvolvidas diversas atividades; entre elas, dinâmicas, produções livres e dirigidas de

desenhos, escrita e leitura, produção de cartazes, culinária, gincanas, brincadeiras, conversas espontâneas e sensibilizações. Dentre os resultados, as atividades proporcionaram às bolsistas a construção de saberes referentes à docência; dentre eles, os saberes experienciais, pedagógicos e curriculares, construídos na prática pedagógica realizada (TARDIF, 2011). Já com relação aos alunos, observou-se que a prática contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da diversidade, relacionados ao respeito pelo outro e pelo mundo, além de contribuir para o desenvolvimento das habilidades de escrita, leitura, oralidade. Pretende-se dar continuidade ao projeto com a construção de um teatro de fantoches, a partir das histórias da coleção.

**Palavras-chave:** Histórias. Valores. Pibid. Inclusão.

## PRÁTICA DOCENTE COMO IMPULSIONADORA DA LIBERDADE

*Bibiana da Roza CAPORAL*<sup>1</sup>; *Rose Elisete da Silva TERRA*<sup>2</sup>; *Ana Paula Alf Lima FERREIRA*<sup>3</sup>; *Claudia Maria Prudêncio de MERA*<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social. Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Graduada em Administração. UNICRUZ; <sup>2</sup>Especialista em Neuropsicopedagogia – Saúde Mental. Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação (CENSUPG), Graduada em Pedagogia – UNOPAR; <sup>3</sup>Docente na Universidade de Cruz Alta. Doutoranda em Agronegócio. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); <sup>4</sup>Docente e Coordenadora do PPG Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural na Universidade de Cruz Alta. Doutora em Desenvolvimento Rural – UFRGS.

E-mails: bibianacaporal@hotmail.com; rose05silva@outlook.com; alima@unicruz.edu.br; cmerra@unicruz.edu.br

O presente resumo integra uma investigação maior a ser desenvolvida que busca verificar a relação entre as discussões acerca do papel do profissional docente e a vertente teórica de Amartya Sen sobre as liberdades (1999). A docência exige clareza da sociedade em que se vive, além de um olhar atento para a realidade em que a prática docente e pedagógica é dinamizada. Diante disso, tem-se por objetivo ressaltar a relevância da docência e seu impacto na vida do aluno, sendo o professor um indivíduo que, por meio de sua profissão, reflete diretamente na formação de outros seres. Ao encontro dessa discussão, colocamos as inquietações de Amartya Sen sobre as liberdades individuais e suas contribuições para o desenvolvimento, trazendo em sua obra a educação como uma oportunidade social que deveria ser uma liberdade em poder de todos. Sen (1999) coloca que a liberdade descrita ocorre por meio de processos e/ou oportunidades pessoais e sociais disponíveis ao indivíduo. E, como consequência, “ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo” (SEN, 1999, p. 33). Para tratar da docência, buscou-se como base Paulo Freire (1996, p. 23), que defende que a docência não existe se não houver a discência, afirmando que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Tendo por suporte referencial dois grandes

pensadores, justifica-se a seguinte investigação por sua interdisciplinariedade, que busca relacionar teorias da Economia com teorias da Educação, realizando um levantamento científico visando encontrar afirmações semelhantes entre elas. Dessa forma, a presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, e os dados foram levantados através do método bibliográfico. Por fim, alcançou-se de forma preliminar o objetivo da pesquisa, verificando que a prática docente serve como impulsionadora do desenvolvimento utilizando a educação como ferramenta da mudança social.

**Palavras-chave:** Docência. Educação. Liberdade.

## AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: DESAFIO AO SUPERVISOR ESCOLAR

*Liliane Cardoso da SILVA<sup>1</sup>; Tatiana Luiza RECH<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Formada em Letras, na Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ (2004); trabalha na Rede Pública e Privada, no município de Cruz Alta/RS, Pós-graduada do Curso de Especialização Lato Sensu em Gestão em Educação: Supervisão e Orientação, 2016; <sup>2</sup> Docente e pesquisadora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Unidade em Cruz Alta.  
E-mails: lilianecardoso@hotmail.com.br; tatianaluizarech@gmail.com

O presente trabalho visa apresentar uma pesquisa realizada no Curso de Especialização em Gestão Escolar Supervisão/Orientação na UERGS em Cruz Alta. Trata da avaliação da aprendizagem a fim de perceber de que forma o Supervisor Escolar pode auxiliar nesse processo. Busca a compreensão da função da Supervisão Escolar e sua responsabilidade quanto à avaliação dos alunos do Ensino Fundamental - anos finais. Parte da crescente problemática voltada à avaliação da aprendizagem e dos inúmeros obstáculos enfrentados diante dela; busca perceber a importância do Supervisor dentro deste contexto e quais estratégias podem ser usadas por ele para auxiliar os professores. A avaliação necessita de maiores reflexões em seus conceitos e estratégias ao buscar meios alternativos que contribuam com o professor e com o aluno em suas atuações no ensino e na aprendizagem. Ao encontro disso, o presente estudo traz a importância do desenvolvimento de novas técnicas e procedimentos a serem trabalhadas na avaliação. Teve como metodologia uma pesquisa bibliográfica voltada à investigação do trabalho da Supervisão Escolar quanto à avaliação da aprendizagem de forma qualitativa, sendo que, para isto, recorreu-se a autores tais como José Carlos Libâneo (2013) e Mary Rangel (2011). Assim, o profissional Supervisor Escolar tenta verificar junto ao corpo docente e alunos a melhor forma de avaliar para que esse processo ocorra de forma positiva. Acredita-se que o trabalho da Supervisão Escolar, quando integrado ao do corpo docente, de forma conciliadora, surte efeitos positivos, os quais

beneficiarão o aluno de forma direta e indireta. Entretanto, quando se retoma a palavra “avaliação” no sentido geral, ela pode ser vista como avaliação de métodos e técnicas que deram certo ou não. Sendo assim, o Supervisor Escolar deve interagir de modo que oriente os professores a se conscientizar da importância da individualidade de cada aluno de forma que contemple sua singularidade.

**Palavras-chave:** Avaliação. Supervisão Escolar. Aprendizagem.

## EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

*Jusselane GOMES<sup>1</sup>; Rose Meri dos SANTOS<sup>2</sup>; Taíse Adriana Rodrigues do NASCIMENTO<sup>3</sup>*

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Unijuí de Ijuí, Pós-Graduada em Organização Pedagógica da Escola: Supervisão Escolar pela Uninter, Professora da Rede Municipal Educação de Ijuí; <sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Norte do Paraná, Professora da Rede Municipal de Educação de Ijuí;

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Norte do Paraná, Professora da Rede Municipal de Educação de Ijuí.

E-mails: jusselane.gomes@hotmail.com; rosi.zaparte@gmail.com; taiser.nascimento@bol.com.br

A E.M.E.T.I. Eugênio Ernesto Storch desenvolveu o Projeto em parceria com a SMEd e com o SEBRAE. Através do Programa JEPP – Jovens Empreendedores Primeiros Passos, os alunos foram estimulados a desenvolver atitudes empreendedoras e a construir novas aprendizagens, desenvolvendo a autonomia e o trabalho em equipe. O projeto teve como objetivo contribuir para a adaptação das crianças às diferentes situações de aprendizagem, com vistas a enfrentar novos desafios, promovendo transformações. A proposta buscou estimular habilidades e comportamentos empreendedores, além de fomentar a educação e cultura empreendedora, apresentando aos alunos diversas práticas de aprendizagem, considerando a autonomia dos mesmos para aprender e desenvolver habilidades e atitudes necessárias à condução de sua vida (pessoal, profissional e social). A metodologia propôs para cada ano do Ensino Fundamental um tema, com propostas pedagógicas planejadas e realizadas contemplando atividades lúdicas permeadas pela teoria e prática, provocando situações desafiadoras através de um trabalho interdisciplinar. Para essas atividades, foram utilizados diferentes materiais pedagógicos e reciclados que contribuíram para a conscientização em relação ao reaproveitamento, instigando à criatividade e à cidadania. O 1º ano trabalhou com “O mundo das ervas aromáticas”, o 2º ano, com “Temperos naturais”, o 3º ano, com “Oficina de brinquedos ecológicos”, o 4º ano, com “Locadora de produtos”, e o 5º ano, com “Sabores e cores”. Ao final do projeto, foram realizadas feiras de negócios em parceria com os

pais, professores e demais membros da comunidade, onde foram comercializados os produtos cultivados e confeccionados pelos alunos. Concluiu-se com o trabalho que este projeto contribuiu para que os alunos construíssem conhecimentos relacionados a comportamento empreendedor, plano de negócios, cultura da cooperação, cultura da inovação, desenvolvimento sustentável e trabalho em equipe, além de incentivar os alunos a buscar o autoconhecimento e construir novas aprendizagens. Dessa forma, a proposta favoreceu o envolvimento dos alunos no próprio ato de fazer, pensar e aprender, características estas fundamentais dos comportamentos empreendedores, nos quais os alunos envolvidos se sentiram valorizados com suas contribuições.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Comportamento Empreendedor. Interdisciplinar. Aluno.

## A PEDAGOGIA DE LÓRIS MALAGUZZI: INSPIRAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

*Rodrigo AMARANTE<sup>1</sup>; Maria da Graça Prediger Da PIEVE<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Acadêmico regular graduando em Pedagogia – Licenciatura da UERGS Unidade de Cruz Alta, bolsista do PIBID/CAPES; <sup>2</sup> Professor orientador. Unidade de Cruz Alta. UERGS.  
E-mails: rodrigo-amarante@uergs.edu.br; mariapieve@uergs.edu.br

A escola pode ser um ambiente significativo e prazeroso para a criança onde ela seja acolhida, compreendida, ensinada a amar a si mesma e aos outros, aceitar suas características e subjetividade e que tenha uma aprendizagem centrada nela, enquanto protagonista de seu desenvolvimento e aprendizagem. O papel da escola deve ser o de ajudar a criança a desenvolver as suas capacidades e expandir a sua própria forma de interagir com o mundo. O objetivo proposto no presente pretende inicialmente conhecer a Pedagogia de Lóris Malaguzzi (2016), conhecida como a Pedagogia dos sentidos ou da Pedagogia da Escuta para, posteriormente, problematizar algumas práticas vigentes na educação infantil que não estimulam este desenvolvimento completo, problema apontado por Teca Alencar de Brito (2003) como práticas que acabam por engessar o aluno. Malaguzzi (2016) defende que a escola deve proporcionar subsídios que a criança use para expandir a possibilidade de fazer crescer as potencialidades dela, um crescimento mediante a exploração do que o pedagogo nomeou como as “cem linguagens” que cada criança tem. Este estudo é composto, em um primeiro momento, de pesquisa bibliográfica das ideias defendidas por Malaguzzi em diálogo com as ideias defendidas por alguns autores, como Brito (2003), Gobbi (2009), Gandini (2012), entre outros, onde a escola não deve trabalhar apenas em cima das pedagogias tradicionais, mas sugerir novos métodos que permitam que cada criança tenha sua linguagem, o seu modo de perceber as coisas, a sua forma de ver o mundo. As crianças da Educação Infantil interagem constantemente com o seu meio, a partir daquilo que elas possuem internalizado em

si; portanto, a escola pode se tornar um local agradável em que as crianças tenham prazer de estar, de pensar, imaginar e agir, em que tenham prazer na produção dos seus conhecimentos, no seu desenvolvimento e nas suas invenções infantis, enquanto protagonistas no desenvolvimento de suas linguagens e na construção de seu mundo. Numa segunda fase, será realizada a pesquisa de campo em uma escola de Educação Infantil do município de Cruz Alta para verificar *in loco* ideias que venham ao encontro dessa pedagogia, expandir nossos objetivos e obter outros e novos resultados.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Linguagem. Expressão. Lóris Malaguzzi.

## LINGUAGEM E EXPRESSÃO DE FRIDA KAHLO NA SALA DE AULA

*Rodrigo AMARANTE<sup>1</sup>; Jucélia Rodrigues FERREIRA<sup>2</sup>; Dioni PAZ<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência PIBID/CAPES, Curso de Graduação em Pedagogia — Licenciatura. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência PIBID/CAPES, Curso de Graduação em Pedagogia — Licenciatura. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>3</sup>Professora orientadora. Unidade de Cruz Alta. UERGS.

E-mails: rodrigo-amarante@uergs.edu.br; juceliaedfisica@gmail.com.br; dionipaz@hotmail.com.

O presente trabalho apresenta um relato de experiência didática, exercida por alunos vinculados ao Programa PIBID/CAPES, no segundo semestre de 2016, em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola de Cruz Alta/RS. O objetivo deste estudo é mostrar que pode ser construído um novo exercício de didática, onde a leitura da linguagem e da expressão da arte vem ao encontro dos ideais propostos por Frida Kahlo. A artista deve ser vista como uma mulher que mostrou o corpo embora fosse manca, que pintou em suas telas os momentos mais tristes e mais felizes de sua vida e que, apesar de todos os seus sofrimentos físicos, expressou na arte uma linguagem comprometida com seus leitores. No exercício pedagógico, dentro da sala de aula, podemos propiciar diferentes aventuras aos alunos, onde cada sujeito pode expressar sua forma de ver o mundo em sua própria linguagem artística. Alguns conceitos, como o conceito de belo, não devem ser impostos, mas sim considerados relativos à concepção individual que cada aluno tem. A obra de Frida Kahlo pode proporcionar várias possibilidades de leitura, pois permite muitas visões de mundo. A partir das telas podem ser inferidos diferentes valores, tais como o respeito e a beleza nas diferenças. A linguagem e expressão de Frida Kahlo evidencia o princípio do ser da artista: forte e intensa, e desconstrói muito das concepções como padrões estéticos e de comportamento. A partir dos estudos sobre a obra e vida da artista, conseguimos motivar as crianças para uma leitura da arte

além de sua expressão artística, propiciando uma visão ampla do contexto de sua produção, explorando conceitos de respeito e de beleza que existem em todas as diferenças.

**Palavras-chave:** Arte. Linguagem. Expressão. Frida Kahlo.

# CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE FRAÇÃO COM O AUXÍLIO DE MATERIAIS CONCRETOS: UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Caroline da Luz MOREIRA<sup>1</sup>; Fabrício SOARES<sup>2</sup>;  
Helenara Machado de SOUZA<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Bolsista de iniciação científica, Curso de Pedagogia – Licenciatura, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Professor co-orientador, Unidade de Cruz Alta UERGS; <sup>3</sup>Professor orientador, Unidade de Cruz Alta, UERGS.

E-mails: carolineluz12@gmail.com; soares.fabricio12@gmail.com; helenara25@gmail.com.

Atualmente se discute muito, no meio acadêmico, a necessidade de formação pedagógica dos professores dos anos iniciais, voltada ao ensino de matemática. Neste sentido é que o presente projeto de pesquisa foi proposto ao edital PROPPG 13/2016, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, sendo contemplado com uma bolsa de iniciação científica. Tal projeto tem por objetivo geral a ser atingido: “Identificar qual o reflexo das práticas desenvolvidas a partir do uso de materiais concretos para a construção/compreensão de conceitos relacionados ao conteúdo de frações/números racionais, por meio de atividades desenvolvidas com o auxílio de materiais concretos, com futuros professores dos anos iniciais do ensino fundamental, hoje alunos do Curso de Pedagogia e Curso Normal”. As atividades serão desenvolvidas em três momentos: no primeiro momento, que será realizado entre os meses de março a julho/2017, serão realizados estudos sobre os tópicos que delimitam o tema norteador da pesquisa, que são os materiais manipuláveis no ensino de matemática, a formação dos professores dos anos iniciais e os conceitos relacionados a fração que devem ser abordados neste nível de ensino, conforme os documentos oficiais que regem a educação básica no Brasil,

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN entre outros. Durante esses meses, também serão elaboradas as atividades e produzidos os materiais necessários para as oficinas que serão realizadas posteriormente. No segundo momento, desenvolvido nos meses de agosto a outubro/2017, serão aplicados os questionários e realizadas as oficinas. Já no terceiro momento, serão realizadas as atividades finais, como a elaboração dos relatórios. A pesquisa a ser desenvolvida baseia-se no conceito de pesquisa-ação e terá como instrumentos de coleta de dados questionários, pré- e pós-realização das atividades desenvolvidas nas oficinas e o material produzido pelos participantes, organizados no formato de portfólio. Acredita-se que as atividades propostas propiciarão aos participantes entender como a metodologia de ensino a partir do uso de materiais concretos pode contribuir para a construção/compreensão do conceito de fração.

**Palavras-chave:** Conceito de Fração. Material Concreto. Professores dos Anos Iniciais.

## A METODOLOGIA DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

*Patrícia do Amaral GUERREIRO<sup>1</sup>; Juliana de Oliveira PEREIRA<sup>2</sup>;  
Helenara Machado de SOUZA<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de iniciação à docência (PIBID), acadêmica do Curso de Pedagogia da UERGS, Unidade em Cruz Alta; <sup>2</sup>Bolsista do Pibid, acadêmica do Curso de Pedagogia da UERGS, Unidade em Cruz Alta;

<sup>3</sup>Professora orientadora. Uergs, unidade em Cruz Alta.

E-mails: pati\_guerreiro@hotmail.com; ju\_pereira30@hotmail.com; helenara25@gmail.com.

Sabendo que a literatura infantil e a matemática são conteúdos que possuem um alto teor de relevância na formação inicial do indivíduo e, desta mesma forma, continuam sendo em todo o decorrer da vida, atribuímos a este projeto a proposta de se trabalhar com a junção desses conteúdos desde a educação infantil, com alunos da pré-escola, pois é neste momento que são introduzidos na vida da criança os números, bem como são apresentados os contos de fadas e seu universo literário. O projeto tem como finalidade, já nesta primeira etapa da vida escolar, mesclar ambos os conteúdos introduzindo-os simultaneamente de forma lúdica, propiciando um desenvolvimento para a criança de modo que se possa criar uma percepção e aprendizado de forma mais leve, atrativa e prazerosa, pois nem sempre a criança cria esta relação com o universo dos números e dos textos. Neste sentido, o presente trabalho tem como questionamento a seguinte indagação: Como a matemática pode ser trabalhada na educação infantil, juntamente com a literatura, de modo a despertar o interesse pelo ato de ler, bem como pela Matemática? Além disso, objetiva-se oportunizar situações de resoluções de problemas matemáticos com o uso de histórias infantis e materiais como, por exemplo, jogos boole, já que a Matemática se faz presente diariamente em nossas vidas, como as histórias se apresentam no meio familiar, escolar e social. Portanto, também é indispensável levar em consideração a realidade cultural da criança, procurando e esperando, com isso,

criar uma atmosfera de aprendizagem mais facilitada e incentivando a leitura e o gosto pela matemática, em exemplos práticos da rotina e do cotidiano, num contexto interdisciplinar

**Palavras-chave:** Matemática. Histórias Infantis. Aprendizagem. Criança.

## FORMAÇÃO COLABORATIVA SOBRE O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS

*Vanessa Mastella Lena<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Graduada em Educação Física (UNIJUÍ), Especialista em Aprendizagem, Desenvolvimento e Controle Motor (UGF) e Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUÍ), Professora da Rede Municipal de Ensino de Ijuí.

E-mail: vanessalenasouza@gmail.com.

A proposição de intervenção colaborativa é um esforço em fornecer subsídios para uma atuação docente melhor qualificada. A proposta de formação continuada que procurei desenvolver com professoras dos Anos Iniciais teve como intenção resgatar suas memórias escolares, saber sobre seu processo de formação inicial e profissional, conhecer suas concepções e práticas sobre o ensino da Educação Física. Para tanto, operou-se, metodologicamente, com a realização de uma pesquisa-ação. Participaram três professoras de escola pública, RS, atuantes no 5º ano do ensino fundamental. Foi construído grupo, em perspectiva de colaboração para estudo de diferentes temas (Base legal da Educação Física, possibilidades na escola, desenvolvimento de conteúdos e o processo de avaliação entre outros), na tentativa de uma transformação dos modos de ver e ensinar práticas corporais na Educação Física. No período de março a julho do ano de 2015, foram realizados estudos de formação totalizando 10 encontros. Desde as primeiras conversas ficaram evidentes as concepções tradicionais das docentes acerca do componente. Os entendimentos diziam respeito à Educação Física tratada enquanto: a) “muleta” para outros componentes; b) componente de menor valor; c) olhar voltado para a Educação Física enquanto prêmio ou castigo. Após os encontros de formação, as professoras se referiram de forma diferente a diversos temas, em particular à concepção de Educação Física. Em relação à gestão do trabalho docente: a) o trabalho por projetos; b) o entendimento de aula; c) a organização dos conteúdos; d) maneira de ensinar na Educação Física. Em linhas gerais, as professoras expressaram

nível de satisfação em participar da formação colaborativa com base em diferentes pontos como: a (re) construção de concepções antigas; aprofundamento nos conhecimentos específicos do componente e a possibilidade de ressignificar os saberes na prática pedagógica; a importância de uma relação de parceria estabelecida entre a universidade e as escolas; motivação para continuar participando de formações para atualização profissional.

**Palavras-chave:** Formação Colaborativa. Educação Física. Anos Iniciais.

## A VALORIZAÇÃO DO BRINCAR ATRAVÉS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA INTERNACIONAL

*Aline Weller PERLIN<sup>1</sup>; Marlene PRZYLINSKI<sup>2</sup>; Luís César MINOZZO<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica Bolsista PIBID, Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Acadêmica Bolsista PIBID, curso de Pedagogia PARFOR, Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ); <sup>3</sup>Professor orientador, Professor Bolsista CAPES/PARFOR/UNICRUZ.

E-mails: aline.weller@hotmail.com; marleneprzylinski@live.com; luisminozzo@gmail.com.

O presente trabalho é baseado em uma pesquisa participativa de extensão universitária, cujos moldes foram alicerçados na aprendizagem significativa e no conhecimento de realidades diversas às encontradas no Brasil. Durante as aulas da disciplina de Práticas Pedagógicas de Extensão, do curso de Pedagogia da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), as alunas foram apresentadas ao país chamado Reino da Suazilândia. A partir disso, foram necessários o conhecimento e a pesquisa sobre as características, culturas, costumes, vestimentas, alimentação e possibilidades de inserção pedagógica no país. Com várias informações coletadas, foi proposta, pelo professor, a organização e escrita de um projeto relacionado à brincadeira e à utilização de brinquedos pedagógicos. O projeto “Enquanto brinco, aprendo” foi apresentado pelas alunas, visando desenvolver atividades através de oficinas educativas de artesanato, utilizando materiais recicláveis, madeira e tecido, a ser elaborado com a participação de crianças e adolescentes estudantes daquele país. O tema foi inspirado na história de um boneco esculpido em madeira e confeccionado por um fabricante de brinquedos chamado Gepeto, personagem da história de Pinóquio, do autor italiano Carlo Collodi (1890). Pinóquio, em suas várias adaptações, sonhava em ser humano, mas tinha um defeito, o de ser mentiroso. Porém, o simpático boneco nos traz outras informações, pois tem ligação com a educação e a esperança, trazendo uma reflexão sobre a capacidade que cada

indivíduo possui para realizar seus sonhos. A partir deste projeto, foi possível concluir que, com a construção, lixamento, pintura e montagem dos brinquedos, pode-se despertar nas crianças a emoção, valorização, curiosidade, respeito e esperança. Além disso, oportunizou ao grupo de estudantes da pedagogia a escolha de propostas pedagógicas ligadas à extensão que, segundo Bedim (2012), devem ser construídas de forma mobilizadora, (re)pensando e buscando novos significados para os trabalhos de extensão, tão importantes para o futuro da educação a nível mundial.

**Palavras-chave:** Brinquedos. Valorização. Responsabilidades.

### **REFERÊNCIAS**

- BEDIM, Juçara G. L. *Metodologias participativas na extensão universitária: instrumento de transformação social*. Revista Agenda Social, 2012. Vol. 6.
- COLLODI, Carlo. *As Aventuras de Pinóquio*. Florença: Ilumituras, 1890. p. 228.

## INVESTIGAÇÃO ACERCA DA DIDÁTICA UTILIZADA POR DOCENTES JUNTO A ALUNOS COM TEA

*Rose Elisete da Silva TERRA<sup>1</sup>; Bibiana da Roza CAPORAL<sup>2</sup>; Carla Rosângela BINSFELD<sup>3</sup>*

<sup>1</sup> Especialista em Neuropsicopedagogia – Saúde Mental – Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação (CENSUPG). Especialista em Educação Especial – Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Graduada em Pedagogia – UNOPAR; <sup>2</sup> Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Especialista em Gestão Estratégica em Finanças – UNICRUZ. Graduada em Administração – UNICRUZ; <sup>3</sup> Mestrado em Educação – Universidad del Norte (UniNorte Paraguay). Especialista em Psicanálise e Neuropsicologia, Terapia familiar, Consultoria empresarial. Master Coach – Sociedade Latino-Americana de Coaching (SLAC). Graduada em Psicologia – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

O presente estudo tem por objetivo investigar a didática utilizada por professores durante o processo de ensino junto a alunos com Transtorno Espectro Autista (TEA). Dessa forma, busca-se verificar as metodologias existentes que estejam desenvolvidas apropriadamente para atender o TEA, além de conhecer a formação dos profissionais e as práticas de intervenções utilizadas no desenvolvimento dos alunos. O Ministério da Educação, em 2008, apresentou a Política Nacional de Educação Especial focada na Educação Inclusiva buscando a divulgação e organização do sistema escolar para acolher essas crianças. O Transtorno Espectro Autista afeta crianças e pode ser identificado por características como: incapacidade de interação social, problemas com domínio da linguagem, comportamentos restritos e condutas estereotipadas. No caso do aluno autista, existe um transtorno no desenvolvimento neurológico, que ocorre em sua base biológica e tem forte carga genética neurológica e metabólica expressa no cérebro, que não consegue processar muitas informações ao mesmo tempo. Diante dessa situação, percebe-se o quão importante que o professor esteja capacitado a trabalhar com essas diferenças biológicas, neurológicas e metabólicas do aluno com TEA. Para desenvolver a presente pesquisa, utilizou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica, por meio de referências em

livros e artigos científicos, que apresentassem modelos didáticos para trabalhar com alunos com TEA. Como resultados, encontraram-se nas pesquisas de Schmidt (2013) reflexões abordando o exercício pedagógico do educador. Para Schmidt (2013), são necessárias determinadas habilidades e competências essenciais ao ato pedagógico, como o desenvolvimento de alternativas metodológicas mais efetivas para esse aluno ou a adaptação dos conteúdos e atividades, além de características básicas como tolerância, paciência e disponibilidade interna. Portanto, o presente trabalho encerra com êxito atingindo seu objetivo embasado em Carlos Schmidt, um grande pesquisador na área de autismo, o qual apresenta a didática necessária para o desenvolvimento do profissional docente atuante junto a alunos com TEA.

**Palavras-chave:** Docência. Autismo. Aprendizagem.

## PEDAGOGIA MONTESSORIANA: “POTE DA CALMA”

*Jociele Terezinha CORAZZA<sup>1</sup>; Gracieli MOURA<sup>2</sup>; Taís Barbosa de CHAGAS<sup>3</sup>; Maria da Graça Da PIEVE<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Estudante e estagiária do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia. UERGS;

<sup>3</sup>Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia. UERGS.

<sup>4</sup>Professor orientador. Unidade de Cruz Alta. UERGS.

E-mails: joci\_corazza@hotmail.com; gracieli.moura@hotmail.com; tais.bchagas@gmail.com; mariapieve@uergs.edu.br.

O presente trabalho “Pedagogia Montessoriana: Pote da Calma” tem por objetivo apresentar uma atividade desenvolvida com uma turma de Pré-Escola da Rede Municipal de ensino de Cruz Alta/RS. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2002), pois apresenta como características a interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada e foi desenvolvida em três momentos diferentes. Como primeira etapa, após observar e interagir com a referida turma, foram aplicadas algumas atividades, visando encontrar formas de estimular a concentração e as percepções sensorio-motoras destas crianças de cinco anos. A partir disso, sentiu-se a necessidade de propor atividades sensoriais que estimulassem a imaginação e a criatividade, instigando, assim, o desenvolvimento do cérebro. Nesse sentido, a segunda parte do trabalho buscou inspiração e realizou leituras nos estudos de Maria Montessori, pensadora e educadora influente do movimento da Escola Nova, a qual defende a ideia de um professor que propicie práticas pedagógicas que promovam experiências sensoriais e expressivas, bem como o desenvolvimento da autonomia e a exploração do mundo físico e cultural. A Pedagogia Montessoriana propõe que haja um ambiente adequado para a realização de atividades livres das crianças, despertando o interesse e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento. Para Montessori (apud RÖHRS, 2010, p. 23), “[...] quando a criança se encontra diante do material, ela responde com um trabalho concentrado, sério, que parece extrair o melhor de

sua consciência”. Portanto, como terceira etapa da pesquisa, construiu-se um “material analítico e abstrato, que tende, até certo ponto, simplificar a realidade” (SEBARROJA et al., 2003, p. 31), é denominado “Pote da Calma”. Esse material sensorial foi construído pelos próprios alunos, com os seguintes materiais: garrafa pet, glitter e corante alimentício. Trouxe às crianças olhares atentos ao movimento do glitter com a água dentro da garrafa pet. Como resultados, obtivemos respostas positivas vindas diretamente dos alunos, pois gostaram do pote, passaram a permanecer mais calmos e atentos aos movimentos do líquido e do glitter, não somente do seu pote, mas também interagindo com os dos colegas, pois cada um confeccionou seu com as cores de seu interesse; dessa forma, havia vários potes diferentes. As considerações, por ora finais, revelam que as experiências e ações que as crianças vivenciam no cotidiano da Educação Infantil ampliam suas possibilidades de aprendizagens, e que é preciso partir da necessidade deles para criar e inovar, pois, nas palavras de Montessori (apud RÖHRS, 2010, p. 23), “[...] o material abre a inteligência vias que, nessa idade, seriam inacessíveis sem ele”. Pretende-se continuar estudos e pesquisas da Pedagogia de Maria Montessori.

**Palavras-chave:** Maria Montessori. Educação Infantil. Pote da Calma.

## REFERÊNCIAS

- Röhrs, Hermann. Tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves. *Maria Montessori*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 142 p.: il. – (Coleção Educadores). Disponível em: <http://www.domíniopublico.gov.br/download/texto/me4679.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.
- SEBARROJA, Jaume Carbonell et al. *Pedagogias do século XX*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2002.

## PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Franciele Dorneles FILIPPIN<sup>1</sup>; Cristiana Rosa Gobo PIZZONI<sup>2</sup>; Simone Lindner FUHRMANN<sup>3</sup>; Adriana BONIATTI<sup>4</sup>*

<sup>1</sup> Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Habilitação Magistério, cursando Pedagogia (UNINTER); <sup>2</sup> Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Magistério;

<sup>3</sup> Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNOPAR), cursando pós-graduação em Educação Infantil (UNOPAR);

<sup>4</sup> Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNIJU), Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional (SEG).

E-mails: tainanfilippinwendt@yahoo.com.br; cristianapizzoni@hotmail.com; simofuhrmann@gmail.com; adri.boniatti@hotmail.com.

O hábito de ler deve ser incentivado desde as mais tenras idades. A leitura permite que o aluno se familiarize com sua própria língua, além de possibilitar, no contexto da educação infantil, a inserção do lúdico e da imaginação no ambiente educacional. Conceitualmente, esta é uma literatura ficcional, poética, composta de textos curtos e grande quantidade de ilustrações. Outro aspecto importante refere-se ao fato de que a literatura infantil torna-se capaz de desenvolver até mesmo valores sociais no ambiente educativo, colaborando para o desenvolvimento da ética e moral do futuro adulto. A presença do adulto na prática da leitura é essencial, pois permite o ato de contar histórias em idades em que a criança ainda não sabe ler e, neste sentido, fomenta o contato com a literatura e o hábito da leitura. Neste sentido, o objetivo geral deste estudo consiste em identificar a relevância da inserção da literatura na educação infantil, concebendo quais práticas são adotadas no contexto escolar, para que as crianças adquiram o hábito de ler desde a mais tenra idade. A realização deste estudo se deu através de pesquisa bibliográfica, ou seja, a partir de materiais e outros estudos já elaborados. O que se percebe, a partir da pesquisa realizada, é o desenvolvimento do mundo simbólico da criança através do hábito da leitura, ainda na fase inicial do desenvolvimento, onde o contato com livros e outras fontes de aprendizado se dá através de adultos, tanto no ambiente escolar quanto familiar. Com características próprias e marcantes, a

literatura infantil insere a criança em um universo imaginário, possibilitando a construção de sua criatividade. A formação de novos leitores a partir da primeira infância é fundamental para o desenvolvimento de adultos críticos, capazes de compreender e conhecer os mais diversos conteúdos e, acima de tudo, de desenvolver sua criatividade e imaginação, tão importantes para vencer os diversos obstáculos que surgem ao longo da vida.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Leitura. Literatura Infantil.

## PAPO-CABEÇA COM ADOLESCENTES NA OPERAÇÃO TOCANTINS 2017: NÚCLEO DO PROJETO RONDON DA UNICRUZ

*GAMBINI, Guilherme Matheus da Fontoura*<sup>1</sup>; *KUHN, Camila*<sup>2</sup>; *SILVA, Carine Nascimento da*<sup>3</sup>; *QUARESMA, Carolina Toniazzo*<sup>4</sup>; *MENEZES, Luana Possamai*<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Direito da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, e membro do Núcleo RONDON; <sup>2</sup>Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, e membro do Núcleo RONDON; <sup>3</sup>Acadêmica do curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ e bolsista PIBIC/UNICRUZ; <sup>4</sup>Acadêmica do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. <sup>5</sup>Enfermeira, Mestra em Enfermagem, Doutoranda em Saúde Coletiva, Docente do Curso de Enfermagem da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. Membro do Grupo de Pesquisa Enfermagem no contexto da Assistência à Saúde – ENFAS. Membro do Núcleo RONDON, vinculado ao Curso de Enfermagem da UNICRUZ.  
E-mails: gambiniguilherme@gmail.com; camilakuhn1994@hotmail.com; kaca\_nascimento@hotmail.com; carolinaquaresma98@gmail.com; luamenezes@unicruz.edu.br.

Muitas dúvidas se originam durante a adolescência, uma vez que se trata de um período de grande desenvolvimento e constantes mudanças. Esses questionamentos se relacionam diretamente com o dia a dia dos adolescentes e com todas as transformações físicas e sociais de suas vidas. A partir dessas dúvidas, foi desenvolvida a oficina “Papo Cabeça”, com o tempo de duração em torno de 3 horas, pelos rondonistas da Unicruz, participantes do Projeto Rondon, durante a operação no estado do Tocantins, na cidade de Nova Rosalândia. O presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância da realização dessa oficina, visto que a mesma desperta interesse dos assuntos abordados, levando à reflexão e compreensão dos mesmos, a fim de que haja uma contribuição para que os adolescentes se tornem cidadãos mais conscientes e educados e que cultivem o respeito entre diferenças sociais. Durante essa oficina nas escolas do município com as turmas do ensino médio, foram debatidos diversos temas, dentre eles: a sexualidade (gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, métodos preventivos), violência (preconceito, agressões físicas e verbais, bullying, homofobia, violência contra a mulher) e questões

relativas ao cotidiano dos adolescentes (papel na sociedade, relacionamentos, amizades, mercado de trabalho, convívio familiar e social, autoestima). A oficina foi realizada através de dinâmicas, com exibição de vídeos sobre os temas abordados e debates, com o propósito de buscar melhor entendimento sobre os assuntos. Com a apresentação dos vídeos e a realização das dinâmicas, inúmeros questionamentos surgiram, possibilitando uma troca de ideias e opiniões entre os adolescentes, o que resultou em um debate sobre os temas, causando reflexão e uma melhor compreensão, já que possuíam muitas dúvidas, como a forma de ingresso no mercado de trabalho; os adolescentes tiveram uma importante interação junto as dinâmicas. Procurou-se exercer uma grande conscientização sobre a violência, que causa grandes traumas à vítima, assim ressaltando a importância do respeito ao próximo. Com essa atividade, pôde-se notar maior empoderamento dos adolescentes dentro da sociedade; eles mostraram-se mais instruídos acerca do mercado de trabalho, e isso contribuiu vigorosamente para uma formação cidadã consciente e o bom convívio social.

**Palavras-chave:** Adolescente. Papel Social. Respeito. Sexualidade. Violência.

## DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS: ESTUDO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

*Dalva Cargnelutti GOI<sup>1</sup>; Denise COPPETTI<sup>2</sup>; Lucimara Macci MARTINS<sup>3</sup>; Carla Leonice Rech MATHIONI<sup>4</sup>; Lino Luis da Rosa KEGLER<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Magistério; <sup>2</sup>Licenciatura em Física (UNIJUÍ), Pós-graduação em Educação Inclusiva (UNOPAR); <sup>3</sup>Bacharel e Licenciatura em Ciências Contábeis (UNIJUÍ), Pós-graduação Interdisciplinar na Gestão Escolar (FAÍSA); <sup>4</sup>Licenciatura em Pedagogia (UNIJUÍ), Pós-graduação em Interdisciplinariedade (FAÍSA); <sup>5</sup>Bacharel em Educação Física (UNIJUÍ).

E-mails: dalvacargnelutti@outlook.com; denisecoppetti@yahoo.com.br; luci.macci@hotmail.com.br; carlareck4@gmail.com; linokegler@yahoo.com.br.

Trabalhar a diversidade cultural nos Anos Iniciais significa dar espaço e visibilidade a toda a diversidade social que cerca o indivíduo, desde as épocas mais remotas da história. Resgatar a cultura que fez parte da formação da sociedade atual também é uma tarefa importante a ser realizada no contexto escolar. Dentre nossa formação cultural, deve-se destacar a relevância da cultura africana, revestida de brasilidade a partir do momento em que se enraizou em solo nacional, transformando-se em uma cultura afro-brasileira. Neste sentido, buscou-se realizar atividades com alunos das séries iniciais da Escola Municipal Fundamental Joaquim Porto Villanova, do município de Ijuí, Rio Grande do Sul, que buscassem resgatar a cultura e a história afro-brasileira. Em um primeiro momento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para compreender a diversidade cultural e a cultura afro-brasileira; em seguida, realizou-se a atividade em sala de aula. As atividades realizadas com turmas do 1º ao 4º ano consistiram na confecção de uma Boneca Abayomi, um símbolo da cultura africana, tendo sido possível aplicar conhecimentos multidisciplinares: em matemática, foi possível trabalhar tamanhos dos tecidos; em português, trabalhou-se a escrita do nome da boneca e seu significado, e, de maneira geral, em educação, fomentaram-se a cooperação e a disposição para ajudar, uma vez que alunos do 4º ano foram instigados a auxiliar os alunos dos anos anteriores. As atividades

pedagógicas permitiram, ainda, promover a consciência sobre a diversidade que permeia nossa sociedade, sendo as bonecas confeccionadas em cores e tamanhos diferentes, bem como bonecas simbolizando meninas e bonecas simbolizando meninos. Ainda, as atividades envolveram o ato de contar histórias, como “Menina bonita do laço de fita”, “Pretinha de Neve e os 7 gigantes” e “Os cabelos de Lele”, todas relacionadas à temática afro-brasileira e, conseqüentemente, à diversidade cultural. Esta aproximação das crianças com a cultura formadora de nossa história, bem como com a percepção da diversidade cultural que nos cerca é muito significativa, pois permite que os alunos sejam capazes de perceber e conviver com as diferenças sociais, tanto na escola quanto em outras situações sociais.

**Palavras-chave:** Cultura Afro-brasileira. Diversidade Cultural. Educação. Sala de Aula.

## TODAS AS BRUXAS SÃO MÁIS?

*Priscila de Vargas da Silva MARTINS<sup>1</sup>; Isamara de Almeida VERCELINO<sup>2</sup>; Daniele Hamm SPARREBERGER<sup>3</sup>; Renate Blass da SILVA<sup>4</sup>; Neiva de Fátima de Oliveira TEIXEIRA<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ijuí, Graduada em Pedagogia – UNOPAR, Pós-Graduada em Educação Infantil- UNINTER. <sup>2</sup>Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ijuí, Graduada em Pedagogia- UNIJUI, Pós-Graduada em Orientação Educacional – FAISA. <sup>3</sup>Auxiliar de Educação Infantil da Rede Municipal de Ijuí, Graduada em Pedagogia- UNOPAR. <sup>4</sup>Auxiliar de Educação Infantil da Rede Municipal de Ijuí, Graduada em Pedagogia- UNIJUI. <sup>5</sup>Auxiliar de Educação Infantil da Rede Municipal de Ijuí, Estudante de Serviço Social UNOPAR.  
E-mail: prizinha\_vargas@hotmail.com.

Desde muito cedo, a criança reage com alegria e entusiasmo nos momentos de ouvir e apreciar história; isso se pode perceber através de falas, gestos e expressões faciais e corporais. O universo literário tem grande contribuição na formação de indivíduos sensíveis, criativos e reflexivos, sendo possível trabalhar de forma lúdica a interação com o outro e com o ambiente para ampliar o conhecimento expressando sensações, sentimentos e pensamentos. Isso contribui de forma integral com a criança desde mais tenra idade. Partindo deste pensamento, o objetivo deste trabalho é proporcionar momentos de descontração, momentos lúdicos e ricos em fantasia, além de desmistificar a personagem “bruxa” como má. O presente projeto contempla a turma de maternal I (2 anos e 6 meses a 3 anos). Ele foi desenvolvido com base no interesse das crianças, sendo considerada a fala de cada uma; a escuta atenta das educadoras esteve presente a cada momento. O trabalho teve como principal objetivo envolver as crianças com assunto do seu interesse e, ao mesmo tempo, proporcionar momentos lúdicos seguidos de diferentes experiências e vivências. A metodologia utilizada foi a partir de literaturas infantis com o envolvimento das crianças, manuseio de objetos e personagens confeccionados pelas educadoras e pelas famílias; foi realizada uma pesquisa na internet sobre os personagens. O letramento esteve muito presente neste projeto, as crianças tiveram contato direto com a forma escrita, e

assistimos filmes nos quais aparece a personagem bruxa. Realizamos um passeio no bosque com as bruxas confeccionadas pelas crianças e famílias. Para finalizar o projeto, como atividade de culminância em conjunto com as crianças, realizamos o preparo e degustação de uma gelatina com minhocas (minhocas de goma para comer). O projeto alcançou os objetivos propostos, satisfez a todos os envolvidos, crianças, educadoras e famílias, levando-os a mergulhar no universo lúdico e principalmente encontrou a resposta para o questionamento das crianças: todas as bruxas são más? Elas concluíram que existem bruxas boas que têm boas atitudes e ajudam as pessoas com sua magia, e bruxas más que, através do seu poder, fazem maldades.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Ludicidade. Literatura.

## LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - AJA/PEDAGOGIA

*Daiane Santana de OLIVEIRA<sup>1</sup>; Maria da Graça Prediger DA PIEVE<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmicas do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e bolsista Probox - Uergs; <sup>2</sup>Professor orientador/ Unidade Cruz Alta, UERGS.  
E-mails:oliveira\_daiane@terra.com.br; maria-pieve@uergs.edu.br.

O presente projeto de extensão em desenvolvimento, classificado na categoria de não evento, intitulado “**Laboratório de Alfabetização de Jovens e Adultos – AJA/Pedagogia**”, constitui-se em um Campo de aplicação do Curso de Pedagogia e **objetiva** organizar e instituir um laboratório ou campo de aplicação do Curso de Pedagogia que possibilite aos acadêmicos realizar atividades de ensino, pesquisa e extensão voltados à alfabetização de jovens e adultos, dentre elas, o estágio curricular obrigatório. Objetiva juntamente contribuir para a alfabetização e letramento de jovens e adultos. A **perspectiva teórica** que fundamenta o projeto e a sua implementação orienta-se pelos documentos legais que normatizam a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 1988; 1996; 2010; 2014), conforme Freire (1979), Leal (2010) e Soares (2008). Os **procedimentos metodológicos** do projeto abrangem o período de dez meses (março a dezembro de 2017), contemplando atividades que incluem a divulgação do projeto, matrículas, organização e diagnóstico da turma de alfabetização, aulas regulares ministradas por bolsistas, professores voluntários da Rede Pública, organização e acompanhamento do Estágio Curricular Supervisionado a ser realizado pelos acadêmicos do Curso de Pedagogia, realização de atividades práticas e pesquisas realizadas pelos acadêmicos resultantes das atividades práticas dos Componentes Curriculares, avaliação do projeto e encaminhamento do relatório final à Proex. **Neste momento**, o projeto encontra-se em fase de divulgação, pré-matrículas de alunos interessados e realização de leituras e planejamentos. Juntamente, definiu-se que o trabalho pedagógico organizar-se-á a partir de “Temas Geradores”,

pois essa opção metodológica permite partir da realidade do educando. Como **resultados** espera-se constituir o campo de aplicação ou laboratório de alfabetização de jovens e adultos para realização do estágio curricular obrigatório de 135 horas nesta Modalidade de Ensino e, juntamente, propiciar as práticas dos Componentes Curriculares voltados a esta Modalidade. Não menos importantes é contribuir para a alfabetização de jovens e adultos do município de Cruz Alta.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Jovens e Adultos. Laboratório. Estágio Obrigatório.

**Agradecimentos e fontes de financiamento:** Este trabalho conta com o financiamento da PROEX/PROBEX/UERGS, por meio de bolsa de extensão.

## A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NA LUDICIDADE INFANTIL NA CONTEMPORANEIDADE

*Monique Medeiros de SOUZA<sup>1</sup>; Carla CORAZZA<sup>2</sup>; Jussara NAVARINI<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Discente do curso de Pedagogia/UERGS; <sup>2</sup>Discente do curso de Pedagogia/UERGS; <sup>3</sup>Professora Orientadora, unidade de Cruz Alta, UERGS.

E-mails: moniquemedeiros20@hotmail.com; carlacorazza1@hotmail.com;

jussara-navarini@uergs.edu.br.

A contemporaneidade se refere às duas últimas décadas e aos tempos atuais. Neste período, surgiram e continuam a surgir diversas formas de tecnologias da informação e comunicação, que podemos denominar de fenômeno de globalização. Dessa forma, não podemos mais projetar um futuro sem o uso das mesmas e, portanto, devemos incluí-las em nossas propostas pedagógicas como ferramenta avançada da informação. Neste contexto, a criança é objeto de pesquisa; portanto, muito se discute sobre a valorização da infância, para assim legitimar seus direitos e deveres perante o contexto de tecnologias da informação. Segundo Vygotsky (1994), as atividades lúdicas não têm exclusivamente que envolver objetos, pois elas dependem da imaginação das crianças, que, por sua vez, irão diferenciar as brincadeiras conforme sua faixa etária. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo investigar e analisar as influências da tecnologia na ludicidade infantil, com intuito de identificar se há modificações na forma de trabalhar a ludicidade com a introdução das novas tecnologias nas escolas e nas famílias pelas indústrias midiáticas. A metodologia adotada apresenta pesquisa de campo através de questionário realizado com profissionais da área da educação, pais e alunos, considerando as crianças, as tecnologias, a contemporaneidade e as características particulares que cada um apresenta. Os resultados obtidos foram analisados à luz de Vygotsky, Fantin e Brougère. São eles: as crianças são influenciadas por seu meio, sendo este mediado por adultos, cujas influências poderão ser negativas ou positivas. Considerando esses aspectos, pode-se concluir que,

embora as crianças estejam vivendo em um ambiente onde o uso das tecnologias é frequente, acabam por ser atravessadas pelas novas tecnologias, porém elas ainda mantêm brincadeiras referentes a atividades lúdicas clássicas, como brincadeiras de faz-de-conta; sendo assim, como resultado do contexto em que vivem, conseguem de forma híbrida envolver em seu universo lúdico as brincadeiras clássicas e as tecnologias.

**Palavras-chave:** Tecnologias. Ludicidade. Crianças. Influência.

## A ARTE DE ADRIANA VAREJÃO: VIVÊNCIAS DE ACADÊMICOS DA UERGS

*Jucélia Rodrigues FERREIRA<sup>1</sup>; Rodrigo AMARANTE<sup>2</sup>;  
Tatiana Luiza RECH<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia pela Unidade de Cruz Alta - UERGS; <sup>2</sup>Acadêmico do Curso de Pedagogia pela Unidade de Cruz Alta - UERGS;

<sup>3</sup>Professora orientadora. Unidade de Cruz Alta– UERGS.

E-mails: juceliaedfisica@gmail.com; amaranterodrigo@outlook.com; tatianaluizarech@gmail.com.

A partir de pesquisas sobre a artista plástica Adriana Varejão, em trabalho realizado na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), foi proposta para a turma do 4º semestre do Curso de Pedagogia, da unidade em Cruz Alta, uma vivência a partir da obra da artista escolhida. Adriana Varejão possui duas vertentes de criação que são obras a partir de “azulejos” e com “carne”, inspirando o trabalho em foco que foi relacionado à “carne” evidenciando as “vísceras”. Em relação a Adriana Varejão, cabe salientar, ainda, que se trata de uma artista plástica contemporânea que se consagrou através de obras viscerais, pelas rasgadas, interiores à mostra, canibalismo e esarteamento. Sua obra tem destaque em âmbito nacional e internacional. Com relação à prática realizada no componente curricular “Arte e Educação”, os materiais utilizados na atividade foram: balões com enchimento de farinha, grãos, água, bolinhas gelatinosas, sendo que estes balões foram colocados sobrepostos dentro de uma forma e envolta um creme gelatinoso de groselha: uma porção em temperatura ambiente e outra gelada. Após caracterizar a obra da autora, realizou-se uma prática com os alunos onde estes foram desafiados a vendar os olhos e tocar nas bexigas que estavam na forma imitando as vísceras, sem ter a mínima ideia do que estava sendo tocado. Em relato oral dos participantes, pode-se perceber que o “diferente” torna-se desafiador, e o simples fato dos alunos estarem com os olhos vendados evidenciou medo, angústias, receio, pois não poder ver o que se está tocando fez com que todos estes

sentimentos viessem à tona. O fato de se retirar a venda e enxergar o que estava sendo tocado fez com que todo o sentimento de medo e angústia deixasse de existir. Esta proposta de atividade foi realizada com intuito dos acadêmicos vivenciarem *in loco* sentimentos e sensações que os expectadores e admiradores das obras de Adriana Varejão podem sentir ao presenciar suas obras, pois elas são impactantes e marcantes pelas características que apresentam.

**Palavras-chave:** Arte. Vivências. Vísceras. Adriana Varejão.

## MÚSICA COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

*Marilene CERETTA<sup>1</sup>; Deise BERTON<sup>2</sup>;  
Carla Leonice Reck MATHIONI<sup>3</sup>; Angela Tatiana MAI<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNIJUI), Pós-graduada em Interdisciplinaridade (FAÍSA), Pós Graduada em Gestão Escolar (UERGS); <sup>2</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNIJUI), Pós-graduada em Educação Infantil (UNINTER); <sup>3</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNIJUI), Pós-graduada em Interdisciplinaridade (FAISA); <sup>4</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve. Graduada em Português e respectivas literaturas (UNIJUI), Pós-graduada em Gestão e Supervisão Escolar (FSF).

E-mails: lenec2009@hotmail.com; berton. deise@gmail.com; carlareck4@gmail.com; angelatatianamai1978@gmail.com.

A música consiste numa linguagem capaz de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, estando presente em várias culturas como importante forma de expressão humana. No contexto educacional, a música permite a construção de novas possibilidades de ação e formas inéditas de arranjar e rearranjar os elementos do ambiente. Abre caminho para a autonomia, imaginação, criatividade, exploração de significados e sentidos, atuando na capacidade da criança de imaginar e representar tudo à sua volta, articulada com outras formas de expressão e de aprendizado. Entretanto, inserir a musicalidade no ambiente escolar pode ser uma tarefa complexa, pois muitas vezes esta inserção se dá de maneira automática, onde professores pouco preparados apenas seguem as diretrizes educacionais, sem questioná-las ou enriquecê-las a partir da diversidade cultural que os cerca. É preciso compreender as inúmeras possibilidades que esta ferramenta pedagógica confere ao ambiente educacional, principalmente no tocante a crianças no início da idade escolar. Assim, este trabalho tem por objetivo principal elencar as diversas formas de utilização da música como instrumento de aprendizado e de desenvolvimento infantil, principalmente no contexto da sala de aula. A realização deste trabalho ocorreu através de metodologia de pesquisa bibliográfica, sendo utilizadas as mais diversas fontes

disponíveis para pesquisa e fundamentação do mesmo. Considerando as informações coletadas e os conhecimentos adquiridos com o estudo, salienta-se a relevância de oportunizar às crianças em idade escolar a vivência da musicalidade, apreciando, cantando e criando sons. Através da música, os alunos ampliam suas relações com o espaço natural ou construído, expressando-se a partir de seu esquema corporal e transferindo os elementos expressivos encontrados nos estímulos sonoros das composições musicais. A utilização deste instrumento pedagógico enriquece ainda mais o ambiente escolar, uma vez que permite à criança que se expresse das mais diversas formas, contribuindo para o enriquecimento dos saberes escolares e da formação pedagógica e social dos alunos.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Desenvolvimento Infantil. Música.

## BRINQUEDOS NÃO ESTRUTURADOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

*Silvia Maria PRZYLINSKI<sup>1</sup>; Maristela Maurer MÜHLBEIER<sup>2</sup>; Linéia Kromberg DENES<sup>3</sup>; Marlize Cristina Heck UHDE<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNOPAR), Pós-Graduada em Educação infantil (UNINTER); <sup>2</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia Educação Infantil e Séries Iniciais (UNIJUI), Pós-graduada em Gestão do Trabalho pedagógico: supervisão e orientação Escolar (UNINTER); <sup>3</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia Educação Infantil e Séries Iniciais (UNIJUI), Pós-graduada em Gestão do Trabalho pedagógico: supervisão e orientação Escolar (UNINTER); <sup>4</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Habilitação Magistério, Cursando Pedagogia (UNINTER).

E-mails: silviamaria.p@hotmail.com; maristelammuhlbeier@hotmail.com;  
lineiadenes@gmail.com; heckmarlize@hotmail.com.

Brinquedos não estruturados são aqueles que não possuem uma forma padronizada daquilo que, conceitualmente, é considerado um “brinquedo”; porém, podem ser utilizados de maneira lúdica para enriquecer as brincadeiras e fomentar a imaginação das crianças. Os mais diversos itens podem ser usados como “partes” na criação de um brinquedo novo (como itens de cozinha, de armarinho, materiais reciclados, etc.) ou, ainda, podem ser imaginados como sendo outras coisas, colaborando no desenvolvimento da criatividade em sala de aula. A infância é uma fase permeada pela sede de novos aprendizados e, neste contexto, deve-se possibilitar à criança que perceba o mundo e crie sua própria história de vida a partir das oportunidades que lhe são dadas. É preciso qualificar o aprendizado, contextualizando a criança como um indivíduo em formação e, portanto, carente de tutoria quanto aos rumos de seu próprio aprendizado. Este é, portanto, o objetivo deste trabalho: conceituar os brinquedos não estruturados e conhecer as formas em que eles podem ser utilizados em sala de aula. A pesquisa bibliográfica foi a metodologia

escolhida para o desenvolvimento deste trabalho, possibilitando às autoras o contato com estudos realizados por outros estudiosos do assunto. O uso de brinquedos não estruturados promove a resolução criativa de problemas e a capacidade de expansão do pensamento para muito além daquilo que é fornecido de maneira-padrão. Ambientes escolares que se utilizam de práticas pedagógicas pautadas no uso de brinquedos não estruturados possibilitam que seus alunos exerçam sua própria maneira de pensar, sendo capazes de desenvolver habilidades particulares, que podem ser de extrema importância na vida adulta. O uso de brinquedos não estruturados é multidisciplinar, pois permite que as mais diversas técnicas pedagógicas sejam aplicadas, concebendo conhecimentos de matemática, ciências, português, entre outras matérias. Compartilham-se conhecimentos e promove-se o desenvolvimento da criança a partir de práticas pedagógicas disfarçadas de brincadeiras.

**Palavras-chave:** Brinquedos Não Estruturados. Desenvolvimento Infantil. Escola. Infância.

## EDUCADOR INFANTIL: O MEDIADOR DO BRINCAR

*Silvia Maria PRZYLINSKI<sup>1</sup>; Maristela Maurer MÜHLBEIER<sup>2</sup>; Linéia Kromberg DENES<sup>3</sup>; Marlize Cristina Heck UHDE<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNOPAR), Pós-Graduada em Educação infantil (UNINTER); <sup>2</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada Pedagogia Educação Infantil e Séries Iniciais (UNIJUI), Pós-graduada em Gestão do Trabalho pedagógico: supervisão e orientação Escolar (UNINTER); <sup>3</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia Educação Infantil e Séries Iniciais (UNIJUI), Pós-graduada em Gestão do Trabalho pedagógico: supervisão e orientação Escolar (UNINTER);

<sup>4</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Habilitação Magistério, cursando Pedagogia (UNINTER).

E-mails: silviamaria.p@hotmail.com; maristelammuhlbeier@hotmail.com; lineiadenes@gmail.com; heckmarlize@hotmail.com.

Utilizar-se de instrumentos pedagógicos diversificados é essencial para o desenvolvimento de atividades em sala de aula, principalmente no contexto da educação infantil. O educador infantil é mediador dos primeiros conhecimentos, científicos ou não, repassados à criança, sendo responsável pelo início de sua formação acadêmica, profissional e social. Na sociedade atual, são muitas as transformações que invadem os ambientes, incluindo o ambiente educacional; há uma invasão de tecnologias e novas formas de socialização dos saberes pautadas no imediatismo e na temporariedade. Dentro desta nova realidade imposta no contexto educacional, o educador deve estar atento às transformações do mesmo modo que deve preservar determinados hábitos, essenciais ao desenvolvimento pleno das capacidades dos alunos. Dentre esses hábitos, destaca-se o brincar, como uma atividade lúdica revestida de plenitude de desenvolvimento, capaz de promover o entusiasmo, a imaginação, a capacidade de socialização, entre outros aspectos. Conhecer o papel do educador como mediador do brincar é o principal objetivo deste artigo, que visa conceber as características do ambiente escolar e as práticas pedagógicas utilizadas para promover as brincadeiras como espaço de aprendizado. Para tanto, utilizou-se de metodologia de pesquisa do tipo bibliográfica, concebida como a possibilidade de utilizar informações compiladas por outros autores a respeito do tema

escolhido. Os resultados encontrados através desta pesquisa revelaram a complexidade da atuação do educador infantil, tendo em vista as transformações sociais constantes ocorridas em todos os setores e que afetam diretamente as práticas pedagógicas, principalmente com crianças. O hábito de brincar deve ser incentivado no ambiente escolar e fora dele, buscando promover o desenvolvimento das mais diversas capacidades (físicas, motoras, psicológicas, sensoriais) e colaborando para que os espaços destinados às brincadeiras não desapareçam, sendo substituídos apenas por jogos e outras ferramentas tecnológicas. É necessário promover hábitos infantis entre as crianças, desenvolvendo, entretanto, as capacidades necessárias para o enfrentamento da realidade social e tecnológica que os cerca e que os acompanhará durante a vida adulta.

**Palavras-chave:** Brincar. Crianças. Educador Infantil. Mediação.

## EDUCAÇÃO INFANTIL: UM AMBIENTE DESAFIADOR

*Eleane Aparecida de Souza CALLEGARO<sup>1</sup>; Sônia Raquel Padilha Prestes MOKAN<sup>2</sup>; Cibele Regina Nunes Bonfada PEREIRA<sup>3</sup>; Roksane da Cruz Gonçalves SANTOS<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNINTER), Pós-Graduada em Educação Infantil (UNINTER); <sup>2</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Geografia Licenciatura (UPF); Plena Gestão do Trabalho pedagógico: supervisão e orientação Escolar (UNINTER); <sup>3</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Magistério, Cursando Pedagogia (UNINTER); <sup>4</sup>Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve, Graduada em Pedagogia (UNOPAR).

E-mails: eleanecallegaro@yahoo.com.br; soninhap@yahoo.com.br; cibebonfada@hotmail.com; rokitha@live.com.

A tarefa de ser um educador infantil sempre foi complexa. Contribuir para a formação de personalidades requer compreensão acerca da dimensão desta tarefa, bem como da relevância de se compartilhar conhecimentos inerentes às demandas dos alunos, que se diferenciam conforme o período vivenciado. Educar crianças significa estar em constante transformação, capacitando-se constantemente e evoluindo em conjunto com a própria sociedade. Atualmente, o ambiente educacional é significativamente desafiador, uma vez que se encontra influenciado por inúmeros fatores externos, como por exemplo, a presença constante da tecnologia, cujo uso individual (smartphones e outros dispositivos portáteis) cria um ambiente paralelo ao ambiente escolar, provocando a necessidade de novas condutas pedagógicas. É preciso reconhecer as novas demandas e ser capaz de inserir o aluno em um ambiente escolar que lhe seja instigante e desafiador. Considerados estes fatores, o objetivo geral deste trabalho consiste em avaliar quais são os desafios impostos aos educadores infantis na atualidade, considerando as transformações comportamentais e tecnológicas presentes em todos os ambientes sociais, principalmente no contexto escolar. A metodologia utilizada para identificar tais desafios consiste essencialmente em pesquisa bibliográfica, cujos materiais foram buscados nas mais diversas fontes, com destaque para artigos publicados na internet,

confirmando o anteriormente exposto: da necessidade de transformação constante tendo em vista a evolução social e tecnológica da sociedade. Através deste trabalho, identificaram-se os mais diversos desafios impostos ao educador infantil na atualidade, desde a própria atuação profissional que deve ser sempre revista e transformada, até o comportamento dos alunos, amplamente influenciado pelo ambiente externo à sala de aula. A presença cada vez mais constante das tecnologias deve ser encarada como um fato positivo, transformando-se em instrumentos pedagógicos capazes de captar a atenção dos alunos e promover um aprendizado mais amplo, preparando o aluno para os seus próprios desafios, seja no contexto escolar ou fora dele.

**Palavras-chave:** Desafios. Educação. Educação Infantil. Tecnologias.

## ARQUITETURA COMO POSSIBILIDADE EDUCADORA

*Gabriel da Silva WILDNER<sup>1</sup>; Bruna Calabria DINIZ<sup>2</sup>;  
Tainara KUYVEN<sup>3</sup>; Tarcisio Dorn de OLIVEIRA<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIJUÍ; <sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ; <sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ; <sup>4</sup>Orientador e Professor dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil da UNIJUÍ.

E-mails: wildner.gabriel@gmail.com; bbrunadiniz@hotmail.com;  
taia-kuyven@hotmail.com; tarcisio\_dorn@hotmail.com.

Hoje, cada vez mais, a sociedade está imersa num universo gigantesco de imagens, quase todas voláteis, passageiras, onde poucos observam a arquitetura com um olhar mais crítico, poético ou questionador. Independentemente disso, a mensagem que a arquitetura passa está lá, no espaço, no lugar, presente e atuante, onde mesmo sem uso, mesmo abandonada, a arquitetura fala e as verdadeiras obras arquitetônicas atuam simultaneamente traduzindo cultura, evidenciando essência, também criando uma ruptura, caracterizando-se como um elemento de vitalidade e de renovação, de questionamento, mas principalmente de identidade. O objetivo desse ensaio está pautado na perspectiva de trabalhar a arquitetura juntamente com a educação, possibilitando várias interpretações, tornando-se um instrumento importante de promoção e vivência da cidadania, gerando a responsabilidade na busca, na valorização e na preservação do patrimônio, onde o processo educativo leva os sujeitos a instigarem suas capacidades intelectuais para a aquisição e o uso de novos conceitos e habilidades. Para atingir tal objetivo, a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, onde é possível examinar as informações obtidas em pesquisas já realizadas, destacando conceitos, discussões, procedimentos, resultados e conclusões importantes para o entendimento da temática. Arquitetura, entendida como patrimônio, é o conjunto de bens (materiais e/ou imateriais) que contam a história de um povo e sua relação com o meio onde estão inseridos, sendo o legado herdado do passado e transmitido às novas gerações como a construção física em um determinado tempo e espaço, e à dimensão simbólica

das diversas formas de agir, sentir e viver dos grupos sociais uma comunidade estabelecem processos de identificação e vinculação comunitária em relação a uma dada cultura. Então pode-se concluir que a arquitetura cria as imagens da cidade, dos locais onde o homem habita, trabalha, estuda, enfim, onde ele vive e atua criando signos e símbolos através dessas imagens. Nesse sentido, a educação deve estimular a capacidade de compreender sua própria existência e, em consequência, suas necessidades articulando a sociedade no sentido de propiciar uma coesão de pertencimento entre as pessoas, construindo identidades coletivas e fortalecendo os elos comuns, passo fundamental para a continuidade e sobrevivência de uma comunidade.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Educação. Patrimônio. Preservação.

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA: UM DESAFIO NA CONTEMPORANEIDADE

*Gabriel da Silva WILDNER<sup>1</sup>; Bruna Calabria DINIZ<sup>2</sup>; Tainara  
KUYVEN<sup>3</sup>; Tarcisio Dorn de OLIVEIRA<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIJUÍ; <sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ; <sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ; <sup>4</sup>Orientador e Professor dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil da UNIJUÍ.

E-mails: wildner.gabriel@gmail.com; bbrunadiniz@hotmail.com;

taia-kuyven@hotmail.com; tarcisio\_dorn@hotmail.com.

Patrimônio é o conjunto de bens (materiais ou imateriais) que contam a história de um povo e sua relação com o meio onde estão inseridos, sendo o legado herdado do passado e transmitido às novas gerações. O presente estudo objetiva trazer reflexões sobre a importância e os desafios de divulgar e promover a educação patrimonial na escola, no sentido de que, desde cedo, os alunos possam observar a importância que os edifícios podem trazer para a sociedade, criando novos olhares que busquem e apreciem a manutenção desse patrimônio, criando, de fato, um ambiente em que se tenha respeito ao antigo, à história e ao mesmo tempo auxiliando no que condiz com a sustentabilidade, dando um novo uso a esses edifícios e espaços. Para atingir tal objetivo, a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, onde é possível examinar as informações obtidas em pesquisas já realizadas, destacando conceitos, discussões, procedimentos, resultados e conclusões importantes para o entendimento da temática. A educação patrimonial pode ser entendida como uma ferramenta de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo social, cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido, processo esse que leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades em relação à valorização da cultura. O conhecimento e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo e preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de

identidade e cidadania. Sendo assim, pode-se concluir que a preservação de um patrimônio vai além de preservar um bem comum, mas, sim, de preservar a história de um povo ou mesmo de um grupo de pessoas que se identifiquem com esta obra. Nessa perspectiva, a ligação da educação e da preservação do patrimônio é fundamental para a formação do indivíduo, pois os espaços de educação servem como locus de conhecimento e são indispensáveis para a concretização desta formação permitindo socializar com os alunos o conhecimento e a valorização dos elementos que compõem este patrimônio.

**Palavras-chave:** Educação. Patrimônio. Escola. Desafio.

## A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES

*Ruth Patz HEIN<sup>1</sup>; Jamile Vieira GOI<sup>2</sup>*

*<sup>1</sup>Professora da Rede Pública Municipal de Ijuí; <sup>2</sup>Professora da Rede Pública Municipal de Ijuí.  
E-mails: ruthpatzhein@yahoo.com.br; jamilegoi@yahoo.com.br.*

Através da leitura, da pesquisa e da prática, percebe-se a importância de proporcionar para as crianças a possibilidade de construir seu processo de aprendizagem de forma diferenciada. Assim, a música entrelaçada com os conceitos torna-se elemento contribuinte para o desenvolvimento da inteligência e da integração do aluno, pois através dela ele irá aprender a aumentar sua capacidade de criar e recriar, além de seu potencial em relação às tentativas de acertos e erros quanto às suas aprendizagens, principalmente na alfabetização. O presente trabalho trata de socializar algumas atividades realizadas com uma turma de 1º ano da Escola Municipal de Tempo Integral Eugênio Ernesto Storch, através da música **ALFABETO DOS BICHOS** (Letra: Ana Maria Mancebo, e Música: Judson de Araújo Mancebo), de forma a contribuir com a aprendizagem dos alunos, pois desenvolvemos o conteúdo utilizando primeiramente a questão da audição/percepção, pulso/ritmo, dicção das palavras envolvidas e seus sons. Para tanto, exploramos com os educandos todas as possibilidades corporais, gestuais e sensitivas, buscando incorporar informação, conhecimento e aprendizado de forma lúdica (brincadeiras). Também desafiamos os mesmos a uma pesquisa sobre os diferentes animais para que, em casa, pudessem, juntamente com as famílias interagir com seus conhecimentos. Por meio desse processo desenvolvido, concluímos e avançamos com a turma a adoção de um animal de estimação, que no caso foi um coelho, que fez visitas às famílias e ficou sob o cuidado expresso em um diário com relatos e fotos. Com o envolvimento efetivo das crianças durante a realização das atividades, constatamos que a música, além de ser

uma arte expressiva, onde colocamos o nosso primeiro instrumento musical em ação, ou seja, a nossa voz, também nos permite interagir com o som, ritmo, movimento, a ludicidade, o que incrementa o saber da criança em seu aspecto cognitivo e motor. Assim, transpusemos as barreiras interdisciplinares e avançamos com um ensino dinâmico e eficaz, contribuindo para que os nossos alunos se apropriassem das diversas áreas do conhecimento para complementar o seu processo de alfabetização, consolidando essas parcerias de uma forma prazerosa, sempre respeitando o ritmo e os níveis de aprendizagem de cada um.

**Palavras-chave:** Música. Aprendizagem. Lúdico.

## ARTE NA ESCOLA: OS ARTISTAS DO MUNDO

*Michele Soares Ortiz de ALMEIDA<sup>1</sup>; Valdereza MALZONI<sup>2</sup>;  
Tatiana Luíza RECH<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS unidade de Cruz Alta; <sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS unidade de Cruz Alta; <sup>3</sup>Professora orientadora. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, unidade de Cruz Alta.

E-mails: miortiz14@hotmail.com; valderezamalzoni@gmail.com;  
tatianarech@yahoo.com.br.

O presente trabalho apresenta os primeiros apontamentos acerca das experiências vivenciadas pela turma do 4º semestre do Curso de Graduação em Pedagogia-Licenciatura, da Unidade em Cruz Alta, no período de agosto a outubro de 2016. Durante o Componente Curricular “Arte e Educação”, os discentes foram desafiados a realizar uma atividade com alunos do município de Cruz Alta/RS e região, tendo como base um artista nacional ou internacional, ligado às artes visuais. Primeiramente, os graduandos realizaram estudos teóricos a partir dos autores: Luciana Gruppelli Loponte (2012), Isabel Marques, Fábio Brazil (2012) e Sandra R. S. Richter (2007). Após, iniciaram o trabalho intitulado “Artistas do Mundo”, sendo que para cada aluno foi sorteado um artista nacional ou internacional, onde o desafio foi o de apresentar aspectos relacionados à vida, obra e demais curiosidades sobre este artista. A partir deste trabalho, cada grupo escolheu um dos artistas apresentados para a realização de uma atividade prática diferenciada com alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, cujo ponto inicial foram as obras do artista pesquisado, com o objetivo de apresentar este artista para os alunos e, posteriormente, aplicar as atividades planejadas. A partir da prática realizada com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental, os 20 alunos fizeram esculturas de massinha de modelar caseira que foram levadas ao forno para depois serem pintadas; trabalharam em um guarda-chuva que os alunos o pintaram com tinta; realizaram desenhos com tinta em bandejas de isopor, entre muitas outras criações. Estas

atividades foram de grande importância para esses alunos, já que lhes foi dada a oportunidade de trabalhar com materiais e práticas diferenciadas, criando um espaço criativo propício para que pudessem utilizar a imaginação à vontade. Da mesma forma, as atividades possibilitaram muita reflexão para a turma do Curso de Pedagogia, pois cada estudante pôde problematizar a importância da arte na escola, bem como conhecer mais sobre alguns artistas importantíssimos na história da arte brasileira e internacional.

**Palavras-chave:** Arte Na Escola. Artistas. Práticas Inovadoras. Experiências Criativas.

## PROJETOS INTERDISCIPLINARES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E O PAPEL DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

*Carla Riethmüller Haas BARCELLOS<sup>1</sup>; Deise Iara MENSCH<sup>2</sup>;  
Paulo Roberto Freitas BARCELLOS<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Professora da Rede Municipal de Ensino de Ijuí, Licenciada em Geografia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Pós-graduanda em TIC's pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e Pós-graduanda em Coordenação e Supervisão Escolar pela Universidade Cândido Mendes. <sup>2</sup>Professora das Redes Municipal de Ensino de Ijuí e Estadual do RS, Bacharel e Licenciada em Educação Física pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Pós-graduanda em TIC's pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e Pós-graduanda em Orientação do trabalho pedagógico- Orientação Educacional Supervisão e Gestão escolar pela UNINTER. <sup>3</sup>Professor das Redes Municipal de Ensino de Ijuí e Estadual do RS, Licenciado em História pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Pós-graduado em História e Cultura Afro-brasileira pela Universidade Cândido Mendes.

E-mails: carlaebarcellos@gmail.com; deise.mensch@gmail.com;  
paulobarcellos.ptijui@yahoo.com.br.

O enfoque principal deste artigo é o desenvolvimento de projetos interdisciplinares nos Anos Finais do Ensino Fundamental e o papel da coordenação pedagógica na articulação destes. Assim, partindo da hipótese de que o desenvolvimento de projetos interdisciplinares pode ser uma prática com o fim de integrar as áreas do saber, a pesquisa tem por objetivo se apropriar do conhecimento acerca das atribuições da coordenação pedagógica no âmbito escolar e sua responsabilidade na possibilidade de interação entre as disciplinas na organização de projetos. Como recurso metodológico para alcançar os objetivos, buscou-se, por meio de revisão bibliográfica de diversos autores, entre eles Vasconcellos (2011), Morin(2005), Hernández(1998), discorrer sobre a realidade da organização curricular dos Anos Finais do Ensino Fundamental, a possibilidade do desenvolvimento de projetos interdisciplinares e o papel da coordenação pedagógica nesse contexto. Apesar da bibliografia ser restrita em relação aos projetos interdisciplinares nos Anos Finais do Ensino Fundamental,

constatou-se que a dificuldade de interação entre as áreas do saber é uma prática recorrente nas escolas sendo um fator que dificulta a realização de projetos. Nesse sentido, Hernández (1998) propõe a transgressão e mudança na educação, a fim de reorganizar totalmente o currículo escolar. Há tempos a discussão acerca de ideias sobre como desenvolver projetos está na pauta, porém, os currículos permanecem os mesmos e a tentativa de os Anos Finais desenvolverem projetos interdisciplinares é uma prática muitas vezes frustrada ou incompleta. É preciso promover a comunicação entre as disciplinas, para que os educandos construam seus conhecimentos com uma visão holística e não de saberes fragmentados, provocando o estudante a levantar hipóteses e resolver problemas. A coordenação pedagógica é uma peça fundamental no cotidiano escolar e precisa ter a capacidade de promover a comunicação entre as disciplinas, bem como o rompimento de práticas fragmentadas. E, para isso, se faz necessário, corroborando a afirmativa de Vasconcellos, além da sua formação como professor/educador, a sua formação específica com aprofundamento da gestão escolar, o planejamento, o Projeto Político-Pedagógico, o trabalho de grupo e a supervisão.

**Palavras-chave:** Anos Finais. Ensino Fundamental. Projetos interdisciplinares. Coordenação Pedagógica.

## REFERÊNCIAS

- FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Coordenação Pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade*. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/%20ML/article/viewFile/1176/1187%3E>. Acesso em: 24 abril 2017.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998. 152 p.
- MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Cortez, 2005. 104 p.
- TUTTMAN, Malvina Tania. SÍNTESE DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?>

option=com\_docman&view=download&alias=32621-cne-sintese-das-diretrizes-curriculares-da-educacao-basica-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 abril 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula*, 6.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006.

VASCONCELLOS, CELSO. *O coordenador pedagógico na escola*. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=1531>. Acesso em: 10 abril 2017.

## METODOLOGIAS ATIVAS: UM DESAFIO PARA AS ÁREAS DE CIÊNCIAS APLICADAS E ENGENHARIAS

*Alifer Andrei Veber BEIER<sup>1</sup>; Diego Menegusso PIRES<sup>2</sup>; Renata Rodrigues de ALMEIDA<sup>3</sup>; Rita de Cássia Bronzoni MIRANDA<sup>4</sup>; Tarcisio Dorn de OLIVEIRA<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ; <sup>2</sup>Acadêmico do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ; <sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ; <sup>4</sup>Acadêmica do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ; <sup>5</sup>Orientador e Professor dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil da UNIJUÍ.

E-mails: aliferbeier@hotmail.com; diego.msso@gmail.com; renata\_almeida2@hotmail.com; cassiabronzoni@hotmail.com; tarcisio\_dorn@hotmail.com.

Percebe-se que hoje existe um momento diferenciado no ponto de vista do ensinar e aprender, haja vista que as formas de aprender se ampliaram de várias formas, como em redes, sozinhos, por intercâmbios, etc.; a liberdade de tempo e de espaço nos processos de aprendizagem configura-se como um novo cenário educacional onde várias situações de aprendizagem são possíveis com a ajuda das metodologias ativas. O presente estudo objetiva trazer reflexões no que tange à aplicação de metodologias ativas em cursos de graduação nas áreas de ciências aplicadas e engenharias, como aperfeiçoar a autonomia individual do aluno, desenvolvendo-o como um todo, para que nele seja possível perceber a capacidade de compreender aspectos cognitivos, sociais, econômicos, afetivos, políticos e culturais. Para atingir tal objetivo, a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, onde é possível examinar as informações obtidas em pesquisas já realizadas, destacando conceitos, discussões, procedimentos, resultados e conclusões importantes para o entendimento da temática. Metodologias ativas são uma concepção educacional que coloca os estudantes como principais agentes de seu aprendizado; através dela, percebe-se o estímulo à crítica e à reflexão, incentivadas pelo professor que conduz a aula. O próprio aluno é o centro desse processo, pois através da aplicação de uma metodologia ativa é possível trabalhar o aprendizado de uma maneira mais participativa, uma vez que a

colaboração dos alunos como sujeitos ativos trazem fluidez e essência de tal possibilidade educativa em sala de aula. Sendo assim, é importante uma aplicação futura na prática docente para a pesquisa realizada. Pode-se concluir que hoje não dá mais para evitar tais metodologias em sala de aula, pois as novas tendências na educação do século XXI exigem a inovação pedagógica. Nesse processo, o estudante envolve-se de forma ativa e atuante no seu processo de aprendizagem, e o professor assume o papel de orientador e mediador da discussão sobre a solução dos problemas expostos

**Palavras-chave:** Educação. Metodologias Ativas. Ciências Aplicadas. Engenharias.

## SINGULARIDADES NO PLANEJAMENTO ESCOLAR DO EJA – OBSERVAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MARIA BANDARRA WESTPHALEN

*Casseane Andreatta da SILVA<sup>1</sup>; Andressa Silva da CUNHA<sup>2</sup>; Marília de Campos SERQUIVITIO<sup>3</sup>; Rodrigo Moura dos SANTOS<sup>4</sup>; Odilon A. STRAMARE<sup>5</sup>*

<sup>1, 2, 3, 4.</sup> Acadêmicas (o) do Curso de Pedagogia – Licenciatura, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>5.</sup> Professor orientador, Unidade Cruz Alta, UERGS.

E-mails: andreattadasilva@gmail.com; ldarlan1990@gmail.com; rod.rms@outlook.com; andressasilvacunha1997@outlook.com; straodin@bol.com.br.

O presente relato de experiência teve início na disciplina de “Seminário Integrador III: Planejamento, gestão e avaliação educacional”, tendo como objetivo vivenciar a realidade da escola e do planejamento escolar considerando a singularidade dos professores e alunos inseridos nesta rede de ensino. Nesse contexto, Vasconcellos (1995, p. 92) afirma que “cabe ao planejamento a oportunidade de repensar todo o fazer escolar, como um caminho de formação dos educadores e dos educandos, bem como de humanização, de desalienação e de libertação”. Deram cientificidade ao trabalho os livros e leituras de Vasconcellos (1995), Gandin (2000), Veiga (2002) e a Legislação atual vigente. Os instrumentos metodológicos utilizados foram entrevistas estruturadas para os professores, gestores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram entrevistados 23 alunos das seis turmas da Educação de Jovens e Adultos (T1, T2, T3, T4, T5 e T6), um docente e a equipe diretiva. Dessa forma, o planejamento está inserido no cotidiano do corpo discente ora como forma de objetivos futuros, ora no processo de aprendizagem, indo da alfabetização à construção de conhecimentos mais específicos no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Todos com suas peculiaridades apresentam uma faixa etária que varia dos 15 aos 47 anos de idade. Dos alunos entrevistados 13 trabalham e sete possuem filhos em idades variadas. Os mesmos apresentam desejo

de aprender, esperam receber um ensino de qualidade, assim têm da consciência da corresponsabilidade no retorno do processo de construção da aprendizagem, onde buscam como meta a inserção no mercado de trabalho, estabilidade financeira, estímulo e exemplo aos filhos. Para os alunos da alfabetização (T1 e T2), o retorno aos bancos escolares significa liberdade e autonomia. A equipe diretiva juntamente com os professores busca realizar um trabalho democrático que envolva a comunidade escolar, utilizando o planejamento escolar como norte nas ações pedagógicas. Contudo, a observação e a realização de entrevistas foram de extrema importância, já que dessa forma pudemos perceber o planejamento na Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como a realidade dos alunos, seus sonhos e perspectivas para o futuro. Enquanto acadêmicas (o) do Curso de Pedagogia foi possível estabelecer um elo entre teoria e prática e fica evidente que antes de elaborar o planejamento é necessário conhecer a singularidade de cada aluno. Desta forma, pretende-se dar continuidade ao projeto com temas que envolvem gestão e avaliação na escola, já que a forma como os alunos são avaliados define o tipo de gestão predominante na escola.

**Palavras-chave:** Planejamento. Singularidades. EJA.

## ESTUDO DE HISTÓRIA COM ENFOQUE EM UMA HEROÍNA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

*Carla Simone Hamm SPARRENBERGER<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professora dos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Ijuí, Graduada em Pedagogia pela UNOPAR, Pós-Graduada em Orientação e Educação Interdisciplinar pela FAISA.  
E-mail: cspa.carla@gmail.com.

Na busca de novas maneiras de transmitir o conhecimento de forma significativa, tentou-se fazer com que os alunos pudessem vivenciar este período da história e, para isso, precisariam aprofundar seus conhecimentos. Como o nome da escola está ligado à heroína da Revolução Farroupilha, conseguiu-se fazer um trabalho de pesquisa muito variado. O objetivo era saber por que a escola tinha ganhado este nome com a curiosidade dos alunos em saber fatos do passado que marcaram a sua época e estão dando alguns nomes a lugares públicos, estudamos e olhamos o passado para entender o presente. Os materiais utilizados foram livros, internet, pesquisa com pessoas mais antigas, desenhos, confecção de objetos utilizados naquela época. O projeto de pesquisa contemplou crianças do 5º ano do ensino fundamental, com idades que variam entre 10 e 11 anos. A partir do interesse dos alunos, vieram à tona reflexões, pesquisas, trabalho coletivo, envolvimento das famílias, tecnologias para acesso a informações e também apresentação para as demais turmas da escola. Após esses momentos, a turma foi concretizando um trabalho onde produziram artisticamente e contextualizaram diversas fases da Revolução Farroupilha e da vida da heroína que batizou a escola, Anita Garibaldi. Tentou-se com as descobertas criar uma linha do tempo onde os alunos puderam recriar uma parte da história do Rio Grande do Sul, começando com o nascimento de Anita Garibaldi até a criação da escola nos dias atuais e as mudanças que ocorreram nela desde seu primeiro ano de funcionamento. A avaliação veio em forma de exposição das diferentes técnicas utilizadas, onde a turma utilizou todo o espaço da sala para criar uma linha do tempo

e, assim, apresentou para a escola toda sua pesquisa. Sabe-se que o currículo escolar exige uma prática educativa que considere o conhecimento prévio do aluno e a realidade do aluno em que está inserido. A história tem um papel importante no despertar da curiosidade, contribuindo para a construção do conhecimento e da sua cidadania. Formar cidadãos aptos a participar plenamente da sociedade em que vivem começa por facultar-lhes a participação e o conhecimento em diferentes fatos históricos ocorridos.

**Palavras-chave:** Conhecimento. História. Pesquisa. Descobertas.

**Agradecimentos e fontes de financiamento:** Agradecemos à diretora da escola por dispor diversos materiais aos alunos que se esforçaram para pesquisar fotos e informações antigas.

## FORMAÇÃO CONTINUADA DO NEEJA ÉRICO VERÍSSIMO: ARTICULAÇÃO ENTRE SABERES E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS

*Jane Teresinha BARBOSA<sup>1</sup>; Maria Aparecida de Abreu PRADO<sup>2</sup>;  
Nerci de Souza RITTER<sup>3</sup>; Célia Rosane Pedrollo VAZ<sup>4</sup>;  
Odete Teresa Sutili CAPELESSO<sup>5</sup>; Iracema de Lurdes Borges da SILVA<sup>6</sup>*

<sup>1, 2, 3, 4</sup>Professores do NEEJA Érico Veríssimo; <sup>5</sup>Supervisora do NEEJA Érico Veríssimo;

<sup>6</sup>Diretora do NEEJA Érico Veríssimo.

E-mail: neejaericoverissimo@hotmail.com.

O Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e de Cultura Popular Érico Veríssimo NEEJA – Cruz Alta/RS desenvolve Projeto de Apoio Pedagógico aos alunos, através de oficinas, experimentotecas e palestras, a partir da definição de temáticas, articuladas aos conteúdos das disciplinas. O projeto tem como objetivo articular os saberes e experiências dos alunos aos saberes científicos por eles estudados nas disciplinas, além de contribuir com informações e orientações consideradas relevantes para o educando, seja ele jovem ou idoso inserido no seu meio social e espaço de trabalho. As atividades são oferecidas aos alunos pelo NEEJA Érico Veríssimo por meio de um cronograma que estipula as temáticas, dias e horários das atividades, de forma a considerar a articulação dos conteúdos aos temas abordados nos encontros e, principalmente, às vivências dos educandos. Esta proposta de atividade do NEEJA Érico Veríssimo parte das reflexões dos projetos que já vinham sendo desenvolvidas no Núcleo em anos anteriores, garantindo a continuidade de algumas ações e o redirecionamento de outras. O projeto tem como base teórica as concepções de Educação de Jovens e Adultos defendidas por Paulo Freire, que entende a Educação como direito de aprender, de ampliar conhecimentos ao longo da vida, e não apenas da escolarização. Nesse sentido, a proposta apresenta resultados bastante expressivos no que se refere ao interesse do educando em

participar das ações do projeto por considerarem relevantes as temáticas trazidas para os encontros e a possibilidade de discussão sobre os assuntos abordados, tanto entre o grupo de colegas participantes, como com os professores e profissionais convidados para conduzir as atividades dos encontros. Enfim, os resultados apontam ainda que os principais desafios vivenciados na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos encontram-se na possibilidade/impossibilidade de articular os saberes trazidos pelos alunos nas suas mais diferentes experiências e vivências aos conteúdos e conhecimentos científicos abordados pela escola.

**Palavras-chave:** Educação. EJA. Articulação. Saberes.

## A APRENDIZAGEM E A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

*Fabiana Boff GRENZEL<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Professora da Rede Municipal de Educação de Ijuí – RS – licenciada em Letras pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí – Pós-Graduada em Interdisciplinaridade-Facipal.

E-mail: fabianaboffgrenzel@gmail.com.

Este artigo propõe refletir a inclusão de crianças autistas na alfabetização. Nos últimos anos, o número de crianças com necessidades especiais tem aumentado cada vez mais no ambiente escolar. Surge, então, o interesse de saber como acontece a aprendizagem e principalmente se há a possibilidade de alfabetizar crianças autistas. Junto com isto, vêm os desafios e as dúvidas de como incluir estas crianças no ambiente escolar e como os profissionais podem contribuir nesta importante fase da alfabetização. O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo. Cabe ao professor adequar o seu sistema de comunicação, e a família precisa estar envolvida neste processo. Interessante ressaltar a importância que os autores Vera Juhlin, Chris Wiolliams, Teberoski Ferreiro e Karla Goldberg destacam na aquisição de conhecimento e informação daquelas pessoas que estão mais próximas no dia a dia do indivíduo autista. Este artigo foi desenvolvido partindo de observações de uma aluna autista da Rede Municipal de Ijuí – RS, além de textos de autores que contribuíram para a reflexão sobre o tema. Assim, percebe-se que este artigo se caracteriza como uma pesquisa-ação de caráter qualitativo em que se envolveram professores, alunos e pais desta Instituição. A possibilidade de alfabetização representa uma conquista e inserção social. A utilização de recursos extras é uma ferramenta importantíssima que facilita a compreensão desses alunos; é fundamental aos atores envolvidos no processo, professores, família e terapeutas, trocarem informações, buscando a melhor forma para promover a aprendizagem do aluno. É preciso

ter presente que cada indivíduo é único, porém exige esforço do educador, e seu aprendizado será mais produtivo quando realizado de maneira mais direta, com diferentes recursos, sejam eles visuais, com ilustrações, que facilitam a compreensão do aluno, estimulando também a linguagem. Fica evidente a importância de criar diferentes estratégias e medidas para auxiliar a aprendizagem destes educandos.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Autismo. Capacitação do Educador.

**Agradecimentos:** Agradeço à escola e à família que possibilitaram a observação, o estudo e a realização da presente pesquisa.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: DINAMIZANDO A SEGURANÇA DO TRABALHO EM OBRAS A PARTIR DE MAQUETES

Fernanda Buriol LONDERO<sup>1</sup>; Josiane de Oliveira Pillar HINNING<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica e Arquiteta Urbanista, Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); <sup>2</sup>Professor orientador. Arquiteta e Urbanista. Especialista em Educação Ambiental. Mestra em Patrimônio Cultural –

UFSM. Docente do Instituto Federal Farroupilha,

Câmpus Panambi. Curso Técnico em Edificações Subsequente.

E-mails: fernanda.b.londero@gmail.com; josiane.hinning@iffarroupilha.edu.br.

O presente trabalho trata sobre um relato de experiência acompanhado na disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas I, do Curso Técnico em Edificações – Subsequente, ministrado no Instituto Federal Farroupilha (IFFar) – Câmpus Panambi. Objetivo Geral: A atividade realizada teve o intuito de desenvolver estratégias de ensino diferenciadas, dinamizando o conteúdo sobre planejamento, organização e segurança no canteiro de obras. Metodologia: A atividade foi realizada com a turma do primeiro semestre, dividida em duas etapas: elaboração individual de um *layout* de canteiro de obras; e confecção, em grupos, de maquetes referentes aos *layouts* selecionados pelos estudantes. A primeira etapa foi desenvolvida em sala de aula, com auxílio de instrumentos de desenho e escala, exposição sobre legislação e normas, delimitação do escopo do projeto e assessoramentos individuais. Na etapa seguinte, com orientações em grupos, os estudantes desenvolveram as maquetes no Laboratório de Maquetaria e Práticas Cívicas do curso, o qual possui equipamentos e materiais disponíveis para uso. Dessa forma, foi possível potencializar os conhecimentos adquiridos através do estudo relacionado às leis e normas de segurança do trabalho, a exemplo da Norma Regulamentadora - NR 18, bem como o Código de Obras e Plano Diretor do Município. Resultados e Conclusão: destaca-se a organização da “Primeira Edição da Noite Verde, alusiva à Prevenção de Acidentes de Trabalho”, ocorrida no dia 27

de abril de 2017, no próprio câmpus, desenvolvida através de oficina de *brainstorming*. Nesta oportunidade, foi organizada uma exposição de maquetes e Equipamentos de Proteção Individual - EPI'S, além de uma palestra com a técnica de segurança do trabalho Raquel de Souza. Nesta ação, foi possível aliar conhecimentos à disciplina de Máquinas, Equipamentos, Ferramentas e Segurança do Trabalho. O resultado da atividade foi satisfatório, pois os objetivos traçados foram superados, visto a realização da palestra e da exposição, que tiveram como público-alvo cinco turmas do Curso Técnico em Edificações além do Curso Técnico em Controle Ambiental. A ludicidade da atividade mostrou-se muito eficiente para o entendimento e fixação dos conteúdos, além de demonstrar um pouco sobre a realidade da profissão e do mundo do trabalho através das maquetes de canteiros de obras.

**Palavras-chave:** Maquetes. *Brainstorming*. Segurança do Trabalho.

## O NOSSO ÓLEO VIROU SABÃO

*Cristiane BERTOLDO<sup>1</sup>; Cibele T. Da Silva ROSA<sup>2</sup>; Marlene KRUTI<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Professora da rede municipal de Ijuí, Graduada em Pedagogia pela universidade regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), pós-graduada em Educação Interdisciplinar pela FAISA Faculdades; <sup>2</sup>Professora da Rede Municipal de Ijuí, Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) e pós-graduada em Gestão e Orientação Escolar pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>3</sup>Professora da Rede Municipal de Ijuí, Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI).

E-mails: crkbertoldo@yahoo.com.br; cibelekknack@outlook.com; mkjgre@yahoo.com.br.

Ao estudar a importância da alimentação, os nutrientes contidos nos alimentos e conhecendo aqueles ricos em lipídios, principalmente o óleo de cozinha, instigamos os alunos a observar e pensar sobre o descarte do óleo utilizado nas cozinhas. Após leituras, pesquisas, observações diretas e indiretas, entrevistas e debates, aprenderam que o descarte do óleo de cozinha usado não deve ser feito direto no solo, no ralo da pia ou na lixeira orgânica, pois esses destinos incorretos levam à contaminação dos mananciais aquáticos, do solo e da atmosfera, prejudicando o meio ambiente e a saúde dos seres vivos. Então surge a questão: o que fazer com o óleo de cozinha usado? Diante desta questão, os alunos das turmas do 4º e 5º anos da EMETI Eugênio Ernesto Storch foram desafiados a guardar o óleo em suas residências em recipientes com tampa e trazer para a escola para a produção de sabão em barra. Depois de escolher a receita e organizar os ingredientes, as crianças trouxeram o óleo, observaram o processo de produção do sabão que foi realizado no pátio da escola, com as devidas medidas preventivas. Em sala de aula, as crianças registraram a receita, o modo de preparo e expressaram verbalmente seu encantamento com o reaproveitamento do produto que antes era eliminado de forma incorreta por algumas famílias que não conheciam o quão prejudicial é o descarte incorreto. Passados alguns dias, chegou o momento do fracionamento do produto obtido, e aproveitamos a prática para trabalhar o conceito de fração. As crianças, ao serem questionadas, observavam

atentamente, refletiam e construíaam tal conceito. Também exploramos os conteúdos de unidades e medidas, sistema monetário, e estipulamos o valor para a venda de cada pedaço de sabão que sobrou após a repartição entre todos os alunos. Assim, as famílias utilizaram o produto em casa contribuindo para a economia financeira; da mesma forma foi um estímulo a preservar o meio ambiente, e de forma prazerosa os alunos complementaram os conceitos matemáticos com a prática, dando sentido ao que foi estudado em sala de aula. Para todos os envolvidos, foi uma atividade muito significativa.

**Palavras-chave:** Estudos Socioambientais. Matemática. Aprendizagem.

## SIMULADÃO ABRINDO CAMINHOS PARA O ENEM

*Renata Matilde Zanchi FERRAZ<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professora Orientadora do Serviço de Orientação Escolar – S.O.E. do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias. Cruz Alta – RS.  
E-mail: zanchiferraz@hotmail.com.

O relato tem como propósito socializar a experiência realizada no Instituto Estadual Professor Annes Dias em Cruz Alta, RS. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é uma das formas de ingresso nos processos seletivos de várias Instituições de Ensino Superior. O aluno faz uma prova em dois dias, com 180 questões e uma redação. Dada a relevância do Exame para estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, o simulado do ENEM foi aplicado nas cinco turmas dos terceiros anos do Ensino Médio em todas as disciplinas, inclusive redação. O simulado tem por objetivo avaliar o preparo dos alunos em relação à prova do ENEM 2016 e vivenciar a dinâmica de todo processo, desde inscrição até gabarito final e classificação. Para realizar o simulado, os alunos deveriam fazer inscrição na secretaria da escola, sendo necessário documento com foto, identidade, fazendo a opção pela Língua Estrangeira. O simulado foi elaborado com um valor para cada disciplina, contendo 80 questões, algumas do ENEM de provas anteriores e outras elaboradas pelos professores de cada área do conhecimento, com diferentes níveis de dificuldades. A metodologia aproximou-se ao máximo possível da dinâmica da prova, como: horário para abrir portões; identificação do candidato; uso de caneta preta; provas lacradas; folha para redação; rascunho; cartão resposta; horário de início e término; equipe de apoio, caso candidatos precisassem sair da sala para ir ao banheiro. Os alunos assimilaram bem a dinâmica proposta. Na correção do simulado, constatamos que a maioria dos alunos tiveram o maior número de acertos, entre quarenta e setenta questões. Os dez primeiros alunos destaque na prova foram premiados pela escola e universidades parceiras. Há muito que melhorarmos; percebem-se ainda

dificuldades de raciocínio lógico, estatística, entre outras. Com o resultado, já foi possível definir uma linha de trabalho, concentrando as atividades em torno desses temas até o final de 2016. Como perspectivas, pretendemos realizar o simulado anualmente incluindo outras escolas estaduais de Cruz alta.

**Palavras-chave:** ENEM. Simulado. Ensino Médio.

## O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA DESCOBERTA DE LIDERANÇAS EM SALA DE AULA

*Rita de Cássia Malheiros de OIVEIRA<sup>1</sup>;*  
*Silvia Zamberlan COSTA BEBER<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Professora Orientadora Educacional, Instituto Estadual Professor Annes Dias; <sup>2</sup>Professora Orientadora, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.  
E-mails: ritaoliveira77@hotmail.com; silvia.beber@unioeste.br.

O Serviço de Orientação Educacional (SOE) tem como uma de suas finalidades o desenvolvimento de projetos no contexto escolar que auxiliem os estudantes na descoberta de novas habilidades, promoção da autonomia, atividades que promovam a conscientização do seu papel como sujeito na sociedade contemporânea, entre outros (CHIAVENATO, 2008). O objetivo desta investigação é identificar habilidades, como a liderança, e refletir sobre sua importância e sua influência diante das escolhas pessoais dos estudantes e sua ação dentro da coletividade. A pesquisa foi desenvolvida pela orientadora educacional com contribuição dos professores de Sociologia do Instituto Estadual Professor Annes Dias, com 18 turmas do ensino médio, totalizando aproximadamente 540 estudantes. Empregou-se a dinâmica denominada “Características de um Líder” (SOARES, 2002) para obter os dados desejados, conforme sequência: 1) Leitura de um texto sobre liderança (CURY, 2003); 2) Debate sobre questões abordadas no texto; 3) Levantamento das características de um líder presentes no texto; 4) Listar as características que desejavam ter e as que identificavam tê-las, apontando os pontos fortes e fracos; 5) Identificação de líderes de cada turma; 6) Debate com os estudantes abordando a importância das escolhas e o reflexo destas na vida pessoal e coletiva. Após desenvolvimento da atividade e por meio de um relatório elaborado pelos professores de Sociologia, os dados foram compilados e organizados em tabelas e analisados qualitativamente pela orientadora educacional considerando as anotações registradas em um diário de campo

(LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Os resultados obtidos referentes às principais características de um líder foram responsabilidade 46% e comprometimento 54%; dentre as características apontadas que eles gostariam de ter foram para 56% dos estudantes criatividade e melhor comunicação 44%. Consideramos que o trabalho desenvolvido pelo SOE na escolha dos líderes de turma tem se mostrado necessário para que os estudantes compreendam a importância do comprometimento pessoal e coletivo de suas escolhas; estão previstos novos debates e atividades durante o ano letivo. Esta atividade promoveu o debate acerca do exercício político dos estudantes, evidenciando que este processo de escolha de líderes vai acompanhar a vida social de todos em esferas diferentes; daí a importância de se fazer em escolhas conscientes.

**Palavras-chave:** Orientação Educacional. Liderança Estudantil. Dinâmicas de Grupo. Ensino Médio. Serviço de Orientação Educacional.

**Agradecimentos:** Aos professores de Sociologia e aos estudantes participantes da pesquisa do Instituto Estadual Professor Annes Dias.

## REFERÊNCIAS

- CHIAVENATO, I. *Gestão de Pessoas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- CURY, A. J. *Seja líder de si mesmo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- SOARES, D. H. P. *A Escolha Profissional: do Jovem ao Adulto*. São Paulo: Summus, 2002.

## A ESCOLA INCENTIVANDO A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

*Ana Paula Stolberg SIQUEIRA<sup>1</sup>; Jussara NAVARINI<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Professora Dr<sup>a</sup> orientadora. Unidade de Cruz Alta. UERGS.

E-mails: anynhastolberg@hotmail.com; jussaranavarini@yahoo.com.br.

Uma das maneiras de obter uma boa saúde é através de hábitos alimentares saudáveis. Estes hábitos podem ser desenvolvidos desde a infância utilizando a ludicidade como ferramenta para auxiliar nesse aprendizado. Além disso, a família e a escola devem trabalhar de forma integrada e contínua as atividades com as crianças, pois o tema está devidamente inserida no projeto político-pedagógico e nos componentes curriculares, ou seja, as atividades desenvolvidas em sala de aula podem ser também trabalhadas em casa com a família. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo estudar o consumo de alimentos saudáveis e verificar se os alunos sabem o que é alimentação saudável. A pesquisa teve abordagem qualitativa de campo, onde a coleta de dados contou com a aplicação de questionários aos alunos, do terceiro ano do ensino fundamental, assim como à merendeira responsável pelas refeições da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Panambi/RS. Através dos dados coletados do questionário aplicado aos alunos, pode-se observar que os mesmos sabem o que é saudável, mas muitas vezes não o consomem devido ao alto custo e por não terem acesso ao mesmo. Quanto à merendeira da escola, ela relatou que utiliza o cardápio desenvolvido por uma nutricionista e que busca oferecer os alimentos preferidos das crianças, mas que sejam saudáveis e atendam suas necessidades nutricionais, visto que existe a falta de alguns alimentos, precisando ser repostos algumas vezes. Por fim, a compreensão de que hábitos saudáveis são desenvolvidos na infância e são levados para a vida adulta foi de extrema

importância para a turma em estudo e para as demais partes envolvidas no trabalho.

**Palavras-chave:** Alimentação Saudável. Estímulo. Ambiente Escolar.

## SACOLA DA LEITURA

*Ana Claudia Ramos SANTOS<sup>1</sup>; Juliana Nascimento de LIMA<sup>2</sup>; Rosa Lia; Coracini de SOUZA<sup>3</sup>; Rosalina Elizete dos Santos PIRES<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Professora da Rede Municipal de Ijuí/RS, Graduação em Ciências e Biologia na Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), Pós-graduação em Gestão Escolar pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); <sup>2</sup>Professora da Rede Municipal de Ijuí/RS, Graduação em Psicologia na Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), Pós-graduação em Neuropsicologia pela Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (FADERGS); <sup>3</sup>Professora da Rede Municipal de Ensino de Ijuí/RS, Professora da Rede Sinodal Ijuí/RS, Licenciada e Bacharel em Educação Física na Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), Pós-graduação em Psicopedagogia; <sup>4</sup>Professora da Rede Municipal de Ijuí/RS, Graduada em Letras na Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), Pós-graduação em Educação Infantil na UNINTESE e Pós-graduação em Gestão pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias da Educação – CINTED.

E-mails: ana-crs@hotmail.com; julianapsilima@gmail.com; rosaliacoracini.s@hotmail.com; elisete.pires@hotmail.com.

O presente trabalho aborda a importância da literatura na Educação Infantil como criadora de um ambiente lúdico que possibilita potencializar o imaginário e contribui para a formação do leitor enquanto sujeito, entendido como um ser global, tornando-se também uma porta de entrada para o mundo letrado. O projeto realizado na escola tem como objetivo proporcionar às crianças um ambiente diferenciado que estimule a satisfação de ouvir e ler diversas histórias e gêneros textuais, vivenciando a leitura como um hábito prazeroso, lúdico. A metodologia utilizada envolve a exploração de histórias, especialmente na Hora do Conto, a retirada semanal de livros realizada com as crianças, a fim de estimular a leitura junto às famílias, a retirada de livros para as educadoras e o evento Autor Presente. Durante o desenvolvimento do projeto, um momento significativo foi a proposta da confecção de uma sacola que deveria ser customizada pelas famílias, juntamente com as crianças, para colocar os livros. Assim, surgiu o nome do projeto: Sacola da Leitura. Desde a idealização do projeto até a sua consolidação, através das ações citadas, foi possível constatar que estes momentos lúdicos estão legitimados pela comunidade escolar e são vivenciados pelas crianças com grande entusiasmo. É recompensador ver a satisfação das crianças ao

interagirem com os livros no momento de escolha das obras literárias. O evento Autor Presente aproxima as crianças do processo de criação de uma obra, através do contato com autores/ilustradores, enriquecendo as vivências e produzindo conhecimentos. A retirada dos livros acontece em um espaço do refeitório, intitulado “Cantinho da leitura”; este, mostra-se pequeno diante de tantas vivências literárias. Assim, constatamos a necessidade de uma biblioteca, que hoje está em processo de construção com a colaboração da comunidade escolar. Desta forma, o projeto configura-se um dos pilares do trabalho desenvolvido na escola, pautado no respeito à infância e na compreensão da criança enquanto sujeito da sua própria aprendizagem.

**Palavras-chave:** Literatura. Lúdico. Infância. Letramento.

## OPERAÇÃO TOCANTINS: CONHECENDO A MARIAZINHA DA PENHA – OFICINA

*Camila KUHN<sup>1</sup>; Carine Nascimento SILVA<sup>2</sup>; Guilherme Matheus  
GAMBINI<sup>3</sup>; Luana Possamai MENEZES<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do 9º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. Bolsista PIBIC/UNICRUZ. Membro do Núcleo do Projeto Rondon; <sup>2</sup>Acadêmica do 7º semestre do Curso de Fisioterapia da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. Bolsista PIBIC/UNICRUZ. Membro do Núcleo do Projeto Rondon; <sup>3</sup>Acadêmico do 9º curso de Direito da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, e membro do Núcleo RONDON; <sup>4</sup>Enfermeira, Mestra em Enfermagem, Doutoranda em Saúde Coletiva, Docente do Curso de Enfermagem da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. Membro do Núcleo RONDON, vinculado ao Curso de Enfermagem da UNICRUZ.  
E-mails: camilakuhn1994@hotmail.com; kacanascimento@hotmail.com;  
gambiniguilherme@gmail.com; luamenezes@unicruz.edu.br.

A violência contra a mulher é um tema que causa grande impacto social, tornando-se um problema, principalmente no âmbito familiar, no qual interfere diretamente no desenvolvimento infantil. É através disso que a lei Maria da Penha foi criada, destinada ao combate e prevenção da violência contra a mulher. Com o propósito de trazer esse assunto em discussão, os rondonistas do Projeto Rondon da UNICRUZ desenvolveram a oficina, para orientar e refletir sobre a violência e a lei Maria da Penha. O presente trabalho tem como objetivo relatar a vivência dos rondonistas na oficina “Mariazinha da Penha” realizada com as crianças do 3º ano do ensino fundamental. Este trabalho se caracteriza como um relato de experiência, vivenciada pelos acadêmicos/rondonistas do Projeto Rondon da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, na Operação Tocantins, em uma escola municipal da cidade de Nova Rosalândia-TO. Ressaltam-se os altos índices de violência contra a mulher no município; para isso, a melhor alternativa foi trabalhar com as crianças, no intuito de desenvolver estratégias para minimizar esse problema. Foi realizada essa oficina destinada a esse público-alvo, apresentando os tipos de agressões, tanto físicas quanto verbais. A atividade proposta foi o conto de histórias utilizando fantoches e um cenário desenvolvido pelos rondonistas, na perspectiva de deixar a

apresentação mais atrativa, ressaltando a importância do respeito com as colegas, e explicando a lei Maria da Penha, com a personagem principal a “Mariazinha da Penha”. Após foram realizados desenhos no qual cada aluno deveria mostrar o seu entendimento sobre a atividade desenvolvida. Percebe-se uma grande interação das crianças com esse tema, com relatos das mesmas, sobre algum acontecimento na família. A atividade mostrou-se uma boa ferramenta de aprendizagem, principalmente para essa faixa etária, com o propósito de atuar na construção social, no que tange à educação e ao respeito no ambiente escolar do município.

**Palavras-chave:** Violência Contra A Mulher. Família. Desenvolvimento Infantil.

## O USO DE MATERIAL CONCRETO NA CONSTRUÇÃO/COMPREENSÃO DO CONCEITO DE FRAÇÃO EM UM 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Elisabete Silva da Silva<sup>1</sup>; Helenara Machado de Souza<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Pedagogia – Licenciatura. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Professor orientador. Unidade de Cruz Alta. UERGS.

E-mails: betissilva@gmail.com; helenara25@gmail.com.

Considerando a importância do aprendizado de matemática na vida das crianças, torna-se indispensável utilizar material concreto para a construção/compreensão do conceito de frações, para alunos do 4º ano do ensino fundamental, uma vez que tal abordagem representa uma indicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, para este nível de ensino. Neste sentido, propôs-se realizar tal pesquisa como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de Pedagogia, realizado na Uergs, unidade de Cruz Alta. Tal pesquisa tem por objetivo geral: “Verificar quais as contribuições do uso do material concreto na construção/compreensão do conceito de fração em um 4º ano do ensino fundamental”. As atividades a serem desenvolvidas pelos alunos serão organizadas em três encontros, elaborados no formato de oficinas, em que se realizarão atividades utilizando recorte, dobradura e jogos pedagógicos, visando à construção/compreensão do conceito de frações. Para atender este objetivo, será realizada uma pesquisa de campo que terá como instrumento de coleta de dados diário de campo, análise das atividades a serem desenvolvidas e levantamento do plano de ensino proposto para o grupo de pesquisados em questão. A análise dos dados se dará a partir da interpretação de tabelas e gráficos, construídos por meio das atividades realizadas pelos alunos, e de categorização, elaborada com base nas informações obtidas por meio dos demais instrumentos de coleta de dados. Acredita-se que, com a realização da proposta aqui descrita, será possível proporcionar a este grupo

de alunos uma aprendizagem mais significativa, que lhes possibilite realizar a transposição do conceito ensinado para outros ambientes, além da sala de aula.

**Palavras-chave:** Conceito de Fração. Material Concreto. Aprendizagem Significativa.

## AS CONTRIBUIÇÕES DO JOGO BOOLE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO LÓGICO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Mariele de Oliveira*<sup>1</sup>; *Helenara Machado de Souza*<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Pedagogia – Licenciatura. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Professor orientador. Unidade de Cruz Alta. UERGS.  
E-mails: maryelle.oliveira@hotmail.com; helenara25@gmail.com.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN consideram que, por meio dos jogos, as crianças não apenas vivenciam situações que se repetem, mas aprendem a lidar com símbolos e a pensar por analogia. A partir dessa consideração é que se pensou em propor uma pesquisa visando à elaboração do Trabalho de Conclusão de curso de Pedagogia, realizada na Uergs, unidade de Cruz Alta. Tal pesquisa será desenvolvida junto a uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, de uma escola da rede estadual de ensino, localizada no município de Cruz Alta. Optou-se por utilizar o Jogo Boole, uma vez que este representa um elemento motivador da aprendizagem, por partir do concreto, ressignificando as relações abstratas, estimulando o raciocínio, a motivação, a autoconfiança, a autonomia, possibilitando que os erros possam ser revistos e também que todos se sintam vencedores, na medida em que encontram soluções para as diversas situações-problema. A pesquisa terá por objetivo geral “Identificar quais as contribuições dos Jogos Boole para o desenvolvimento do raciocínio lógico no primeiro ano do ensino fundamental”. Será realizada seguindo os preceitos indicados pela pesquisa de campo e terá como fonte de coleta de dados as produções dos alunos e o diário de campo da pesquisadora. Serão realizados três encontros entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisado, nos quais serão realizados desde observações até a realização do jogo propriamente dito. Espera-se que, desta forma, seja possível atender o objetivo geral proposto, bem como acompanhar como esse grupo de alunos

interage durante o processo de desenvolvimento das atividades propostas.

**Palavras-chave:** Contribuições. Jogo Boole. Raciocínio Lógico.

## ESPAÇO ESCOLAR X ESPAÇO DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Cleide Estela dos Santos ALFING<sup>1</sup>; Fabiana MATTER<sup>2</sup>;  
Eva Teresinha de Oliveira BOFF<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Mestre em Atenção Integral à Saúde – PPGAIS Unicruz/Unijuí – Docente e Enfermeira do curso técnico de Enfermagem da Escola Otávio Caruso Brochado da Rocha – Ijuí-RS; <sup>2</sup>Pedagoga e Orientadora Educacional; <sup>3</sup>Professora Orientadora Docente Doutora do programa Atenção Integral à Saúde – PPGAIS – Unicruz/Unijuí.

E-mails: cleideestelaalfing@gmail.com; fabimatter@gmail.com; evaboff@unijui.edu.br.

O espaço escolar é privilegiado, pois possibilita encontros e trocas de conhecimento e, conseqüentemente, mudanças de hábitos e comportamento. **Objetivo Geral:** discutir sobre a importância de ações em saúde no espaço escolar. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência como docente no curso técnico de enfermagem. **Resultados e Discussão:** A prática da docência em curso técnico de enfermagem nos remete a pensar na formação dos futuros técnicos de enfermagem, neste caso para atuarem também na educação em saúde no espaço escolar. A escola é um dos locais em que o aluno passa a maioria do seu tempo. Por isso, pensou-se em relacionar a aprendizagem teórica no curso técnico de enfermagem à prática cotidiana na escola. Durante os meses de abril e maio de 2017, foi proposto o desafio aos alunos de preparar e realizar atividades e palestra sobre saúde na escola com alunos da educação básica. Tivemos diversas aulas e encontros para estudar, planejar as atividades a serem realizadas. Organizamos as atividades e o cronograma dos encontros com os alunos do ensino fundamental anos finais. Foi possível observar que estes momentos práticos embasados teoricamente são importantes na formação do aluno do curso técnico de enfermagem, pois são momentos ricos em estudo, discussões, aprendizagem, aplicabilidade dos conhecimentos teóricos na prática. Além disso, podemos verificar que o aluno adolescente/ jovem tem dúvidas, questionamentos e inquietudes que permeiam seu cotidiano em relação à saúde, e o

fato de ter a possibilidade de conversar e trocar vivências com profissionais da área da saúde tem muito significado. O técnico de enfermagem é reconhecido pela sua área de conhecimento, que é a saúde. Frente à proposta pode-se notar que tanto os alunos do curso técnico de enfermagem quanto os alunos do ensino fundamental anos finais puderam aprender, trocar experiências, desafiar-se mutuamente. **Considerações Finais:** O estudo, o aperfeiçoamento, a valorização das vivências, as experiências e a aplicação teórico-prática possibilitam uma formação pautada no conhecimento. Neste contexto, cabe ao docente mediar e propiciar momentos de interlocução entre os diferentes atores. O conhecimento possibilitado aos alunos do curso técnico de enfermagem perpassa o conhecimento científico, pois é pautado em estudos e evidências concretas. Ações de educação em saúde na escola propõem ampliação de conhecimentos, teoria pautada na prática, empoderamento dos alunos e mudanças de hábitos tanto individuais quanto coletivos.

**Palavras-chave:** Docência. Educação em Saúde. Espaço Escolar. Enfermagem.

**Agradecimentos:** À equipe diretiva da Escola de Ensino Médio Otávio Brochado da Rocha- Ijuí-Rs pelo espaço de trocas de conhecimento e aprendizagem.

## DEFICIÊNCIA INTELECTUAL – ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

*Patrícia Regina Hammarstron dos Santos TEIXEIRA<sup>1</sup>*

Pedagoga, Especialista em Educação, Professora da Rede Estadual e Municipal de Ijuí-RS.  
E- mail: prhteix@gmail.com.

A presente pesquisa investiga a relação da aprendizagem e a Deficiência Intelectual no processo de inclusão escolar com o foco na construção da leitura e da escrita. Pensando nos sujeitos com Deficiência Intelectual, procurou-se identificar as expectativas diante da escola regular, concepções sobre a inclusão e processos de alfabetização e letramento desses educandos. Metodologicamente, utilizou-se da pesquisa exploratória, apoiando-se em estudos bibliográficos e na observação de produções escritas por educandos com Deficiência Intelectual de diferentes faixas etárias, inseridos na escola regular e Atendimento Educacional Especializado no contraturno. A pesquisa revelou nuances e problemas enfrentados na alfabetização. Foi preciso entrar numa “ciranda de métodos”, propostas e metodologias de ensino, a partir de autores como Batista (2006), Soares (2004), Costa Val (2006) e Teberosky (1995), para compreender as dificuldades enfrentadas pela escola na prática de ensinar aqueles cuja aprendizagem se dá de forma diferente do que convencionalmente se espera. Segundo Mantoan (2007), a deficiência intelectual não se esgota na sua condição orgânica e/ou intelectual nem pode ser definida por um único saber. Ela é uma interrogação e objeto de investigação de inúmeras áreas do conhecimento. A inclusão da Pessoa com Deficiência é um fato. Historicamente passou por diferentes momentos para se efetivar. Ainda há dificuldades e problemas como não considerar a diversidade, propor uma única forma de ensino/aprendizagem/avaliação, ignorar individualidades. Conforme Gomes (2007), o aluno com deficiência tem dificuldade

de construir conhecimento como os demais e de demonstrar a sua capacidade cognitiva, principalmente nas escolas que mantêm um modelo centralizado e conservador de ensino. Essas apenas acentuam a deficiência. Contudo, a escola está buscando aprender na diferença. Assim, de acordo com Freire (1990), ensinar a ler o mundo, a realidade, precede a aprendizagem da leitura e da escrita formal, e é tão importante quanto. Tornar o sujeito autônomo e capaz de utilizar as informações e conhecimentos construídos na interação social com consciência e criticidade é, também, um papel da escola, para além do ler e escrever as letras. A inclusão das diferenças possibilita aprendizagens mais significativas aos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, humanizando o ser e estar em sociedade.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Aprendizagem. Deficiência Intelectual.

**Agradecimentos:** Agradeço a todos os professores e demais profissionais da Instituição de Ensino que possibilitaram a observação e realização da presente pesquisa.

## EU SOU ASSIM: EXPERIÊNCIAS CORPORAIS DE CRIANÇAS DA PRÉ ESCOLA

*Luciana BARBOSA<sup>1</sup>; Denise Raquel ROHR<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Cruz Alta – Unicruz; Pós-Graduada em Educação Especial e Educação Inclusiva pela Faculdade América Latina. Professora da Pré-Escola da Rede Pública Municipal de Ijuí RS. <sup>2</sup>Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Ijuí RS.

Professora da Rede Pública Municipal de Ijuí RS.

E-mails: lpbdark@gmail.com; deniseraquelrohr@yahoo.com.br.

Nós constituímos e reconhecemos como seres humanos na relação com os outros, pois, conforme Fensterseifer (2001), “não nascemos humanos”, mas nos tornamos humanos pela educação e pelas experiências que temos. Então, nossa existência no mundo nos exige que sejamos sujeitos de experiências, conosco, com os outros e com o mundo que nos rodeia. Dessa forma, este trabalho é resultado do projeto “Eu sou assim” desenvolvido com a turma da Pré-Escola II, com crianças de cinco e seis anos, da Escola Municipal Fundamental Anita Garibaldi de Ijuí RS, no ano de 2016. Partindo da indagação de um aluno “somos diferentes dos bonecos?”, incentivamos as crianças a pesquisar a resposta para tal pergunta, ao proporcionar-lhes diversos momentos de discussões e aprendizagens. Utilizamos da releitura da literatura “O boneco de gengibre”, para despertar ainda mais sua curiosidade. As crianças tiveram vivências de confecção de bonecos com materiais diversos, desenhos do próprio corpo e do corpo dos colegas, pesquisas na biblioteca da escola, entrevistas com os pais, atividades de movimento explorando as partes do corpo e os limites do mesmo, confecção de um convite para que uma das mães viesse para a escola e participasse da confecção de bonecos de biscoito, sendo esta última a atividade mais significativa para as crianças. Destacamos que a exploração do próprio corpo, aspectos físicos, membros superiores e inferiores, internos e externos, diferenciação de gênero, constroem a relação de autoconhecimento e conhecimento do ser humano, segundo a Proposta Curricular

Tempo e Espaço de ser Criança da Educação Infantil, da rede pública municipal de Ijuí RS. Sendo assim, após muitas discussões, pesquisas, observações, experimentações e comparações, as crianças reconheceram-se efetivamente como ser humano ativo no mundo em que vivem, diferentemente dos bonecos. Acreditamos, assim, que a criança precisa experienciar, apropriar-se e reconstruir suas vivências a partir da interação com o meio, com os adultos e com as outras crianças.

**Palavras-chave:** Experiência. Corpo. Educação Infantil. Ser Humano.

## O MAL-ESTAR DOCENTE COMO SINTOMA CONTEMPORÂNEO

*Franciele Mirian da ROCHA<sup>1</sup>; Edinara PIMENTEL<sup>2</sup>;  
Sabrina Pereira Veloso LEAL<sup>3</sup>; Raíssa SCHADECK<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Autora. Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – UNICRUZ. Graduada em Psicologia – URI Santo Ângelo. Pós-graduanda em Arteterapia – UPF; <sup>2</sup>Coautora. Pós-graduanda em Artes Visuais – Faculdades de Jacarepaguá. Graduada em Artes Visuais – UERGS/FUNDATE Montenegro; <sup>3</sup>Coautora. Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – UNICRUZ. Graduada em Direito – UNICRUZ; <sup>4</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da URI Santo Ângelo. Graduada em Direito – URI Santo Ângelo.

E-mails: fmr. psico@hotmail.com; edinarapimentel@gmail.com; sabrinavelosoleal@hotmail.com; schadeck. raissa@gmail.com.

Este resumo tem como objetivo discutir, por meio de pesquisa bibliográfica e qualitativa, o mal-estar docente como sintoma na contemporaneidade. A falta de infraestrutura nas escolas, a má remuneração, as relações de poder e as cobranças curriculares e extracurriculares são alguns dos fatores que causam o mal-estar docente. Tendo em vista que saúde é um estado de bem-estar físico, mental e social, nota-se que profissionais vêm adoecendo até atingir seu limite em todas estas esferas. A entrada da mulher no mercado de trabalho foi um passo importante, mas trouxe consigo consequências negativas para os professores. Muitas responsabilidades familiares foram delegadas ao professor, como, por exemplo, a transmissão de valores às crianças, sobrecarregando-o de funções. Outro fator estressor da profissão é o advento das novas tecnologias, que colaboram no processo educativo, mas, por vezes, cativam o aluno mais do que os recursos internos do docente. A mudança nas relações de poder também são consideradas prejudiciais para o docente. O modelo de educação de décadas atrás permitia o uso de violência em sala de aula, e a relação professor-aluno era pautada pela autoridade. Hoje, felizmente, com a modificação das leis, não se pode mais fazê-lo, porém, o aluno muitas vezes se vê numa posição dominante, perdendo o respeito para com o educador. As relações de poder deveriam ser lineares, horizontais, permitindo a troca de

conhecimentos professor-aluno. É essencial que se tenha uma atenção maior voltada ao professor, com vistas a colaborar com seu processo de qualidade de vida. À medida que se fizerem melhorias na infraestrutura das instituições de ensino e na remuneração dos docentes, bem como se realizarem capacitações que deem conta das novas demandas, o professor se sentirá menos sobrecarregado negativamente. Além disso, é necessária uma reforma na educação que se volte a valores como solidariedade, igualdade e liberdade e que cultive cidadãos humanos e políticos. Assim, é imprescindível que se capte o ser humano na totalidade de sua situação de vida, reconhecendo as condições nas quais se encontra, para, assim, transformar o mal-estar docente em bem-estar.

**Palavras-chave:** Mal-Estar Docente. Professores. Qualidade de Vida.

## HORTA NA ESCOLA. SEMEANDO E CRESCENDO JUNTOS

*Jeane PAGUIAR<sup>1</sup>; Lilia C. P. TEICHMANN<sup>2</sup>; Marlene PRZYLINSKI<sup>3</sup>;  
Maira Cristiane W. ROSÁRIO<sup>4</sup>; Marilei da Costa SOARES<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Professora da rede Municipal de Ijuí, graduada em Pedagogia pela UNICRUZ, Universidade de Cruz Alta; <sup>2</sup>Professora da rede Municipal de Ijuí, graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ, pós-graduada em Psicopedagogia pela FAGEP, pós-graduada em Coordenação Pedagógica UFRGS;

<sup>3</sup>Acadêmica do 3º semestre do curso de pedagogia PARFOR, UNICRUZ, Universidade de Cruz Alta; <sup>4</sup>Professora da rede Municipal de Ijuí, graduada em Ciências Biológicas, pós-graduada em Psicopedagogia; <sup>5</sup>Professora da rede Municipal de Ijuí, graduada em Letras, pós-graduada em Coordenação Pedagógica UFRGS.

E-mails: jeaneaguiarp@yahoo.com.br; liliateichmann@hotmail.com; marleneprzynski@gmail.com; mcwrosario@yahoo.com.br; maryleicosta@yahoo.com.br.

O projeto “Horta na Escola, Semeando e Crescendo Juntos” vem sendo realizado em uma Escola de Educação Infantil no município de Ijuí/RS. Teve início em 2016 com a intenção de sensibilizar e oportunizar às crianças momentos intensos de pesquisa, despertando na criança, de forma lúdica, interesses por contextos ligados à preservação do meio ambiente e ao cuidado com a terra. Sendo a escola um ambiente onde as relações vivas e complexas estão sempre em constantes mudanças, observamos o quanto é importante que o ambiente escolar seja preservado. Sendo assim, escolhemos um espaço que não estava sendo aproveitado de forma produtiva, mas apenas sendo usado como acúmulo de folhas e galhos de árvores, entre outros detritos. Aos poucos, o espaço foi criando forma, e todos, de uma maneira ou de outra, são responsáveis em preservar esse ambiente, tornando esse espaço um lugar de pesquisa e conhecimento para a criança. Lá ela aprende a valorizar o ambiente escolar, ajuda a plantar e colher seu próprio alimento e, assim, desenvolver o hábito de uma alimentação saudável; também ensina a criança a realizar pequenas tarefas, que envolvam as ações de cooperação, solidariedade e ajuda na relação consigo e com os outros. O projeto tem a intenção de mostrar a importância da escola como espaço de ensinar e aprender, sendo indispensável que, desde a educação infantil, primeira etapa da

educação básica, haja o envolvimento de todos na preservação do meio ambiente evidenciando atitudes mais saudáveis na condição e qualidade de vida. Ficou claro que os alunos da educação infantil demonstraram grande interesse e curiosidade por temas relacionados à natureza, e essas possibilidades geram situações de aprendizagem reais e diversificadas. Constatou-se que a criança por si própria é curiosa e observadora, e sua aprendizagem se dá através das descobertas que faz e das relações que estabelece com os outros. Servindo de multiplicadores, levam o que aprendem na escola para casa e, deste modo, a influência da horta não se restringe à escola. Criando condições para que as aprendizagens aconteçam e ocorram com qualidade, as vivências se tornam fundamentais.

**Palavras-chave:** Educação. Aprendizagem. Preservação.

## FOME POR LER

*Tauana Oliveira CORRÊA<sup>1</sup>; Tatiana Luiza RECH<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Pedagogia – Licenciatura. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Professora orientadora. Unidade de Cruz Alta. UERGS.  
E-mails: tauana.oliveiracorrea@gmail.com; tatianarech@yahoo.com.br.

O presente trabalho intitulado “Fome por ler” pretende expor aos alunos a importância da leitura, incentivando práticas que estimulem esse hábito entre as crianças e suas famílias. Compreendendo o porquê dos alunos não conseguirem-lhes desenvolver o gosto pela leitura, foi necessário apresentar-lhes diferentes gêneros textuais, desenvolvendo atividades práticas de criação de histórias utilizando diferentes formas de escrita. As aplicações estão sendo desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Gabriel Álvaro de Miranda, localizada no Município de Cruz Alta/RS, desde o mês de março de 2017 e estão em pleno desenvolvimento. O que impulsionou a realização deste projeto foram as observações realizadas em duas escolas públicas do município de Cruz Alta/RS, onde se pode perceber a falta do gosto pela leitura por parte dos alunos. Muitas das crianças não leem nem um livro no decorrer do ano por vontade própria, sendo que muitos dos professores da rede pública de ensino têm consciência desta situação crítica. Alguns alegam que não conseguem dar a devida atenção à leitura, pois possuem pouquíssimo tempo para desenvolver os conteúdos obrigatórios e perdem muito tempo com questões burocráticas. Assim, para modificar essa realidade, é necessário que a escola desenvolva, no aluno, o gosto pela leitura e o faça compreender a importância dela no seu dia a dia, já que é através da leitura que formaremos alunos conscientes de suas responsabilidades sociais e individuais, pois uma das grandes bandeiras da maioria das escolas públicas é formar bons cidadãos, conscientes de seus direitos e deveres, cidadãos responsáveis e ativos que poderão mudar e melhorar a realidade em que vivem. É somente com práticas de leituras

efetivas nas escolas que poderemos de fato melhorar a educação brasileira. Ao encontro disso, metodologicamente este trabalho contempla atividades práticas e lúdicas que são realizadas individualmente e coletivamente, a fim de incentivar o gosto pela leitura, a partir de um trabalho que envolve diversos materiais, introduzindo temas e questões que estão presentes no cotidiano dos alunos. Como resultados iniciais já podem ser constatadas a participação efetiva da turma, a desconstrução de alguns paradigmas, além de mudanças de hábitos e atitudes.

**Palavras-chave:** Importância da Leitura. Cotidiano Escolar. Práticas Efetivas.

## **AÇÕES SUSTENTÁVEIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HORTA ESCOLAR E PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS.**

*Magali GOMES<sup>1</sup>; Vânia Lucia BERTON<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Graduada em pedagogia UNIJUI, Pós-graduada em Educação Especial e Educação Inclusiva UNINTER, Professora de Educação Infantil e Anos Iniciais na Rede Municipal de Ijuí; <sup>2</sup>Graduada em Ciências Biológicas UNIJUI, Professora de Educação Infantil e

Anos Finais na Rede Municipal de Ijuí.

E-mails: magalipim@hotmail.com; vlberton@bol.com.br.

A Educação Infantil no espaço escolar promove o desenvolvimento da criança e sua percepção como sujeito ativo inserido em um contexto social. Nesse sentido, as aprendizagens adquiridas na infância serão significativas para a construção da identidade da criança como sujeito pensante, reflexivo, crítico e participativo. A educação ambiental está presente no currículo escolar da Educação Infantil e possibilita a realização de práticas pedagógicas que despertem a sensibilização para a preservação do ambiente. Nesse contexto, desenvolvemos com a turma da pré-escola a construção da horta escolar. A atividade possibilitou estimular a alimentação saudável e conscientizar sobre a importância da produção de alimentos orgânicos. A horta da pré-escola foi construída pelas crianças da turma e seus pais. Encontra-se localizada em uma área externa próxima à escola. Seus canteiros representam a estrutura de uma flor, e as divisões entre os canteiros são formadas por garrafas plásticas coloridas. Dentro de cada canteiro foram plantadas diversas hortaliças. As crianças acompanham o desenvolvimento das mesmas todas as semanas. Retiram plantas daninhas dos canteiros, regam, fazem a colheita do que já pode ser consumido, observam e registram o desenvolvimento do que está sendo produzido. A manutenção da horta depende do envolvimento das crianças. As colheitas realizadas até o momento são utilizadas na merenda escolar para a turma, que também leva para casa uma amostra do que está sendo

cultivado, estimulando as crianças a consumir legumes e verduras, essenciais para uma alimentação saudável. Os produtos da horta escolar são orgânicos, sem uso de agrotóxicos. Assim, as atividades referentes à horta escolar estimulam as crianças para o consumo de alimentos saudáveis, ações sustentáveis no ambiente e preservação dos recursos naturais disponíveis.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Educação Ambiental. Alimentação Saudável.

## REDAÇÃO CIENTÍFICO-ACADÊMICA (DES) COMPLICADA E FORMAS DE DIVULGAÇÃO

*Ricardo Eugenio DILL<sup>1</sup>; Dioni Maria dos Santos PAZ<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Biólogo - UFSM e Tecnólogo em Agroindústria - UERGS. Técnico de laboratório da Região III da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Unidade em Cruz Alta.

<sup>2</sup> Doutora em Letras: Estudos Linguísticos - UFSM. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Unidade em Cruz Alta.

E-mails: ricardo-dill@uergs.edu.br; dioni-paz@uergs.edu.br.

A linguagem é a aptidão dos humanos que permite a capacidade de expressar algo, os seus sentimentos, a manifestação de opiniões e desejos e também a troca de informações. A escrita e a oralidade são as formas mais amplas e eficientes para tais objetivos; no entanto, elas seguem estruturas para a organização de ideias, através de gêneros textuais bem característicos. Na academia, temos padrões de textos específicos. Esses padrões textuais, muitas vezes, são barreiras aos acadêmicos novatos, em decorrência da falta de familiaridade e da ausência de uma direção sobre quais instrumentos utilizar. Observando essas adversidades, ofereceu-se o Curso de Inverno: Redação Científico-Acadêmica (des)complicada e formas de divulgação, no recesso de inverno da UERGS. Realizaram-se discussões sobre as normas para elaboração de gêneros de textos como: Resumos Acadêmicos, Resenhas Críticas, Artigos Científicos, Comunicação Oral e Pôster Científico. O objetivo foi orientar os acadêmicos em atividades de leitura, de produção e de exposição de conteúdo. O curso teve duração de 30 horas, com um total de 15 participantes concluintes. A dinâmica do curso envolveu atividades expositivas, práticas de elaboração de resumo acadêmico, de 250 palavras, e uma resenha crítica. Os alunos também criaram uma apresentação-padrão de tema livre para realizar uma comunicação oral no último dia do curso. Ao final do curso, pôde-se observar nos participantes uma evolução do conhecimento sobre as estruturas que compõem cada forma acadêmica de escrita ou divulgação. Para muitos, a barreira

de não saber como fazer foi desfeita, restando agora iniciar a escrever as suas futuras publicações. Os textos acadêmicos são de fato complicados e até muito difíceis para os acadêmicos em qualquer nível da graduação. No entanto, esses gêneros possuem características próprias para serem universais a todos os interessados da área e, especificamente, do nosso contexto universitário. Nessa perspectiva, para obtermos produções melhores, devemos ler, escrever, reler e escrever continuamente, a fim de produzirmos os gêneros de textos adequados a cada situação discursiva.

**Palavras-chave:** Curso de Férias. Gêneros de Textos. Redação Acadêmica.

## BIBLIOTECA ESCOLAR: UM ESPAÇO DINÂMICO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

*Laís Braga COSTA<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Bacharel em Biblioteconomia (FURG).

Bibliotecária no Instituto Federal Farroupilha Câmpus São Vicente do Sul.

Email: lbc.biblio@gmail.com.

Ao pensarmos a inclusão social, logo somos remetidos a refletir sobre o caráter emancipatório que a educação exerce, tornando-se um elemento fundamental para que novos paradigmas sejam estabelecidos socialmente. Nesse sentido, o presente trabalho aborda a atuação da biblioteca do Instituto Federal Farroupilha – câmpus São Vicente do Sul, através da realização do projeto rodas de conversa, como uma ferramenta de inclusão. As rodas de conversa da biblioteca foram realizadas em 2015, com o objetivo de promover discussões acerca de temas relacionados à inclusão e também de fomentar o hábito da leitura, entendendo-se que é possível uma biblioteca atuante na comunidade em que está inserida, capaz de contribuir como um agente de transformação social. As rodas de conversa da biblioteca se constituem como um espaço democrático de diálogo. A metodologia de trabalho utilizada parte da escolha de um tema por semana, e no espaço da biblioteca os participantes (alunos, servidores e comunidade externa), sentados em círculo, conversam de maneira informal sobre as questões que permeiam o tema central que, por sua vez, é discutido pelo grupo com a colaboração de um mediador que tem a função de contribuir com o debate através de conhecimentos teóricos ou práticos sobre os temas tratados. Para desenvolver este trabalho, adotou-se a pesquisa qualitativa bibliográfica, elegendo-se referenciais como: Brasil (2008); Mello e Araújo (2007); Campelo et al. (2002) e Morin (2005), dentre outros. Durante as rodas de conversa realizadas na biblioteca, foi possível perceber a possibilidade de interação sobre temas relacionados à inclusão

social com obras de literatura e demais materiais bibliográficos disponíveis no acervo da instituição. A partir do conhecimento do grupo que compõe as rodas de conversa, as inquietações e proposições dos participantes podem ser partilhadas, o que possibilita que haja o sentimento de pertencimento diante do conhecimento que está sendo construído na instituição de ensino.

**Palavras-chave:** Inclusão Social. Biblioteca Escolar. Rodas de Conversa.

## O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DA FORMAÇÃO CONTINUADA

*Lidiani Francieli Cavinato DALL'OSTO<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professora e Coordenadora Pedagógica da E. M. F. Davi Canabarro,  
da Rede Municipal de Ensino de Ijuí.  
E-mail: lididoju@hotmail.com.

A palavra formação continuada, muitas vezes, causa desconforto e desconfiança nos grupos de professores inseridos nas escolas. Isto porque, quando nos dispomos a refletir, conversar e repensar as práticas pedagógicas que vivenciamos na escola, isto causa inquietação. É fundamental, então, que o coordenador pedagógico consiga transformar esta inquietação dentro de seu grupo de professores em possibilidades de trocas e aprendizagens entre os pares. Assim, cabe ao Coordenador Pedagógico oportunizar na escola momentos de estudo voltados para os interesses da rotina da Educação Infantil, trazendo temáticas pertinentes ao cotidiano de sala de aula. Desta maneira, enquanto coordenadora pedagógica da Educação Infantil da Escola Municipal Davi Canabarro, desafiei o grupo de professores a se desacomodar, mudar de foco, aprimorar o olhar para as crianças, utilizar o registro fotográfico como um aliado nas documentações pedagógicas e suportes para a avaliação de aprendizagens realizadas pelas crianças. É importante relatar que a utilização da fotografia como suporte na escola foi um passo dado lentamente, pois fotografar por simples registro não era a ideia da proposta. Então foram oportunizados momentos de estudo em que se criaram espaços tematizados com fotografias, encaminhamentos de experimentações fotográficas com as crianças e posteriormente avaliação destas imagens captadas e a possibilidade de aprimorá-las e utilizá-las como um suporte pedagógico. Assim, momentos diferentes de formação continuada foram oportunizadas com este grupo da escola, com dinâmicas e diferentes experimentações e interações com fotografias próprias e também de outros colegas

que aceitaram compartilhar seus registros. Assim, fica a certeza de que esta formação na escola oportunizou muitas aprendizagens no grupo, aos que se desafiam a desacomodar-se e rever sua prática pedagógica. Ressalta-se também a necessidade de nós, professores de Ed. Infantil que estamos nas escolas de Ens. Fundamental, também estarmos inseridos nestes momentos de formações pertinentes à criança, porque indiferentemente do prédio em que ela está matriculada, ela nunca deixa de ser criança, e algumas vezes o espaço que nós adultos ocupamos nos deixa com a “visão” meio embaçada e as lentes de nossas “câmeras internas” sem a capacidade de registrar boas fotografias.

**Palavras-chave:** Formação Continuada. Coordenador Pedagógico. Professores. Educação Infantil.

## PESQUISA QUE SURGE DO INTERESSE DAS CRIANÇAS

*Lidiani Francieli Cavinato DALL'OSTO<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professora e Coordenadora Pedagógica da E. M. F. Davi Canabarro,  
da Rede Municipal de Ensino de Jjuí.  
E-mail: lididoju@hotmail.com.

A importância da escuta das crianças oportuniza aliar saberes pertinentes no fazer pedagógico ao desejo e prazer que estas trazem consigo e manifestam cotidianamente. Partindo de questionamento levantado em um momento de pracinha, e posteriormente explorado em roda de conversa, surgiu o interesse: “Profe, podemos estudar o circo?”. Motivados pela chegada de um circo que se instalou próximo à escola, era impossível não observar as lonas coloridas e estreladas, o vai e vem das pessoas que agitavam as tardes na pracinha. Assim, foi importante acolher e mediar as curiosidades e dúvidas apontadas pelas crianças, mediando estas situações de aprendizagens e muitos momentos lúdicos e mágicos que o circo conseguiu oportunizar. Assim, a partir do interesse que aumentava e contagiava a todos da turma do Pré 2 (crianças 5 a 6 anos), as questões de pesquisa, dúvidas, afirmações e curiosidades motivavam a construção de um projeto de pesquisa com o objetivo principal das crianças descobrirem sobre a rotina do circo: Onde moram os artistas do circo? Palhaço tem outra profissão? Existem crianças que moram no circo? Eles só comem comida de circo? Porém, o objetivo que me motivava enquanto educadora daquele grupo de crianças era explorar a pesquisa partindo de temática interessante ao grupo. Como o circo estava próximo à escola, realizamos visita, sendo que as crianças puderam realizar entrevistas com os moradores do circo, respondendo a muitos questionamentos e dúvidas trazidas nas conversas. Também as famílias se envolveram nas pesquisas e envio de materiais para a escola, contribuindo com as aprendizagens possibilitadas. Foi realizada visita a uma escola que atende crianças no turno inverso ao da escola e oportuniza oficina

de arte circense. Assim, as crianças envolvidas no projeto puderam experimentar aparelhos circenses. Ao fim, realizou-se uma noite especial com a comunidade escolar, apresentando o projeto explorado e as aprendizagens que o mesmo oportunizou durante o período em que o interesse foi o motivador. É possível fazer uma avaliação positiva ao desenvolver esta vivência, mas principalmente a possibilidade de escutar na fala da criança a oportunidade de aliar o interesse infantil ao lúdico e às possíveis aprendizagens que surgem na rotina da Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Projeto. Aprendizagem. Escola.

## A VALORIZAÇÃO DO MEIO AMBIENTE ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Raquel Madeira SOARES<sup>1</sup>; Henrique Pimentel BEUTLER<sup>2</sup>; Diego Pascoal GOLLE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Bióloga, Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social- UNICRUZ; <sup>2</sup>Biólogo, Especialista em Biologia da Conservação e Tecnologias Ambientais-UNICRUZ;

<sup>3</sup>Biólogo, Dr., Professor Orientador, Docente do PPGPSDS- UNICRUZ.

E-mails: raquelmasoares@gmail.com; hbiobeutler@hotmail.com; dgolle@unicruz.edu.br.

Este trabalho é resultado de leituras acerca do tema central, Educação Ambiental. Tem como objetivo apontar a Educação Ambiental e a sua contribuição para a manutenção da vida no planeta. Compreende-se por Educação Ambiental o processo pelo qual se busca, através da conscientização, a internalização da compreensão e valorização do Meio Ambiente. A crise ambiental que estamos presenciando, devido à crescente degradação dos recursos naturais de que dispomos, reflete diretamente na condição de vida; para que ocorra uma mudança significativa, são necessárias reflexões sobre os desafios nas formas de pensar e nas ações em torno das questões ambientais perpassando uma perspectiva contemporânea. A metodologia adotada para este estudo é a revisão bibliográfica; seu aporte teórico é baseado em autores como Ruscheinsky (2004, 2012), Reigota (2004) e Freire (1996). Estes autores contribuem para a compreensão da prática pedagógica unindo a valorização do Meio Ambiente, permitindo que o ser humano se encontre com a natureza e tudo que nos cerca, despertando sentimentos de envolvimento e reflexão.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Ensino. Meio Ambiente.

## O DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM A SER ESTIMULADA: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO “DONA MAROCA, A MINHOCA RECLAMONA”

*Edinara PIMENTEL<sup>1</sup>; Franciele Mirian da ROCHA<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Autora. Pós-graduada em Artes – FIJ. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais - UERGS/FUNDARTE. Pós-graduanda em Arteterapia – UPF. Autora do livro infantil Dona Maroca, a minhoca reclamona; <sup>2</sup>Coautora. Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – UNICRUZ. Graduada em Psicologia – URI Santo Ângelo. Pós-graduanda em Arteterapia – UPF. E-mails: edinarapimentel@gmail.com; fmr.psyco@hotmail.com.

Por meio de revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa, este trabalho tem como objetivo realizar reflexões sobre a proposta do desenho infantil como linguagem que, ao ser estimulada, irá desenvolver, entre outras habilidades, a autonomia, a criatividade, a expressividade e a individualidade infantil. Muitos professores ainda trabalham com a distribuição de formas prontas de desenho estereotipado. Figuras-chave como personagens de filmes e desenhos do mundo infantil são entregues para serem coloridos pelas crianças. Esse tipo de atividade acaba, não raro, por desestimular o aluno, que se vê inibido ao criar e mostrar sua criação, desejando fazer igual ao modelo apresentando, ou seja, apenas uma cópia. Desta forma, a criatividade do aluno é desvalorizada, bem como sua expressividade e individualidade, que ficam resumidas ao simples ato de copiar. Cria-se, assim, uma falsa zona de conforto, onde há pouca ou nenhuma participação e interatividade da criança com a imagem, salvo pelo aspecto contemplativo. Desafiar a criança a tornar-se ilustrador de uma ideia será para ela uma oportunidade de comprometer-se com uma habilidade fantástica, que está envolvida em todos os processos de aprendizagem, a autonomia. A criança pode ser estimulada também através do conhecimento de outras propostas de formas de desenhar, de artistas e de ilustradores. Até mesmo a forma como os familiares desenham pode servir como ferramentas de pesquisa para que o aluno se sinta encorajado a criar os seus desenhos,

aprimorando esta linguagem, à medida que for encorajado a praticar com estímulos constantes e respeito pelo seu próprio trabalho. Nesse sentido, em 2013, ocorreu o lançamento do livro “Dona Maroca, a minhoca reclamona”, por meio do qual as crianças são convidadas a ilustrá-lo. O livro contém 31 páginas, das quais sete são disponibilizadas para que o leitor faça a ilustração da história. O resultado revela-se surpreendente e motivador: desenhos inéditos e surpreendentes de crianças capazes (sim) de dialogar com a linguagem escrita, usando o desenho como ferramenta de interpretação, comunicação e interação com a proposta. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de proporcionar momentos de livre expressão para as crianças, tendo em vista a riqueza de aprendizados nesta fase desenvolvimental.

**Palavras-chave:** Desenho Infantil. Linguagem. Criatividade. Aprendizagem. Autonomia.

## **AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE HENRI WALLON**

Bruna Katielli Rodrigues FLORENCIO<sup>1</sup>; Caroline da Luz MOREIRA<sup>2</sup>;  
Paola Bueno PEREIRA<sup>3</sup>; Amanda Veriato JOAQUIM<sup>4</sup>; Maria da Graça  
Prediger DA PIEVE<sup>5</sup>

<sup>1,2,3,4</sup>Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>5</sup>Professora e coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia – UERGS/ Cruz Alta.

E-mails: brunakatielli12@gmail.com; carolineluz12@gmail.com; paolabueno56@gmail.com; vveriato@hotmail.com; mariapieve@uergs.edu.br.

O presente artigo foi realizado a partir da apresentação de um seminário em sala de aula sobre os processos mentais. A partir do mesmo, iniciamos a pesquisa sobre os sentimentos no processo de ensino-aprendizagem, com ênfase em Henri Wallon. Através das pesquisas desenvolvidas sobre o desenvolvimento pessoal cognitivo e seus estágios, vê-se o quão importante e significativo torna-se aprofundarmos e pesquisar sobre o campo afetivo, favorecendo assim nossas relações interpessoais. A afetividade refere-se a toda disposição do ser humano em ser afetado pelo mundo; por isso a importância da afetividade no ensino-aprendizagem; de acordo com os estudos de Wallon, todos nascem com suas capacidades que são afetadas pelo meio, e esse meio fará com que cada potencialidade do indivíduo se desenvolva. Para Wallon, desde muito pequenas as crianças sentem-se atraídas pelas pessoas em sua volta, e com isso se tornam-se sensíveis em relação ao próximo e a si mesmo. Partindo de uma perspectiva psicogenética, a teoria de desenvolvimento de Wallon assume que o desenvolvimento da pessoa se faz a partir da interação do potencial genético, típico da espécie, e uma grande variedade de fatores ambientais. O foco da teoria é essa interação da criança com o meio, uma relação complementar entre os fatores orgânicos e socioculturais. Segundo Wallon, a educação humanista só deve ser considerada dessa forma, ao constituir o homem por completo,

mesmo estando repartida por entre os indivíduos, pois o indivíduo pode desenvolver-se para qualquer direção, dependendo do seu aparato biológico e também do local onde vive. Portanto, ao ver a criança como um igual, conforme Wallon propunha, passamos a desenvolver de forma mais ampla o papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem, cultivando as aptidões de nossos alunos. Desta forma, apresenta-se a nós uma tarefa complexa, que requer habilidades e conhecimentos específicos, autoconhecimento e conhecimento do universo social do professor e do aluno, para então tomar decisões comprometidas com a constituição da pessoa do aluno.

**Palavras-chave:** Afetividade. Ensino-Aprendizagem. Desenvolvimento.

## A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

*Tatiana Diel PIRES<sup>1</sup>; Raquel Buzatti, SOUTO<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Bolsista de Iniciação científica do PIBIC/UNICRUZ denominado “A Condição Sociocultural da Mulher e a Nova Lei do Feminicídio (Lei nº 13. 104/2015)”. Curso de Direito. Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ); <sup>2</sup>Professora Orientadora. Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

E-mails: tatiana\_diel@hotmail.com; rsouto@unicruz.edu.br.

O presente trabalho explanará sobre a violência de gênero, as principais leis que visam garantir a proteção das mulheres e a necessidade de uma educação direcionada a essas questões. Utilizar-se-á o método dedutivo por meio de pesquisa bibliográfica para desenvolver o estudo. O processo de subordinação do gênero feminino teve origem ainda nos primórdios da humanidade e mantém suas raízes patriarcais até os dias atuais, fator que acaba por impulsionar a violência contra a mulher. A Lei n.º 11.340/2006, conhecida popularmente como “Maria da Penha”, foi um grande marco na luta contra a violência de gênero e inovou quanto à punição do agressor e assistência das vítimas. Porém, apesar de sua relevante importância, não foi suficiente para coibir a prática de atos violentos contra as mulheres, pois os índices nesse sentido são alarmantes e aumentam a cada dia. De acordo com o Mapa da Violência de 2015, o Brasil ocupa a 5ª posição na lista de países com as maiores taxas de homicídios de mulheres no mundo, num ranking com 84 países. Ademais, o IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2013) promoveu um mapeamento da violência contra a mulher no território nacional, analisando o período entre 2001 a 2011, e registrou a existência de 50.000 mil feminicídios no Brasil, concluindo que, em média, ocorrem 15,52 a cada dia, ou uma morte a cada 1h30. Diante desse cenário, em março de 2015, foi promulgada a Lei n. 13.104; por meio dela o feminicídio passou a ser considerado uma circunstância qualificadora do crime de homicídio, o qual decorre exclusivamente por questões de gênero, ou seja, quando é praticado

por discriminação ou menosprezo à condição de sexo feminino. Assim, conclui-se que a legislação tem avançado visando proteger as mulheres vítimas de violência; contudo, tem-se que apenas a lei não está sendo um mecanismo eficaz para reduzir tais índices, isso porque a punição não é o caminho mais adequado; faz-se necessária uma conscientização, a qual só será alcançada por meio da educação, sendo de extrema importância incluir, nos debates escolares e universitários, pautas e projetos envolvendo o tema.

**Palavras-chave:** Femicídio. Gênero. Mulher. Lei. Violência.

## VIVÊNCIA: UM DIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

*Carla Fabiana Cardoso da SILVA<sup>1</sup>; Francieli Telles de ANDRADE<sup>2</sup>;  
Maria da Graça Prediger DA PIEVE<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Bolsista de iniciação à docência - Pibid e acadêmica do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Bolsista de iniciação à docência - Pibid e acadêmica do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>3</sup>Professor orientador/ Unidade Cruz Alta, UERGS.

E-mails: carlafabianacs47@gmail.com; fratelles@gmail.com; maria-pieve@uergs.edu.br.

O presente projeto de pesquisa “**Vivência: Um dia na Escola de Educação Infantil**” está vinculado ao Componente Curricular “Organização do cotidiano e ação pedagógica na Educação Infantil”, do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, e teve por **objetivo** conhecer e estudar o cotidiano da Escola de Educação Infantil no que se refere à organização do tempo, isto é, à rotina escolar. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 54-55), a rotina representa a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas, e pode ser agrupada em três grandes modalidades de organização do tempo: 1) atividades permanentes; 2) sequência de atividades; 3) projetos de trabalho. **Metodologicamente**, tratou-se de uma pesquisa de campo, e a coleta de dados foi realizada no espaço da sala de aula através da observação participante e entrevista não estruturada à professora. A observação participante consiste em interagir junto à turma pesquisada, auxiliando a professora e as crianças, e foi realizada na EMEI Dona Amélia, situada no município de Cruz Alta. A escola atende o berçário, maternal A e B, duas Pré-Escolas, sendo uma em anexo na escola EEEF Gabriel Álvaro de Miranda. A turma estudada e observada foi a Pré-Escola “A”, no turno de manhã, composta por 17 crianças e atendida por duas professoras. Como **resultado** da observação, constatou-se que a rotina inclui

atividades permanentes (acolhida na chegada, a televisão, o café, a higiene, o almoço, a brincadeira no pátio e na pracinha, o lanche e a saída). A sequência de atividades incluiu atividades pedagógicas planejadas e orientadas referente ao dia do índio, confeccionando colares com massa de modelar, pintando o cocar e o rosto. Realizaram também um desenho ilustrativo da canção “indiozinhos”. Com relação aos projetos de trabalho, a professora afirmou que estão trabalhando “A família e datas comemorativas”. **Conclui-se** que a Escola de Educação Infantil observada procura organizar seu tempo didático envolvendo os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas, conforme as orientações legais. Também se percebeu a dedicação das professoras e o quanto ela faz a diferença na vida de cada criança.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Rotina Escolar. Crianças.

**Agradecimentos e fontes de financiamento:** Este trabalho contou com financiamento do Pibid/Capes, por meio de bolsa de Iniciação à Docência.

**A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS,  
TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO E  
ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM ESCOLAS  
DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CRUZ  
ALTA/RS**

*Ana Luiza Barbosa MACIEL<sup>1</sup>; Tatiana Luiza RECH<sup>2</sup>;  
Helenara Machado de SOUZA<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Pedagogia - Licenciatura. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); <sup>2</sup>Professora orientadora. Unidade de Cruz Alta. UERGS. <sup>3</sup>Professora co-orientadora. Unidade de Cruz Alta. UERGS.

E-mails: analuizamaci90@gmail.com; tatianarech@yahoo.com.br; helenara25@gmail.com.

A inclusão das crianças com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas instituições públicas de ensino é extremamente importante para o desenvolvimento integral da criança. Em virtude disso, pretende-se pôr em prática a presente pesquisa, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no componente curricular “Pesquisa em Educação-Trabalho de Conclusão de Curso I”, no Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, realizado na Uergs, unidade de Cruz Alta/RS. A investigação objetiva conhecer o processo de inclusão de crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação em escolas de Educação Infantil e demais instituições que possuem turmas de pré-escolas da rede pública de ensino no município de Cruz Alta/RS e, ainda, verificar quais as práticas desenvolvidas pelos professores em sala de aula. Como metodologia será realizada uma pesquisa de campo — mapeamento — em todas as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Cruz Alta/RS. O instrumento de pesquisa terá a aplicação de questionários aos professores e à equipe diretiva destas EMEIs, a fim de verificar quantas crianças incluídas se encontram nessas

escolas, e, também, a realização de entrevistas com membros da Secretaria Municipal de Educação, responsáveis pela Educação no município de Cruz Alta/RS. A análise de dados será a partir da construção das categorias de análise, após a aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Assim, os instrumentos serão organizados através de tabelas e quadros analíticos que destacarão as principais recorrências e os achados da pesquisa. Considera-se que, com a realização desta proposta de pesquisa, será possível perceber como está ocorrendo o processo de inclusão dessas crianças na rede pública de ensino infantil e, também, como os professores estão trabalhando “práticas inclusivas” em sala de aula, visando a uma educação de qualidade para todos.

**Palavras-chave:** Inclusão. Educação Infantil. Práticas Inclusivas.

## **GRUPO DE TEATRO DA UERGS SÃO LUIZ GONZAGA: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS PELOS BOLSISTAS**

*Elisabete de Fátima Silveira da ROSA<sup>1</sup>; Andrisa Kemel ZANELLA<sup>2</sup>;  
Viviane Maciel Machado MAURENTE<sup>3</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia – Licenciatura da UERGS/bolsista voluntária PROEX/Unidade de São Luiz Gonzaga; <sup>2</sup>Co-orientadora Professora da Universidade Federal de Pelotas; <sup>3</sup>Orientadora Professora do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Esse relato tem por objetivo falar sobre as experiências vivenciadas pelas bolsistas no projeto de extensão: “Grupo de Teatro da Uergs de São Luiz Gonzaga: outros modos de saber e fazer a formação”, que foi realizado de junho de 2015 a dezembro de 2016 com coordenação da Professora Dra. Andrisa Kemel Zanella. Teve por objetivo direcionar uma proposta de trabalho voltada para a formação do sujeito, futuro professor, tanto no aspecto pessoal quanto profissional, integrando a comunidade escolar de São Luiz Gonzaga. O projeto foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Amália Germano de Paula e Escola Municipal de Ensino Fundamental Centenário, focando o teatro como linguagem potente a perpassar a formação do sujeito. O projeto contemplou como metodologia de trabalho uma proposta experimental voltada ao corpo, aos jogos e à improvisação teatral. Os encontros foram ministrados pela coordenadora do projeto e ocorreram semanalmente, sendo público-alvo acadêmicos do Curso de Pedagogia e comunidade em geral acima de 12 anos. Como resultado, conseguimos observar a integração entre os participantes, compreensão das artes cênicas para além do espetáculo teatral, apropriação e reconhecimento do potencial expressivo e criativo de cada um, ampliação da maneira de olhar e perceber o mundo. Entretanto, o projeto atingiu seus objetivos, pois houve uma repercussão pessoal, formativa e social, estreitando os laços entre Universidade e a comunidade sãoluizense e região. Em 2017, pretende-se dar continuidade ao projeto levando os jogos teatrais e a improvisação para as turmas do curso de

Pedagogia da UERGS-São Luiz Gonzaga. Será coordenado pela Professora Dra. Viviane Maurenre, planejado e executado pelos bolsistas sob a orientação da Professora Dra. Andrisa Kemel Zanella. A ação procurará socializar, interagir e trabalhar o lado cênico dos integrantes, potencializando sua formação pessoal e profissional, procurando fazer a diferença na educação, dando visibilidade e levando a Universidade para dentro da comunidade.

**Palavras-chave:** Teatro. Formação. Educação.

**Fontes de Financiamento:** Este trabalho contou com financiamento do PROEX, por meio de bolsa de IC.

# A INFLUÊNCIA DOS JOGOS INTERATIVOS NO COTIDIANO DE UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

*Andréa Andriola VALIM<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Mestrado em Ciências da Educação. Área de Especialização em Tecnologia Educativa.  
Orientadores: Prof. Dr. Antônio José Meneses Osório/ Universidade do Minho;  
Prof. <sup>a</sup> Dra Gladis Falavigna/Uergs.  
Email: andrivalim@yahoo.com.br

Esta dissertação se ancora no interesse e necessidade de aprofundar conhecimentos no sentido de aprimorar a prática docente, refletindo sobre a utilização dos jogos interativos como recursos educativos para o desenvolvimento de alunos com deficiência. O problema de investigação: como contribuem os jogos interativos para o desenvolvimento de uma aluna com deficiência múltipla, na sala de recursos multifuncional no Atendimento Educacional Especializado de uma escola pública da rede estadual de ensino de São Francisco de Paula - RS? O enquadramento teórico desta pesquisa analisa os seguintes aspectos: abordagem das temáticas sobre as pessoas com necessidades educativas especiais; legislação do Ministério da Educação brasileiro relativamente à inclusão; Atendimento Educacional Especializado; uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, e das Tecnologias Assistivas; importância do jogo e da utilização dos jogos interativos; deficiência mental e múltipla. Esta pesquisa é de cunho exploratório, descritivo e explicativo, com base no estudo de caso de uma aluna com deficiência múltipla (mental e física). Como instrumentos da recolha de dados utilizaram-se os seguintes: questionário, entrevista, intervenção, documentação, anotações sobre as atividades com a aluna. Concluiu-se que os objetivos foram alcançados e o problema de pesquisa respondido: é possível obtermos resultados favoráveis com alunos com deficiência múltipla, explorando o potencial dos recursos

tecnológicos e dos jogos interativos, que podem contribuir nesse sentido, desde que bem trabalhados pelo professor. Nesta pesquisa, evidenciaram-se avanços no desenvolvimento cognitivo, de percepção visual e tátil, de concentração, de interesse por atividades no computador, bem como nas atividades do cotidiano em que se focou e, ainda, na coordenação motora, na autoestima e na autoconfiança.

**Palavras-chave:** Inclusão. Atendimento Educacional Especializado. Jogos Interativos.

**MESA-REDONDA**

# A POTÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA POLÍTICA, ÉTICA E ESTÉTICA

*Priscila de Melo BASÍLIO<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela UERG, Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio, Mestre em Educação pela Unirio, Participante do colegiado do Fórum de Educação Infantil Permanente do Estado do Rio de Janeiro e Professora da Escola de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
E-mail: cyla\_basilio@yahoo.com.br

O compromisso com uma formação de professoras e professores que mobilize desejos e afetos, que convide à fruição das artes, que movimente o coletivo e que contribua na construção de relações democráticas é um caminho que potencializa a práxis. Para isso, acredita-se na importância de práticas fundamentadas nos eixos interações e brincadeiras como afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2009). Para desenvolver estas ideias, discutimos à luz da filosofia de Espinosa sobre o que colabora para que, a partir da sua formação, o professor consiga realizar encontros que afetem com alegria as crianças. Para Espinosa (2008), a ação implica o aumento de potência. Isso ocorre à medida que temos ideias adequadas, clareza dos motivos que nos levam a agir, quando atribuímos sentido ao que fazemos, quando temos consciência do que nos afeta, pois, se agimos de modo fragmentado, confuso e sem sentidos pessoais, padecemos. Essa reflexão acontecerá a partir de diferentes experiências de formação como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Formação Docente. Educação Infantil. Interações e Brincadeiras.

## REFERÊNCIAS

ESPINOSA, B. de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE

*Juliane Marschall MORGENSTERN<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Professora do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), em Santa Maria (RS).  
E-mail: juliane.unifra@gmail.com.

Os dados do Censo Escolar mostram um crescimento expressivo das matrículas de alunos em situação de inclusão na educação básica do país, sendo que, de 200 mil pessoas matriculadas na educação básica, 13% delas em classes comuns no final dos anos de 1990 passamos a quase 900 mil matrículas, das quais 79% em classes comuns, no ano de 2014. Tais dados nos colocam diante do desafio de uma atuação docente que contemple as necessidades específicas dos alunos incluídos e, na mesma direção, nos leva a refletir sobre as possibilidades de formação desses professores na consolidação de saberes docentes voltados à inclusão escolar percebida em um sentido mais amplo de relação com o outro. Nessa direção, a discussão que aqui se propõe visa a problematizar o fazer docente para a inclusão no presente a partir de uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão – GEPI/CNPq/UNISINOS, na qual foram coletadas e analisadas narrativas de 42 docentes de 10 capitais brasileiras nos últimos anos. As narrativas foram produzidas em rodas de conversa com grupos de até 8 docentes e também individualmente. Entre as análises realizadas pode-se perceber a existência de modos de se relacionar com o outro no ambiente escolar que não passam necessariamente pela inclusão, ou seja, que não trazem as marcas de uma educação inclusiva, pois a extrapolam em sua realização. Também foi possível verificar a produção de saberes docentes que contemplam uma perspectiva de respeito à diferença e que são provenientes do fazer docente. Considerando esse fazer cotidiano e experiencial, vemos que novas práticas podem se desenhar funcionando como algo que é inovador para a educação e,

principalmente, para a educação inclusiva. Nesse sentido, é preciso que os docentes se mantenham atentos para a inovação que pode decorrer de seus conhecimentos pedagógicos e de sua ação cotidiana visando a qualificar, cada vez mais, as práticas de inclusão escolar na educação básica.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Desafios do Tempo Presente. Prática docente.

## PROJETO PILOTO EDUCAÇÃO COEMPREENDEDOR@

*Claudio FARIAS<sup>1</sup>; Eunice POLONIA<sup>2</sup>; Ivone Maria Marques PALMA<sup>3</sup>; Silvana CORBELLINI<sup>4</sup>; Gládis FALAVIGNA<sup>5</sup>*

<sup>1</sup>Professor (IFRS); <sup>2</sup>Professora (UFRGS); <sup>3</sup>Secretária da Educação (São Francisco de Paula).

<sup>4</sup>Professora (UFRGS); <sup>5</sup>Professora (UERGS).

E-mails: claudio.farias@poa.ifrs.edu.br; profepoloniaufrgs@gmail.com; mivonemaria1905@gmail.com; silvanacorbellini@gmail.com.br; gladisfalavigna@gmail.com.

Este trabalho apresenta um projeto piloto que foi desenvolvido em sete escolas municipais no estado do Rio Grande do Sul no ano de 2016. O objetivo deste projeto foi desenvolver atitudes empreendedoras entre docentes e discentes. Os critérios para a seleção das escolas foi a acessibilidade e possibilidades de infraestrutura. Foi realizado um questionário para diagnosticar o perfil dos respondentes e seu nível de conhecimento sobre a realidade escolar e procurando identificar possíveis elementos a serem desenvolvidos nas atividades de formação dos professores. A partir do diagnóstico, foram planejadas as ações contando com a colaboração das instituições parceiras. Desenvolveram-se metodologias e recursos tecnológicos que possibilitaram aos professores do ensino fundamental, previamente aderentes à realização de projetos que visaram despertar em seus alunos ações inovadoras e empreendedoras respeitando a sua base curricular. As ações efetuadas foram atividades em grupo, precedidas por palestras, englobaram metodologias ativas baseadas na colaboração em rede, estimulando a coaprendizagem, o coempreender, acentuando a parceria dos alunos, o uso das tecnologias e dos ambientes virtuais de aprendizagem, o conhecimento da arte e cultura locais, a educação ubíqua, o trabalho de pesquisa, o ensino de idiomas, as atividades de comércio exterior, entre outras ações. Após o período de formação, os professores retornaram às suas escolas, iniciando os projetos empreendedores com os alunos. Como resultados, foram elaborados projetos inovadores nas escolas, tais como Espanta Mosquito, Ecoturismo, Revisitando o

passado e ressignificando o presente, Horta Escolar. Além destes projetos, detectaram-se resultados agregados, tais como empoderamento dos professores e alunos, maior autonomia nos processos de aprendizagem, mais interação no ambiente escolar e junto à comunidade que se envolveu nos projetos. Desta forma, considera-se que o projeto piloto Educação Coempreendor@ obteve êxito em sua proposta e realização, superando os objetivos iniciais, agregando valores importantes para a sociedade contemporânea, tais como o trabalho colaborativo e cooperativo, a autonomia e o empoderamento dos personagens envolvidos. Pretende-se, a partir desses resultados, realizar ajustes e captar recursos financeiros, visando ampliar o número de escolas partícipes e dar continuidade ao projeto.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Empreendedorismo. Cooperação. Tecnologias Digitais.

## PROGRAMAÇÃO

# II SEMINÁRIO INTERNACIONAL E VIII SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO: DOCÊNCIA EM EVIDÊNCIA - DESAFIOS DO CONTEMPORÂNEO

### PALESTRAS (NOITE)

#### Dia 05/06/2017 (Segunda-feira)

**19h:** Recepção e entrega do material

**19h30min: Cerimonial de Abertura –**

Pró-Reitoria de Extensão/ Direção do Câmpus Regional III/Autoridades locais/ Parceiros do Evento

**20h15min: Videoconferência de Abertura:** “Docência em evidência: desafios da era digital na formação de professores”

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Altina da Silva Ramos (Universidade Minho/ Portugal)

**Mediação:** Prof. Me. Fabricio Soares

#### Dia 06/06/2017 (Terça-feira)

**18h:** Sessão de Pôsteres

**19h: Palestra:** “Contemporaneidade e Currículo”

Prof. Dr. Alfredo Veiga-Neto (UFRGS)

**Mediação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clara Ramos Nery

**20h45min:** Coffee break

**21h:** Sessão de Comunicações Orais

**Mediação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jussara Navarini

#### Dia 07/06/2017 (Quarta-feira)

**18h:** Sessão de Pôsteres

**19h: Palestra:** “Deficiência visual: desafios para a educação inclusiv.”

Dr. João Ricardo Melo Figueiredo (Diretor-Geral do Instituto Benjamin Constant)

**Mediação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiana Luiza Rech

**20h45min:** Coffee break

**21h:** Sessão de Comunicação Oral

**Mediação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Armgard Lutz

### **Dia 08/06/2017 (Quinta-feira)**

**18h:** Sessão de Pôsteres

**19h: Palestra:** “Piaget: desenvolvimento cognitivo, aprendizagem e ensino”

Professor Dr. Fernando Becker (UFRGS)

**Mediação:** Prof. Me. Odilon Stramare

**20h45 min:** Intervalo

**21h:** Sessão de Comunicação Oral

**Mediação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dioni Maria dos Santos Paz

### **Dia 09/06/2017 (Sexta-feira)**

**18h:** Sessão de Pôsteres

**19h: Mesa Redonda:** “Desafios Contemporâneos”

1. Princípios éticos, políticos e estéticos na Educação Infantil. Professora Me. Priscila de Melo Basilio (UFRJ)

2. Educação Inclusiva: Desafios à Prática Docente; Professora Dr<sup>a</sup>. Juliane Marschal Morgenstern/ Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)

3. Projeto Piloto Educação Compreendedora – Claudio FARIAS<sup>1</sup>; Eunice POLONIA<sup>2</sup>; Ivone Maria Marques PALMA<sup>3</sup>; Silvana CORBELLINI<sup>4</sup>, Gládis FALAVIGNA<sup>5</sup>

**Mediação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiana Luiza Rech e Prof. Me. Maria da Graça Prediger Da Pieve

**22h:** Avaliação e encerramento

**MINICURSOS\* (MANHÃ E TARDE)**

8h15min às 12h e 13h30min às 17h30min

**Dia 06/06/2017 (Terça-feira - Manhã)**

- 01:** PHP na prática: Prof. Rodrigo L. Antoniazzi/ Unicruz. Local: Uergs/Lab. Informática
- 02:** Práticas na Educação Física Escolar: Professor André Guaraci de Oliveira Goulartt. Local: Uergs
- 03:** Contação de histórias: Prof<sup>a</sup>. Elenir Dal Forno; Prof<sup>a</sup>. Cátia Solange Rosa dos Santos Hermann. Local: Uergs
- 04:** Terapia assistida com animais: equoterapia e cinoterapia. Educadora Especial: Dr<sup>a</sup>. Vaneza Cauduro Peranzoni/UNICRUZ; Fisioterapeuta Ma. Lia Dias da Costa/UNICRUZ; Instrutor de Equitação Sgt. Roberto Marion Schott/ EASA; Psicopedagoga Esp. Marcia Gomes/UNICRUZ; Adestrador Jeferson Hoffermaier/ UNICRUZ; Prof<sup>a</sup>. Colaboradora Dr<sup>a</sup>. Candida Elisa Manfio/ UNICRUZ. Local: EASA - Sala 2
- 05:** Educação para a Sustentabilidade: Mestranda em Administração Suelen Telocken/ UFSM; Suelen Geíse Telöcken/UFSM. Local: Uergs

**Dia 06/06/2017 (Terça-feira - Tarde)**

- 06:** Música na escola: experiências interdisciplinares. Me. Eliane Aparecida da Silva Ferreira
- 07:** O bullying como fator de Interferência no processo de ensino-aprendizagem na escola: Elidiane Fogliato Moreira; Silvane Inês Pieczkowski; Juliana de Oliveira Pereira; Valdereza de Fátima Dornelles Malzoni; Maria da Graça Prediger Da Pieve
- 08:** Educação, República e Direitos Humanos: Professores UNICRUZ: Ângela Simone Pires Keitel; Denise Tatiane Girardon dos Santos; Rafael Vieira de Mello Lopes; Vanessa Steigleder Neubauer
- 09:** Construção de Objetos de Aprendizagem Digitais: Prof<sup>a</sup>. Ana Paula Zorzi Mariani – Assessora Educação Especial/9<sup>a</sup> CRE (Público livre). Local: Uergs/Lab. Informática
- 10:** Alfabetizar letrando: caminhos e descaminhos. Professoras 36<sup>a</sup> CRE: Raquel de Souza Bortoli e Ana Maria Lemos Rolim

**Dia 07/06/2017 (Quarta-feira - Manhã)**

**11:** Cesto de tesouros como instrumentos de aprendizagens nos berçários: Loreni Beatriz Arnold WILDNER; Jesilaine de Jesus VARGAS; Lilia Cavalheiro Pinto TEICHMANN; Loriane Maria Casalini SULZBACH; Maira Cristiane Weber ROSÁRIO

**12:** Educação e Discurso, estudos foucaultianos: Prof. Dra. Maria Clara Ramos Nery

**13:** A ludicidade infantil nos anos iniciais do ensino fundamental: aprender brincando com jogos pedagógicos: Fisioterapeuta e Acadêmicas do Curso de Pedagogia: Casseane Andreatta da Silva; Marília de Campos Serquívio

**14:** Brincarte: Construindo brinquedos reciclados para a Educação Infantil: Rodrigo Amarante; Acadêmicas Pedagogia – Jucélia Ferreira; Juliana de Oliveira Pereira

**15:** Tempo e Espaço na Educação Infantil: Desafios e Reflexões: Débora Dorneles dos Santos; Leila Marlise Cavinato Karlinski; Professoras Smed/Ijuí

**Dia 07/06/2017 (Quarta-feira - Tarde)**

**16:** Vivências em turmas de berçário I e II na Educação Infantil: Professoras da Rede Municipal de Ijuí: Prof<sup>a</sup>. Dilene Rigodanzo Brandli; Prof<sup>a</sup>. Rosângela Silvana Kopezinski Schimanoski; Prof<sup>a</sup>. Luciana Pasquali; Prof<sup>a</sup>. Viviane Paz Brittes Panke; Prof<sup>a</sup>. Sandra Fernandes (Tarde)

**17:** Reinventando a brincadeira: Criança feliz... feliz a brincar: Loreni Beatriz Arnold Wildner; Aline Aparecida Oliveira Copetti; Cleonice Kugneski Gonçalves

**18:** A importância da Estimulação na primeira infância: Aline Weller PERLIN; Silvana de Carvalho COSTA; Marli Cristina PIPPI; Marilei da Costa SOARES

**19:** Queremos mais é brincar: na essência da palavra e em seu sentido irrestrito: Professoras da Rede Municipal de Ijuí: Glauca Roberta Coradini Carré; Meraci Claudieli de Miranda Morais

**20:** A escuta sensível no cotidiano da Educação Infantil: Professoras da Rede Municipal de Ijuí: Mônica Cristiane Maros Heinen; Jeane Pereira Aguiar; Marlene Przylynski; Leila Karlinski; Debora Dorneles Santos

**Dia 08/06/2017 (Quinta-feira - Manhã)**

**21:** Culinária: Uma maneira gostosa de aprender. Local: Uergs. Bolsistas Pibid/Uergs Ana Clara Dias Ferreira Silva; Juliana de Oliveira Pereira; Patricia do Amaral Guerreiro

**22:** Geometria Dinâmica com o GeoGebra (Ensino Médio): Prof<sup>ª</sup>. Helenara de Souza (UERGS) e Prof<sup>ª</sup>. Nádia Roberta Quaini Bresolin Local: Uergs/Lab. Informática

**23:** O Desenvolvimento da criança com deficiência visual: Prof. Dr. João Ricardo Melo Figueiredo (Diretor Geral do Instituto Benjamin Constant - IBC)

**24:** Reestruturação do método de ensino colocando o aluno como agente participativo no processo de aprendizagem: Professora na escola Cooperação, Jéssica Alessandra Goulart Padilha

**25:** ABNT (NBR 6023; NBR 10520 e NBR 14724): Bibliotecária Zeneida Mello da Silva Britto. Local: Uergs

**Dia 08/06/2017 (Quinta-feira -Tarde)**

**26:** Construção e análise de tabelas e gráficos nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Prof<sup>ª</sup>. Me Helenara de Souza (UERGS) e Prof<sup>ª</sup>. Nádia Roberta Quaini Bresolin. Local: Uergs/Lab. Informática

**27:** Superdotados, esses brilhantes desconhecidos: Eunice Goulart Padilha

**28:** Ludicidade: Educar é ensinar, e aprender para um aprendizado melhor – acadêmica do Curso de Pedagogia Fatima Jakeline das Chagas Severo; Maria Julia das Chagas Severo

**29:** O Lúdico e o ensino de Ciências: Professoras SME/Cruz Alta – Cristina da Silva Perazzolo; Nerci de Souza Ritter; Nilva Soares Pereira; Silvia Mara da Silva

**30:** Pesquisa como princípio educativo: Espaço para autoria na construção de saberes no Ensino Médio. Professoras da Rede Estadual: Solange Koltermann e Nairana Scwinzekel

**Dia 09/06/2017 (Sexta-feira - Manhã)**

**31:** Ressignificar saberes através da reflexão sobre a prática docente: Professoras da Rede Estadual: Solange Koltermann e Nairana Scwinzekel

**32:** Portal de Periódicos da CAPES: Bibliotecária Zeneida Mello da Silva Britto. Local: Uergs/Lab. Informática

**33:** Neuropsicopedagogia: Um cérebro na escola: Prof<sup>a</sup>. Eliana Pimentel Scortegagna

**34:** Avaliação na Educação Infantil: o olhar sensível do professor: Bruna Barboza Trasel

**35:** A magia dos Contos de fada: Técnicas e recursos: Acadêmicas do Curso de Pedagogia Monique Medeiros de Souza; Carla Corazza

**Dia 09/06/2017 (Sexta-feira - Tarde)**

**36:** Educação para o consumo através da experiência do balcão do consumidor: ROSA, Felipe Luiz da; SOUTO, Raquel Buzatti; RODRIGUES, Alexandra Gato (UNICRUZ). Local: Uergs/Laboratório

**37:** Currículo Lattes: Criação e sistematização documental: Ricardo Eugenio Dill (Uergs)

**38:** Teatro Educação: Geziel da Silva de Souza; Prof<sup>a</sup>. Juliana Campoy Miranda de Souza

**39:** O exercício da diferença na contemporaneidade: Rodrigo Amarante; Jucélia R. Ferrerta; Tatiana Luiza Rech

**40:** Justiça curricular e a construção de projetos sobre conteúdos atitudinais: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Armgard Lutz. Local: Uergs



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**CAMPUS REGIONAL III**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM CRUZ ALTA**  
Rua Andrade Neves, 336 – Centro - Cruz Alta/RS  
CEP: 98.005-145 – Fone (55) 3322-9563  
[www.uergs.edu.br](http://www.uergs.edu.br)

Realização:



Apoio:



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL



9º CRE



SME/Cruz Alta



2ª Casa do Adjunto



ISSN: 2318-6194